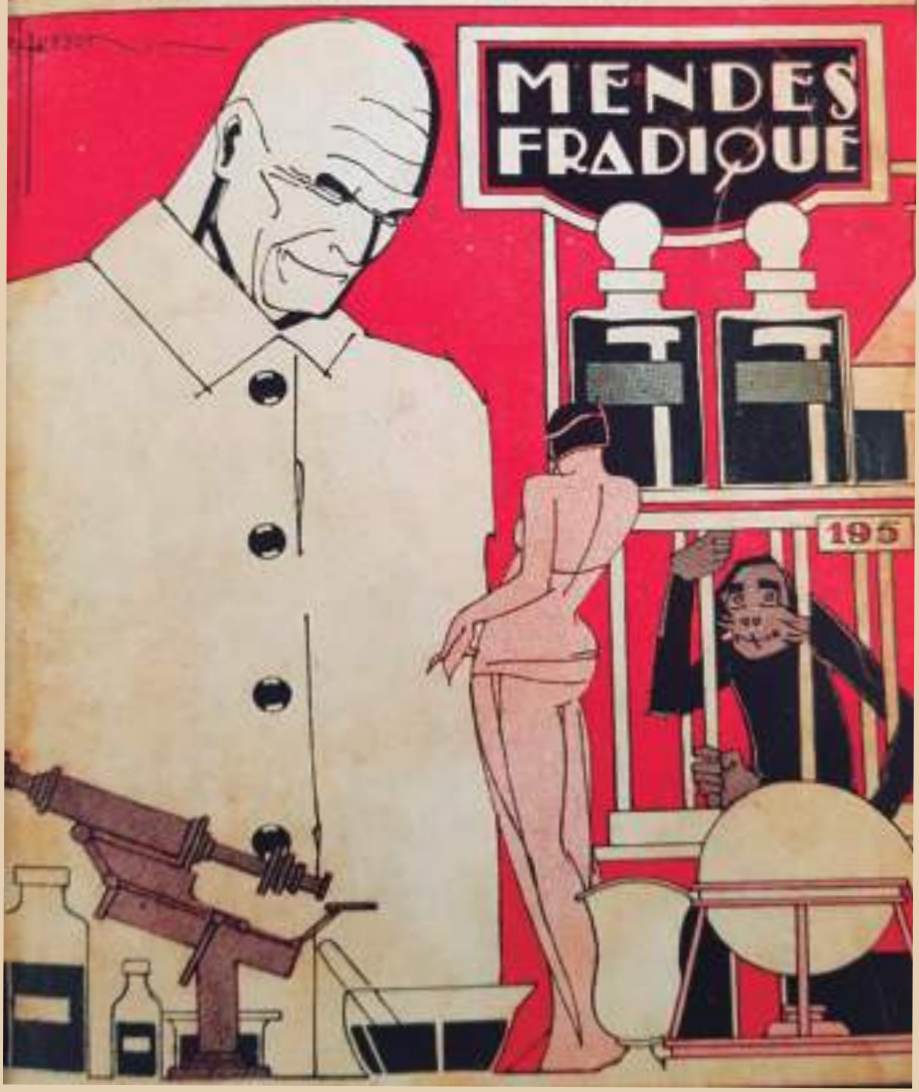
DOUTOR VORONOFF

ROMANCE



Dr. Voronoff

Romance

ACADEMIA ESPÍRITO-SANTENSE DE LETRAS
Francisco Aurelio Ribeiro (Presidente)
Ester Abreu Vieira de Oliveira (1º Vice-Presidente)
Matusalém Dias de Moura (1º Secretário)
Anaximandro Oliveira S. Amorim (1º Tesoureiro)

SECRETARIA MUNICIPAL DE CULTURA - PREFEITURA DE VITÓRIA
Luciano Resende (Prefeito Municipal)
Sérgio Sá Freitas (Vice-Prefeito)
Francisco Amálio Grijó (Secretário Municipal de Cultura)
Leliane Krohling Vieira (Subsecretária)
Elizete Caser Rocha (Coordenadora da Biblioteca Municipal Adelpho Poli Monjardim)

Mendes Fradique

Dr. Voronoff

Romance

SEMC

Vitória (ES)
Prefeitura Municipal de Vitória
Secretaria de Cultura
2017

Copyright © Prefeitura Municipal de Vitória, 2017

CONSELHO EDITORIAL

Adilson Vilaça • Ester Abreu Vieira de Oliveira • Francisco Aurelio Ribeiro

Elizete Terezinha Caser Rocha • Getúlio Marcos Pereira Neves

ORGANIZAÇÃO E REVISÃO: Francisco Aurelio Ribeiro

Revisão e Atualização da Linguagem: Fernando Achiamé

Digitalização: André Luiz Neves Jacintho

EDITORAÇÃO: Douglas Ramalho

IMPRESSÃO: Gráfica e Editora Formar

CAPA: Ilustrção da 1ª Edição (1926)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Biblioteca Municipal Adelpho Poli Monjardim (Vitória/ES)

F799d Fradique, Mendes, 1893-1944.
Dr. Voronoff : romance / Fradique Mendes. – [2. ed.].-- Vitória, ES : Secretaria Municipal de Cultura, 2017.
234 p. ; 21 cm.-- (Coleção José Costa, 26).

ISBN: 9788595860384

Publicação em convênio com a Academia Espírito-Santense de Letras.

1. Literatura brasileira - Romance. I. Freitas, José Madeira de. II. Título. III. Série.

CDD B869.352
CDU 869.0(81) - 31

Distribuição Gratuita. Venda Proibida.
Biblioteca Municipal de Vitória "Adelpho Poli Monjardim"
bmvitoria@correio1.vitoria.es.gov.br
55 27 3381.6926

"Et dire que jamais l'espérance ne délaisse le cerveau qui s'attache "a des miséres! D'une main avide il foille le sol, espérant y découvrir dês trèsors, et se tient pour satisfait s'il vient á trouver un vermisseau". Goethe - **Faust** - (Blase-trad.)

A Victorino d'Oliveira

Apresentação

O sempre sensacional compositor Lamartine Babo compôs "Seu Voronoff" como uma sátira ao cirurgião Serge Voronoff, russo naturalizado francês, criador do *xenotransplante* – ou seja, numa última análise, transplantar órgãos não humanos em gente como nós. Era uma figura polêmica, real, que poderia residir como personagem em qualquer publicação cuja sátira fosse a força-motriz. Lamartine transformou-o em canção, mas, antes dele, explodindo em ironia, deboche e criatividade, o escritor capixaba Mendes Fradique, *née* José Madeira de Freitas, já tinha lançado a flecha. Este livro que você lerá é a prova disso.

Mendes Fradique chegou a mim nos anos 1980, quando a Rocco lançou sua *Grammatica Portugueza pelo Methodo Confuso*. É uma festa, uma erupção de bom humor + talento + imaginação. Foi antropofágico, sim, no sentido mais amplo que o termo oswaldiano possui: escreveu de forma universal. Fez o mesmo neste livro, tomando como base uma figura tão real e exótica quanto polêmica, e adaptando-o a seu universo literário peculiaríssimo, marcado por uma fusão – também antropofágica – de oralidade e erudição.

A Prefeitura de Vitória, por meio da secretaria de Cultura, em convênio com a Academia Espírito-santense de Letras, tem o privilégio de trazer à superfície este livro. Mais que privilégio: é obrigação. Todos têm direito a conhecer o *Voronoff* de Mendes Fradique. É nosso dever colaborar com a História, com a Literatura, com o Livro – tudo em maiúscula, para comprovar, gramaticalmente, sua importância e propriedade.

Fechando: numa passagem do livro, a personagem Gonzaga, num diálogo poderosamente bem escrito, dirige-se a um interlocutor de nome Eduardo, e vaticina: "Já não és o homem que arrebata; serás apenas o homem que convém". Pois, a partir desse mote, vaticino eu: Mendes Fradique nos arrebata e nos convém. É preciso tê-lo na cabeceira – metonimicamente falando. Aproveitem essa pérola literária!

Francisco Grijó, *escritor e secretário de Cultura da PMV*

Prefácio

Dr Voronoff - romance- foi escrito pelo médico capixaba José Madeira de Freitas (1893-1944) com o pseudônimo de Mendes Fradique, um dos mais importantes escritores brasileiros na década de 1920, escrevendo livros de grande repercussão e consagrando o "método confuso", uma antecipação da antropofagia literária lançada por Oswald de Andrade, em 1928.

Este livro é uma relíquia pouco conhecida e quase ignorada até pelos acadêmicos que se debruçam sobre a literatura produzida nos conturbados anos 1920. Obra precursora do futurismo, o primeiro nome do Modernismo, é pioneira, antecipando o **Macunaíma**, de Mário de Andrade e os romances de Oswald. Mendes Fradique tem um estilo peculiar, ora lembrando a ironia machadiana, ora nos remetendo à critica do mundo burguês à Eça de Queiroz. Creio que sua leitura pelos críticos contemporâneos, com todo o embasamento referente à psicanálise, à sociocrítica e aos estudos culturais hoje disponíveis, será essencial para os estudantes de pós-graduação.

Humor, ironia, sátira, paródia, seja lá qual for o aspecto a ser estudado, Mendes Fradique foi um causador de polêmicas, em seu tempo. O único romance escrito por ele, este **Dr. Voronoff**, é uma sátira ao progresso científico da medicina, aos transplantes de órgãos, apenas conjecturados, em sua época, ao eterno dilema de tentar prolongar a juventude, tema caro à literatura, consagrado por Oscar Wilde no **Retrato de Dorian Gray** e por Goethe, no **Dr. Fausto**.

José Madeira de Freitas pertenceu ao grupo de Emílio de Meneses e Bastos Tigre, com quem colaborava na revista de humor **D. Quixote** e onde publicou, semanalmente, em capítulos, seu primeiro livro, a **História do Brasil pelo Método Confuso**, sucesso de público e de crítica, com sete edições sucessivas, de 1920 a 1927. Emílio de Menezes, poeta satírico de renome, introduziu seu pupilo capixaba no grupo dos boêmios escritores e artistas cariocas, cujas estrelas-mores eram Olavo Bilac

e Coelho Neto; foi seu padrinho de casamento e o levou, também, a São Paulo, em 1915, quando convidado por Oswald de Andrade para as comemorações do primeiro aniversário da revista de humor **O Pirralho**. Lá, enquanto Emílio proferia conferência, no Conservatório Dramático e Musical, onde Mário de Andrade lecionava Teoria Musical, Madeira de Freitas ilustrava-lhe as pilhérias. Foto da época registra Madeira de Freitas ao lado de Emílio de Menezes, no centro da foto, rodeado pelos artistas e intelectuais paulistas, dentre os quais Oswald de Andrade e Monteiro Lobato, em primeiro plano.

Em 1922, o ano da polêmica Semana de Arte Moderna, Mendes Fradique lançou seu terceiro livro, **Contos do Vigário**, após o lançamento de **Hypocratéa**, sonetos-caricatura, em 1917, e estando já a **História do Brasil pelo Método Confuso** na 4ª. ed., conforme a página de créditos dos **Contos do Vigário**. A partir dele, Mendes Fradique também publicou: **Feira Livre** - Antologia Nacional pelo Método Confuso, em 1923; **A Lógica do Absurdo**, contos e crônicas, em 1926; **Dr. Voronoff**, romance, 1926; **Gramática Portuguesa pelo Método Confuso**, 1927 e **Ideias em Zig-Zag**, contos e crônicas, em 1928, quando se encerrou sua carreira bem sucedida de escritor satírico e humorístico e iniciou sua carreira política como líder integralista, o que, de certa forma, o aniquilou como escritor. Somente Rubem Braga, posteriormente, teria o reconhecimento nacional tido por um escritor capixaba como Madeira de Freitas, nome hoje só lembrado como rua na Praia do Canto.

Para nós, os capixabas, **Dr. Voronoff** tem um sabor especial nos capítulos iniciais, situado em Vitória, na primeira década do século XX, onde nasceu o protagonista, Eduardo, e no capítulo em que esse visita sua cidade, anos depois. A descrição de costumes vitorienses da época, de personagens, de uma linguagem perdida no tempo, da culinária, é uma delícia a ser apreciada pelos amantes da literatura e de um sabor tão especial quanto o da nossa moqueca.

Agradecimentos especiais devem ser feitos aos professores André Luiz Neves Jacintho e Fernando Achiamé, sem os quais este livro não sairia.

Prof. Dr. Francisco Aurelio Ribeiro
Presidente da Academia Espírito-santense de Letras

I

– Alô!...

– Quem fala?

– És tu, Gonzaga? Aqui fala o Marinho. Olha, se não tens compromisso maior, dá um pulo até cá. Isto por aqui não está mau de todo. Tenho cá o Tigre e espero neste momento o Martins Fontes... Anda, homem, vê se vens...

– Pretendíamos mesmo, eu e o Gilberto, ir até aí, cumprimentar a pequena e filar um dedo de prosa. Levo-te um *dry-gin*, que me trouxe o Torres, e que me parece muito bem ido...

– Com gim ou sem gim, vem tu, e traze o Gilberto; mas vem mesmo...

– Então, até já.

– Até já.

Falava Eduardo Marinho de sua residência, à rua de S. Francisco Xavier. Era o aniversário de Glorinha, sua filha adotiva; e o velho casarão, naquela noite de 4 de dezembro, regurgitava.

Ali morava Eduardo, havia uma boa dúzia de anos, com a pequena e mais a governante, uma complicadíssima D. Sinhá, pessoa mirrada de corpo, mas excelente de alma, sempre com o olho enorme, muito negro, pavorosamente aumentado através dos óculos de forte grau, e a quem a moça chama instintivamente – mamãe.

Acompanhava-os, havia longos anos, o Nestor, preto fidelíssimo, que ocupando a posição oficial de copeiro, era, naquela casa, *pau para toda obra*.

Glorinha fazia então 20 anos, e era o retrato de sua mãe: delgada, mas bem feita de corpo, pele muito clara, cabelos e olhos negros d'azeviche; o aveludado do olhar e a suavidade do perfil evocavam a beleza das mulheres de Israel. Aos vinte anos, feitos naquele dia, era ela uma flor de espiritualidade e de graça, constituindo o centro, o eixo, em derredor do qual gravitavam todos os cuidados, todos os carinhos, todo

o afeto paternal do velho celibatário, de quem se julgava filha legitima.

A esse tempo orçava Eduardo Marinho pelos seus sessenta e oito, folgados. Os cabelos inteiramente brancos e vagamente ondeados; a pele que, apesar de um corado sadio, se lhe pregueava em rugas várias; o ligeiro arqueamento do busto espadaúdo e bem conformado; as sobrancelhas espessas e grisalhas, ensombrando uns olhos cor de semente de maracujá; o bigode branco, aparado à americana, apenas arruivado pelo fumo; – eram-lhe como que uma permanente e indiscreta certidão de idade; mas a lucidez do espírito, o inalterável bom humor, a elegância sóbria de roupas e de maneiras, a simpatia comunicativa que lhe irradiava da alegre e bem apessoada figura d'homem – animavam-lhe o avelhentado arcabouço duma expressão de perene mocidade.

Capixaba da gema, nascera em Vitória, de uns Marinhos da ilha das Caieiras.

Seu pai, José Dalmácio Marinho, mais conhecido pela alcunha de Zé Gordo, exerceu, com rara perícia o ofício de prático da barra, e foi o mais hábil piloto do seu tempo.

Casara Zé Gordo já maduro, com uma rapariga zarolha, cheia de acanhamento e de sarda, a Perpedigna Palhares, bastarda duns Palhares da Bahia, e criada na Capixaba, entre uma gente protegida pelo Barão de Monjardim.

Morava à rua do Rosário, num casinhoto de porta e janela, encimado por uma sorte de telheiro, à guisa de mirante, e dando fundo para o Porto das Lanchas, nesga de praia lamacenta, onde o mar e a população das cercanias despejavam, condominialmente, seus resíduos.

E foi nesse casinhoto que, por uma tarde de calor e de foguete, nasceu Eduardo Marinho, o primeiro e último filho de Zé Gordo. Em frente à casa do prático branquejava na encosta de um outeiro ensombrado por denso arvoredo, o convento de S. Benedito do Rosário, onde uma multidão mescladíssima de devotos festejava naquele dia o seu padroeiro. Assim, os primeiros vagidos do pimpolho foram abafados pela tremenda algazarra, em que se misturava o berreiro do mulherio, em avinhada cantoria, aos sons roufenhos de desafinada charanga, batucando dobrados epilépticos, com todo o frenesi de sua facção *peroá*[1].

Aí viveu Eduardo Marinho sua amimada primogenitura, até os 12 anos, quando, ao sair das aulas do professor Lellis, ia sujar a roupa à vazante imunda do Porto das Lanchas.

---

1 Nome regional de um peixe de coloração azulada, e termo com que se designavam os partidários da filarmônica do Rosário cuja cor simbólica era o azul.

Possuía ele uma apreciável habilidade manual e algum engenho. A perfeição com que construía barquinhos miniaturais, sem esquecer o mínimo detalhe, fizera dele o mais acreditado *armador* dentre a petizada daquela redondeza praiana.

Talhadas a canivete e brochadas com as sobras de zarcão que os calafates abandonavam ao pé das faluas, apresentavam as suas minúsculas embarcações uma certa desenvoltura de linhas, revelando o senso estético do artífice.

E era de ver com que enternecida fé vaticinava a mãe do pequeno, sempre boa, sempre vesga:

– O criança é treloso; mas daí sai coisa. O compadre já viu o brigue que ele armou para a quermesse dos peroás? Tem de um tudo: velame, mastreação, poita, cordame de tucum trançado, escovém, amurada... enfim, tem de um tudo...

– Não é um que está exposto no bilhar do Moura? – fez o velho Madruga – Está estupendo; o que é preciso é cuidado com essa tinta dourada; pode ser venenosa... No mais está estupendo. Tenho uma fezinha em que Eduardo ainda há de ser um grande armador...

– Qual armador nem meio armador, atalhava Zé Gordo, desesperado. Estudar mais, ser menos malandro é do que ele precisa. Isso de fazer navios a canivete é serviço de preso...

E Perpedigna, justificando:

– Mas ele é uma criança, Zé; enquanto ele se entretém armando barquinhos, não vai furtar araticum em Jucutuquara, nem empinar papagaios aos Pelames, como os filhos de muita gente boa...

E assim, entre os aplausos da mãe deslumbrada e a rispidez do pai que sonhava doutorar o seu rebento, ia Eduardo cegando o gume dos canivetes nos cepos de cedro, não mais para brincar com os seus barquinhos, mas para vendê-los à pequenada da vizinhança.

De dia para dia a sua indústria aumentava; o fenômeno *encomenda* começava a surgir.

Eduardo, já não ia, como d'antes, à hora da maré baixa, pescar baiacus com anzol de alfinete, iscado em miolo de pão, para atritar-lhes a barriga esbranquiçada contra o bojo das catraias, fazendo-os estufarem até tornarem-se esféricos, e espoucando-os depois, com estampido, esporte este muito do gosto da gurizada praiana.

Agora era outro o seu feitio. O gênio especulativo que mais tarde devia ser o seu padrão de triunfo na vida – começava a despertar.

Seus barquinhos, sobre constituírem um brinquedo cobiçado pela petizada, tomavam o caráter de preciosa quinquilharia.

A essa altura, a prosperidade do pequeno, artífice inflava o orgulho de Perpedigna, cuja visão despretensiosa descobria na atual situação do filho um começo de estabilidade profissional; e mortificava o espírito de Zé Gordo, numa angustiosa dúvida entre o aproveitamento daquela habilidade em auxílio do seu magro ordenado de prático, e o futuro que antevia para Eduardo, e no qual cintilava um anel de grau.

A ideia do diploma obcecava Zé Gordo.

Doutor, homem formado – sim; calafate, quinquilheiro de província – nunca.

Iam as coisas nesse pé quando, numa noite de espessa cerração, o abalroamento do *Arcádia*, com o *Penedo*, cargueiro de costa, pilotado por Zé Gordo, levando a vida ao honrado marujo, veio modificar subitamente aquela ordem de cousas.

Perpedigna, acabrunhadíssima com a morte do marido, fora morar para a casa duns parentes do Barão de Monjardim; enquanto que Eduardo era despachado para o seminário de Olinda, por determinação do monsenhor Cazella, seu padrinho.

Essa internação pouco durou.

A profunda melancolia que se apoderara do noviço, começou a dar que pensar ao reitor; o rapaz tornara-se desarmônico: ora tímido, ora agressivo, sempre reservado, nunca afável.

À terceira tentativa de fuga, foi Eduardo recambiado a Vitória, onde, a custo, concluiu os preparatórios.

Então, ainda por influência do monsenhor, resolveu estudar medicina, sendo sem tardança enviado à Bahia, onde uns clérigos o receberam e hospedaram durante todo o tempo que cursou a Faculdade.

Uma vez formado, voltou a Vitória precisamente por ocasião da enfermidade que vitimou sua mãe. Falecida esta, abalou Eduardo para Guarapari, modorrento povoado praiano do litoral do Espírito Santo.

Ia tentar a clínica.

Ao primeiro golpe de vista, Eduardo concluiu que nunca estivera tão longe da fortuna.

Todavia, foi se deixando ficar mais um mês, mais um ano, entre a imbecilidade do boticário Matias e as atenções especiais da dona da casa onde morava, morena pestanuda, que usava bandó, e prendia ao peito ramos de manjericão.

A pouco e pouco o seu nome, irradiando pelos arredores, granjeava-lhe uma fama crescente de *bom médico*. De uma feita, chamado a sacar uma espinha que se atravessara aos gorgomilos dum Beiriz riquíssimo, de Piúma, com tanta sorte andou que, a par de vários contos de réis, firmou ainda uma consagração definitiva e rendosa, entre a população das cercanias.

E o Eduardo ia ficando, molemente, por Guarapari; mas, sob aquela carapaça de comodismo que parecia ser o seu caráter, fermentava a tara da especulação, velava o gênio dos grandes cometimentos, fremia o arrojo duma ambição sem igual. E não tardou muito a repontar o prurido que lhe roía o temperamento, como uma irreprimível e surda obstinação.

Com alguns níqueis no *pé de meia*, entrou Eduardo a lobrigar na extensão desaproveitada daquelas praias a possibilidade de futurosas salinas. Após a resolução de umas dúvidas com uns terrenos da marinha, adquiriu por dez réis de mel coado uma larga faixa de terra, margeando o litoral.

E quanto aos planos que concebera – nem pio.

Por essa época era ligeiríssima a cabotagem de Guarapari, constando apenas de umas lanchas à vela, canoas do alto, e uns calhambeques da Companhia São João da Barra. Do Lloyd era o Mayrink a única unidade que por lá fazia escala.

Entretanto começava já a irritar a frequência com que os cargueiros ingleses fundeavam ao largo da costa, e abarrotavam os porões com sacos e mais sacos de areia, sob pretexto de necessidade de *lastro*.

Foi quando, por via da traição de um dos colhedores de lastro, veio à luz a existência do tesouro monazítico nas praias de Guarapari.

Estava assim descoberto o *truque* dos ingleses; o *lastro* de que eles atafulhavam o bojo de seus navios era apenas a cobiçada areia monazítica, o precioso tório que ali abundava, em riquíssimas jazidas.

Imediatamente um Gordon inglês que assistia de calção vermelho às pompas da corte britânica, invadiu aquela nesga de litoral com a arrogância da *The Monazitics Sands C°. Lted*.

O que se passou com Eduardo é escusado narrar: longe de encetar concorrência com tão poderosos vizinhos, entrou num inteligente conchavo, impondo-se em pouco tempo à Companhia, como precioso elemento administrativo.

Em 1900 era ele o superintendente da *Monazitics Sands*, não tendo todavia abandonado de todo o exercício da clínica.

Houve a esse tempo uma impertinente murmuração em torno de suas relações com o casal Dawidson.

Maurice Dawidson, engenheiro mecânico das usinas da Companhia, era um judeu holandês, cuja competência técnica funcionava regularmente das 8 da manhã às 4 da tarde, hora em que o absinto começava a entrar pela goela do engenheiro e pela vida do casal.

Sua esposa, uma singular criaturinha de cabelos e olhos negros d'azeviche, belga de nascimento e israelita de origem, mostrava-se sempre reservadíssima.

Chamava-se Ruth.

Eduardo conheceu-a, quando ela, grávida de seis meses, esteve em risco de um fracasso, em consequência de uma tremenda bebedeira do marido.

Nunca se soube explicar bem o que houve, ou deixou de haver, entre Eduardo e a Sra. Dawidson.

Soube-se apenas que Maurício desapareceu, certo dia, coincidindo com sua fuga um grande desfalque nos cofres da Companhia.

Estranhou-se mesmo o interesse com que Eduardo Marinho procurou e conseguiu abafar o inquérito sobre o caso.

Ruth, abandonada, continuou morando na mesma casa, às expensas da *Monazitics Sands*, até o dia em que deu à luz uma petiza, morrendo em seguida, entre horríveis convulsões de eclâmpsia, a despeito dos cuidados de Eduardo, em cujo auxílio vieram mais dois médicos de Vitória. Durante o tempo que mediou entre o desaparecimento do marido e o parto, nada foi notado que pudesse comprometer a reputação de Ruth ou a conduta de Eduardo.

A pimpolha, trazida incontinenti para o Rio, e entregue aos desvelos da mirradíssima D. Sinhá, pessoa de confiança de Eduardo, recebeu na igrejinha da Lapa dos Mercadores, por uma triste e chuvosa manhã de junho, o nome de Maria da Glória, com uns padrinhos escolhidos dentre uma boa gente portuguesa, uns excelentes Alcântaras, em cuja casa morava D. Sinhá.

Meses depois veio Eduardo para o Rio, indo então a pequena e mais a governante para a companhia dele, e dele nunca mais se apartaram. Da verdadeira filiação de Glorinha guardara sempre Eduardo o mais absoluto segredo; à própria D. Sinhá ele mentira, dando-lhe a entender que se tratava duma bastarda. A pequena, porém, criaram-na sob a convicção de que era filha legítima de Eduardo.

Tal foi a origem de Glorinha, a *filha* de Eduardo Marinho.

Tal foi a vida de Eduardo Marinho até o dia, em que, vindo para o Rio, como diretor-tesoureiro da *Monazitics Sands*, começara a desdobrar os recursos aquisitivos de sua singular inteligência, como tentáculos dum polvo genial, tornando-se o magnata duma complexíssima engrenagem financeira, e detentor duma das mais avultadas fortunas acumuladas, no Brasil, pela ação exclusiva da tenacidade individual.

Chamavam-no o *Rei do Tório*.

Todavia, a abastança que o cercava não conseguira arrancá-lo a seus hábitos de trabalhador, de uma simplicidade que encantava.

Aos sessenta e oito anos, milionário várias vezes, conservava-se o mesmo Eduardo de sempre, cheio de confiança, de otimismo, de bom humor.

Sua residência, vetusta mas confortável vivenda lá para os lados de Engenho Velho, era um casarão de aspecto secular, misto talvez de colonial e de algum estilo mais desgracioso ainda; em suma: verdadeira monstruosidade arquitetônica, das muitas que, sob a irrisória denominação de *palacete*, se enfileiram ao longo da rua de S. Francisco Xavier.

Escondido ao fundo duma espécie de parque ensombrado de mangueiras e *flamboyants*, comunicava-se o palacete com o portão da rua, por uma larga alameda de bambus, toda em saibro socado, a que o óleo dos automóveis emprestara um polimento escuro de betume.

Sob a copa espessa do arvoredo, plantado com alguma simetria, estendera um ilhéu felpudo hediondos tabuleiros, traçados em forma de coração, estrela, e outras figuras horrendas da jardinagem açoriana. Caminhos de areia úmida contornavam esses amplos canteiros, e vinham morrer a uma sorte de pátio, onde limosa bacia de cimento, orlada de avencas e tinhorões, simulava um lago, a cuja superfície boiavam, paradas, ou afloravam agressivas – folhas de sagitária. Ao centro do lago, amontoados à guisa de ilhota, matacões de pedra rústica serviam de pedestal a uma garça de bronze, que, retorcida numa postura inverossímil, espetava no ar o bico azinhavrado, donde saía um esguicho tênue, mas perene, duma água muito cristalina, muito fresca.

Na queda, esse jato do repuxo, rolando pelo corpo da garça e pelas anfractuosidades do pedestal, vinha arrepiar a superfície tranquila do lago, num discreto sussurro, de agradável sonoridade.

A um dos ângulos do jardim, jazia, quase em ruínas, um banco de cantaria pesada, onde se sentara outrora, em noites enluaradas do bair-

ro, os primitivos senhorios, os condes de Mayrink, para comentar, entre uma pitada do cônego Salles e um bom dito da condessa – a imoralidade oficial da senhora Marquesa de Santos.

Entretanto, despreocupando-se do aspecto externo do velho casarão, conseguiu Eduardo adaptar-lhe ao interior, que era amplíssimo, todo um concerto de conforto e de elegância, mas duma elegância sóbria, sem o ridículo do neorriquismo.

Ali fazia *rendez-vous* um punhado de gente de bom gosto, de boêmios de espírito.

Livre da lufa-lufa em que se debatia como um leão, na ambiência chocante da vida especulativa, recolhia Eduardo aos penates; e então era ele um requintado gozador, de fina emotividade estética.

Seu *entourage* era constituído pelas figuras mais ilustres e curiosas da intelectualidade do seu tempo.

E àquela noite de 4 de dezembro de 1923, dia de anos da Glorinha, lá estava ele, pendurado ao telefone, reclamando a presença do Gabriel Gonzaga, o homem do *dry-gin* muito bem ido.

Gabriel Gonzaga era talvez o amigo mais íntimo de Eduardo, a cujo convívio se grudara desde os belos tempos de Bilac, de Guimarães Passos, de Emílio de Menezes. A morte levara um por um a estes excelentes boêmios. Primeiro foi o Guima; depois passou o Emílio; e Bilac passou...

Com essa gente desaparecia o estado-maior da velha guarda, de que sobravam agora alguns tipos assaz interessantes, mas aos quais uma nova ordem de ideias desintegrara o feitio clássico do boêmio tradicional.

Entre estes figuravam Bastos Tigre, Guaraná, Gonzaga, e outros que cedo desgarraram da turma.

Eduardo acompanhava-os havia vinte anos, mais ou menos, como um bom Mecenas, de quem frequentemente se valiam.

O Tigre, casado, complicado, vivendo sempre sob a pressão do ponteiro do relógio, com um ou dois livros engasgados no prelo, e mil e uma colaborações a desovar, arranjava ainda assim meios de poder dar, de vez em quando, um pincho à casa de Eduardo, que lhe batizara um filho.

Mais intimamente ligado à gente dos Marinhos, estava o Gonzaga.

Solteiro, quase solteirão, pois já roçava pelos quarenta e cinco, vivera sempre em companhia de sua mãe. Morar em Niterói era sua esquisita mania; e o horário da barca mantinha-o em constante sobressalto, ante o horror de ter que pernoitar à pensão duma tia, à rua Larga de S. Joaquim.

Magro, de estatura mediana, tinha sempre ao canto da boca um quer que fosse de ironia, mesmo de sarcasmo; e a carinha amorenada, dum moreno cor de barro, onde fuzilavam uns olhinhos espertos de camundongo, lembrava um Rabelais de terracota.

Detestava as mulheres, *como a quase todos os animais domésticos* – dizia-o na ausência delas – tolerando-as talvez como motivos ornamentais ou como um viciozinho picante... E só.

Aos dezoito anos, em Icaraí, uma inglesinha de peito chato fizera-o pensar no suicídio. Felizmente essa ideia não chegou a termo, por haver abortado em forma de soneto fulminante, que, todavia, não fulminou a *loura filha de Albion*, porque em Albion as donzelas não sabem português. Em Albion ninguém sabe português.

Depois, aos vinte e dois anos, por uma tarde de festa na Penha, levou ainda Gonzaga funda navalhada dum fuzileiro naval, que o pilhara a enfiar colares de rosca-manteiga ao pescoço da Primitiva, mulatinha assaz jeitosa, que lavava pratos na pensão da tia do Gonzaga, e dizia, na copa, versos de Casemiro de Abreu.

Dessa aventura ficaram apenas uma cicatriz e uma desilusão; fora este o último ensaio amoroso do Gonzaga. Ele falhara nos extremos: a inglesinha de peito chato e a mulata de formas salientes; e enquadrando entre esses dois tipos de deidades as mulheres de nuances intermediárias, entrara a abominá-las a todas, por junto.

Trabalhava na imprensa, e tinha um *béguin* confesso pelo teatro. Escrevera já várias comédias que lhe asseguraram um bom nome de autor. Sua estreia fizera-a ele no Apolo, com a peça *Homens ao Mar*; e de fato foi tudo ao mar: os homens, a peça, e o empresário.

Depois apareceu no cartaz do largo do Rocio, fazendo um ruidoso sucesso que daí por diante, não mais o desamparou, conferindo-lhe um principado tácito da comédia no Brasil.

Como recordação do tempo do Emílio ficara-lhe o hábito de molhar a goela.

Não era de modo algum um intemperante. Repetia sempre a velha coisa do Emílio:

"Beber é um vício; saber beber é uma virtude; embriagar-se é uma infâmia..."

Ele *sabia beber*; conhecia a fundo essa *farmácia*; e daí dar-se pressa em trazer para Eduardo, seu melhor amigo – a preciosa pinga, que viera com o Torres, da Inglaterra.

II

Gonzaga veio, com o gim, mas sem Gilberto. Mal deixara o táxi, e deu com o Tigre, que saía apressado.

– Então, como é isso? O Marinho alardeia que tem o Tigre, que vai ter o Martins Fontes, e você vai se raspando, antes dos fogos...

O Tigre, sempre apressado, desculpou-se:

– Questão de alguns minutos, filho, de uma hora no máximo; eu não podia jantar hoje com o Marinho; mas o homem insistiu e eu vim, avisando-o da minha conferência, esta noite, no Trianon. Vou já para lá. Você sabe, Gonzaga, essa coisa de espetáculo de benefício como é; se a gente falta – é que tem o rei na barriga, é que já não se lembra dos amigos velhos. Depois, aqui pra nós: são sempre umas pelegasinhas que entram, que não fazem mal a ninguém...

E, puxando o relógio, afobado:

– Xi! Quase nove horas... Tem paciência, filho, desculpa; mas vou ver se apanho um táxi... E saiu, sempre apressado, sempre atrasado...

Gonzaga foi encontrar Eduardo na biblioteca, molemente instalado em um dos confortáveis "maples" de marroquim cor de pinhão, mamando o charuto do jantar.

E o Gonzaga, espantado:

– Mas, afinal, que vem a ser isso? Num dia como o de hoje, ao invés de te espalhares pelo salão nobre, e te desfazeres em salamaleques com os convidados, plantas-te muito pacatamente aqui nesse buraco, e toca a pensar na morte da bezerra...

– Ia já para o salão; estava apenas aqui tirando uma *casquinha* de preguiça, acabando de fumar o meu charuto... De resto creio que ainda não haja ninguém de cerimônia, senão a Glorinha me haveria avisado... mas, que é do Gilberto?

– Aquilo é um caso complicadíssimo; tu bem o sabes... – explicou o Gonzaga, cheio de reticências, abancando-se a um tamborete turco, e acendendo um charuto colhido duma caixa de cedro envernizado que

lhe estendera Eduardo, – Aquilo é um caso complicadíssimo; imagina tu... ah, espera, deixa-me aliviar deste peso...

E tirou do bolso, onde mal se escondia, embrulhada em um pedaço de jornal, uma garrafinha de forma característica, já desarrolhada:

– Aqui tens tu o *dry-gin* de que te falei ao telefone; trouxe-mo o Torres, da Inglaterra. É um caso sério; então com um pouco de *tonic--water* e gelo, é muitíssimo bem ido...

Eduardo desarrolhando a garrafa, cheirou, leu o rótulo, e diagnosticou, como bom entendedor:

– De fato, ao menos pelo cheiro, parece genuíno...

E esticando o braço, pousou a garrafinha de gim seco sobre a mesa de charão, que ficava ao pé.

– Pode-se entrar? Ou o assunto é reservado? fez uma voz feminina de agradável timbre. Era Glorinha que assomara à porta da biblioteca.

Estava encantadora. Sob uma toilette de *charmeuse* gris-perle, de uma elegância muito discreta, toda sua, ela encarnava um dos mais belos tipos de mulher, entre as raparigas que lá estavam.

Gonzaga, erguendo-se, mesureiro:

– Ia neste momento perguntar por você, Glorinha. Agora vejo que está esplêndida e peço perdão de ter vindo com as mãos vazias...

– Mas com uma garrafa cheia – interrompeu Eduardo apontando o *dry-gin* sobre a mesinha de charão.

E o outro, continuando, encabulado:

– Glorinha sabe perfeitamente que eu não bebo senão água; fui apenas portador desta garrafa, que o Torres me pediu entregasse ao Eduardo, e a qual de resto, nem sei o que contém... Mas, como ia dizendo... Glorinha vai perdoar o não lhe ter trazido mais que um milhão de felicitações pelo seu aniversário, às quais junto outras tantas cá por um motivosinho particular...

– Já sei que o Sr. Gonzaga pretende pilheriar com a solteirona... enfim, como lhe quero bem, vou mandar servir um *bénédictine*.

– Em copo de chope – sugeriu Eduardo – minha filha não sabe que o Gonzaga não gosta de *perfumaria*?...

– Não leve a mal, Sr. Gonzaga; papai é sempre o mesmo, incorrigível.

E dirigindo-se ao pai:

– Olha, papai, telefonou-me há pouco a Condessa de Morinelli; deve chegar já. Queres que te avise?

Uma onda de sangue subiu à face do velho; naquela pergunta aparentemente banal devia haver algo de muito grave.

Procurando dissimular a comoção, Eduardo, acendendo nervoso o charuto aceso, gaguejou em tom de amável censura:

– De certo, minha filha; então não hei de receber a Sra. Morinelli?...

– Sim, mas o papai poderia querer deixar-se ficar aqui por mais algum tempo, à vontade, como está, com o Sr. Gonzaga; e eu iria entretendo o pessoal, por uns poucos minutos mais, até papai terminar o seu charuto... Bem, eu mandarei já servir o licor... Ou preferem talvez um chope?

– Não se incomode, Glorinha, não se preocupe... Eu mesmo irei ao *buffet*, daqui a pouco, e pedirei lá um chope ao garçom...

– Ah, então já sei – virá o chope.

Com licença...

E Glorinha desapareceu no corredor que dava para a sala de jantar.

Eduardo Marinho, mascando a ponta do charuto, enterrara-se mais na poltrona, completamente alheio à filha, ao Gonzaga e a tudo quanto o cercava. E é possível que continuasse naquela atitude, se o amigo não lhe houvesse atirado de chofre, esta pergunta:

– Ó Eduardo, tu tens qualquer coisa com a viúva do banqueiro... Não é verdade?

Que diabo!... Não sei se estou sendo indiscreto; mas aí há complicação. Eu estranho até certo ponto a tua reserva para comigo, a esse respeito; em primeiro lugar porque nós nunca levamos a sério esse capítulo *mulher*; em segundo porque é costume teu abrires-te sempre comigo, nos problemas delicados da tua vida...

Aí há dente de coelho. Toda vez que vem à prosa qualquer referência a essa mulher, tu desconcertas, engoles em seco, ficas vermelho, ficas pálido, enfim: perdes completamente a linha...

– Tolice, Gonzaga, cisma tua; que poderia eu ter com essa senhora? Bem sabes, sou um pobre velho, alquebrado, que mal consegue conservar a carcaça. . . Isso é bom para gente da tua idade, como tu, que é moço, forte, encantador... Não são mais para mim estas altas cavalarias...

O criado entrava com o chope; e os dois beberam em silêncio.

* * *

Súbito um estouro medonho de pancadaria misturada de guinchos, de urros, de roncos, de silvos e de chocalhos, numa barulheira de ensurdecer, sacudiu, num susto, aqueles dois celibatários.

Era o *jazz*, o ignóbil *jazz-band*. Na saleta contígua à sala de música, os oito batutas batucavam com furor epiléptico, um foxtrote atroador.

Gonzaga olhou para o amigo com uma cara em que se estampavam ao mesmo tempo o espanto e a decepção:

– Que vem a ser isso em tua casa? *Jazz-band* nestas alturas? Será possível? Não, isso é alguma pilhéria da menina... Onde foram vocês arranjar esse instrumental?

E o *jazz* atingia ao auge da epilepsia.

Eduardo, reacendendo a ponta do charuto mascadíssima, lastimou-se, derreado:

– Qual pilhéria, qual nada, homem! É um *jazz-band* autêntico... Não imaginas, Gonzaga, a tragédia que isso foi. Calcula tu que, depois de mais ou menos organizado um programa em que o Tigre faria uma conferência, a Paulina de Ambrósio, as Figueiredo e o Nascimento Filho fariam um pouco de música, o Procópio comporia umas cenas cômicas – aparece-me o Rafael Pinheiro, com os bigodes mais agressivos do que nunca, propondo-se a trazer-nos os oito batutas em carne e osso...

– É fantástico! Mas isso era dar-lhe logo uma rodada em regra; vá fazer barulho para onde quiser... Eu, por mim teria dado um tranco; lembrança desta ordem – passo...

– Não é assim tão fácil como dizes; Rafael é um velho camarada... Com certeza há nisso tudo um rasto de mulher, sou capaz de jurar. Ele me falou mesmo com certa insistência, e eu não posso estar para aí a fazer grosserias...

E o Gonzaga, tapando os ouvidos para não ouvir o grasnar estridente do trombone de vara, que naquele momento dominava o conjunto:

– E para não fazer isso a que chamas uma grosseria, com um cavalheiro com quem dizes ter a liberdade de velho camarada, convidas teus amigos, e a gente mais fina de tuas relações, para ouvir Mendelssohn, interpretado por Paulina de Ambrósio, de cambulhada com esses tocadores de tacho e berimbau...

– Que queres, filho, desculpou-se Eduardo, naturalmente contrariado – fiz o que foi possível para impedir que isso acontecesse. Glorinha pediu ao Rafael que se não incomodasse, que ficaria muito agradecida, mas com certeza seria um grande trabalho para ele... Que ficaria

para outra vez. Mas qual! O homem esteve implacável, e vieram os oito batutas, e mais batutas viriam se mais houvesse...

Na saleta morriam os últimos guinchos do *jazz*, num ritmo de esfalfamento quase agônico, quando o Nestor, aparecendo da porta da biblioteca, anunciou:

– A Sra. condessa Morinelli, D. Glorinha manda avisar.

Uma nova onda de sangue afogueou a face de Eduardo.

Gonzaga, porém, ainda sob o efeito do *jazz*, não dera pela coisa.

E como que reatando a discussão interrompida, indagou, apreensivo:

– Mas escuta, Eduardo, o Rafael virá também?

– Pois se foi ele que trouxe o rancho, em dois automóveis...

– Que me dizes? Está aí também o homem? – fez o Gonzaga com uma expressão de pavor na máscara de Rabelais de terracota – Que desastre! E logo hoje que está aí a tal viuvinha. Esta Morinelli deve ser pessoa de hábitos elegantes, e com certeza repara muito nessas coisas... Que ideia irá fazer de tua casa, com esses oito batutas no programa dum sarau de arte?... Santo Deus! Que gafe! Que espiga!

– Mas hoje o *jazz* invadiu o salão, filho – tentou Eduardo – é um motivo de arte futurista...

– Qual futurista nem, meio futurista. O *jazz* há de ser sempre uma americanada estúpida, incompatível com a noção de arte – explodiu o Gonzaga, indignado.

E após um curto silêncio arregalando o olho preto, como quem atina com uma ideia salvadora:

– Ah! Eureka! Não está ainda tudo perdido, meu velho; há talvez um remédio: obrigar o *jazz-band* a tocar do começo ao fim da festa, sem parar um só minuto...

– Para quê?

– Para o Rafael não fazer discurso...

III

Gina, a condessa de Morinelli, a criatura misteriosa que de um tempo àquela data vinha impressionando a pessoa celibatária de Eduardo Marinho, era naquele momento uma das figuras do mais vivo destaque nas rodas mundanas do novo e do velho mundo.

Viúva do banqueiro Amadeo Morinelli, nascera Gina Torezzi Neumann, de um casal teuto-italiano, de São Paulo.

Era uma mulher complicadíssima; e, se bem que de origem humilde, pois fora seu pai um hábil e honrado relojoeiro da rua Libero Badaró – arrotava umas fumaças de sangue azul.

Com uma jactância de pasmar alardeava ela a sua alta genealogia, dizendo-se descendente de uma família nobre da Westfália, gente assaz ilustre, provida de *Von*, com antepassados a óleo, contando nada menos de dois ou três incestos na corte de Otão I.

De tanto sangue azul e de tão pura linhagem desgarrara, em busca de fortuna, para o Panamá, um membro desta notável família da Westfália, de nome Ricardo Neumann, que tendo aprendido na América Central o ofício de relojoeiro, resolveu, um belo dia, por motivos ignorados de toda gente mas conhecidos de certa moçoila, abalar para a América do Sul, vindo dar com os ossos em São Paulo, onde consertou relógios durante o resto da vida, mesmo depois que, pelo casamento de Gina, se fizera sogro do desventurado Amadeo Morinelli, banqueiro e conde da Santa Sé. Tal foi a origem da papalina condessa, que de uns tempos àquela data, vinha povoando de macaquinhos o sótão do velho celibatário.

Ainda sob o efeito da pilhéria lançada à oratória de Rafael Pinheiro, Eduardo e Gonzaga, que haviam deixado a biblioteca, atravessaram o salão nobre, distribuindo cumprimentos numa vaga mesura. E quando entraram no *living-room*, a condessa, já sentada entre Glorinha e D. Sinhá ao pé de um abajur de seda azul, estava esplêndida.

A luz frouxa do abajur, caindo quase verticalmente sobre a figura daquela mulher admirável, punha-lhe em suave relevo a sobriedade das formas, que eram irrepreensivelmente belas, e às quais ela sabia imprimir, pela consciência da própria formosura, uma certa majestade de rainha.

Era alta, esbelta, naturalmente loura, dum louro fosco, aveludado, e que muito condizia com uns grandes olhos azuis, mas azuis de verdade, uns olhos constantemente úmidos, a um tempo serenos e perigosos, capazes de atrair para o abismo todos os Morinellis e todos os Marinhos que inadvertidamente deles se aproximassem.

A *toilette* de baile, de um lamé azul ferrete, que a meia-luz do abajur pontilhava de cintilações metálicas, tornava-lhe ainda mais alva a pele alvíssima do colo tentador, da espádua tentadora, tudo tanto mais tentador quanto menos vestido pela amplitude de um decote generoso.

Assim que viu entrar Eduardo, ergueu-se, estendendo-lhe a mão, aquela mão cabotina, aquela mão de luxo, aquela mão Luiz de Resende, aquela mão que Eduardo tomou cortesmente, beijando-lhe a ponta dos dedos, numa reverência de alta nobreza antiga.

– Boa noite, senhora condessa, faça favor de não se incomodar, esteja à sua vontade... e perdoe-me não a ter recebido à chegada, pois só agora soube que estava aqui...

– Mas olhe que foi muito bem substituído; Glorinha está um encanto de pequena... E eu não sei se devo felicitá-la pelo aniversário, ou felicitá-lo por ter uma filha como Glorinha...

– Obrigado, senhora condessa, e permita que lhe apresente o meu velho amigo Gabriel Gonzaga, o homem *mais mau* deste mundo e autor do *Amigo da Paz*, a peça de que a condessa tanto falou anteontem, na *soirée* de Mme. Huston, em Icaraí...

E o Gonzaga, desajeitado:

– Encantado, senhora condessa, mas pelo amor de Deus, não leve a sério a má recomendação do meu amigo. A senhora condessa sabe, quem escreve para o teatro no Brasil...

E o Gonzaga ia perder-se em profundas considerações sobre o teatro no Brasil, quando Eduardo, distraidamente, o interrompeu:

– Antes de tudo a senhora condessa vai perdoar tê-la feito perder o concerto de hoje no Municipal; sei que estava esperando com certo interesse um ensejo de ouvir a Guiomar Novaes...

– Oh, doutor, não diga isso; em primeiro lugar não me considere tão indiferente ao convívio dos meus amigos; e em segundo, estou certa

de que, em matéria de arte, não se pode desejar mais do que o que aqui se vai ter... Só o violino de Paulina de Ambrósio...

E nesse momento, precisamente, rebentou com estrondo atroador, o segundo número do *jazz*... num batuque primitivo em que estalavam, ganiam, relinchavam, e cacarejavam os fanhosos tubos rachados, pistões estridentes, e panelas, e tachos e reco-recos...

A Morinelli, notando o desapontamento de Eduardo, e sobretudo do Gonzaga, acudiu:

– Bravo! Estou gostando da nota futurista...

Eduardo, da cor de uma baeta, mal conseguia balbuciar umas explicações frouxíssimas, enquanto o Gonzaga, indignado, rebentou:

– Não, Eduardo, tem paciência; mas vamos dar um jeito a isso; é preciso mandar embora esse *jazz-band* quanto antes, custe o que custar... Com que cara irás receber a Paulina de Ambrósio, as Figueiredo, e mais toda essa gente que aí vem?

E a Morinelli moderava, polida:

– Perdão, mas o Sr. Gonzaga é um tanto pessimista, mesmo um poucochinho mau... O *jazz*, se não chega a ser um número de arte, não deixa de dar uma nota bizarra de música bárbara, que torna ainda mais interessante o programa... É uma espécie de *hors d'oeuvre* que agrada...

– Obrigado, senhora condessa – fez o Gonzaga, mordaz – obrigado pela espontânea solidariedade neste *transe doloroso*... que é a gafe do nosso amigo Eduardo...

– Mas pelo amor de Deus, Sr. Gonzaga...

– É o que lhe digo, senhora condessa; não há fugir. São quatro, mas todas absolutamente irremediáveis...

– Quatro que, Sr. Gonzaga? Não percebi...

– Quatro, senhora condessa, as calamidades a que o homem ainda não pôde dar remédio: tuberculose, câncer, morfeia e gafe...

– Seja mais complacente com algum senão do programa de hoje, Sr. Gonzaga – aparteou Glorinha, voltando-se para atender a alguém que lhe apresentava um carnê de contradança.

Era um tipo assaz simpático de felino com uma bigodeira à Kaiser a arrebitar-lhe o perfil de ás de ouro.

Eduardo, interferindo, atirou ao Gonzaga um discreto aviso de "cuidado"... E fez as apresentações:

– A senhora condessa vai permitir que lhe apresente o nosso amigo Rafael Pinheiro, literato e político *enragé*...

– O homem do *jazz* – acrescentou o Gonzaga, quase intempestivo...

– Ainda bem – emendou o Rafael, sem perder a linha – ainda bem; ao invés do homem do *jazz* podias ter descoberto em mim o homem do gás, o que seria pior...

E o Gonzaga tapando os ouvidos, num gesto de repugnância pelo trocadilho do outro:

– Olha, Rafael, vamos entrar num acordo: ou trocadilho ou jazz-band; agora, *jazz-band* e trocadilho é que não é razoável. Nesse caso antes o discurso...

Houve um riso de sucesso.

– Espere amanhã as minhas testemunhas, Sr. Dom Gonzaga – fez o Rafael num gesto fidalgo, mesmo lisonjeado com a alusão à oratória. E desculpando-se, saiu, levando Glorinha pelo salão reluzente, onde já se moviam outros pares, ao ritmo do foxtrote.

– Excelente camarada... – comentou Eduardo – é a lealdade em pessoa; para mim Rafael é ainda um dos raros caracteres da atual geração.

– Ninguém diz o contrário – feriu o Gonzaga, obcecado – Mas olha que a ideia do *jazz* é uma destas deslealdades inomináveis... Depois, o trocadilho...

– E ainda foi muito polido, meu caro; podia não ter dito cousa alguma, que é o que tu merecias.

– Quem é? Rafael, não replicar?... Isso só acontecerá à beira do próprio túmulo, quando lhe deitarem o elogio fúnebre...

– Creio, que o doutor Marinho não foi exagerado quando me apresentou o homem *mais mau* deste mundo relembrou a Morinelli, entre um sorriso...

O *jazz* morria, arquejante, na desorquestração dos últimos compassos.

Serenara a dança; pares vagavam ainda pelo salão quando Rafael apareceu reconduzindo Glorinha ao grupo. Mesmo repetiu, aprumado:

– Amanhã, Dom Gonzaga, espere amanhã as minhas testemunhas...

E perdeu-se pelo salão nobre, enxugando a testa alagada.

Gonzaga impingia ainda aos amigos um episódio pitoresco da vida do homem do *jazz*, quando um sujeito comprido, alto, muito pálido, com um enorme queixo ligeiramente torto, cosendo-se à guarnição do arco de entrada do *living-room*, numa atitude tímida de provinciano – parecia espreitá-los.

Eduardo chamou-o:

– Entre, Malheiro, não esteja com cerimônias...

E o Malheiro entrou.

Trazia uma casaca hedionda, e não sabia que fazer das mãos; o cabelo negro de azeviche, sebosamente untado, partido ao meio numa risca direita em que se descobria um crânio cor de cera, demonstrava um paciente trabalho de espelho. O seu olhar era duro, como o olhar dos centuriões da Via Sacra; e ele todavia não o fixava em ninguém.

Quase não falava; e quando o fazia era em uma enfiada de lugares comuns, não raro citando Camilo. Ao índex exibia um faiscante anel de grau, com uma pedra vermelha. E todo ele era impenetrável, misterioso, fechado, estranho. Glorinha demorava nele um olhar de viva curiosidade; e interessava-se por ele; achava-o bizarro, másculo, inteiramente fora do comum dos rapazes das relações delia. Tinha-lhe, porém, um certo temor inexplicável; isso começava a preocupá-la.

E enquanto Eduardo e a Morinelli ouviam a verve do Gonzaga, Glorinha e o bacharel Malheiro ensaiavam, a medo, uma discussão sobre as danças modernas.

A esta altura chegavam a Paulina de Ambrósio e as Figueiredo, acompanhadas dum cavalheiro grandalhão, graudão, com a cara azulada pelo escanhoamento da barba vigorosa. Disseram que era o Dr. Mafra, marido de uma das Figueiredo. Glorinha e D. Sinhá despegaram-se do grupo para receber os convidados, que daí por diante, começaram a surgir com maior frequência.

Do abajur de seda azul, uma claridade macia espalhava-se pelo *living-room*, que, por um arco amplamente rasgado, abria para o salão nobre, onde reinava uma luminosidade abundante.

Assim, da penumbra do seu excelente observatório, Eduardo, Gonzaga e a Morinelli comentavam as figuras que se moviam no salão nobre. Para cada uma delas tinha Eduardo um conceito amável, a Morinelli uma curiosidade, e o Gonzaga uma piada.

Viram, por exemplo, entrar um cavalheiro bronzeado, de olhos quebrados e maneiras polidas, enfiado num fardalhaço verde, com plantações ramalhudas de bordado a ouro; e todo ele, rebrilhando à luz intensa dos candelabros, semelhava um lagarto ao sol...

– É o Laudelino Freire – informou Eduardo – vem provavelmente d'alguma sessão da Academia. Fazem-lhe por aí toda a sorte de perfídias; mas tudo inveja; porque, incontestavelmente, ele é um douto...

E a Morinelli, puxando pela memória:

– Laudelino Freire... não me é estranho esse nome...

– É o autor do *Dicionário de Moraes* – picou o Gonzaga.

Nesse mesmo instante Glorinha introduzia o imortal no *living--room*; e Eduardo fez as apresentações.

Houve também uma figura que lhes chamou a atenção; foi a pessoa liliputiana do poeta Hermes Fontes, com uma carinha de feto risonho, perdido entre aquela gente que lhe era como uma humanidade de gigantes.

Concertou-se no grupo um elogio unânime ao talento do poeta; e o Gonzaga sapecou o epitáfio de lavra anônima:

No vate que ali repousa
Nem um só verme roeu
Estava escrito na lousa:
– Feto macho, de Lineu –

O Gonzaga ia ainda desovar uma série de epitáfios, quando no salão uma salva de palmas estalara, propagando-se por toda a parte. Era Paulina de Ambrósio que tomava posição na sala de música, com uma das Figueiredo ao piano; e os acordes dum violino mágico, num segundo, eletrizaram o ambiente, misturando-se à luz, fundindo num êxtase único a imobilidade das cousas inanimadas e a alma das organizações sensíveis.

Tudo ali era ouvido; até o Gonzaga calara...

Paulina de Ambrósio tocava o minueto de Mozart.

Então, toda aquela sociedade jazzbandante e foxtrotante parecia sumir-se, aniquilar-se, para ceder lugar a uma outra gente de requintada finura, em que alvejavam punhos de renda de Lião, e luziam sedas multicores da corte do Rei-Sol... E à proporção que a música de Mozart ia imaterializando tudo – figurinhas de Sèvres surgiam, deslizando pelo salão, numa sublime elegância de gestos e de atitudes, misto de pudor e de graça, a dançar o minueto...

Repetidas salvas de palmas abafaram os últimos ressoos daquela harmonia evocativa...

E o Sr. Laudelino Freire sentenciou:

– A música é uma cousa admirável.

E com a Paulina, e com as Figueiredo, e com *muchas otras cositas más*, terminou às três da madrugada o sarau de arte do aniversário de

Glorinha. Tudo correra bem: Glorinha esteve simplesmente encantadora; o *jazz* simplesmente infame; Eduardo sempre reservado; o bacharel Malheiro sempre impenetrável; Hermes Fontes disse versos, como era de esperar; Rafael não fez discurso, como não era de esperar...

A Sra. Condessa Gina Torezzi Neumman de Morinelli esteve apenas esplêndida; sobretudo disputadíssima; e pelo menos aparentemente – imperturbável.

O Rafael Pinheiro fez-lhe duas ou três investidas mas sem êxito.

IV

A última *limusine* rolava ainda pela alameda de bambus, e Eduardo recolhia, estafado, ao quarto de dormir, com uma preocupação surda a verrumar-lhe o cérebro. De hábito não fumava na cama; nesta madrugada, porém, julgou de bom aviso pôr ao alcance da mão, na mesinha de cabeceira, cigarros, fósforos e um cinzeiro. E foi com espanto que Glorinha, indo dar ao velhote o costumeiro beijo de boa noite, o encontrou sentado no meio da cama, de cigarro colado ao beiço, abraçando as pernas encolhidas, numa postura de profundo abatimento.

– Que é isso, papai? Então é nesta tristeza que você festeja o meu aniversário? Você está passando mal? Vamos, papai, que é que você tem?

Nada. Eduardo não tinha nada; pelo menos foi o que respondeu à pequena; apenas um pouco de cansaço, velhice...

E a moça, dando com os cigarros:

– Mas que novidade é esta hoje, papai?

– Ora, minha filha, que ideia... Deu-me vontade de fumar um cigarro, e como estava muito fatigado, vim fumar na cama; trouxe um maço de cigarros, ao acaso, como poderia ter trazido um... Olha, vai para teu quarto, e dorme sossegada, que teu pai não tem cousa alguma de maior... Cansaço, velhice, e nada mais... A *soirée* fatigou-me um pouco; mas isso passa; fica sossegadinha, que isso passa...

– Bem, papai, até amanhã... ah... quer algum livro? A estas horas você já não pode ler cousa alguma; pelo menos não deve ler; pergunto, porque sei que o papai não dorme sem folhear um livro...

Não. Eduardo não queria livro algum; mas depois acabou aceitando:

– Olha, dá-me daí o *Satiricon*.

A pequena apanhou o volume a uma estantezinha giratória que havia no meio do quarto, e saiu comentando:

– Qual, papai, você hoje não está com cara de quem vai ler essa coisa não... Enfim... Amanhã, quero vê-lo mais alegre, papai...

***

Eduardo abrira maquinalmente o *Satiricon*; não chegou a ler duas linhas. Na tensão nervosa em que se achava, nada havia que o interessasse.

Até o cigarro o enfarava...

Eduardo, atirando-o ao cinzeiro, aconchegava-se melhor às almofadas tentando conciliar o sono.

Esforço vão; ele fumara exageradamente na tarde da véspera, e bebera um pouco mais de champanhe; não se embebedara; sentia-se porém, excitadíssimo. Em seu cérebro agitava-se um turbilhão de ideias vagas, fugazes, ideias de difícil conexão, das quais sobressaía com irritante persistência – a figura da Condessa de Morinelli. Eduardo conhecera-a numa exposição de pintura de Levino Fânzeres, havia um ano, mais ou menos. Apresentara-lhe o poeta Olegário Mariano. Eduardo achara-a interessante, espirituosa e sobretudo de uma encantadora malícia latina.

Depois foi num *réveillon* do Assírio que se tornaram a ver. Desta vez houve uma expansão um pouco mais acentuada de simpatia recíproca, resolvida, entretanto, numa simples palestra de bom gosto, a qual teria sido provavelmente prolongada por mais algumas horas, se não fora a impertinência de um senador borracho, que, exorbitando, mandara uma bolinha de celuloide na austeridade do fraque do Sr. Laudelino Freire; mas felizmente sem maiores complicações.

Era isso, todavia, uma advertência de que o álcool já começava a subir à cabeça daqueles pândegos; e os mais prudentes foram saindo sem tardança.

Eduardo vira-a ainda em teatros e chás mundanos. Depois começaram os desencontros: quando um estava em Petrópolis, o outro abalara para Caxambu; quando um voltava de Caxambu, o outro subira a Teresópolis; e assim se passaram os meses, até que, por uma certa noite de setembro, novamente se encontraram em casa dos Huston, gente go-

zadora, que morava para Icaraí. Desde esse dia o encanto daquela mulher, infiltrando-se na vida de Eduardo, perturbava-o seriamente.

A princípio ambos pareciam levar suas relações à conta de um *flirt* inconsequente, como pretexto de amável *causerie*; cedo, porém, começaram a repontar os vislumbres de uma segunda intenção, de um sentimento velado. Eduardo, que temia, e com razão, meter-se em alhadas, esquivava-se, procurava tornar-se arredio à presença de tão perigosa criatura.

E quando, por uma tarde movimentada de sábado, à porta da livraria Leite Ribeiro, revelara-lhe a condessa, num expressivo e demorado aperto de mão, a promessa quase formal de venturas que não eram bem deste mundo – Eduardo sentiu como que um cartel de desafio atirado à sua masculinidade, e uma onda de sangue subiu-lhe à face sexagenária. Tomou-se de coragem, enfeitou-se em *Dom Juan*, concertou os mais audaciosos planos de conquista...

Fugaz entusiasmo, ilusão efêmera, desfeita ao primeiro sopro da razão, que o chamava à realidade de seu estado senil. Então, o veto irrecorrível lançado pela contingência da própria incapacidade física sobre o impulso do seu legitimo orgulho de homem, fulminou-o. Eduardo sentiu pela primeira vez, a humilhação da velhice.

Nunca fora um bilontra impenitente; mas também não se adstringira ao rigor dum puritano. Em cousas de afeto, Ruth, mãe de Glorinha, fora o seu primeiro e último caso. Ruth morrera... E ele nunca mais encontrara outra que o impressionasse. Como celibatário, era como os demais celibatários: cético, egoísta, gozador de prazeres que não trouxessem incômodos maiores do que os de se pagarem, e nada mais. Se alguma vez jantou com a datilógrafa ou ceou com a corista da Esperanza Íris, foi cousa de duração horária; no dia seguinte, umas pelegas de duzentos, e ponto final na aventura.

Entretanto esse homem inteligente que absorvido, na rua, pela intensidade da vida especulativa, e enlevado, em casa, pelos carinhos da filha, aceitara já a compulsória senil como uma carta de alforria da carne, como um capitulo banal e inevitável da existência – sentia agora, depois que travara relações com aquela estranha criatura, a constante angústia de um repto irrespondido e talvez irrespondível, engasgado na incapacidade viril de seus sessenta e oito anos. Fazia-se então cada vez mais esquivo, engendrava motivos de ordem vária para evitar a presença da condessa; mesmo empreendeu um trabalho de autossugestão, em o qual argumentava com o respeito devido à filha moça, e com as consequências desastrosas que

poderiam advir de uma ligação de tal natureza; procurou redobrar de atividade no interesse de suas múltiplas empresas comerciais, no sentido de deixar-se empolgar mais vivamente por uma série de preocupações novas; Eduardo debatia-se dentro desta ideia fixa, como um pássaro colhido por um alçapão. Às vezes, desenvolvia mentalmente longos e minuciosos encadeamentos de raciocínios, de cruas análises sobre a personalidade um tanto ou quanto escura daquela condessa sem conde, viúva de chás dançantes, com fumaças de sangue azul. E então tomava Eduardo resoluções que pareciam salvadoras. Assim havia já uma boa quinzena que ele começara a experimentar sensíveis melhoras na sua mórbida obsessão, quando na festa do aniversário de Glorinha, o aparecimento quase ostensivo da figura de Gina Morinelli, esplêndida, provocadora, veio reavivar no espírito convalescente do velho celibatário toda a nitidez da tragédia íntima que o minava.

Era este o motivo da insônia em que se debatia.

Seriam aproximadamente seis horas da manhã de um claro dia de verão, com uma luminosidade intensa a coar-se pelas frestas do postigo, quando Eduardo tentou ainda uma vez folhear o *Satiricon*, mas em pura perda. Um torpor irresistível, mais ligado ao cansaço da vigília, do que à chegada do sono, prostrou-o, numa narcose profunda, pesada, opaca.

E foi por isso que não teve outro remédio senão rolar para debaixo da cama, a responsabilidade literária de Caius Petronius, o tipo mais crapuloso e mais elegante de todo o Império Romano...

Eduardo dormiu pouco. Às 9 horas da manhã, sentado novamente na cama, de cigarro colado ao beiço, abraçando as pernas encolhidas, era a figura acabada da ressaca. Deitou-se ainda uma vez procurando reconciliar o sono.

Impossível.

Pulou da cama decidido a meter-se debaixo do chuveiro; a cabeça parecia que lhe estalava, numa dor alucinante; o sangue latejava-lhe nas fontes, às marteladas.Compôs a toilette, pediu café ao Nestor, engoliu um comprimido de um anestésico qualquer, e estendendo-se no divã da biblioteca, mandou que o criado abrisse as janelas e trouxesse os jornais. E adormeceu. Uma aragem fresca varria o ambiente, onde um ar dormido e saturado de fumo sufocava.

Quando Glorinha, que também dormira mal em consequência da excitação da véspera, entrava na biblioteca para revistar os jornais que haviam noticiado o sarau, pareceu-lhe que o velho dormitava; e ela re-

trocedeu, pé ante pé, com a intenção de recomendar silêncio à criadagem. Eduardo, porém, despertou logo após à saída da filha. Ergueu-se, espreguiçando-se, chegou à varanda, detendo-se a contemplar a calma e a segurança com que um sujeito, pendurado a uma sorte de trapézio, brochava tranquilamente um portal na torre da matriz do Engenho Velho.

E nessa contemplação absorto, debruçou-se ao parapeito da varanda.

Um sol de verão caía sobre a fronde do arvoredo cuja sombra se projetava no chão, num caprichoso rendilhado de claro-escuro. Um bafo morno de vegetação agreste, impregnado de murta, embalsamava a atmosfera do parque.

Agora, o homem que brochava a torre, enganchando-se nos braços da cruz,numa acrobacia quase inverossímil, tentava desembaraçar o cata-vento dos restos dum papagaio de papel, que ficara preso ao para-raios.

Eduardo continuava absorto.

Lá fora, na rua, em frente ao portão do palacete, um realejo desafinado gemia, arrastadamente, a valsa do *Conde de Luxemburgo*...

***

Ao almoço Eduardo esforçava-se por dissimular aos olhos de Glorinha a pressão moral que o abatia.

Falou-se muito da véspera. Glorinha aludiu ao *flirt* do velho com a condessa, crivando-o de pilhérias.

Eduardo sorrindo, um tanto ou quanto contrafeito, fez-lhe ver que o que o encantava naquela criatura era apenas a distinção de maneiras, a vivacidade de espírito, qualidades estas que maior brilho lhe punham à real formosura... Depois, muito instruída, muito viajada... E como ele, na sua idade, já se não pudesse desmanchar em rapapés às melindrosas dançantes e futebolantes que lá estavam, fazia-lhe bem uma camaradagem assim... Para ele a Morinelli era o que se podia chamar, como o chamava o Eça – um bom rapaz.

E a pequena, desconfiada:

– Olhe que essa defesa faz a gente ficar de pulga atrás da orelha... isso acaba mal...

D. Sinhá, servindo uma salada de tomates, concordou em que "estas meninas de hoje levavam tudo para o lado mau"...

E a pequena, deitando uma pedrinha de gelo ao copo de Eduardo:

– Olha quem está falando! Como se eu não visse ontem aquela proteção escandalosa ao namoro do Lupércio com a Iná Vergueiro... O mais interessante é a cara com que o camarada se desfazia em amabilidades com a mamãe... e por causa disso – toca a mastigar; depois foi um tal de empinar copos de cerveja que me deixou assombrada...

A pilhéria, caindo de chofre na pessoa pudica de D. Sinhá, fê-la mais rubra que o tomate da salada; o olho enorme e negro mais negro se lhe tornara, através dos óculos de forte grau; e a mirrada senhora articulou, desconcertada :

– Você hoje está muito espirituosa, a ponto de não respeitar os mais velhos.

Eduardo que não pudera conter o riso ante a figura caricata da D. Sinhá a servir de *pau de cabeleira* ao Lupércio, procurou disfarçar a coisa, acrescentando:

– E se fosse verdade, não seria nada de mais; a filha do Vergueiro é uma rapariga bem interessante; e se a D. Sinhá quiser ser a madrinha, eu estou aqui firme para ser o padrinho, e cair com o presente, que, no caso do Lupércio, será talvez um bar-tremoços...

A esta altura, trazia Nestor as costeletas, e houve como um silêncio de reserva, à vista, do criado. D. Sinhá, refeita do choque da piada, entrara a falar da figura cômica do Rochinha, do *Correio da Manhã*, no começo todo mesuras às damas, de lápis e papel em punho, a tomar os nomes dos convidados; depois com um sanduíche de paté engasgado nos gorgomilos; mais tarde a despejar para dentro do bojo oceanos de cerveja; e finalmente, já quase pela manhã, derreado à soleira duma escada que dava para a horta, todo vomitado, chorando, dizendo que D. Sinhá não sabia quanto ele estava doente; e berrava como um bezerro desmamado, que estava com saudade das crianças... queria ir para casa... Onde é que estava o bonde?... e queria por força um bonde...

Reconstituindo estas cenas a velhota sacudia-se num riso convulso, num riso de beiços ralos que descobriam a gengiva erma de dentes...

E todos riam com ela.

Nestor voltava para a copa com a travessa de costeletas, quando a campainha do telefone retiniu.

A Mariana correu a atender. Mariana era uma arrumadeirazinha surda, que, havia uns oito dias, vinha desarrumando sofrivelmente a casa de Eduardo; mas não conseguira entender o nome da pessoa que telefonava, o que fez com que D. Sinhá, detendo uma garfada de refoga-

dos, fosse ao aparelho, mastigando ainda, limpando com o guardanapo os beiços ralos.

Era o Rochinha, a indagar se haviam gostado da notícia dada pelo *Correio da Manhã*; saíra sem o *clichê* pelo adiantado da hora em que fora entregue na redação.

Todos haviam gostado muito – informou D. Sinhá, pedindo que esperasse um momentinho. E, voltando-se para a mesa:

– É o Sr. Rocha, deseja falar a você, Glorinha.

E tornou ao prato para atacar o resto do refogado; mas o Nestor já o havia levado para a copa; e a velha reclamou, contrariada:

– Nestor; você não deve tirar o prato da mesa sem saber se a gente já acabou de comer...

E consolou-se com um abacate que o criado trouxera. Ao café houve uma piada sobre um *flirt* de Paulina de Ambrósio, a quatro mãos, com um pianista húngaro que lá andou tocando uns trechos de Chopin.

Eduardo ainda comentou a figura do melancólico bacharel Malheiro, com aquele queixo de Afonso XIII, ledor inveterado de Camilo, metido numa casaca de folha de flandres, a arrastar a asa à pequena...

Esta, achando uma graça muito mal dissimulada ao caso, e mesmo engasgando, ou fingindo engasgar com o café, respigou, toda vermelha :

– Creio que o papai está vendo coisas que não existem...

E Eduardo, ensaiando uma cilada:

– Estou pilheriando, filhota, estou brincando contigo. Bem sei que esses pelintras têm mais medo ao casamento que o diabo à cruz. Eles preferem sempre as lambisgoias que por aí andam perdidas, e ainda melhor achadas, fáceis, sem maiores responsabilidades. Uma rapariga como tu, com quem eles sabem que se não podem meter a sebo... é caso mais complicado...

– Mas Flávio... quero dizer, o Dr. Malheiro não me parece muito dado a frivolidades... De resto, como já disse, pouco me interessa o que ele seja ou deixe de ser...

– Apanhei-te, cavaquinho, – fez o Eduardo, vitorioso – Com que então o "Flávio" e depois o "Dr. Malheiro" muito mal remendado... Mas olha, por quem és, vê se o curas do Camilo...

Nestor entrava com os charutos. Um som fanhoso e estridente de taquara rachada chamou-lhes a atenção para o telefone. Haviam esquecido de acudir ao Rochinha, que, de certo, desesperara; e o fone estivera até então fora do gancho...

***

Uma e meia da tarde.

E Eduardo tinha que estar às 2 horas nas oficinas de Wilckerson & Sons, para assistir à experiência duns motores a gás pobre, chegados da Suécia...

À escada, despedindo-se do pai que saía apressado, Glorinha ainda lhe compôs o laço da gravata, recomendando-lhe não se esquecesse de mandar guardar uma frisa para aquela noite, no Trianon.

Ao pé da varanda, no começo da alameda de bambus, à espera de Eduardo, uma *limusine* com placa amarela e *chauffeur* japonês, rebrilhava num polimento novo de vernizes, vidraças e metais.

Ainda um adeus de namorado, ainda um pescoço espichado pela portinhola, e a viatura rolou, silenciosa, para o asfalto, a caminho das Usinas Wilckerson & Sons.

Glorinha, reclinada a um dos maples da sala de jantar, passava os olhos às notícias do seu aniversário, enquanto D. Sinhá engolia a trago lento um café interminável, pausadamente, pensativamente...

E o Nestor tirava os últimos pratos, quando a campainha do portão retiniu. Houve um movimento brusco de composição de *toilette* e de cabelos, quase reflexos, quer por parte da moça, quer por parte da velha; e ao mesmo tempo uma interrogação, em que havia algo de enfado: quem seria, àquela hora?...

E antes que o Nestor tivesse tido tempo de ir ver quem era, já pela porta da varanda embocavam na sala de jantar a Sra. D. Fortunata e a filha da Sra. D. Fortunata, as criaturas mais cacetes e mais intrigantes deste mundo.

A mãe era uma pessoa amplíssima, de um gordo macilento, cor de cera, a que os vidros escuros do *pince-nez* emprestavam tons esverdeados de icterícia; e toda ela era fúnebre, sempre de preto, cada vez mais viúva.

Aos domingos e dias santos tresandava a cânfora e naftalina; nos dias comuns não tresandava a cousa alguma. Chamava-se Fortunata Cavalão Rabelo. Cavalão, de seus pais, uns Cavalões do Rio Grande do Sul; Rabello, de seu finado marido, um Dr. Amâncio Mousinho Rabelo, médico medíocre, cuja atividade profissional grassara durante largo anos no Rio Comprido. Para ajudar ao clínico, exercia a mulher as funções de professora, numa escola do Estácio; daí lhe ficara uma parca aposentadoria com que ia arrastando a viuvez e a velhice, sem maiores cuidados que os da urdidura de suas torpes intrigas. Era devota de S. José da Penitência, e pelava-se por peru dormido. E em casa de suas re-

lações, diretas ou indiretas, donde, de leve, lhe chegasse ao nariz o cheiro dum peru de forno, era certa a aparição de D. Fortunata, farejando o carname dormido, com que empanturrava o bandulho, entre garfadas de farofa de recheio.

Sua filha e companheira inseparável, a Joanita, era uma donzela enfezada, alardeando a toda hora uma virgindade suspeitíssima, que encruara aos 38 anos, sempre com aquela carinha de histérica irritadiça, onde se estampavam todas as prisões de ventre hereditárias da família. Cada ano que decorria, a virgindade periclitante de Joanita cavava no rosto engelhado da donzela mais uma ruga de desespero e de inconsolação. Tais eram as duas criaturas, andejas semeadoras de enredos torpes, Iagos crônicos da vida, que penetravam, àquela hora, na intimidade incauta dos Marinhos.

– Chegaram em boa ocasião, fez Glorinha, amável; ainda está posta a mesa. Se não almoçaram, não façam cerimônia; se já almoçaram, aceitem ao menos uns doces...

– Obrigada, Glorinha; almoçamos cedo, é verdade, mas ainda não temos apetite; você sabe que nós não fazemos cerimônia. Joanita aceitaria uma xícara de café, por causa da dor de cabeça. Como correu a *soirée*? Já ouvi dizer que esteve o que há de chique... Quem fez o serviço de *buffet*?

– O *Pascoal*, respondeu Glorinha.

– E parece que não foi mal de todo – aparteou D. Sinhá.

E a intrigante, farejando:

– Mas dizem que a *Colombo* está agora caprichando muito; então para o que se diz forno, é mesmo uma especialidade...

– Mas não fomos também mal servidos nesse ponto; pelo menos o doutor, que é muito exigente, gostou do peru que eles arranjaram – disse D. Sinhá, partidária.

E Glorinha:

– A propósito, não aceitariam um pouquinho de peru dormido com presunto? Não façam cerimônia, pelo amor de Deus...

D. Fortunata, já que Glorinha "instava", aceitaria uma lasquinha de peru, mas sem presunto; preferiria talvez um pouco de farofa de recheio, se houvesse; mas isso muito pouquinho, só para provar, pois já havia almoçado; ia apenas fazer uma extravagância...

E quando o Nestor assomou à porta da copa, trazendo em uma das mãos uma travessa atulhada de fatias de peru, e na outra um prato

abarrotado de farofa de recheio, – um arrepio de recôndita volúpia percorreu de ponta a ponta o tubo digestivo de D. Fortunata.

O ataque ao carname foi um episódio notável .

A velha não comia – devorava. As fatias de carne branca, muito enxuta, as febras de carne escura de coxa, e as calotes de pele gorda e dourada do peito – eram tragadas por grosso, quase sem mastigação. A farofa, levada frequentemente à boca, em garfadas que mais semelhavam vagonetes carregados de saibro, descia a custo, pela goela a baixo, a poder de cavalares goles d'água, em buchas de laboriosa deglutição.

A filha, triturando, histérica, uns rebuçados de alteia, falava pelos cotovelos, por si e pela mãe, que, ocupada com o peru, mal podia grunhir, a espaços:

– Hum... estupendo!...

– Mais uma fatiazinha? – arriscou D. Sinhá, assombrada...

Não; D. Fortunata agradecia; ela não podia mais... Como dissera, já tinha almoçado; aquilo fora uma extravagância, e não devia abusar.

Mas a esta altura não havia nem sombra de peru na travessa.

D. Fortunata, como uma jiboia farta, impava.

– Agora um pouquinho de doce, acudiu D. Sinhá.

Não. D. Fortunata não aceitaria o doce. Comera pouco, mas estava satisfeita; tinha um estômago de uma delicadeza extrema, e por isso não queria abusar; aceitaria, se não fosse incômodo, um golezinho de café.

Joanita, que apesar da dor de cabeça se servira de uma fatia de *Gorgonzola*, gabava-o:

– É um queijo excelente; os italianos fazem bons queijos; poucos, porém excelentes. Há também...

– A propósito, interrompeu a velha, por falar em italiano, esteve aqui ontem a viúva Morinelli, não é verdade, Glorinha?

E, virando-se para a filha:

– Joanita, quem foi mesmo que nos falou sobre essa mulher, a tal condessa? Ah, recordo-me agora; foi a vizinha do V, de lá da nossa avenida, a mulher do tenente. Esse pessoal não sabe mais o que há de inventar; em todo o caso é bom que a Glorinha previna o papai do que por aí se diz dessa senhora, para que não haja depois maiores dissabores... Pode ser mentira... mas também pode ser verdade...

– Mas afinal que é que há? Poderei saber?

Os olhos da velha lampejavam por trás dos vidros escuros do *pince-nez*; e os da filha também.

E a bicha remoía:

– Você, sabe, Glorinha, eu não queria dizer; mas... uma pessoa prevenida vale por duas...

– É tão grave assim o caso? Vamos, que há, afinal? O que se puder dizer ao papai, pode ser dito a mim, penso – fez Glorinha, já impaciente.

– Nada, menina, coisas banais, sem importância; além disso, não gosto de dar más notícias; sempre fui inimiga de mexericos e intriguinhas dessa natureza...

Enfim, para que Eduardo tomasse as devidas providências contra as más línguas, ela avisava, na qualidade de amiga, que, segundo lhe dissera a mulher do V, era sabido e notório que a tal condessa de Morinelli vivia numa casa da rua das Laranjeiras, amasiada com um certo Latier, francês, sócio de uma fábrica de malas e arreios; e que a mesma senhora recebia escandalosamente, na ausência do amante, a um advogado Malheiro, que, se não se enganava a intrigante, frequentava também a casa de Eduardo Marinho.

– Malheiro de quê? – perguntou Glorinha, apunhalada.

– Não me lembro bem; sei que é "não sei que" Malheiro, não é Joanita?

– Costa Malheiro, informou a viborazinha; Flávio José da Costa Malheiro – informou ainda num resto de ejaculação virulenta, fingindo interromper a atenção que aparentava prestar ao que lhe contava, com minúcia, D. Sinhá.

– Mas esse moço é um dos advogados de meu pai – articulou Glorinha, varada – e quanto à condessa, se bem que a conheçamos de um modo relativamente superficial, não creio que tenha tão má conduta; do contrário os amigos do papai não a trariam a nossa casa. Provavelmente há qualquer confusão de pessoa...

– Não, filha, é esta mesma, Gina Morinelli, viúva do banqueiro Morinelli, conde do papa... Chegou há pouco tempo da Europa... Dizem até que há um velho babão que lhe anda a fazer corte, e cuja fortuna está em risco de ir parar às mãos da aventureira. É essa mesma. Dizem até que ela "morde" o francês para dar dinheiro e roupa ao tal *gigolô*...

– Mas o Malheiro a quem a senhoira se refere deve ser outro; pois o Dr. Flavio Costa Malheiro ganha um excelente ordenado, e não parece capaz duma baixeza dessas – fez Glorinha, sucumbida...

– Flávio José da Costa Malheiro, repetiu, silabarmente, a Joanita, que embora estivesse prestando absoluta atenção ao que dizia a mãe,

continuava olhando para D. Sinhá, com aqueles olhinhos em que se refletiam maus costumes íntimos inconfessáveis.

Glorinha, já profundamente perturbada, mal podia dissimular o que lhe ia n'alma: e trêmula, nervosa, torcia e retorcia entre os dedos uma das pontas do atoalhado da mesa de jantar.

A velha, compreendendo toda a extensão da tortura de Glorinha, sentiu-se, mais uma vez, desobrigada de seu eterno e duplo fadário: comer peru dormido, e urdir a intriga entre as pessoas de boa fé, cuja intimidade conseguia infestar. Era tudo quanto lhe concedera o destino: devorar carniça, e inocular peçonha.

E erguendo-se, satisfeita:

– Xi! Santo Deus! Quase três horas, e ainda temos que passar na casa da Nancy, que fez anos ontem. Vocês vão dar licença, vamos Joanita...

A donzela concluía uma narração suja, que fizera corar D. Sinhá; a pobre senhora só rematava:

– Credo! Que horror, que pessoal...

Despediram-se. Glorinha, atordoada, foi pouco amável. D. Sinhá acompanhou-as até à escada.

Glorinha, que recolhera ao quarto, sentara à banqueta da psiquê, de costas para o móvel; e, debruçada sobre os joelhos, apertando o rosto entre as mãos nervosíssimas, desatou num pranto intenso, convulsivo, intercortado de violentos soluços, que ela em vão procurava sufocar.

Sentindo no corredor os passos de D. Sinhá, ergueu-se, caminhou, tonta, para o quarto de dormir, deu volta à chave, e, atirando-se pesadamente à cama, enterrou a cabeça nas almofadas, como que para abafar os soluços, que se sucediam, cada vez mais profundos, cada vez mais sentidos.

***

Lá fora D. Sinhá correra até à copa, a ver o que restava do peru; a um canto do guarda-comida, jazia, descarnada, a carcaça do bicho, cuja polpa tenra, magistralmente temperada, cuidadosamente assada, e calmamente dormida, fizera a delícia suprema de D. Fortunata Cavalão Rabelo.

V

Quando Eduardo recolheu, à noitinha, ao casarão da rua de S. Francisco Xavier, estranhou que a filha não o estivesse esperando, à sala de jantar, com um coquetel, como era de costume. Nestor acabava de compor a mesa para o jantar. Eduardo perguntou pela menina.

A menina estava passando mal.

Eduardo foi direito ao quarto; Glorinha, deitada, com uns olhos de quem havia chorado copiosamente, aspirava uns cristais japoneses, sacudida ainda, de vez em quando, por um soluço espasmódico, incoercível. D. Sinhá, sentada à beira da cama, mexia o açúcar de uma chávena que fumegava.

– Que é isso, pequena? – fez Eduardo – Então? Deixo-te a dizer piadas, alegre, passando bem, e venho encontrar-te com essa cara de carpideira, às voltas com as tisanas de D. Sinhá?... Que vem a ser tudo isto, afinal? Que é que estás sentindo?

– Dor de cabeça, papai, uma tremenda dor de cabeça; e agora estou melhor; à tarde pensei que ia morrer; mas já estou melhor. E virando-se para D. Sinhá:

– Deixe que tomo o chá, mamãe, e vá fazer o coquetel do papai, que eu hoje estou mesmo entregue às baratas. Vá mamãe; faça com *cherry*, mas ponha pouco gelo; não se esqueça da azeitona...

– Deixa isso, filha, não te preocupes comigo; o que é preciso é que melhores da tua dor de cabeça.

– Oh! papai, também não estou mal assim... Vá jantar; jante sossegado que isto passa...

E segurando a cabeça entre as mães. apertava-a com força, como que procurando atenuar a intensidade da dor pela compressão das fontes; e deixou-se cair, molemente, sobre os travesseiros.

– Que é isso, filhinha, pioraste?

A moça não respondeu.

– Então, minha filha, vamos, já estás melhorzinha? – fez Eduardo aflito.

Glorinha ergueu-se a custo; mesmo tentou recompor os cabelos em desalinho; mas em vão. Mal se pusera de pé, e tudo em torno dela lhe parecia rodar; a vista como que se lhe escurecera; e voltou novamente para a cama, deixando-se ficar alguns minutos, de olhos semicerrados, numa espécie de torpor.

Eduardo, já impressionado com o caso, ia começar uma série de perguntas, quando um sinal discreto de D. Sinhá fê-lo calar-se.

A velha chegou às narinas de Glorinha o frasco do vinagre aromático. A menina abriu lentamente os olhos, e, notando a presença e a atitude dos velhos, quis acalmá-los:

– Mas para que e por que estão fazendo de minha indisposição um bicho de sete cabeças? Isso ainda me deixa pior; já disse que não tenho nada; isso passa daqui a pouco; vão jantar é que é. Façam-me a vontade, vão jantar, que eu quero ver se consigo dormir um pouco. Vão jantar, ou me obrigam a estar aqui preocupada com o trabalho que lhes estou dando...

– Bem, não te contraries, filhinha, iremos jantar; mas vê se consegues dormir – fez Eduardo, retirando-se do aposento, menos para jantar que para saber claramente de D. Sinhá qual o motivo de toda aquela complicação.

– Mas afinal que é que há? – indagou, aflito, o velho à governante.

A mulher teve um momento de hesitação, temendo queimar os fusíveis da paciência de Eduardo; e o olho enorme, parado, através do vidro de forte grau, nunca pareceu tão grande. Por fim a boa senhora não se pôde mais conter, e rebentou:

– Glorinha hoje teve uma forte contrariedade... Eu, enfim, não sei se estou sendo indiscreta; mas a menina hoje, logo que o senhor saiu, recebeu aqui uma tal D. Fortunata, criatura com quem antipatizo solenemente, e que anda sempre em companhia da filha, a Joanita, pequena maliciosa como nunca vi igual. O doutor sabe que a menina parece gostar do Dr. Malheiro; ele, penso, também dá mostras de querer bem à menina. Ora, a tal D. Fortunata, de má morte, veio para aí hoje com umas novidades muito esquisitas, a dizer que o Dr. Malheiro vive à custa da condessa de Morinelli, e que a condessa, por sua vez explora escandalosamente um francês fabricante de malas... Enfim, uma infâmia, uma sujeira de fazer nojo...

À pequena doeu-lhe, é claro ouvir estas cousas; e, mal as mulheres deram as costas, ela enfiou para o quarto, e chorou até à hora em que o senhor chegou. Eis aí o que há, pelo menos que eu saiba...

Eduardo, sem dizer palavra, acendeu um cigarro, foi até à varanda como que para respirar, tal a cólera que o sufocava.

Depois voltou à D. Sinhá, ordenando, numa voz abafada, onde tanto havia de revolta quanto de sofrimento:

– Essas mulheres estão formal e definitivamente proibidas de pôr os pés nesta casa. Quando chegarem, a D. Sinhá mandará o criado avisar que os patrões estão para fora; se insistirem, é dizer-lhes positivamente que eu não permito que ponham aqui os pés. Caso a senhora não tenha coragem de o fazer, mande-as entrar, chame-me ao telefone, que eu lhes direi o que me convier. Gente desta ordem, é cortar pela raiz, é dar o tranco violento, imediatamente, estoure por onde estourar. Já bastam as contrariedades que se não podem evitar...

***

Pareceu-lhes ouvir um gemido de Glorinha; correram ao quarto. A pequena dormitava, aparentemente calma. D. Sinhá acendeu a *veilleuse*, que havia sobre a mesa de cabeceira, e, com o maior cuidado, para não fazer barulho, deu volta, ao comutador da lâmpada grande, cuja claridade, supôs, poderia perturbar o repouso da doentinha.

Depois, entrando a cuidar de Eduardo:

– O doutor não quer tomar alguma cousa?

Eduardo não queria jantar; estava com um pouco de dor de cabeça, e preferia uma chávena de chá simples.

E a velhota, insistindo:

– Mas, por que não toma ao menos um prato de sopa? É preciso que se alimente. Olhe, quanto às tais intrigantes, deixe-as por minha conta, que eu me encarrego daquele par de galhetas. De resto, se já lhes não preguei uma das minhas, é que tive medo de contrariá-lo. Deixe-as por minha conta, que estão muito bem recomendadas; e pela menina também não se aflija. Isso de moças é assim mesmo; Glorinha está na idade dessas complicações; mas aquilo passa; já chorou muito. Vá, não se aflija, tome sossegadamente o seu prato de sopa, que é de aletria, e não pode fazer mal...

E, chamando o Nestor, mandou servir normalmente o jantar ao patrão; porque, afinal, não se devia dar lá muita demonstração à cria-

dagem do que ia pela intimidade da família, por mais fiéis que fossem os criados.

Eduardo tentou com efeito tomar algumas colheradas da sopa de aletria, mas a boca lhe amargava como fel; ainda procurou em vão engolir umas almôndegas. Inquieto, levantou-se, e foi até o quarto dar uma vista d'olhos à pequena.

Glorinha dormia...

Eduardo deteve-se um momento, embevecido, a contemplar o rosto da filha, cujas magoadíssimas olheiras pareciam agora mais profundas, sob a meia luz da lampadazinha azul da veilleuse.

Que de ódio sentiu ele, neste instante, pelas duas abjetas víboras que tanto haviam feito sofrer àquela criaturinha, a quem ele vivia a poupar a mais ligeira contrariedade! Ao mesmo tempo uma rajada de dúvidas varou-lhe o cérebro, com a velocidade duma corrente elétrica: o Malheiro, a condessa, o francês das malas, a Fortunata, a filha da Fortunata, a infâmia da Fortunata... E ele continuava imóvel, espreitando o sono da filha, apoiado ao portal.

D. Sinhá, que lhe estranhara a demora, veio também ao quarto, pé ante pé, a ver o que havia.

E quando a voz da velhota, num cochicho, soprou aos ouvidos de Eduardo, este estremeceu de susto, tal o alheamento em que se achava.

Voltaram ambos à mesa.

Eduardo acabava de sorver o último gole de chá, quando a campainha do telefone retiniu, barulhenta.

O receio de que a pequena houvesse despertado ao alarme fez com que os velhos corressem ao quarto, deixando o fone pendente do gancho. Glorinha continuava a dormir, tranquilamente.

D. Sinhá, que viera atender ao telefone, voltou ao quarto, anunciando o Gonzaga.

– Diga-lhe que, se puder, venha até cá; se for possível, já – disse Eduardo, a meia voz.

***

Foi desligada a campainha do portão, e calçada com chumaços de papel a do telefone, tudo isso para evitar que a menina despertasse.

Nestor postara-se na alameda, à espera do Gonzaga.

***

A intimidade existente entre Eduardo e Gonzaga comportava a mais completa confidência recíproca. Em Glorinha via Gonzaga o fruto de alguma aventura romanesca do amigo, e guardava dessa ilegitimidade o mais absoluto sigilo junto à pequena; acreditava-a, portanto, filha de Eduardo. Eduardo deixava-o pensar assim; e nunca lhe disse a verdade toda.

Seria este talvez o seu único segredo para com o Gonzaga. No mais, abria-se-lhe inteiramente.

Entretanto, havia já longos meses, vinha o Gonzaga desconfiando de que algo de anormal se passava com o amigo, sem que este, todavia, lhe houvesse feito ainda a mais ligeira referência ao assunto.

E esta reserva de Eduardo magoava o Gonzaga; porque o Gonzaga, a par do incorrigível espírito de *blague* que o caracterizava, era no fundo um sentimental; e o ceticismo que afetava a cada passo, como base de uma filosofia toda sua – não passava dum manto vão com que pretendia mascarar o temperamento essencialmente afetivo. Assim, a estranha atitude do amigo, silenciando friamente sobre o caso da Morinelli – molestava seriamente o Gonzaga.

Ele notava que entre Eduardo e a Morinelli alguma cousa havia além duma simples relação de amizade; tudo o demonstrava. A princípio não se atrevera a abordar o caso; mas depois, dada a confiança que lhe dispensava Eduardo, chegou a manifestar claramente as suas suspeitas.

E Eduardo – moita.

Naquela noite, porém, Eduardo chamara-o, para desabafar com ele. E desabafou.

Não foram para a biblioteca, como era de hábito; preferiram as cadeiras de vime da varanda, onde corria uma viração agradável.

Durante o café que lhes servira o Nestor, falaram sobre o estado da pequena, sobre o namoro do Malheiro, sobre a infâmia das Cavalão Rabelo. Mais alguns assuntos de interesse vago, e a conversa resvalou para o caso da Morinelli.

Gonzaga, atirando ao ar a fumaça do charuto a que descolava pacientemente o selo, repisava, num despeito quase infantil:

– Olha, Eduardo, eu já havia compreendido tudo quanto te esforçavas por ocultar; e confesso que o estranhei, se bem que nunca devesse levar a sério uma cousa dessas...

– Mas, Gonzaga, tu também deves compreender que essa história envolve uma ponta de ridículo; julguei que me pudesse livrar da

complicação, e aí te contaria o caso por inteiro, já resolvido e acabado. Entretanto os acontecimentos tomam de dia para dia aspecto cada vez mais delicado, e eu sinto que não devo ter reservas a respeito deles para contigo. É como te disse: um verdadeiro enguiço; mas, que queres? A mulherzinha enfeitiçou-me... Não está em mim...

– E pensas tu que eu possa acreditar nesta pilhéria?

– Eis aí porque muita vez me abstive de contar-te o meu caso; sabia que virias fatalmente com a tua *blague*.

E puxando a cadeira para junto da do amigo:

-Ouves, Gonzaga, sabes perfeitamente o conceito que sempre formei desta cousa de mulheres; e se tens confiança bastante na minha inteligência e no meu caráter, crê no que te digo: aquela mulher é uma criatura singularíssima.

Se visses com que elevação de ideias, com que segurança de argumentos ela fala, ficarias pasmado. Não tem a frivolidade das mulheres que por aí andam; é inteligentíssima, e de uma cultura acima da vulgar.

– *Bas-bleu*, filho, puro *bas-bleu* – interrompeu o Gonzaga. – Cá para mim, mulheres discretas ainda as tolero, à distância; mas mulher literata só me dá vontade de mandar-lhe com um machado na cabeça; é horrível, é insuportável...

– Foi este o juízo que formei sempre dessa espécie de mulheres, Gonzaga; mas a Gina é um caso absolutamente à parte. Ainda ontem, ela esteve lá no escritório. Fora consultar-me sobre o emprego que deveria dar a uns dinheiros que lhe ficaram do inventário do marido; mostrou mesmo desejo de que eu tomasse conta do arame. Estivemos, então, conversando um pouco; e eu, por mim, fiz tudo quanto me foi possível para manter entre nós a distância que convinha; mas o certo é que de tal maneira nos aviemos, que no fim da palestra falávamos como se nos gostássemos há muito tempo.

Imagina tu que ela quer por força carregar comigo para a Europa; assegura que a minha atividade, o meu tino comercial estão aquém das possibilidades do meio em que tenho vivido.

E anima-me, entusiasma-me, descobrindo sempre em mim capacidade de grandes cometimentos. Acha que num ambiente mais largo, como é a Europa, a expansão do meu arrojo possa assumir proporções assombrosas.

Como estás a ver, não se trata duma criatura vulgar.

– É assim que elas começam, filho. A *cavalheira* é escolada, e já conhece o teu fraco: descobriu que sentes um certo orgulho de tua posição;

sabe-te vaidoso de teu sucesso na vida, e embarafustou por esta brecha, que é o ponto mais vulnerável do teu caráter. Lisonjeia-te, faz-se vidente de grandezas que te envaidecem, e julga que há de tomar conta de ti.

Agora, supõe tu que te cases com essa mulher... A diferença de idade não é assim tão insignificante; ela é moça, bela, cheia de caprichos. Acreditas que possas mais ter sossego, com aquele *mamífero de luxo*, como dizia Pitigrilli, a moer-te a paciência pelo resto da vida?

– Mas, Gonzaga, tu ainda não a conheces de perto; e pensas, talvez, que eu seja para aí uma criança...

– Um homem apaixonado não é uma criança – fez o Gonzaga, reacendendo o charuto mascadíssimo – é menos ainda que uma criança; é um bestarolas... De resto, creio tanto na paixão da condessa como creio nas virtudes caritativas de Rockfeller...

– Mas, filho, que outra sorte de interesse poderá ter esta mulher?

É rica, independente, tem uma bela posição social...

– Já lhe viste os títulos de fortuna? Conheces os hábitos dela?

– Oh, Gonzaga, assim também, com este pessimismo, ninguém argumenta...

– É como argumenta, meu velho, é como argumenta.

Esta mulher é viajadíssima; deve ter uma *escola* completa; e queres que te diga uma cousa? Não m'a levarás a mal?

– Oh, filho, pois estamos falando com a maior sinceridade...

E o Gonzaga, erguendo-se da cadeira, endireitando o colete que lhe subira, amarrotado, pela cintura de macaco:

– Ouve, Eduardo, entre nós deve haver toda a franqueza. A princípio supus que não tivesses mais do que um simples desejo sobre a tal de Morinelli; mas agora noto que estás aí, estás embeiçadinho da Silva; e devo advertir-te duma cousa: apesar de seres ainda um homem forte relativamente à tua idade, hás de concordar em que, para aquela mulher, já não és o *homem* que arrebata; serás apenas o homem que convém.

Eduardo sentiu-se ferido no amor próprio, e respigou, espinhado:

– Tens razão, Gonzaga; porque afinal não sou mais do que um velho imbecil... Tudo isso não passa duma grande imbecilidade...

– De uma grande imbecilidade não digo, porque ainda não deste um passo decisivo; mas duma pequena imbecilidade...

D. Sinhá apareceu, a saber se tomavam alguma cousa.

Eduardo pediu cerveja gelada.

E o Gonzaga, reatando:

– Depois tens que medir bem a situação de tua filha. Se te amasias com a Morinelli, dás um escândalo que fatalmente prejudicará a Glorinha; se te casas, pregas à pequena essa tremenda espiga que é uma madrasta moça...

E enxugou o copo de cerveja.

Eduardo silenciara à ponderação sobre o caso da filha, como quem topa com um sério obstáculo; e voltando à conversa:

– Mas, Gonzaga, como é que eu, um homem velho, toda vida tão avesso a essa cousa de mulheres, vim meter-me, sem mais aquela, num embrulho destes?

– É a velha cousa, filho; é a velha história de sempre – fez o outro – mulheres não faltam, mas...

E citou em tom de troça:

"...Mas por que fantasia
Entre tantas, só uma a nossa simpatia
Distingue, escolhe e quer?"

– Pois olha, meu caro Gonzaga, o que mais me tortura em tudo isso é precisamente a velhice a que te referiste há pouco. Sinto que, apesar de uma saúde razoável, já não sou mais homem para umas tantas cousas... O medo dum fiasco é o que me apavora... E se não houver um meio, um processo de tratamento para esta debilidade, então não sei que será de mim...

Comprometi-me a ir tomar chá amanhã com ela; e devo confessar-te que este projeto me está causando um mal indescritível... Será mais uma oportunidade de aproximação... E quem poderá responder pela consequência desta brincadeira?

– Que me dizes, meu velho, já está adiantado assim o capítulo? Caramba! Vê lá se vais desencaminhar a *pobre senhora*...

– Oh, Gonzaga, fora de blague, que pensas tu desses processos de rejuvenescimento?

– Esta agora é boa! Então é a mim que me vens perguntar? Qual de nós dois é o médico?

– Eu sou hoje médico como tu és astrônomo, filho; bem sabes que há vários séculos não pego em medicina...

Gonzaga tinha lido, é verdade, alguma cousa sobre o assunto... Mas não acreditava na exequibilidade dessa pilhéria...

– Pois eu pretendo ir amanhã, ao meu médico, o Angenor, a tratar precisamente desta história... Porque, afinal, não estou tão acabado assim...

Depois, considerando o próprio ridículo:

– Ora, Gonzaga, vê lá como é este mundo! Quanta vez achei insuportável a pretensão de sujeitos de minha idade, metidos em altas cavalarias! E agora chegou a minha vez... Sim, porque estou disposto a tentar tudo que me estiver ao alcance, para conseguir modificar esta fraqueza que me inutiliza... Por força deve haver um remédio, um fortificante... talvez mesmo isso seja precoce em mim, porque o fato é que do resto me sinto regularmente forte; durmo bem, como bem, não me canso, trabalho sempre com disposição, do miolo ainda tenho alguma coisa aproveitável... O pior é justamente isso. Não crês que eu possa obter bom resultado, com um tratamento rigoroso nesse sentido?

– Ouve aqui, Eduardo, e não te vás zangar com a minha franqueza; mas, cá para mim, essa coisa é como a vergonha: uma vez perdida, nunca mais se recupera...

E enxugou outro copo de cerveja.

***

Eduardo fora até o quarto, dar uma vista d'olhos à pequena; e quando voltou à varanda, já o Gonzaga se preparava para despedir-se

– Que é isso, Gonzaga? Então já queres ir embora?

– É lógico, filho, estás aí com a pequena adoentada... E como vai passando ela?

– Vai melhor; cousa passageira; mas escuta, tem paciência, atura-me hoje um pouco mais; sei que um cavalheiro nas minhas condições é absolutamente desinteressante... mas tem paciência, para as ocasiões é que são os amigos...

Olha, eu hoje jantei pessimamente, ou melhor: não jantei. Se Nestor nos arranjasse aí uns sanduíches de *paté*, com uma Antarticazinha tirada da geladeira, serias capaz de aderir? Que achas?

– Acho muito bem ido; mas que é que teve a pequena?

– Tolices, cousas de moça; Glorinha anda a namoricar o Malheiro; conheces o Malheiro?

Gonzaga conhecia o Malheiro; e relembrou, interessado:

– Há pouco ias contando o negócio das tais velhotas, e não terminaste; que é que houve, afinal?

– Pois é justamente isso; a pequena anda aí de namoro com o bacharel; eu, como o rapaz não tem nada que o desabone, não contrario a pequena; mas hoje vieram aí as tais tipas, e parece que andaram a tecer umas intrigas torpes, e a pequena chocou-se, coitadinha.

Imagina que a bruaca veio dizer que o Malheiro era assim uma espécie de gigolô da Morinelli... Infamando ainda por cima a condessa, atribuindo-lhe amantes, em suma: uma sujeira sem nome. Agora calcula tu: a Glorinha, criada com todo o recato, sempre ao contato de gente de certa linha, vê uma sujeita afirmando uma cousa destas – leva a sério o caso, e é um desastre... Eu hoje dei ordem à D. Sinhá no sentido de não deixar mais entrar aqui aquele pessoal.

– Mas, Eduardo – fez o Gonzaga – essa do Malheiro *gigolô* da banqueira, é de bom tamanho... Porque afinal o teu advogado, com aquele fraque e aquela solenidade, é o que pode haver de mais *coronel*...

Nestor servia os sanduíches com a Antárctica gelada.

***

– Pois é isto, meu caro Gonzaga, venho arrastando uns dias de velhice, aos quais, estou certo, não fiz jus...

– Tens um remédio à mão, meu velho: abala para a Europa, e vai curar o *béguin* às *Folies Bergères*...

Eduardo reclamava do Nestor uns *picles*, quando um ruído surdo se fez ouvir.

Era a campainha do telefone, abafada pelo chumaço de papel.

Eduardo atendeu, falando muito baixo. E Gonzaga o ouviu pronunciar, gaguejando um pouco, as seguintes palavras:

– "Quem fala... ah... boa noite senhora condessa... Vou indo como qualquer ancião... ancião, sim... obrigado, senhora condessa... oh, por quem é... não faltarei, não... obrigado... vai bem; passou hoje um pouco mal, mas felizmente já está melhor. Oh, obrigado senhora condessa... sem falta... boa noite senhora condessa..."

Ainda esteve um tempo com o fone ao ouvido, até perceber a desligação da interlocutora. E voltando ao Gonzaga:

– Vês? É uma criatura de uma delicadeza de atitudes que encanta. Falou-me para dar boa noite; que se ia deitar mais cedo, e não o queria fazer sem me dar um boa noite... Ah, meu caro Gonzaga, como é bom ter-se trinta anos de menos, quando aos sessenta e oito se descobre uma

mulher assim! Que felizardo o homem que a conheceu de perto, na intimidade...

– Ah – fez o Gonzaga – não resta dúvida que foi um felizardo. Apenas morreu, estourou; e olha que foi mesmo uma pena! De quantas complicações não nos teria livrado aquele feliz Amadeo, se continuasse a ser até hoje o marido da viúva Morinelli!...

E enxugando o quinto copo de cerveja:

– Dorme, Eduardo velho; dorme que o teu mal é sono; e, em último caso, adere à viuvinha; mas tem sempre o cuidado de não cair com muito dinheiro por conta do inventário. Adianta apenas o que vires que podes perder, sem que te faça falta.

E foi apanhando o chapéu, para abalar, enquanto Eduardo apelava ainda:

– Mas ouve, Gonzaga, achas que possa ter resultado qualquer tentativa de tratamento naquele sentido? Sabes d'algum caso, d'algum amigo teu?

– Não sei, meu velho; espera pelo que te vai dizer amanhã o teu médico.

***

Nestor acompanhou o Gonzaga até o portão, por causa dos cães, que já estavam soltos.

E Eduardo afundou ao peso do desânimo lançado pela frase do Gonzaga: *essa cousa é como a vergonha; uma vez perdida, nunca mais se recupera*... Daí, quem sabe? Talvez tivesse razão o Gonzaga. É racional que uma parte da humanidade medite na orientação e no conselho que deve dar à parte restante; e para aconselhar com sabedoria e persuadir com proveito é mister que se tenha tanto menos de paixões, quanto sobre em serenidade. Querer restaurar num organismo senil energias próprias da idade fecundante é o mesmo que pretender enxertar lima de umbigo no casco do *Tamandaré*.

***

Eduardo foi ainda até o quarto da pequena; D. Sinhá lá estava, sentada na otomana, repassando um rosário narcótico, à espera de que a menina, que havia despertado, "pegasse novamente no sono".

Glorinha, entretanto, parecia adormecida. Uns soluços vagos sacudiam-na ainda, a espaços.

Eduardo não a incomodou.

O relógio da sala de jantar batia meia-noite, quando ele, já na cama, entrara a refletir seriamente sobre o seu caso.

Durante toda a noite parafusou-lhe na cabeça a ideia da entrevista, do chá, em casa da Morinelli. Deveria ir? Não deveria ir?

– Eis o dilema que o entalava nesta espinhosa contingência que é *deliberar*.

Argumentos inclinavam-no à renúncia, mostrando-lhe o perigo duma aventura amorosa na sua situação, quer na sociedade quer na família; mas logo pressentia o desdém com que aquela mulher inteligente o olharia pelo resto da vida, vendo nele o tipo acabado do lorpa, do tímido, do ingênuo. E então optava pela ida ao chá da condessa.

Este propósito trazia-lhe à imaginação a figura de Gina, na intimidade, magnífica, fresca, provocadora; a descrição sugestiva dum sofá posto a jeito; o combro dum seio muito branco, que a indulgência do decote mal deixava entrever, como uma promessa capciosa...

E ele, que faria ele nestas alturas? Teria força bastante para sustentar um platonismo à outrance? Ou seria isso uma desatenção, uma brutalidade mesmo, para com aquela criatura que se lhe dava toda, ali, cheia duma coragem superior, desprezando a pequenez do preconceito pela grandeza dum sentimento indomável?

E uma onda de desejo imediato escaldava-lhe o sangue sexagenário ante a iminência de possuí-la, de tê-la, como nunca tivera a mulher alguma, em dias de sua vida, numa fusão integral de almas e de corpos...

O mundo é dos espertos – pensava – e para que mourejara ele a acumular milhões, à custa duma tenacidade desassombrada e titânica?

Certo não fora para desbaratá-los ao pano verde ou aos bordéis; mas uma vez assegurado um pecúlio à filha, era justo que lhe coubesse a ele uma parcela de gozo terreno, de sadio epicurismo.

Far-se-ia amante de Gina, e eram ambos suficientemente prudentes para que soubessem guardar as necessárias conveniências sociais; depois, se se certificasse de que ela era merecedora duma situação definitiva, dar-lhe-ia de bom grado.

Glorinha, esta só poderia lucrar com isso, pois passaria a ter junto a si mais uma pessoa afeiçoada, a querer-lhe bem, a zelar por ela, a completar-lhe a educação de mulher, com as instruções que só as *irmãs casadas* sabem dar...

E Eduardo sentia-se já nos braços de Gina, aqueles braços ideais, a um tempo venusianos e tentaculares...

Mesmo prelibava, na febre da excitação, a doçura dum *ménage*, com pequenos cuidados caseiros, com espanadelas de *paradis* pela cara, em noites de *Municipal*.

Quando, porém, neste desenrolar de conjecturas, repontava uma cabecinha loira de pimpolho – era a ideia da prole que o assaltava, como um fantasma, associando-se logo à noção desconcertante da própria incapacidade física.

Eduardo sucumbia à miséria da carne em falência, a adverti-lo da inexequibilidade de todos esses belos sonhos de ventura...

E gelava em suores ante o horror dum fracasso de alcova; e deliberava não ir ao chá da condessa.

Mas isso importaria numa capitulação tácita, quase covarde, à simples hipótese dum contratempo quiçá remediável. Depois o recurso da medicina, para que ainda não havia apelado, poderia, talvez, remover aquele entrave à felicidade que antevira.

E todas as suas esperanças passavam a repousar na competência clínica do Angenor Porto.

***

Não se poderia dizer que esta noite mal dormida houvesse sido boa conselheira de Eduardo; e a prova disso estava na resolução com que o velho celibatário enfiou as chinelas, quando, às primeiras horas da manhã, pulou da cama para meter-se em baixo do chuveiro.

Amanhecera pálido, estremunhado, a ponto de chamar a atenção da mirradíssima D. Sinhá, que ainda o ameaçou com um chazinho verde, e da Glorinha que meio desapontada, começara o dia dentro de suas habituais ocupações, numa naturalidade muito mal simulada, em que havia, de vez em quando, uns olhos arrasados d'água.

Diferindo dos hábitos, resolvera Eduardo sair pela manhã, antes do almoço, e reclamava com impaciência o automóvel. Todo ele era uma ideia única: correr ao médico, ao seu médico...

***

Uma visível excitação agitava-lhe os nervos de sexagenário, quando, em pé, à sala de espera do Angenor Perto, aguardava a chegada deste velho camarada, que, segundo informara alguém da casa, não devia tardar para o almoço.

A vivenda de Angenor Porto era o que no Rio se podia apresentar como tipo de moradia confortável e elegante. Qualquer peça do palacete, que se tomasse isoladamente, oferecia ensejo de gozo estético, de sensação de bom gosto, de um gosto sóbrio e sadio, regendo a decoração e o mobiliário, num conjugado harmônico de linhas e de cores, salpicadas, todavia, aqui e além, por uma nota rebelde ao estilo, como um sinal de que, no meio daquela meia-luz de ambiência castelã, vivia um temperamento de esteta, é verdade, mas aliado a uma contingência de materialismo cru. Assim é que, mesmo naquela saleta de espera, peça de importância secundária, havia uma certa coerência da composição mobiliária com as decorações murais, e destas com o jogo de tapeçarias. Sob um motivo japonês, tudo ali era Japão: o tapete de ráfia; o grupo de junco oriental, a mesinha e o tamborete de charão; os pequenos etagères de sândalo lavrado; os painéis em seda negra, onde rebrilhavam flores de cerejeira; um outro painel maior, pendente da parede central, onde, sobre um fundo cinzento escuro, esplendia um tigre real, bordado nas cores naturais do felino, e às quais o brilho da seda emprestava um quer que fosse da maciez fulva dos tigres reais; nesse painel eram notáveis a luz de ferocidade que o artista japonês pusera na expressão fisionômica do animal, sobretudo nos olhos, acesos como brasas; e a nitidez surpreendente d'alguns pelos isolados, em eriçamentos de penugens terminais; em suma: uma verdadeira maravilha do brocado japonês. Sobre uma mesinha de charão com marchetaria de madrepérola, dormitava, de perna cruzada, um autêntico Buda de minucioso lavor, em porcelana de Satsuma.

Pendente do teto, uma lanterna japonesa era o único elemento iluminativo, de luz artificial.

Tudo, pois, nesse ambiente seria genuinamente nipônico, se não fora uma pesada estante de imbuia, plantada a um canto da saleta, e pejada de alentados dicionários médicos, grossos tratados de clínica e outras calamidades europeias.

Tal estante, com tal enchimento, era o que havia de mais sorbônico, de mais severamente ocidental; e constituía uma nota destoante da homogeneidade daquele conjunto, onde tudo mais era palha, junco, fibra e seda, tudo muito leve, inteiramente japonês.

E a austeridade sábia daquelas lombadas de ouro parecia como que uma rabona de alfaiataria londrina, perdida entre a leveza dos quimonos de seda inconsútil; como que um volume de Humberto de Campos esquecido ao banco duma sacristia.

Eduardo, sempre de pé, pois a excitação e a impaciência não o deixavam sentar-se, olhava em derredor, maquinalmente; para ele, tudo quanto ali estava não era mais do que a superfície impessoal duma cousa única – o seu caso.

***

Poucos minutos esperou. Angenor surgiu esbaforido, enxugando o pescoço alagado.

– Então, Marinho, que é isso? Por aqui a estas horas? Alguma cousa grave lá pela tua casa?

– Alguma cousa de muito grave, mas não lá pela nossa casa.

Eduardo, rebocado pelo médico para a sala da biblioteca, foi logo pondo ao conhecimento dele o motivo porque o viera incomodar, àquelas horas.

Por mais conciso que pretendesse ser na exposição do seu caso, Eduardo desgarrava frequentemente do fio principal, em digressões tendentes quase sempre à justificação, pela lógica, do que era evidentemente ilógico, e às quais o médico punha termo com um sorriso significativo, em que se adivinhava um aparte assim:

– Deixa disso, meu velho, arreia a trouxa e conta a história; confessa o bruto *béguin*...

Eduardo claramente o compreendia; e de pronto, ou retomava o assunto com um: "bem, deixemos isso, e voltemos ao que serve"; ou se erguia, nervoso, argumentador, procurando demonstrar a "ausência de influxo sentimental", assegurando que em tudo aquilo só havia "a humilhação, o amor próprio espicaçado"... De novo um sorriso mudo do Angenor, e toca a falar do que convinha.

Ao terminar a *confissão*, Eduardo resumiu a urgência da sua consulta:

– Como vês, é uma situação angustiosíssima; bem sei quanto toda esta embrulhada te possa parecer risível; mas corri a teu encontro, porque tenho confiança absoluta na tua inteligência e no teu caráter; sei, e não sem provas, que és sinceramente meu amigo...

– Apesar de ser teu médico – pilheriou o Angenor.

Eduardo não ouviu o aparte, porque naquelas alturas ele não ouviria cousa alguma que não fosse a resposta à sua consulta; e concluiu, numa ânsia de réu:

– Prestaste bastante atenção? Que achas? Dize com toda a tua franqueza... Bem sabes que sou médico, não sou de todo alheio à matéria, mas não acompanho o que se tem feito, nem clinico, nem tenho pretensões idiotas. Socorri-me de ti, para ouvir-te como amigo e como médico...

Vamos, podes ser franco...

O Angenor, derreado na poltrona, como que acordara, naquele momento, à sacudidela do senso da responsabilidade. Médico militante, calejado ao contato da dor alheia pela atuação profissional de todo o dia, ele, apesar de sinceramente afeiçoado a Eduardo, ouvira toda aquela história com a atenção com que os médicos ouvem pacientemente o passado mórbido dum cliente, ou o relato dum quadro sintomático, no qual o doente enxerta quase sempre como preciosas, minúcias de absoluta inutilidade para o diagnóstico.

Todavia tinha que responder; e respondeu com o máximo de prudência, dada a delicadeza do assunto.

Depois de pousar sobre a borda do cinzeiro a ponta do cigarro de palha, numa atitude de quem mede cuidadosamente o que vai dizer, começou pausadamente, talvez ainda indeciso entre uma evasiva egoística e uma opinião rude, mas sincera:

– Ouve, meu caro Marinho, já que me pedes franqueza: frisaste bem a feição do amigo; e como tal, nada te devo dizer, porque, em tais situações, os verdadeiros amigos podem achar que seja um mal aquilo, que à parte afetada se afigura como um grande bem.

Como teu amigo, quisera poder demover-te de tais ideias, aconselhando-te a renúncia a tudo quanto desejas neste sentido... mas, afinal, sabes perfeitamente que em tais alturas, conselhos – só aceitarás os que estimularem a tua ideia fixa. Se, com a mais pura das intenções, procurasse eu afastar-te desta ordem de cousas a que te prendes, conseguiria apenas irritar-te os nervos... e nada mais.

Ora, se dessa irritação resultasse algum proveito, ainda seria razoável irritar-te; mas, no estado em que estás, qualquer tentativa dessa natureza é redondamente negativa.

Portanto, como amigo, o que te posso oferecer de útil e aceitável é o meu apoio incondicional e a minha inteira solidariedade à tua dor ou à tua ventura... Se te saíres bem desta entaladela, tanto melhor, serei o primeiro a felicitar-te, serei o Pires Ferreira do caso; se te saíres mal, não te recriminarei por isso ou por aquilo, e procurarei diminuir, como puder, os teus sofrimentos.

Logo, como amigo, é melhor que me cale e continue a ser cegamente, incondicionalmente, teu amigo e camarada, sem conselhos inócuos, sem advertências extemporâneas, sem análises do caso, que é de si, como todos os demais casos deste gênero, inanalisável.

Agora como médico, deixa que te diga: o que pretendes fazer é de uma imprudência inqualificável ...

– Sim, mas eu me refiro...

– Tu não te referes a cousa alguma, senão ao que me contaste, com medo de pareceres ridículo: à tua paixão desesperada pela rapariga ...

– Mas não se trata de paixão, meu velho, já te disse que...

E o Angenor, imperturbável:

– Disseste o suficiente para firmar o diagnóstico do teu caso, e pediste que fosse franco; agora se não me queres ouvir, então já não está aqui quem falou...

– Bem, vamos, continua no que ias dizendo – implorou Eduardo, limpando a testa que porejava em bagas abundantes.

E o médico, reacendendo a ponta chupada do cigarro de palha, reatou no mesmo diapasão, demonstrando, em primeiro lugar o perigo dos processos correntes, empregados por médicos sem responsabilidade, e anunciados por droguistas mercenários, com o fim de estimular o vigor genésico, a energia viril, ou cousa que o valha. Resumiam-se todos esses processos na ação excitante e tóxica de afrodisíacos artificiais, nocivos, que, além de acarretarem um estado de superexcitação mórbida, traziam ainda uma série de consequências, de cuja gravidade não se podia sequer aquilatar. E num gesto de desprezo:

– Há por aí, como bem o sabes, uma série de preparados deste gênero, apregoados até em cartazes, anunciados por toda a parte, em letras gordas; e a base de tudo isso já calculas qual possa ser: a cantárida clássica, a jaborandi, a ioimbina, o almíscar, em suma: toda aquela coleção de panaceias do Chernoviz. Portanto, creio que não cometerias a imprudência de recorrer a isso.

E quanto aos processos racionais de rejuvenescimento, o que há de sério está ainda tão embrionário, que não passa de teoria. De vez em quando ouves falar no sucesso de soros opoterápicos, de enxertos, de ligaduras; os jornais berram, fazem barulho, mas tudo bobagem, motivo de sensação. Com os soros já se obtêm alguns resultados, quando se trata de uma debilidade causada por uma afecção passageira.

Mas isso em indivíduos, cuja idade é compatível com a função sexual, com a reprodução.

No caso, porém, das incapacidades senis, como é o teu caso... porque, falemos com franqueza, tu estás forte, sacudido, mas deves roçar já pela casa dos sessenta...

– Sessenta e oito, bico largo, se me faz favor, vibrou Eduardo como costumava fazer, orgulhoso da própria aparência. E depois considerando o momento:

– Sessenta e oito, meu filho! Que cousa horrível, a velhice...

– Ora vê tu, eu te dava muito menos... Mas, como ia dizendo, nesta idade, mesmo o processo dos enxertos, não creio que dê resultado aproveitável; pelo menos com o que se conhece até agora.

– E que me dizes tu dos trabalhos de Voronoff? Eu tenho lido alguma cousa esparsa... Mas, como isso não me interessava, nunca lhe prestei atenção... Que dizes do Voronoff?

O outro pouco poderia dizer além do que conhecia pela leitura. Achava que Voronoff era um tipo de sábio, bem-intencionado, trabalhando no silêncio do laboratório, seguindo raciocínios engenhosíssimos apoiados em detida experimentação, mas que não passavam ainda do terreno da teoria. Conseguira, é verdade, três ou quatro dezenas de casos animadores, enxertando em alguns débeis a glândula genital do macaco, mas tudo não foi mais do que uma reabilitação momentânea, ilusória...

Eduardo, tomando do chapéu, aceitou, sucumbido:

–Está bem, meu caro Angenor, não devo tomar o teu tempo; perdoa tudo isso... Rabugices de velho... Demência talvez... Mas uma demência que, digo do coração, jamais te desejaria...

E o Angenor:

– Que é? Então não almoças comigo? Vais desculpar se não te agradou a *minha* opinião; mas eu te fui franco; a assistência do amigo nestes casos é apenas a amizade, porque a lógica e o raciocínio não argumentam em complicações amorosas... Como médico, só te poderia dizer o que disse, que é, de resto, apenas a minha opinião; daí... Quem sabe? Talvez haja quem te dê melhores conselhos, quem seja mais otimista. E... Já me conheces: consulta a quem bem quiseres, não tenhas escrúpulos, porque eu de modo algum me melindrarei com isso. Falei-te com sinceridade, mas toda a gente erra...

– Ora, Angenor, sabes perfeitamente que nessa cousa de medicina eu só te ouço a ti; mas olha, escuta, não haverá, não me aconselhas por aí alguma cousa que se possa usar sem grande risco, ao menos uma vez?

O médico sorriu maliciosamente, e pilheriou:

– Safa! Não foi à toa que Fausto empenhou a alma ao diabo... Estou vendo que o caso é deveras trágico...

Eduardo, insistindo, sem ouvir a pilhéria do outro:

– Vamos, meu velho, tem paciência, e formula aí uma droga qualquer que me mexa cá com o sangue... Vamos... Será a última tentativa... Ou vais obrigar-me a comprar uma panaceia à primeira botica por onde passar... Vamos, não rias... Eu não quero mais tomar o teu tempo... Vê se engendras aí uma misturazinha a jeito.

– Não sejas imprudente, Marinho... Depois, com estas cousas, eu não creio que consigas senão excitar ainda mais os teus nervos já tão prejudicados... Porque não formulas tu?

– Queres pôr em evidência o meu completo esquecimento dessa coisa, e sobretudo o meu atraso em matéria de medicina... Vamos, tem um pouco de boa vontade...

– Bem, vá lá; mas não desapontes se a droga falhar.

E entregou a Eduardo uma receita, perguntando, polidamente:

– Vê lá se concordas com esta composição; é uma fórmula antiga do Torres Homem ... Dizem que não é má de todo; experimenta... Mas antes de tudo vamos almoçar, anda.

Não, Eduardo não iria almoçar; que o desculpasse o Angenor da maçada e da recusa.

E guardando o papelucho com fé:

– Ah! Ó Agenor; dize-me cá: dentro de que tempo, aproximadamente, começará a tal droga a produzir efeito?

– No máximo 4 horas... Se nesse espaço não houver sinal de vida, – adeus, berimbau! Desiste da empresa...

Eduardo tirou, impudicamente, o relógio da algibeira: meia hora depois de meio-dia... Não olhou mais para trás; e saiu desabalado.

***

Era num dos tremendos dias de verão do Rio de Janeiro.

Em frente ao portão do palacete estacionavam duas *limusines*, refulgindo ao sol; uma delas era a de Eduardo. E foi esta que rolou, silenciosa, pela rua Farani, rumo à praia de Botafogo.

Angenor, que, acompanhara o amigo até o patamar da escada lateral, e permanecera na varanda da *terrasse*, ainda o viu bater a portinhola do carro. Depois recolheu, apreensivo, à sala do almoço, concluindo de si para si:

– É positivamente um caso perdido...

VI

Enquanto um sol escaldante de estio inundava o espaço, a natureza, a cidade; doirando a poeira suspensa na atmosfera, embalsamando a fronde da vegetação urbana, faiscando na vidraça da casaria; enquanto lá fora, na rua, tudo era luz, claridade, deslumbramento; – uma penumbra morna e abafada, onde errava um vago cheiro a *héliotrope*, enchia a alcova de Gina Morinelli, a mulher supercivilizada, a condessa dos salões mundanos, a criatura singular, que, àquela hora de sol a pino, ali estava, entre o aconchego do leito macio, dormindo profundamente um sono povoado de sonhos, desses mesmos sonhos que ela sonhava e vivia, na sua vida de grande dama da aventura internacional, para quem o mundo é uma utilidade, a polícia um mau gosto, e o amor uma *pane*.

E tudo, naquela alcova, era um reflexo da personalidade de Gina.

As sandálias de cetim rosa-pálido, atiradas a esmo, um pé disciplinado, junto à borda da cama, outro a meia légua, de sola para o ar, perdido lá para os confins do tapete; a renda preciosa da camisa desnastrada, que, negligente, escorregava pelo ombro, pondo a descoberto uma tentadora nesga de epiderme nua, e mal resguardava a arrogância estuante do seio redondo e níveo; a meia luz indecisa, apenas varada, aqui e além, por um ou outro furtivo feixe de claridade, que a custo conseguia penetrar pela folga do postigo; o vago cheiro a *héliotrope*; o desalento dum *Penseur* de Rodin, em miniatura hedionda, desmoralizado, segurando com a mão disponível a lâmpada de *veilleuse*, que o sono da condessa esquecera acesa até aquela hora; o exemplar de *La Garçonne*, amarrotado à pressão do travesseiro de tufo abundante; a frescura do linho dos lençóis; o banquinho turco; o serviço de *fumoir*, todo em ônix; a longa piteira de âmbar claro – tudo naquela alcova, do chão ao teto, do tapete ao dossel, do abajur de seda roxa ao quimono amarelo, de ramagem negra, abandonado a um canto do divã; tudo em suma, naquele aposento, era, em flagrante simbólico, a vida de Gina Morinelli: desordem, requinte, frivolidade, artificialismo, num paradoxo admirável, num misto de

mocidade boêmia e de consciente beleza, a um tempo meticulosamente especulativa e desordenadamente esbanjada,

E Gina dormia ainda, e sonhava...

Que sonharia Gina àquela hora de sol a pino? Que estranhos fantasmas povoariam aquele sonho de viúva internacional? Duendes bisonhos? Faunos ariscos? Silenos travessos? Trasgos plebeus? Todo um cortejo de entidades pagãs, numa sarabanda confusa, guiado por Dionisos, por Baco, por Pã, ou por qualquer outro libertino do descaramento mitológico? Sonharia Gina com um recanto do céu, onde ela, castíssima, com toda a pureza dos seus quinze anos, se entreteria a contar à curiosidade das onze mil virgens as cousas que mais a encantavam, na rua Líbero Badaró?

E se sonhasse?

Na primeira hipótese seria uma bacante; na segunda uma vestal.

Entretanto Gina Morinelli não era nem uma bacante nem uma vestal; era apenas uma mulher. As bacantes amam, as vestais velam; as mulheres nem amam nem velam, mas apenas choram, e chorando pedem, compram, pagam, gastam, e tornam a pedir, e tornam a comprar, sempre pagando, gastando sempre; e assim casam, e assim enviúvam, e vão para o claustro, e vão para o prostíbulo; sempre chorando, com esse choro que só elas sabem chorar, com esse choro que inflama revoluções, inspira epopeias, e acarreta falências...

Gina acorda, num espreguiçamento felino, em que há uma ondulação sensual de formas impudicas...

A mãozinha nervosa procura qualquer cousa entre os folhos de cassa pendentes do dossel – a pera da campainha.

Marcela acode, interrompendo o folhetim da *Gazeta*.

Marcela, a criada de Gina, era uma criatura dentre as muitas que, na vida, tomaram, ao acaso, o lado mau da encruzilhada; e por isso ela estava ali, empoada, arrebicada, mas em traje de servir, abrindo, escancarando as janelas da alcova da patroa, correndo as cortinas, espanando tudo com a intensa luminosidade daquele dia de sol.

Gina, franzindo as sobrancelhas, cerrava as pálpebras de veludosas pestanas louras, numa defesa reflexa contra o deslumbramento da claridade súbita.

– Que horas são, Marcela?

– Uma e dez, senhora condessa...

E Gina, entalando um cigarro na piteira de palmo e meio:

– Olha, Marcela, hoje vem aqui o homem... O velhote, o das empresas, sabes, não é?...

Marcela sabia; com um sorriso velhaco em que brilhava a perspectiva de gorjetas largas, riscou um fósforo de bajulação ao cigarro da condessa...

E sugeriu, cuidadosa:

– É então necessário telefonar para o homem das flores; as que pus ontem na sala já estão completamente murchas, estão mesmo de todo...

E a que horas vem o príncipe? Se é pro chá, acho bom mandar vir alguma cousa da confeitaria... Que é que a senhora condessa prefere?

A Sra. Condessa não preferia cousa alguma; que o resolvesse a Marcela.

E, atirando uma fumaça a esmo, acrescentou, entre um sorriso intencional:

– Olha, vê se arranjas uns biscoitos, uns bolinhos, em suma: qualquer guloseima que leve chocolate ou amendoim...

Marcela arreganhou uma risada francamente canalha, onde negrejava um dente mestre, encardido de tabaco, solitário, plantado, como uma ruína, na calvície da gengiva obscena.

E com um ar de largamente entendida na matéria, destaramelou, no seu sotaque de alfacinha:

– É o que a senhora condessa imagina; quem vê cara não vê coração.

Aquela aparência de velho não quer dizer nada. Essa coisa de velhos, dá, muita vez, suas surpresas, lá isso dá. Ainda me lembro duma ocasião, foi ainda no Apolo, quando trabalhava lá a Cortes... Um capitão de fragata deu em arrastar a asa à pequena... e aquilo é que era uma troça, no camarim; ninguém o levava a sério, ao velho babão... Ainda assim não se pôde livrar a Cortes duma ceiasita com o chimpanzé... Pois adivinhará a senhora condessa – que isso que lhe digo é verdade, juro-lhe por esta luz que aí está – adivinhará a senhora condessa o que aconteceu?

A Sra. Condessa adivinhou; e, pousando a piteira ao bordo do cinzeiro de ônix, pediu com impaciência as sandálias, o café, o banho, os jornais... E mais teria pedido se a Marcela não houvesse abalado a tratar do café e do banho, deixando o resto para depois.

Gina não esperou pela criada; saltou da cama, irritada, enfiou a sandália que lhe estava ao alcance e saiu, aos pulos, sobre o pé calçado, a apanhar a outra que desgarrara. E quem a visse naquela atitude, a pular em um pé só, sobre a lã do tapete cor de relva, num sacudimento de

ancas e de seios, que tremiam, tersos, sob a transparência da camisinha ligeira – teria tido, de certo, a visão duma ninfa de quadro a óleo, a bailar na alcatifa, em airoso desafio aos faunos lascivos. E foi sobre a leveza deste flagrante impudente de formas e de sensualidade que a solícita Marcela houve por bem apor a densidade conservadora dum felpudo roupão de banho.

***

Marcela era, na verdade, uma das muitas criaturas que não acertaram na encruzilhada. Um dia Marcela, teria vinte anos, perdidos os pais, pô-la a necessidade ao contato da miséria; e então urgia atuar. Certa noite de frio e de fome, teria ela caminhado, a passo medroso, por uma estrada compridíssima, interminável.

Seguia olhando sempre para a frente, nesta marcha batida surda e cega, a que uns chamam *timidez*, e outros *honestidade*.

Súbito uma encruzilhada surgiu diante da rapariga; para a frente era impossível prosseguir, porque uma cancela fechada com trancas de segurança barrava o caminho.

Marcela teria, pois, que escolher entre os dois rumos laterais em que a estrada se bifurcava.

E por um instante deteve-se perplexa. Além, do outro lado da porteira, luzia a cidade das esposas, a cidade das mães, a cidade do lar. E nesse momento, como não teria ansiado Marcela pelo socorro de um anjo bom, que lhe abrisse passagem à cidade ideal, ante cuja visão se extasiava, maravilhada!... Entretanto fora penoso esperar mais, porque aquelas trancas de segurança eram apenas a fome, a urgência improrrogável de alimentação; um alvitre imediato se impunha; e Marcela vacilava, indecisa sobre qual dos dois caminhos laterais deveria tomar.

Aí somente à sorte caberia resolver; a moça atirou ao ar a moeda que lhe restava: – cunho!

E enveredou pelo lado esquerdo do destino, o lado pelo qual chegou a ser criada de Gina Morinelli.

Diante da mesma cancela, escolhera Gina o outro ramo da encruzilhada; e por ele chegou a ser condessa.

Todavia, a diferença hierárquica entre estas duas criaturas não obstava que à hora do despertar, por exemplo, trocassem ambas ideias sobre os assuntos mais íntimos da vida de cada uma; e a condessa, na

despretensão a que obriga a ausência do *rouge*, recorria frequentemente ao conselho da experimentada Marcela. Aqueles que falham na vida são sempre experimentados; a experiência é o consolo da derrota. Os que vencem e triunfam nada têm a experimentar senão o egoísmo do seu triunfo, o qual é intransmissível. Aconselhar-se alguém da experiência de um triunfador equivale a perguntar um cliente a um dentista se ele, dentista, está passando melhor da dor de dentes dele, cliente. Marcela falhara; era portanto uma pessoa experimentada.

***

Após o almoço, Gina, ainda à mesa, embrulhada num quimono de seda azul *natier* com ramagens cor de morango, o cabelo mal enxuto derramado como uma onda de ouro fosco sobre os ombros roliços – afagava com volúpia a *Sultana*, sua gata favorita, que enrodilhada ao aconchego daquele regaço macio, ao contato daquela epiderme fresca e rescendente a *héliotrope*, semelhava uma borla de seda aveludada e negra. Gina, apesar de condessa de Morinelli, apesar da Marcela, e apesar da piteira de palmo e meio, não gostava de cães de luxo. A fidelidade bajuladora desses fraldiqueiros enervava-a. Toleraria, talvez, um vigoroso e eficiente molosso de guarda, em que repontassem alguma ferocidade e muita bravura. Detestava os *Lulus* de cocote, os *King-Charles*, e outras quinquilharias zoológicas, que por aí usam as senhoras sós.

Preferia o egoísmo das gatas de Angorá, com toda a elegância satânica de arrepios e espreguiçamentos, *profiteuses* do carinho ambiente, e despidas de lambimentos piegas e pouco asseados.

Por isso não tinha cães; e amava com um afeto animal a *Sultana*, a gata de longos e sedosos pelos negros, que cheirava também a *héliotrope*.

– Marcela, dá-me um cigarro e a piteira; mas olha, não quero a comprida, não; apanha-me aquela menorzinha, a de espuma; traze também fósforos e cinzeiro. Olha, Marcela, eu hoje dispenso o café; tomarei apenas um cálice de *chartreuse*...

***

E todo o resto daquela tarde de intenso calor tropical foi tempo quase insuficiente para o arranjo da complicada *mise-en-scène* com que a Sra. Condessa de Morinelli aguardava a primeira visita do Dr. Edu-

ardo Marinho, banqueiro, milionário, diretor presidente das Indústrias Reunidas Marinho, e embeiçado aos sessenta e oito anos por uma mulher de trinta; em suma: – o *homem do dinheiro*, completo...

***

Com a pontualidade sôfrega dos enamorados, comprimiu Eduardo o botão da campainha da casa de Gina; o receio de um insucesso naquela perigosa aventura sobressaltava-o. Quis recuar; mas era tarde.

O dentão mestre da Marcela pareceu-lhe como um mau presságio; e ele procurou varrer da cabeça essa ideia, pensando consigo mesmo:

– Superstições... Superstições...

VII

Nessa mesma tarde, à hora em que o dentão mestre da Marcela povoava de maus agouros o coração de velho celibatário – Glorinha, já refeita do choque da véspera, aguardava cheia de ansiedade a visita do bacharel Malheiro; e não descobria na gengiva de D. Sinhá, nem agouros nem dentes.

Glorinha estava nessa tarde mais bela do que nunca. Havia em seus olhos negros de azeviche, esta mesma expressão evocativa que derrama a doçura no olhar das filhas de Israel. Acabara naquele momento a *toilette* do jantar, e, sentada ainda à banqueta do psichê, dava um último retoque ao polimento das unhas, parando de vez em quando para contemplá-las, a reluzirem, como sementes de romã, nos dedos de delicado afilamento.

O pendor que sempre manifestara pelas cousas de arte, e particularmente pelo violino, no que já se podia considerar uma *virtuose*; e a educação que recebera, e que tão bem lhe condizia com o singular temperamento, faziam de Glorinha uma das mais interessantes raparigas do seu tempo.

Era inteligente, viva, brilhante, espirituosa, gozadora da beleza pura, em suma: uma enervação de artista. E se assim era, que espécie de homem deveria calhar à sua afinidade afetiva?

Um tipo apolíneo? Um espírito brilhante? Um esteta?

Não; nada disso; todos esses motivos de afinidade teriam uma razão de ser. E em questões de amor não há razões de ser; se assim fora, não se compreenderia como Glorinha, rodeada de criaturas que possuíam todas ou várias das qualidades pelas quais lhe eram afins, se deixasse embeiçar, como se deixou, por um bisonho bacharel Malheiro, que podia ser portador de preciosos dotes de caráter mas que, no fundo, não passava de um poeta de acróstico, com uma memória excelente e uma caligrafia ainda melhor, em suma: um besta...

Todavia era ele o primeiro afeto de Glorinha; ela o sentia como o caso de estreia de sua vida de mulher. Assim a maledicência das Cavalão Rabelo a magoara, picando-a de ciúmes; e por isso ela sofrera, e por isso ela chorara; mas a uma simples troca de promessas, pelo telefone, entre palavras cheias de ternura, (o bacharel era terno) cicatrizara milagrosamente a ferida; e a moça teve o seu coraçãozinho enamorado transbordante de um indizível bem-estar; veio-lhe como que uma intensa alegria de viver, uma volúpia intima em perdoar, perdoar muito, perdoar tudo, até mesmo à parceria Fortunata & Filha, à qual já procurava defender contra as ameaças de D. Sinhá.

Seria, pois, integral a felicidade de Glorinha, naquela tarde de calor, se lhe não reboasse, de vez em quando, no pensamento, a badalada pendular de uma apreensão surda que, de certo modo a inquietava: – o caso do pai com a Morinelli.

E perguntava, pensativa, à experiente D. Sinhá:

– Que é que acha a mamãe do caso do papai?

A mirrada senhora não achava cousa alguma. A menina já não era uma criança, e poderia perfeitamente calcular o fim daquela complicação. Se a condessa fosse realmente, qual parecia, pessoa de respeito, só pelo casamento aceitaria qualquer ligação mais íntima; e nesse caso Eduardo teria, de certo, a prudência e o bom-senso de não se meter em funduras, naquela idade, com uma rapariga da idade e do temperamento da Morinelli; se, entretanto, o velho se certificasse de que a cousa ora outra, então seria ele bastante esperto para não se deixar levar por uma aventureira.

D. Sinhá não podia aceitar a existência de uma inclinação sincera da condessa por Eduardo. Ele já estava um tanto madurinho para inspirar paixões; e ela suficientemente viúva para tais pieguices. Logo, somente duas hipóteses seriam prováveis: ou a Morinelli recatada, honesta, mas egoísta, descobrira em Eduardo o homem que lhe emprestaria, com vantagem, um nome e uma gerência à viuvez dos dinheiros dela,

ainda com a perspectiva de nova herança por morte do velho, e portanto: casório no caso; ou a Morinelli desonesta e condessa, já havia metido o pau à herança do banqueiro, e armava o pulo a Eduardo, facilitando-se-lhe manhosamente, o que de certo não ficaria lá muito baratinho aos cofres do celibatário. Ora, a qualquer dessas duas armadilhas o homem saberia fugir, com aquele senso prático sobejamente demonstrado em quase meio século de luta pela vida.

Além disso, não era muito do caráter de Eduardo essa coisa de aventuras amorosas. Logo, não havia motivo para receios.

E enquanto a mirrada senhora prosseguia nesta série de considerações, quase sem tomar fôlego, sentada à borda da otomana, com os olhos fixos no crochê – Glorinha, rematando maquinalmente o polimento das unhas, já não pensava mais no caso do velho; assaltara-a, naquele instante, uma súbita desconfiança; e articulou, pousando no estojo o brunidor de camurça:

– Acredita a mamãe que o Flávio esteja vendo em mim apenas um bom partido?

A velha, desapontada ante a pouca atenção com que era ouvida, cravou repreensivamente na pequena o olho enorme, pavorosamente aumentado através do vidro de forte grau; mas logo retomou o crochê, resmungando :

– Está-se falando duma cousa e vens tu com outra muito diversa...

– Não, mamãe, eu estava prestando atenção ao que você dizia... mas você falou em negócios de herança, de dinheiro, e eu fiquei pensando nisso... Quem sabe se o Flávio não me procura simplesmente com o sentido no que nós temos?

– Oh, filhinha, o teu caso é completamente outro; tu és nova, és bonita, és inteligente, mas o Dr. Malheiro também é um rapaz moço, bem colocado, e, pelo menos ao que parece, não creio que seja um interesseiro vulgar...

É preciso que não comeces por fazer mau juízo das pessoas das quais só tens boas referências... Depois, deves notar a discrição com que ele procurou aproximar-se de ti. Tinha todas as facilidades, era advogado de teu pai, e no entanto foi sempre comedido nas suas visitas, e continua a ser escrupulosíssimo na manifestação de suas intenções a teu respeito.

– Ainda hoje, ao telefone, quando me pediu licença para visitar-me, quis primeiro saber se o papai estaria hoje à noite em casa... – lembrou Glorinha, corroborando.

A velha suspendeu o crochê, e saiu, a tomar uma pitada de bicarbonato de soda... aqueles paios ao almoço fizeram-lhe uma azia de matar; mas voltou imediatamente ao crochê, entre caretas e engulhos, repondo os óculos, após vigorosa limpadela. Glorinha continuava sentada à banqueta do psiquê, completamente absorta na sua grande, na sua imensa felicidade. Da imaginação já lhe haviam, naquele instante, desaparecido todos os receios, esses corvos erráticos da sensibilidade, que, impertinentes, crocitavam, a espaços, sobre a sua ventura. Um silêncio absoluto, naquele aposento, como que respeitava o enlevo de Glorinha, inebriando-a de sonhos que jamais sonhara.

Mas esse silêncio, esse curto instante de alheamento, que, para Glorinha, era como que uma nesga do paraíso, entrevista a custo, dentre as asperezas do mundo material, foi subitamente, irreverentemente, interrompido pela campainha do telefone, que retinia.

E logo em seguida uma vozinha de taquara rachada se fez ouvir; era a Mariana, que, junto à porta da sala de jantar, avisava à menina que o doutor desejava falar.

Glorinha correu ao telefone; e D. Sinhá que ficara mais ou menos atenta, ouviu, lá do quarto, a voz de Glorinha que disse apenas isso:

– Alô! É papai? Donde está falando, papai? Você vem já para casa?

– ...

–Eu já estou boa, papai; mas olhe, você vem já?

– ...

– Oh! Por quê?!... Não me diga isso, papai, pelo amor de Deus...

– ...

– Bem... pois sim... até logo, papai...

E Glorinha pousou lentamente o fone no gancho, e voltou para o quarto com uma carinha onde se estampava uma visível contrariedade.

– Que é que há, minha filha? – acudiu, assustada, D. Sinhá, erguendo-se num sobressalto, deixando cair o novelo de *macramê* que desandou a desenrolar-se perdidamente, pela otomana, pelo tapete, pelo assoalho, indo enfiar-se lá para debaixo da cama. – Que é que houve com o doutor, dize, anda, que eu já estou ficando nervosa...

O olho enorme esbugalhara-se-lhe numa expressão de legitimo terror.

E insistia:

– Vamos, filhinha, dize, que é que te disse o papai?

– Nada, mamãe, não disse nada; disse apenas que não vinha hoje para o jantar; que jantaria na cidade com o Pires Brandão; disse mais

alguma cousa de que já me esqueci... parece que tem uma conferência... não sei; sei que não vem jantar...

Não vem jantar; agora que juízo irá fazer de mim o Flávio? Perguntou-me se papai estaria hoje em casa... Eu lhe disse que sim... Vai tomar-me por mentirosa...

D. Sinhá, ao inteirar-se do que tão visivelmente contrariara a rapariga, desabafou num suspiro de franco alívio, no qual havia efeitos patentes do bicarbonato de sódio. E contendo, com a mão à boca, a efusão de outros suspiros igualmente suspeitos, ficou parada, no meio do aposento, com a respiração suspensa e a mão disponível espalmada contra o peito, como para evitar que lhe saltasse fora o coração.

Depois, caindo derreada na otomana:

– Safa! Ainda me matas com os teus histerismos... E então isso é lá motivo para um espalhafato desses? Que tem de mais que teu pai não venha? Se não vem é que não pode... e está acabado... Ou estás aí a esconder-me alguma cousa?

Glorinha, compreendendo a aflição da velha, veio para junto dela na otomana, sossegando-a:

– Tem razão, mamãe; não havia motivo para que me aborrecesse, mas, que quer? Estou muito nervosa... depois é tanta cousa junta... Achas que devemos prevenir ao Flávio que o papai avisou que hoje virá mais tarde? Que achas?

D. Sinhá continuava a não achar cousa alguma; apenas ainda um tanto oprimida pelo flato, agachava-se a custo, tentando apanhar com um esforço incrível o novelo de *macramê* que rolara para baixo da casa.

E de lá do chão, numa voz ofegante e abafada:

– Oh, filhinha, então não é bastante a minha presença para receberes a visita do moço? Credo, estou te estranhando, palavra. E enrolava o *macramê*, a espaços, parando, para ir desembaraçar o fio que, no trajeto do novelo ficara preso ao pé de um móvel ou à franja do tapete.

Glorinha chegara-se ao espelho da penteadeira para recompor o pó de arroz, quando a campainha do telefone novamente retiniu.

Largando maquinalmente o arminho, Glorinha aventurou, caiada de pó de arroz:

– É o Flávio, mamãe; deve ser o Flávio; é que com certeza esteve com papai, sabe que ele não vem cedo, e desculpa-se...

Nestor avisava à porta entreaberta que era "seu doutô", outra vez.

D. Sinhá foi ao aparelho.

Era Eduardo que tocava para prevenir de que se o Gonzaga aparecesse por lá, ou telefonasse, pedissem-lhe que fosse até à Brahma, pelas dez horas, onde ele, Eduardo, o esperava.

– E a que horas o doutor estará de volta?

– Por quê? há alguma novidade? Como vai passando, Glorinha?

Não havia nada; apenas D. Sinhá queria saber se poderia recolher-se cedo, pois estava cansadíssima.

Glorinha jantou mal e ás pressas, estremecendo cada vez que a campainha do portão retinia; quase sempre era um estafeta que trazia telegramas retardados, ainda do aniversário.

Às oito e meia em ponto, o bacharel dava entrada na sala de jantar.

Tudo ali, naquela visita, era de uma banalidade insuportável.

O insípido bacharel Malheiro, sentado sob medida para não amarrotar o friso da calça, dizia sandices sentenciosas, entre citações de Camilo.

Glorinha ouvia-o, embevecida, mesmo perdoando-lhe os acrósticos.

Aquela mulher de espírito, que nunca levara a sério a parvoíce do *tête-à-tête* e do madrigal lamecha; aquela rapariga cuja alegria sã irradiava sempre uma jovialidade irrequieta e cintilante – chocava agora, passivamente, um namoro imbecilíssimo, onde orneavam frases de Camilo e decrépitas anedotas de almanaque.

E o olho enorme da mirradíssima D. Sinhá esgazeava-se mais do que nunca, através dos óculos de forte aumento, como se a experientíssima senhora procurasse ver, com o auxílio daquelas poderosas lentes, não a compostura e o comedimento daquele namoro, mas apenas que espécie de atrativo teria achado a sua Glorinha na figura daquele estafermo bacharelático, que para ali estava a dizer as coisas mais desinteressantes deste mundo...

VIII

O *five o'clock* em casa da condessa de Morinelli fora para Eduardo o mais desolador dos fracassos.

A despeito do intenso trabalho de autossugestão, e a despeito da receita do Angenor Porto, as pretensões do velho enamorado haviam falhado miseravelmente.

Sobre a susceptibilidade do amor próprio, sobre o ardor da paixão irreprimível, desabara-lhe o ridículo daquela falência, como um arranha-céus de vinte andares, soterrando, ao peso dos escombros, a última ilusão do desventurado sexagenário.

E ele que tão bem sabia dissimular aos olhos de toda gente os mais sombrios estados d'alma, os abalos mais violentos, na sua vida de homem de negócios – não se sentia, naquela noite, com ânimo de tentar, sequer, uma reação ao desalento que o prostrara.

Eduardo estava positivamente sucumbido, numa deplorável desarrumação de nervos; o físico mesmo o demonstrava.

Seriam aproximadamente onze horas da noite, quando o Gonzaga o foi encontrar ao restaurante da Brahma.

Jamais o vira tão acabrunhado.

O cinzeiro em que se amontoavam, a granel, pontas de cigarro e de charuto; a pilha já bastante alta de pires de chope, e o resto de cerveja que ainda espumava ao fundo do copo duplo – tinham, à mesa daquele homem sóbrio e temperante, uma triste significação.

– Então, príncipe – fez o Gonzaga – que é que há lá pelos teus lados? Toquei para tua casa, e de lá me deram um recado cheio de complicações...

– Nada, filho – respondeu o outro, numa voz arrastada, abandonando o vespertino que lhe rolava entre as mãos, sem interesse – nada demais. De resto, eu hoje devo estar insuportável... Ainda pior do que ontem... Mas, que queres? Aborrecimentos, decepções. Tem paciência, aguenta-me como melhor puderes, e empresta-me um pouco do teu bom humor... Como vai a peça? Casa boa hoje?

E o Gonzaga, visivelmente apreensivo:

– Vai indo, vai indo, mas olha: que é que tens que estás com uma cara um tanto esquisita?... É capaz de ser a tal duquesa... Duquesa? Não, condessa... Mas que é que te aconteceu, afinal?

Eduardo atirou a ponta do charuto ao cinzeiro, e acendeu incontinenti um cigarro; e para o Gonzaga:

– Que é que tomas? Chope?

Gonzaga tomaria qualquer cousa. Veio o chope, para ambos.

– Mas que é que ha? Desembucha, homem de Deus – insistiu o Gonzaga, filando um cigarro ao amigo.

O velho, na ânsia de um largo desabafo, entrou a despejar sobre o outro a história da complicada aventura daquela tarde.

E contou tudo.

Falava à meia voz, lentamente, pausadamente, mas sem parar. Era bem possível que no arrastado da língua trôpega, tivessem grande responsabilidade as libações repetidas a que se vinha dando até àquela hora da noite.

Em meio à narrativa sucediam-se, quase ininterruptamente, lances amargos de desespero e de revolta, que o levavam a altear a voz; e cabeças curiosas, de outras mesas, voltadas para a mesa dele, faziam-no retomar o tom de discrição e reserva.

Gonzaga, cravando no amigo, o olho agudo, ouvia tudo aquilo com paciência, mesmo com interesse; e na sua carinha de Rabelais de terracota, esboçava-se, a espaços, um vago sorriso, misto de piedade e de ironia, um sorriso que muito semelhava o do Angenor, quando Eduardo lhe fora pedir a *receita*...

O velho compreendia nitidamente o alcance desse maldito sorriso, e a custo conseguia conter a indignação, ante a carga de ridículo que lhe desconchavava o respeito de si mesmo, fazendo-o perder de todo a linha, achatando-o.

Havia, de vez em quando, umas escabrosas minúcias de alcova, que repontavam como parênteses de apoteose à formosura e à graça de Gina Morinelli. A esses amáveis parênteses, um lampejo de luxúria incendiava os olhinhos pretos de Gonzaga; e o vago sorriso de ironia, que semelhava o sorriso do Angenor, abria-se-lhe então um outro sorriso de refinada malícia, onde se espelhavam reconstituições mentais muito picantes, traduzidas, não raro, num aparte canalha, murmurado entre expressivas piscadelas de olho.

Eduardo, irritado, repelia a piada; e o Gonzaga rematava, acalmando-o:

– Mas, meu velho, tu estás vendo nisso um bicho de sete cabeças!...

A comoção forte pode ter concorrido para o *desastre*. Entretanto, porque não dás um tiro nessa coisa? Olha, queres que te diga?

Tu estás num destes estados em que de nada valem advertências ou conselhos; mas eu tenho cá para mim que a tal condessa arma em cima de ti apenas um plano, como os muitos que ela deve ter concebido, e continuará a conceber, enquanto houver gente de boa-fé, como tu.

Eduardo reparou no garçom que passava, afobado, levando à mesa vizinha uma canja que fumegada, em terrina de metal branco. E interrompendo o sermão do amigo:

– Queres comer alguma cousa, Gonzaga? Eu vou ver se tomo uma canja. Hoje não jantei. Mal saí da casa da rapariga, meti-me num auto, e

mandei rodar, rodar sem destino. Não sei quanto tempo se passou nessa pilhéria; sei que estive algum tempo com o Rafael Pinheiro, à porta do *Trianon*, e vim esperar-te aqui, às dez horas, mais ou menos; de sorte que não jantei, nem tenho vontade disso; mas sinto que preciso tomar algum alimento. Vou mandar vir uma canja, que é mais fácil de engolir. E tu, que é que tomas?

Gonzaga pediu a carta ao garçom.

E quis *camarão ao molho de rémoulade*.

A loquacidade do Gonzaga, que pontificava sobre a inexistência do sentimento afetivo em viúvas moças de banqueiros velhos, não resistiu à presença dos camarões. Ainda algumas palavras graves saíram entre mastigos, desmoralizadas; e depois a filosofia resvalou para a indigestibilidade dos camarões. Eduardo inapetente, desfibrando com preguiça uma asa de galinha insulada na canja gorda, começou por não tomar a canja, e acabou por não comer nada. Uns goles de cerveja, e esperou, silencioso, que o Gonzaga se desobrigasse dos camarões.

E o Gonzaga desobrigou-se.

Escolhida a sobremesa, Eduardo ensaiou ainda umas lamentações contra a atrocidade da velhice, num mundo em que há mulheres novas e belas; e o Gonzaga ia replicar com robusta argumentação de subida transcendência, quando uma fatia decisiva de queijo chester, fez obstrução à réplica. Ao café, já os criados do restaurante fechavam as portas, arreando com estrondo as cortinas de aço.

Raras eram as mesas onde ainda havia fregueses.

A um canto, um sujeito muito alto e vermelho, metido num amplo costume de brim branco, chupava desesperadamente uns aipos. A uma mesa do centro, uns moços de paletó cintado fumavam com displicência, ao lado duma atriz da Velasco, horrendamente pintada, e atracada, com as duas mãos, a um felpudo caroço de manga, já no bagaço.

Eduardo levantou-se, pensando em telefonar para casa, avisando de que se demoraria ainda. E consultou:

– Que achas, Gonzaga? Talvez me fizesse bem um passeio a pé, por aí fora... Mas é bom telefonar antes para casa...

– Deixa disso, camarada! Já queres complicar tudo... Toma teu auto, e vai dormir, que isso passa. Já é muito tarde, e o teu pessoal deve estar alarmadíssimo. Uma hora da madrugada, no meio da rua, para mim, é dia; mas tu não estás acostumado a estas violências, e isso só te pode prejudicar mais a saúde e o espírito.

Depois, em casa, o teu pessoal começa a estranhar essa cousa de chegares a estas horas, e é pior. Porque, em última análise, tudo isso não vale nada. Estás para aí a fazer um cavalo de batalha dum caso que em si não tem a mínima importância.

Para mim, se não fora esse teu estado de fraqueza, não te enrabicharias tão facilmente pela cavalheira... O que tens é um forte *surmenage*. Trabalhas demais, e te esgotas, e ficas com uma sensibilidade exagerada.

Eduardo insistia, num gesto de impaciência.

– E tu a dares com essa mania de rabicho, de paixões e de outras tolices... Aqui não se trata de paixões, nem de *béguin*, nem de cousa alguma que com isso se pareça. É única e exclusivamente uma questão de amor próprio, ora bolas... Sabes perfeitamente como eu costumo encarar essa cousa de mulheres; nunca lhes liguei a mínima. Sei, não sou nenhum imbecil, sei que esta história de hoje não passou afinal de uma pretensão ridícula; mas que queres?

Desapontei. A gente se acostuma a sair-se sempre bem das empresas, e lá vem uma cousa destas...

–Estás ruinzinho, camarada; a bicha soube cavar... mas não creio que estejas falando sério... – fez o Gonzaga, entre um sorriso irritante.

Haviam caminhado um bom pedaço.

As carroças da Limpeza Pública rolavam já pelo asfalto, espadanando agua, que os varredores varriam para as sarjetas.

Os dois amigos pararam quase em frente ao *Municipal*.

Àquela hora, raros eram os automóveis que estacionavam na Avenida. A viva incandescência das lâmpadas eléctricas, refletida sobre o asfalto molhado, espelhava-o de cintilações multicores, numa bizarra orgia de luz.

Excetuando-se o alpendre da Galeria Cruzeiro, e a porta de dois ou três cafés, que se conservavam abertos até àquela hora, todo o resto da Avenida estava mais ou menos deserto.

Notívagos, de roupa clara de verão, passavam, de piteira fumegante, pairando, em atitude distraída.

Duas raparigas, no passinho e no à vontade useiro das *cocotes*, surgiram do lado da rua dos Barbonos, falando alto, numa voz anasaladamente francesa...

E o Gonzaga, deitando às duas alegres passeantes o olhinho muito preto, muito vivo:

–Estás vendo? Discutem provavelmente o preço do franco; há de haver por aí, no mínimo, dois imbecis que se perdem de paixão por estas duas criaturas...

– Obrigado, resmungou Eduardo, tomando a carapuça de "imbecil".

E o outro, procurando suavizar o efeito da gafe irremediável:

– Ora, bem sabes que não me refiro a ti; nem o disse intencionalmente; apesar de que, neste capítulo, toda a gente é mais ou menos imbecil...

– Tens razão, Gonzaga velho; um homem que consegue chegar à minha idade, é sempre um imbecil...

– Deixa disso, Eduardo; não faltava mais nada, vires com suscetibilidades, para cima de mim, a estas horas...

De resto, vamos que eu te julgue um imbecil? Achas que seria muito injusto? Conhece-te sabe Deus de quando, tive-te sempre na conta de um excelente camarada, dum homem de espírito, dum cabra sarado, que não ia assim na onda, com duas razões, em suma: dum homem que conseguiu embrulhar o Pereira Carneiro. De repente, vejo-te metido a conquistador de viúvas, e danado da vida porque já não aguentas tempo... Ora, hás de convir em que o caso não deixa de ter a sua graça. Posso lá levar a sério essa cousa, homem?

Ou estás aí a fazer *blague*, ou estás muito doente...

Voltaram a passo lento, em direção à rua Chile, onde estacionava a *limusine* de Eduardo.

–Bem, vê se apareces amanhã lá pelo escritório – fez Eduardo, já de dentro do carro, aboletado na almofada, enquanto o *chauffeur* sonolento mantinha aberta a portinhola. Gonzaga, espichando o pescoço para dentro da *limusine*, desculpou-se; não contasse com ele no dia seguinte; era o dia de sua récita d'autor. E ainda sugeriu:

–Olha, Eduardo, queres um remédio para o teu *spleen*? Vai amanhã à segunda do Trianon; a ti far-te-á bem uma hora de distração...

Vai, e leva a pequena... Eu mandarei reservar uma boa frisa...

Eduardo ia ver. Que telefonasse para o escritório à tarde.

E despediram-se.

O *chauffeur* bateu a portinhola com a reverência dum trintanário, e a limusine rolou, vagarosamente, sobre o asfalto úmido, em direção à rua de São Francisco Xavier.

***

O choque formidável que aquele desgosto vibrara na sensibilidade de Eduardo, fora superior à resistência habitual com que o velho sexagenário costumava aparar os golpes da adversidade. E Eduardo sucumbira.

Os dias que se seguiram à enorme contrariedade passavam, para ele, lavados pelo mais absoluto desinteresse por todas as cousas deste mundo. Com o abalo pusera-se-lhe em evidência a ferrugem latente da idade e do *surmenage*.

Eram horríveis os seus padecimentos; curtia noites a eito de insônia, varado de dispneia; e os efeitos morais do *desastre*, de tal forma lhe transtornaram os nervos que as pessoas mais intimas chegaram mesmo a temer pelas consequências de tão graves acontecimentos. E quem mais sofria com esta ordem de fatos era Glorinha, que não desconhecia a atuação de Gina Morinelli na imensa dor que mortificava aquele homem, em quem ela se habituara a admirar, com explicável orgulho, a envergadura dum titã.

Eduardo começava já a faltar ao escritório, o que jamais acontecera desde que ela tivera compreensão mais ou menos nítida das cousas.

Tornaram-se frequentes as telefonadas da Empresa para a residência, em horas de expediente, à procura do diretor. Glorinha passava então o resto da tarde num sobressalto, que só se dissipava quando o pai aparecia, não raro a alta hora da noite, muito acabrunhado, e até cheirando a álcool.

Houve mesmo uma noite de alarme, em que Eduardo voltou à casa passando mal, sob frequentes desfalecimentos e pulso desordenado; viera trazê-lo, também muito pálido, o Gonzaga. Glorinha, aflitíssima, chamara o Angenor Porto, rogando-lhe, desesperada, que viesse com a maior urgência.

Minutos após o médico, já à cabeceira de Eduardo, pedia à moça que saísse do quarto, por um instante; e a porta fechou-se sobre ela, com a prepotência de um destino. Glorinha foi para junto de D. Sinhá, cujo olho enorme, aumentado através do vidro de forte grau, tinha a expressão dum imenso pavor; e lançou-se-lhe aos ombros magros, chorando convulsivamente.

Que haveria de maior com relação a Eduardo, que ela, que não era mais uma criança, não podia ouvir, não podia assistir? E essa reserva do médico a afligia, como o sinal duma grande desgraça. Súbito, porém, a noção dos detalhes crus da intimidade masculina passou-lhe pelo espírito atormentado, como uma rajada de alívio. E não se continha em pensá-lo; mesmo o dizia:

– Com certeza eles preferem estar mais à vontade, porque afinal uma moça sempre se acanha com certas cousas, não achas mamãe?

A mamãe achava.

E ela insistia:

– Não há de ser para esconder de mim qualquer cousa sobre o estado de papai, porque eles sabem perfeitamente que a mim é que terão de dizer o que for, o que houver, não te parece, mamãe?

À mamãe lhe parecia; e a mirrada senhora acrescentava, afagando a moça com o braço de esqueleto:

– Precisas ter paciência, minha filha. Querias então que eles desandassem a examinar teu pai, à vontade, na presença duma moça? Só se não houvesse mesmo outro remédio. Tu sabes, eles são homens, têm lá as suas conversas; e o Dr. Angenor é muito delicado...

A campainha do portão retiniu. Nestor, para ir ver quem era, teve que passar pela copa, onde elas estavam. Glorinha ordenou que não fizesse entrar pessoa alguma, fosse lá quem fosse. Que despachasse lá fora mesmo; que todos da casa estavam para o teatro, e só voltavam muito tarde; enfim, não estavam os patrões.

Nestor saiu, obediente, pé ante pé, como que respeitando pelo maior silencio, a gravidade daquela hora de angústia.

Demorou-se um pouco. E logo pela imaginação excitada de Glorinha perpassou, numa vertigem, todo um cortejo de pressentimentos maus. Quem seria? Alguém ou alguma cousa que se ligasse ao estado, à doença de seu pai? E mal se continha entre esse turbilhão de conjecturas, quando o trinco da porta da varanda rangeu, e a figura do Nestor, sempre na ponta dos pés, surgiu, dando volta cuidadosamente à chave, para não fazer barulho, com um vagar que irritava a ansiedade de Glorinha. Levantando para o copeiro uns olhos cheios de aflição, perguntou quem era.

– Já despachei, sim senhora; elas, parece, engoliram a história; disseram que voltariam amanhã. Era D. Fortunata com a filha, que vinham fazer uma visita...

D. Sinhá fizera-se verde, mordendo de raiva o beiço ralo. E não pôde sufocar a cólera, que se lhe escapou num desabafo, quase ventríloquo:

– Bruacas...

A porta do quarto de Eduardo abriu-se, ouvindo-se uma gostosa risada do Angenor, a cujo ouvido, o Gonzaga rematava, à meia voz, o desfecho de alguma anedota picante.

– Não era nada demais – assegurava o Angenor ainda risonho, como que saindo do parêntese burlesco da pilhéria para cair no caso de Eduardo – não era nada demais. O homem carecia apenas de repouso.

De resto, não se podia esperar outra cousa; Eduardo vinha abusando muito: não se alimentava direito, dormia ainda pior, uma extravagancia-zinha de bebida, grande abuso de fumo, e o resultado tinha que ser mesmo aquele, isto é, uma intoxicação. Mas não havia a menor gravidade.

– E o coração? – fez Glorinha, em voz baixa, falando mais com o gesto, apontando em si mesma o lado esquerdo do peito.

Estava regular – informou o médico, entre reticências – Já se sabe... Depois dos cinquenta anos não se pode contar com um coração normal; mas não está mau, não está mau...

E receitou qualquer cousa, que o Nestor foi buscar à farmácia, numa carreira.

Voltaram todos ao quarto de Eduardo; ele já estava melhor.

Recostado a uma pilha de almofadas, parecia calmo, e dormitava.

Glorinha levou o médico ao lavabo.

Angenor, enxugando as mãos, reiterava as instruções a respeito do repouso, da dieta, e da medicação de Eduardo; que lhe dessem com a máxima regularidade; mas não o acordassem para lhe dar remédio; se ele dormisse, deixassem-no dormir sossegado. Nada de barulho, nada de perguntas, e pouca gente no quarto.

Nestor apareceu com o café.

– O doutor já jantou? – acudiu Glorinha, atendendo à hora – se não jantou, não faça cerimônia...

O Angenor não jantara ainda, mas agradecia, e desculpava-se; tinha o compromisso dum jantar de aniversário, à rua Senador Vergueiro.

– Nesse caso, antes um cálice de vermute, em lugar do café – sugeriu D. Sinhá, sapiente.

Não, o Angenor preferia o café. O Gonzaga é que foi logo aceitando a ideia da mirrada senhora: um vermutezinho, como aperitivo, seria de fato muitíssimo bem ido.

E veio o vermute, com sifão e gelo.

O Gonzaga, porém, quis apenas o vermute, sem gelo e sem sifão.

E o Angenor despediu-se, prometendo voltar no dia seguinte, pela manhã; que lhe telefonassem, se houvesse alguma cousa de maior.

Gonzaga resolvera pernoitar em casa do amigo, para o que fosse preciso. Já havia jantado, e por isso não aceitava o oferecimento de Glorinha. Que fossem elas, Glorinha e D. Sinhá, tomar qualquer alimento; ele ficaria com o doente.

A moça, porém, não podia sequer ouvir falar em comer; e, desculpando-se, foi postar-se ao pé de Eduardo, em companhia de D. Sinhá.

Gonzaga, apanhando-se só, atirou-se a um dos *maples* da sala de jantar; e deixou-se estar, ali, distraído, de cigarro colado ao beiço, a considerar o bom-gosto do ambiente, onde tudo era de uma severidade britânica: a decoração sombria, a barra verde-negro; os escuros e pesados móveis em estilo *jacobina*; as serpentinas de bronze maciço, guarnecidas de lâmpadas em forma de bastões de porcelana pálida, semelhando velas de cera; a louça azul de Macau, apenas visível ao fundo da credência; tudo muito sóbrio, muito inglês, rigorosamente *Stuart*, puro 1625.

Nestor, sempre na ponta dos pés, para não fazer barulho, apressou-se em saber se o Gonzaga tomaria alguma cousa, uma cervejinha gelada, por exemplo...

O insigne comediógrafo aceitou a cerveja do Nestor, bem geladinha; e preparou-se para beber regaladamente.

Mal enxugara porém o primeiro copo, quando o telefone tocou, abafado com os chumaços de papel.

Nestor atendeu.

Era o Angenor Porto indagando do estado de Eduardo. O preto indeciso, não sabia se devia ou não avisar à menina.

Esta, porém, tendo percebido lá do quarto do pai o ruído da campainha, não tardou em surgir à porta do corredor, toda assustada, pisando cautelosamente, na ponta dos sapatinhos *tête-de-nègre*.

Gonzaga, pilhado naquela atitude de regalo, enfiou. A moça, entretanto, não reparou muito no Gonzaga nem no regalo do Gonzaga. Atendeu ao telefone em voz baixa, quase imperceptível; e pousando o fone, voltou ao quarto de Eduardo, no mesmo passinho silencioso. Só então é que deu com o à *vontade* do Gonzaga; este foi logo fazendo menção de erguer-se; mas a moça notando o encalistramento, do insigne comediógrafo, pô-lo ainda mais à vontade, oferecendo, amável:

– Doutor Gonzaga, se quiser tomar alguma cousa, não faça cerimônia: é pedir ao Nestor.

– Obrigado, Glorinha, não se preocupe comigo. E o *homem*? Está passando melhor? – perguntou ainda muito enfiado.

– Vai calmo; de vez em quando geme, vagamente, mas vai calmo.

E a moça havia apenas acabado de proferir estas palavras, quando passos apressados se fizeram ouvir no corredor. Era Dona Sinhá, que vinha dizer que o doente acordara, e parecia muito agoniado. Gonzaga e Glorinha correram ao aposento.

Eduardo, sentado na cama, estava mais branco do que uma parede. O olhar, como que um tanto amortecido, e o suor que lhe porejava, em

grossas bagas, da testa e do pescoço nu, demonstravam um grande mal-estar. E engulhava, ansiando, vertiginoso.

Glorinha e Gonzaga seguraram-lhe a cabeça tonta, que pendera, num ligeiro desfalecimento.

– Papai, que é que você está sentindo? Hein, papai, que é que você tem? Valha-me Nossa Senhora da Penha! Doutor Gonzaga, Mamãe, chamem já o Dr. Angenor; papai está muito mal... Ah, meu Deus!... Papai! Papai!

D. Sinhá correra ao telefone. Angenor não estava em casa; deixou recado.

Eduardo reerguera a cabeça, e numa voz arrastada disse que ia vomitar.

Ampararam-no; procuravam pô-lo em melhor posição; mas, um engulho mais violento, e lá veio tudo quanto tinha de vir; e foi pela cama, pelo lençol, pelo tapete, por toda a parte; até o paletó do Gonzaga ficou salpicado de com uns grossos respingos.

Parecia impossível que um homem de tão pouco alimento, pudesse vomitar tanto. Havia sobretudo um liquido escuro, que cheirava acremente a vinho azedo, e tingia o lençol.

Todos compreenderam imediatamente a causa da *intoxicação*.

D. Sinhá, com o auxílio do Nestor, conseguiu mudar a roupa que se sujara; e Eduardo, já de novo recostado às almofadas, respirava, aliviado, desfazendo-se em suor.

Glorinha, que saíra a arranjar o chá, voltava com a chávena fumegante.

– É melhor telefonar para o Dr. Angenor, pois, creio que já não seja preciso incomodá-lo – fez ela, morta de vergonha.

E foi dada contraordem. Depois tudo voltou à calma: D. Sinhá ainda tomou um copo de leite; Gonzaga, no *maple* da sala de jantar, enxugava mais uma garrafa de cerveja; e Eduardo caiu num sono pesado, torporoso. Todavia tinha agora melhor semblante, melhor pulso, e já não gemia.

Ainda assim Glorinha não dormiu durante toda a noite, sentada ao pé de Eduardo, abafando a custo o choro surdo que a sufocava.

D. Sinhá fez-lhe companhia; a mirrada senhora, também não arredou pé de junto do *doente*, curtindo com paciência a penosa vigília, sem pregar por um instante sequer o olho enorme, tragicamente aumentado através do vidro de forte grau. Eduardo, de certo, teria sucumbido, se, despertando alta noite, desse com aquele fantasma, plantado diante dele, como uma sentinela do outro mundo, ou como a própria morte, a espreitá-lo.

Nestor, entre cochilos, cachimbava na copa. Mariana, a um canto do tapete, com a cabeça em papelotes, cochilava também.

Na sala de jantar, o Gonzaga, derramado da comodidade do maple, roncava profundamente num sono animal.

***

Eduardo, após a descarga da sórdida vinhaça, dormira sossegadamente, ininterruptamente, até às nove horas da manhã.

Acordou abatido, com um gosto esquisito na boca, e uma sede insaciável.

Acabava de compor sua *toilette* de *doente*, quando o médico lhe apareceu à cabeceira, já informado por D. Sinhá de quanto se havia passado, sobretudo com relação ao vômito denunciador.

Só então teve Eduardo notícia desse triste detalhe; e um abalo de profundo arrependimento sacudiu-lhe o brio, ante o escândalo de uma bebedeira ignóbil, em sua casa respeitável, com o testemunho de sua filha!...

E de todo o desespero que lhe ia n'alma, apenas estas palavras transbordaram:

– Santo Deus! Que vergonha! Que humilhação! Era só o que me faltava!...

Por um instante quedou absorto, meditando na sua grande infelicidade; depois, como que voltando a si do alheamento a que se abandonara, pediu a Glorinha e à D. Sinhá que os deixassem sós, a ele, ao Gonzaga e ao médico. E então, num desafogo, contou aos dois amigos toda a origem daquele desastre.

Todavia, já se lhe não notavam o desânimo e o aniquilamento que o vinham prostrando de uns dias àquela data.

Agora ressurgia, em suas expressões, todo o caráter combativo e todo o vigor moral que lhe eram peculiares. O ar de vencido, de entregue, a que o caso da Morinelli o reduzira; o desinteresse moral e físico em que se deixara levar, até à baixeza da embriaguez – tudo desaparecera ao tranco daquele espetáculo com que afrontara o recato de sua filha, ante a presença complacente de seus amigos, de sua governante, de seus criados...

Não. Não era possível que isso se repetisse; seria melhor morrer. Mas qual morrer, se não tinha esse direito, se pertencia à sua filha, em

cujo espírito penetrantíssimo era preciso restabelecer o seu prestígio de pai e de homem?

E então como que uma onda de brio invadia todo o seu ser. Deliberou reagir. E com um brilho estranho nos olhos rasos d'água:

– Foi um momento de fraqueza... Talvez um pouco de velhice, outro tanto de *surmenage*, uma forte dose de empáfia, de amor próprio exagerado, de vaidade mesmo, decorrente dos êxitos contínuos na minha carreira... Julguei-me forte demais, quis o que não devia querer, e ao primeiro embaraço insuperável, sucumbi... Ou melhor, ia sucumbindo.

Mas Deus é grande, hei de ter força para reagir... Quero reagir... Preciso reagir... Tenho que reagir...

E desatou num pranto surdo, convulsivo, que lhe abafou as últimas palavras.

–Que é isso, Eduardo, você está nervoso... Deixa de tolice... – acudiu o Angenor – Nós todos tínhamos certeza de que você reagiria... Você é médico, e sabe o que quer dizer uma *psicose afetiva*, uma alucinação passional; é cousa passageira, não vale nada...

– Vocês me desculpem, mas tudo isso é efeito da vergonha por que acabo de passar diante de minha filha...

E recompondo-se do pranto:

– Foi bom, Angenor, foi muito bom o que aconteceu...

Vocês vão perdoar a maçada que lhes dei, e não me cubram de ridículo; eu até hoje não me lembro de haver chorado; sei que isso é um sinal de fraqueza; mas que querem vocês? Estou muito nervoso... Também não vejam com maus olhos todas estas cousas que vêm acontecendo nestes últimos tempos... Deve ser, provavelmente, miolo mole, velhice, marasmo senil, e nada mais.

Depois, o deslize dum momento não pode destruir o conceito firmado por tantos anos de conduta equilibrada e correta...

E agora toca a arranjar uma história para remendar, se possível, a camoeca. Vocês compreendem... Glorinha... D. Sinhá... Os criados...

Que horror!... Que desastre!... Que vergonha!... Temos que forjar aí uma mentira qualquer para disfarçar a coisa perante essa gente; ajudem-me vocês, tenham paciência...

– Isso é que é preciso, filho, – fez o Gonzaga. – Estamos aqui trancados sem necessidade, apenas para afligir ainda mais o teu pessoal. Anda, pede qualquer cousa à tua filha e entra com o teu jogo. Faze de conta que tens que intrujar o Visconde de Moraes, com umas ações da

Companhia... E se o fizeres como costumas, é garantido o sucesso...

E sem esperar a resolução de Eduardo, abriu a porta do quarto:

– Glorinha, faça favor, já se acabou a conspiração; mande trazer um cafezinho para a gente, que o Eduardo adere...

E baixando a voz:

– Seu pai declina do açúcar...

– Patife... – rosnou Angenor, pilhérico...

E quando D. Sinhá entrava com o café, Glorinha, já sentada à borda da cama, tomada de súbito contentamento, não podia explicar a mudança que se operara no estado de espírito de Eduardo, e ouvia atentamente, mesmo crédula, a engenhosa patranha que lhe impingia o Rei do Tório.

E a conversa caiu no caso da véspera.

Angenor, com uma naturalidade de pasmar, deu a deixa:

– Mas afinal como começou a tua indisposição?

A Eduardo queria parecer-lhe que lhe fizera mal o almoço; extravagâncias... Dera-lhe na veneta ir comer umas iscas ao *Minho*; e comeu-as; por sinal estavam excelentes...

– Ah, foste ao *Minho*... Fazem-se lá umas iscas muito bem idas – aparteou o Gonzaga, petisqueirista inveterado – O diabo é a quantidade que eles servem ao freguês... Dá para dez pessoas no mínimo...

– Pois fui ao *Minho* – reatou Eduardo – E comigo têm um cuidado todo particular. Mal me aboleto à mesa, e logo corre da caixa o Manoel a saber o que me apetece. Sempre afável o bom do Manoel...

Eduardo achava-lhe uma graça infinita à figura de Sileno de pano de boca, muito vermelho, muito rubicundo, com um nariz onde havia algo de suíno. E que barriga!

Todas as vezes que Eduardo via aquela barriga obscena, acudia-lhe à mente o verso de Junqueiro: "*Que tragédias, meu Deus, naquela pança!...*"

Eduardo raramente ia ao *Minho*. Não é que se comesse lá muito mal; mas o pior era a promiscuidade de frequentadores...

– E a tonelagem da comida, aparteou o Angenor, tirando o relógio... – o Gonzaga tem razão...

– Ah, nesse capítulo *volume*, a comida do *Minho* é um caso muito sério – comentou o Gonzaga, detendo o Angenor – aquela gente argumenta com a quantidade. É um dos motivos porque muita vez deixo de lá ir. É mesmo de tirar o apetite. Pede-se uma fritada de legumes, e eles estendem diante da gente um tapete de ovos de avestruz e folha de bananeira, que cobre meio mundo... É uma desgraça.

E Eduardo reatando:

– Mas, como ia dizendo, é muito pitoresco o Manoel; quando me descobre por lá, abandona tudo quanto está fazendo e corre a servir-me. Ele mesmo vai à cozinha temperar por suas próprias mãos, por suas sábias mãos, o petisco. E é de ver com que fé, com que unção sacerdotal, com que inspiração profética, sugere ele um linguado transcendente, entre um mistério de camarões e de salsa!...

– Bem – cortou o Angenor, pondo-se de pé – o homem está fora de perigo: já começa a fazer *blague*...

Vocês vão dar licença, mas já é hora de tocar pro pau...

Eduardo, detendo-o:

– Espera um momento, camarada: afinal perguntaste como começou o meu caso e eu ainda não t'o disse. Mas, como ia contando, veio-me à telha o desejo das tais iscas, e fui a elas; estavam boas, e creio que abusei. Depois ainda me meti numa perna de cabrito com agrião, e confesso que isso já foi para não desagradar ao Manoel, que m'o trouxera com tanta história... Andei enxugando também uns copos do Pico da casa, verde, que eles têm lá, e garantem como direto. De fato, o tal vinho escorrega lindamente; todavia não bebi lá grande cousa; de resto, habitualmente, bebo pouco. Mas não sei se teriam sido as iscas ou o cabrito d'agrião; o certo é que logo ao chegar ao escritório, comecei a passar mal... e fui cada vez piorando mais, até que me entrou por lá o Gonzaga, que me rebocou para casa. Agora, segundo afirma o Gonzaga, em sua larga e própria experiência, o que eu tive não teria passado dum pifão.

E o Gonzaga:

– Mas, pelo amor de Deus, filho, hás de convir em que na outra encarnação foste negociante de vinhos; estes cavalheiros é que recebem da Europa uma pipa de vinho, e dela conseguem vender no mínimo três pipas; asseguras que bebeste pouco; entretanto vomitaste um bocadinho mais do que pouco...

Angenor despediu-se. Glorinha foi levá-lo até à porta, e dele ouviu que não deixasse sair o pai. O velho tivera uma intoxicação alimentar, e todo o cuidado era pouco.

Sobretudo, pouca gente no quarto; Eduardo gostava de conversar, e encontrando quem desse corda, então ia longe. Ora o Gonzaga não falava menos...

E saiu, pedindo que dessem notícias à tarde para o consultório.

Logo em seguida abalou o Gonzaga. O *homem* já estava pronto para outra, e por isso ia ele à sua vida. À tarde apareceram, como haviam prometido, as Cavalão Rabelo. D. Sinhá, engolindo a cólera que a sufocava, comediu-se por causa do estado de Eduardo; e teve que adiar o *tranco*, limitando-se a mandar dizer pelo Nestor que desculpassem; mas que seu doutor havia passado mal, e ela mais Glorinha estavam aflitíssimas ao lado dele...

O resto do dia correu calmo para Eduardo, entre o sono restaurador e as tisanas de D. Sinhá, que pusera de parte a poção do médico por julgar o caso de Eduardo assaz caseiro, para resistir a drogas.

À noite, dadas as condições do *doente*, que dormia tranquilo, resolveu Glorinha repousar um pouco. Nestor, se bem que se conservasse sempre de sobreaviso, rolou para o fundo da enxerga. Mariana desforrou-se da noite mal dormida, da véspera, atirando-se à cama, mesmo sem desfazer os papelotes.

Apenas uma pessoa naquela casa se conservava sem pregar olho, sem pregar o olho enorme, esgazeado através do vidro de forte grau: era D. Sinhá, que passou toda a noite bufando de raiva, por não ter podido dar o tranco tão ansiosamente esperado, naquele par de camafeus que lá estivera, se bem que por minutos apenas, ao alcance dela... E ela embuchada, devido ao estado de Eduardo, "pedira simplesmente que se fossem, por se achar passando mal o doutor"... E não poder estourar, dizer meia dúzia de coisas àquelas duas bruxas... Que raiva...

Em todo caso, não perdiam por esperar, as tipas.

E durante boa parte da noite levou a mirrada senhora, a rolar na cama, com uma azia de matar, rebentando de indignação, a engolir bicarbonato entre juras de vinganças tenebrosas sobre aquelas víboras, que eram D. Fortunata e sua filha Joanita, a donzela encruada...

IX

Eduardo, muito embora não houvesse recobrado o natural bom humor, melhorara sensivelmente do abatimento moral e físico que lhe vinha desmantelando a existência, desde o chá em casa da Morinelli.

Havia já uma semana que ia com regularidade ao escritório; interessava-se pelos negócios, em suma: vivia.

Era pois o oitavo dia de vida nova, e ele ali estava, plantado à secretária, quando uma carta do Espírito Santo lhe veio trazer um grande aborrecimento.

Dos agentes de Vitória chegara-lhe a comunicação de que um acionista, um tal Maurício Dawidson, se apresentara ao escritório daquela agência, dizendo-se portador de ações da *Monazitics Sands*, reclamando o pagamento dos dividendos acumulados desde 1902.

Como se tratasse de títulos emitidos antes do encampamento da *Monazitics Sands* pelas *Indústrias Reunidas Marinho*, e como Eduardo fora o gerente da companhia naquela data, então, conquanto fosse insignificante a quantia, acharam de bom aviso consultá-lo a respeito, antes de efetuarem o pagamento.

Tal notícia chocara violentamente Eduardo.

Maurício Dawidson, naquelas alturas, era tudo com quanto ele menos poderia contar.

Maurício Dawidson! O pai de Glorinha...

Dele não havia até aquela data, a mais leve notícia, desde quando fugira de Vitória, lesando com um desfalque os cofres da Companhia, e abandonando à sorte a desventurada Ruth, grávida de Glorinha.

Eduardo sabia-o um alcoólatra inveterado; talvez já o supusesse morto; e agora surgia Dawidson, como uma ameaça ao sossego do velho, à felicidade de Glorinha. E um milhão de conjecturas encheu a cabeça do sexagenário.

Que pretenderia Dawidson? Saberia ele por ventura da existência e do paradeiro de Glorinha?

E se o soubesse, que torpeza seria capaz de tentar?

E a ideia de ver descoberta perante a *filha* toda a verdade da filiação dela assaltava o espírito sucumbido de Eduardo, como a iminência de graves dissabores.

Como passaria Glorinha a tratá-lo a ele. Eduardo, sabendo-se filha de Dawidson?

Pensou, a princípio, em ordenar o pagamento imediato das ações para que o patife desaparecesse quanto antes; mas isso seria entretê-lo junto à Companhia junto aos Marinhos.

Por outro lado, se não lhe satisfizesse a reclamação, era bem possível que se danasse, e praticasse uma vingança torpe...

Resolveu, então ameaçá-lo com a restauração do processo: mas este prescrevera provavelmente, havia já muitos anos, e agora nada militava em juízo contra Dawidson.

Acreditava, entretanto, que o bandido, ante uma ameaça de um ajuste de contas, e de uma revisão do processo, temesse de certo modo a ação da justiça, e murchasse...

Mas – pensava Eduardo – quem poderia tratar eficientemente deste assunto, no Espírito Santo?

E se ele, Eduardo, fosse a Vitória e, arranjasse com a polícia local um meio de intimidar o patife, de maneira a obrigá-lo a desfazer-se das ações, e pôr-se ao fresco?

Mas para isso era mister seguir para lá, quanto antes. À polícia, junto à qual contava com o prestigio dos agentes da Companhia em Vitória, alegaria apenas o caso do desfalque; e quanto ao resto nem pio. Assim, ao contato direto de Dawidson, poderia certificar-se dos planos deste; poderia mesmo saber se o patife conhecia ou não a existência da filha.

Depois – refletiu Eduardo – ele mesmo saberia amedrontar o meliante, pilhando-o num sítio a jeito, com o argumento duma suasória *Mauser*.

Dawidson era de uma covardia extrema; sempre o fora; desde os tempos da *Monazitics Sands*, quando engolia os mais pesados insultos daqueles ingleses malcriados.

Além disso, Eduardo tinha uma confiança absoluta na própria ação e a certeza de que, enfrentando Dawidson, pô-lo-ia fora de combate – aliviava-o de certo modo, da contrariedade lançada pelo reaparecimento do peculatário.

Tudo isso – afluía ao cérebro de Eduardo, como elemento favorável ao alvitre que tomara.

Estava, pois, resolvido: pretextando perante Glorinha a necessidade de ir ao Espírito Santo assistir à inauguração, já várias vezes adiada, de umas usinas de café em Santa Leopoldina, partiria naquela mesma semana para Vitória; poderia ainda alegar a coincidência daquela viagem com a necessidade que sentia de espairecer um pouco...

E deliberou dar um pulo ao Espírito Santo.

Redigiu um telegrama ordenando à agência de Vitória que lhe aguardasse a chegada; e entrou a pensar nos preparativos da jornada.

Quanto a Glorinha, arranjaria um motivo qualquer para convencê-la de que não a poderia levar consigo... Era uma viagem de negócios – dir-lhe-ia – e a ela não lhe ficava bem acompanhá-lo.

E assim fez.

Intrujou a pequena com "o desarranjo que era viajar-se, com fins comerciais, em companhia de senhoras", e prometeu demorar-se no máximo uma semana fora de casa. Sentia que a excursão só lhe ia fazer bem...

E toca a arrumar as malas...

***

No dia seguinte compareceu ao escritório, para dar as últimas ordens relativas à viagem; e revolvendo uns papéis que se haviam amontoado ao fundo da secretária, deu com um cartão de visita, em que se lia, em esmalte azul: *Condessa de Morinelli*

Esfriaram-se-lhe as mãos, e um nó na garganta sustou-lhe a respiração.

Desde o dia do *desastre*, Eduardo não pusera mais os olhos em Gina. Esquivava-se tanto quanto lhe permitiam o cavalheirismo e a educação; quando Gina telefonava para a Companhia, era a Braulina, a estenógrafa, que liquidava o caso; se rebentava na Empresa, era a cumplicidade inteligente do velho porteiro, o Cosme, que resolvia a situação; o Cosme achava sempre meios e modos de impingir que o "Sr. diretor não viria ao escritório; estaria talvez adoentado e telefonara, pedindo que ele, Cosme, tomasse os cartões e guardasse, para lh'os entregar no dia seguinte".

E no dia seguinte lá estava, firme, a condessa, plantada ao *fauteuil* à espera de poder falar ao diretor; mas, uma nova patranha do Cosme, e a mulherzinha desentupia o beco, muito desapontada, compreendendo a recusa de Eduardo, mal embuçada nas caraminholas do porteiro; e então, à última vez que lá esteve, deixara um recado verbal, onde repontava uma irritante altivez, dirigida mais ao testemunho humilhante do porteiro do que mesmo a Eduardo; mandou dizer pelo Cosme que só naqueles últimos dias soubera que ele, Eduardo, estivera de cama. Antes ouvira dizer que andara passando mal, mas julgou ser cousa ligeira. Telefonara, sem todavia conseguir obter ligação. Desejava, pois, as melhoras do diretor, e esperava, que, logo que ele pudesse, telefonasse para ela. Rogava-o encarecidamente.

– Ele sabe o meu telefone, – resumiu, com enfado, quando o malandro do Cosme lhe perguntou se queria deixar o número.

De tudo isso soubera Eduardo; contara-lhe o fiel porteiro. Ainda assim, quando o cartão de Gina lhe surgiu diante dos olhos, foi violentíssima a emoção do velho enamorado.

Eduardo, na sua delicadeza inata, temia um rompimento brusco de relações; além disso, quanto lhe custava a ele sufocar a vontade surda de vê-la, de ouvi-la, de senti-la perto de si?... E pensou em telefonar-lhe imediatamente, mesmo chegou a deitar mão ao fone para pedir o número. Braulina, que trabalhava junto à mesa dele, tinha saído para ir ao médico; Eduardo sabia que estava só. E vinha-lhe como um desejo irreprimível de ouvir a voz de Gina, de viver com ela, durante um minuto, todo um mundo deles dois somente, livre dos amigos que o ridicularizavam, livre do Gonzaga, livre do Angenor, de toda a gente...

E com a mão no fone do aparelho de mesa, hesitava, trêmulo, numa perplexidade atroz.

Sim, porque ele, Eduardo, o que sentia por Gina, era apenas uma grande, uma forte paixão, um sentimento indomável, uma atração quase irresistível. E o conceito dos amigos? E quanto haviam dito eles a respeito? Lérias – pensava Eduardo, revoltado, – lérias. Quisesse Gina dispensar a qualquer deles uma vaga promessa de seu afeto, de sua carne, e correriam todos, todos, Gonzaga, Angenor, e outros que tais, a lamber-lhe os pés, a descobrir-lhe qualidades que ela possuía, e mais as que ela não possuía...

Sem-vergonhas! É que "estavam verdes" para eles, os encantos dela. E como dentre os homens que ela conhecera mais de perto era ele, Eduardo, o tipo do triunfador, o que vencera na vida pela inteligência, pelo valor individual – então o escolhera, o distinguira. E por isso aqueles amigos, despeitados, mordiam-se de inveja, e começavam a lobrigar na pessoa da condessa o que de mais abjeto se pudesse imaginar. E se não prosseguiram na série de perfídias, fora porque o caso caíra por si mesmo, pela falência dele Eduardo. Se ao invés do fracasso, a cousa houvesse corrido de outro modo – era bem provável que nem lhe apertassem mais a mão; ou, quem sabe? Talvez entrassem a adular a condessa, para tirar partido da sensibilidade dele.

Estas ideias passavam pelo cérebro de Eduardo muito nítidas, mas velocíssimas, salpicadas indistintamente de indignação e de dúvida, deixando- o indeciso, com a respiração suspensa, quase resolvido a mandar à fava o preconceito e o critério dos amigos, o mundo, tudo – e pedir imediatamente ligação para a casa de Gina, e falar-lhe, e dar-lhe a entender que *tudo aquilo* que acontecera na tarde do *chá*, não fora mais do que o efeito da emoção provocada pela presença dela, pela certeza da posse que ela lhe oferecia de sua pessoa, de sua vida, de sua beleza.

Se ela, que era rica, e moça e formosa, tão ardentemente o procurava, é que só um motivo o poderia ter determinado: uma estreita afinidade afetiva.

Então, sugestionado pela própria chicana, acreditava Eduardo na possibilidade de vir um dia, com a continuidade do convívio, a sentir-se à vontade ao lado de Gina, e, livre de inibições emotivas, tê-la, amá-la, e ser feliz, enormemente feliz, dentro da própria masculinidade, rindo do ridículo do tolhimento infantil, que o fulminara na primeira entrevista...

Tudo isso, todos esses raciocínios, agilíssimos, varavam a imaginação de Eduardo, como projéteis de várias metralhadoras, que disparassem todas a um tempo.

E imóvel, debruçado sobre o pano verde da secretária, com uma das mãos apoiada ao gancho do fone e com a outra firmando o pé do aparelho, deixou-se ficar, perplexo, indeciso sobre se deveria ou não telefonar à Morinelli.

Súbito, porém, uma ideia rebentou de chofre, em meio às suas conjecturas gelando-lhe o sangue nas veias: o receio de apanhar um cruzamento de linhas, e ouvir, nitidamente, com os seus bons ouvidos, a voz de Gina, a conversar com *outro*... A possível existência de um *outro*, punha-o de mãos frias.

E tremeu sob o horror desta hipótese; mas logo se conformou, argumentando: E se assim fosse? Seria talvez um meio de cortar de uma vez por todas, os últimos laços que o prendiam à *aventureira*...

Mas não; não era possível; aquela criatura que atravessara os salões de Paris, coalhados de milionários cheios de tolerância conjugal – não viria, por certo, distinguir entre a sociedade carioca um velho de hábitos modestos, se não houvesse no seu espírito de mulher sensível algo de sincero, algo de casto...

E perdia-se nestas considerações, quando uma cabeça cor de terra enfiou indiscreta, pela porta de dobradiça indiferente, cravando sobre ele uns olhinhos muito pretos, muito maliciosos: era o Gonzaga.

Pilhando Eduardo naquela atitude de completo alheamento, debruçado em cima do telefone, compreendeu tudo num relance, e glosou:

– "*To be or not to be, that is the question...*" Apenas em lugar da caveira – o telefone; e em vez de uma ideia – uma mulher; quanto ao protagonista, é o mesmo de sempre: um imbecil...

Mais algumas *blagues* do Gonzaga, mais algumas lamúrias de Eduardo, e a conversa derrapou do caso da Morinelli para o caso do pifão, e deste para a viagem a Vitória.

Eduardo, alegando a "inauguração da usina", e a "oportunidade de espairecer", contou ao amigo a resolução que tomara de ir ao Espírito Santo. Vinha adiando repetidas vezes a estopada; mas agora a situação especialíssima de altos interesses naquela terra, obrigavam-no a ir até lá.

E Eduardo foi logo manifestando desejo de levar consigo o Gonzaga, mesmo para sossegar mais à Glorinha.

– Que dirias tu, Gonzaga, dum passeiozinho ao Espírito Santo? Terias todas as despesas pagas, e ainda uma ajuda de custas, para me acompanhares como *secretário particular*... Depois, quem sabe? Talvez pudesses encontrar por lá alguns tipos interessantes para o teu teatro... Que te parece? Não te seduz o cargo de *Secretário Particular do Rei do Tório*?

O Gonzaga não ia lá muito nessa coisa de província. É verdade que nunca, em dias de sua vida, transpusera a barra do Rio de Janeiro; suas proezas marítimas cifravam-se em viagens à Praia Grande. E como os transatlânticos de grossa tonelagem não fizessem escalas por Niterói, nem pelas ilhas da Guanabara, então o Gonzaga, não possuindo um iate, ia resolvendo seu turismo com as barcas da Cantareira. Todavia achava a província absolutamente detestável; na sua opinião, era o Rio a única aldeia mais ou menos habitável do Brasil.

– Mas, afinal, que juízo formas tu de Vitória? – fez Eduardo, bairrista – É uma cidade muito pequena, mas com um grande elemento de civilização, que é o mar. Vitória está apenas a 21 horas do Rio...

E o Gonzaga não podia conceber o termo *civilização* aplicado ao Espírito Santo. Que juízo poderia ele formar de Vitória? O que toda a gente pode formar duma cidade de estado do Norte: reles povoação praiana, com todos os tipos e costumes clássicos da província; de dia – a chegada dos vapores, o desembarque dos passageiros vadios, a comprar tangerinas e cartões postais; à noite – a prosinha na botica, a intriga, e o comentário dos jornais do Rio; aos domingos – missa com sermão, em horrendo sotaque estrangeiro, numa capelinha colonial, que se chama a catedral do bispado, e charanga, à tarde, no *jardim municipal* – espécie de terreiro em que há dois bancos toscos, muito capim, e um coreto. E nisso se resume a capital do Espírito Santo, ou a de Alagoas, ou a de Sergipe, a da Paraíba, a do Rio Grande do Norte, e por aí fora. Exceção feita da Bahia e de Pernambuco, onde além desse programa, há ainda uns crioulos de fraque e umas repúblicas de estudantes, tudo mais vai pela mesma bitola: missa, intriga, boticário, retreta, e *déficit* permanente no tesouro estadual... Abominável, simplesmente abominável a província.

E Eduardo, na defesa:

– Entretanto, é da província que têm saído até hoje as figuras mais representativas da cultura do Brasil. De onde veio o Carlos Gomes? E Alencar?

– Ó filho – insistia Gonzaga, irredutível – não abalasse Carlos Gomes para a Itália, para o convívio de gente da têmpera de Meyerbeer, e não passaria dum mulato medíocre, fumador de cigarro de palha e professor de solfejo em Campinas... E quanto ao falecido José de Alencar, esse, apesar dos ares da Tijuca, nunca passou dum delicioso provinciano, com alguns níqueis para afrontar a prudência dos editores...

– Não tens aí muita razão, ó Gonzaga; porque afinal de contas, uma coisa há que se não pode negar a José de Alencar: a maior popularidade até hoje conseguida pelo romance no Brasil.

– E é tudo quanto se pode dizer de pior, acerca dum escritor, filho; é precisamente ter conseguido fazer uma obra ao alcance do Zé Povinho. Eu, no meu teatro, confesso que tenho a mesma pretensão de Vargas Villa: aceito com orgulho, e até, – digo-o sem falsa modéstia – procuro a celebridade; mas a popularidade, isso nunca... Ser célebre é permanecer, com respeito, na memória das gerações; agora ser popular é ser propriedade do vulgo, é ser objeto de toda a gente. Estou com Vargas Villa nesse capítulo... E depois, cá pra nós... podes lá tu conceber um índio beiçudo. rústico, etnicamente inferior, como deveriam ser todos os caboclos do Brasil, a desdobrar-se em sutilezas de cavalheirismo de gente ariana, em requintes de cerebrações supercivilizadas? Podes lá levar a sério um romance, em que se emprestam ao bugre Peri, o senso e as maneiras dum *gentleman*? Pelo amor de Deus, filho, tem paciência, mas não venhas para cá trazer o velho Zé Martiniano, senão como romancista de província... E é, e sempre foi, e continuará a ser assim, aqui, na Europa, em toda parte. Camilo foi um escritor de grande tonelagem bibliográfica, e conhecia como poucos a língua em que escreveu; ninguém lhe regateia mesmo qualidades superiores de romancista; entretanto serás tu capaz de comparar o purismo de Camilo às imperfeições gramaticais do Eça? Vê lá? Camilo está para Eça de Queiróz como São Miguel de Seide está para Paris...

– Não é tanto assim – fez Eduardo sem poder conter o sorriso ante o exagero do Gonzaga – não é tanto assim... Mas deixemos o Alencar e mais o Camilo, e vamos ao que serve: Queres ou não, ir a Vitória? É sempre uma farrinha...

Para o Gonzaga era indiferente ir ou deixar de ir; e se o Eduardo tinha prazer nisso, se queria aturá-lo, estava pronto... Mesmo porque o

Procópio deveria levar naquela semana uma peça do Abbadie; depois entraria em *reprise* o *Onde canta o sabiá*... Logo ele teria folga bastante para ir a Vitória, passar lá uns oito dias, e voltar ainda muito a tempo de acompanhar o ensaio do *Ministro do Supremo*. Mas, afinal, que teria de fazer como *secretário do Rei do Tório*? Até então só havia secretariado empresas teatrais... Que é que lhe cabia de serviço como secretário?

– Unicamente isto: não fazer nada – respondeu o Rei do Tório – apenas aceitar de boa vontade o convite sincero d'um velho camarada, adoentado, abatido, e que não quer viajar só. Penso que aturar um companheiro como eu já é trabalho suficiente para encher de preocupações e cansar a paciência a quem quer que seja. Só a um amigo eu teria o direito de fazer um convite destes. Como compensação terás precisamente esta coisa que tanto abominas agora, mas que estimarás dentro em pouco: a província.

A Braulina entrava, desculpando-se da demora, e dizendo que talvez tivesse que pedir uns dias de licença, que estava muito doente, o médico falara-lhe até numa intervenção cirúrgica ...

E virando o rosto, num cerramento nervoso de lábios, como para conter o choro que lhe irrompia do fundo do instinto de conservação:

– Parece que estou com apendicite... E se não melhorar com o repouso, terei de operar.

Eduardo, erguendo-se da mesa, comovido ante a aflição da rapariguinha, sua dedicada companheira de trabalho, passou o braço ao ombro da moça, e disse, quase discretamente, num tom todo paternal:

– Olha, minha filha, em primeiro lugar não serás operada sem que ouças a opinião de um médico de minha confiança; em segundo, se de todo não puderes evitar a intervenção, podes estar certa de que nada te faltará: médico, casa de saúde, o teu ordenado integral, tudo terás do que me estiver ao alcance... Mas procura primeiro ouvir a opinião do Raul Batista. Se quiseres, irás ao Raul amanhã mesmo, com um cartão meu...

Tenho que ir urgentemente a Vitória; mas isso não quer dizer nada. Tudo terás a tempo e à hora, porque não partirei sem deixar ordens bem claras nesse sentido; e quando voltar quero encontrar-te boa da apendicite.

– Ou da operação, aparteou indiscretamente o Gonzaga, que mais ou menos ouvira a conversa.

– E para fazer o serviço aqui? – perguntou Braulina, cuidadosa de sua responsabilidade. – Quem ficará no meu lugar?

Ninguém. A coisa havia de se arranjar de qualquer forma, tanto mais quanto ela era apenas a sua estenógrafa particular; nada tinha com a empresa. Ele ia viajar, e a moça entraria em férias até segundo aviso.

– Não sei como lhe agradecer tanta bondade, doutor, disse a pequena sentando-se à sua banquinha de trabalho.

– Protegendo-lhe os pronomes, à hora do ditado – soltou o Gonzaga, já de chapéu na mão.

Eduardo também ia sair; e recomendou à pequena que deixasse os papéis mais urgentes em ordem e aparecesse no dia sete, se possível, ele queria saber a opinião do Batista. Mesmo escreveu um bilhete ao cirurgião, apresentando-lhe a estenógrafa.

E saiu, combinando com o Gonzaga as providências a tomar para que pudessem partir pelo noturno do dia seguinte, que era sexta-feira.

***

Para Glorinha a viagem de Eduardo representava um duplo aborrecimento: o afastamento do pai, o que lhe trazia sérias apreensões, dadas as atuais condições de saúde do velho, que embora melhor não se havia ainda restabelecido de todo; e o escrúpulo do bacharel Malheiro, que já havia declarado em tom solene: "Enquanto o Dr. Marinho estiver ausente, não é bem que se repitam minhas visitas a esta casa..."

A namorada a quem tais escrúpulos pareciam demasiados, procurava justificar:

– Que distinto que ele é!

Enquanto a mirrada pessoa de D. Sinhá, sentia apenas, sem dizer:

– Que imbecil!...

***

Àquela mesma tarde, véspera da partida, Eduardo fez questão de jantar mais cedo, em companhia dos seus, em cujo rol estava tacitamente compreendido o Gonzaga, que entre o frango de molho pardo e o lagarto de vitela, assumiu o cargo de *secretário particular do Rei do Tório*. Durante o jantar discutiram a província, com o Gonzaga sempre irredutível, apesar dos apartes de defesa, tentados por Glorinha, capixaba até à medula. Se acedera em ir é que não podia conceber que Eduardo viajasse só. Glorinha não deveria acompanhar o pai àquelas inóspitas

paragens, onde talvez se tivesse de dormir ao relento, por falta de hotéis... Depois, a companhia desembaraçada dum amigo íntimo é o que convinha a Eduardo e ao caráter de sua viagem. Uma moça, exigindo maior atenção, sob todos os pontos de vista, não era bem o que se desejava no momento. Por isso iria ele, Gonzaga, ainda que lhe custasse deixar o Rio, mesmo por três ou quatro dias. Se não fora Eduardo, não n'o pilhariam na província. E atacou uma fatia de *gruyère*.

Ao café, Eduardo já havia esgotado todo o estoque de maravilhas capixabas, com que tentara esmagar o pessimismo do Gonzaga.

Ainda se palestrou algum tempo na sala de jantar. Eduardo, instalado no *maple*, ao pé do abajur, fumava, revivendo com o enternecimento das digestões calmas, retalhos de recordações de sua terra que, havia muito tempo, não visitava...

Houve mesmo um momento em que os olhos se lhe fizeram rasos d'água. Falava de sua mãe, a boa e vesga Perpedigna Palhares, que tanta vez, dentre a pobreza e a humildade que lhe enchiam o lar, vaticinara sob santa inspiração do instinto materno, que ele, Eduardo "ainda viria a ser um dia grande homem, um homem rico"...

Gonzaga houve por bem não fazer piada sobre o caso; respeitou as lagrimas que molhavam os olhos do outro, e enxugou um cálice de *bénédictine*, em que embebera previamente a ponta do charuto. Mais alguns minutos de palestra, e o secretário particular do Rei do Tório deu-se pressa em abalar; que o desculpassem, mas precisava chegar mais cedo em casa, afim de que a velha tivesse tempo de providenciar sobre o arranjo de alguma roupa; mesmo aceitou que Eduardo lhe emprestasse uma pequena maleta de mão. D. Sinhá comprometeu-se a mandar-lhe logo de manhã. Eduardo, despregando a custo da poltrona, chamou o Gonzaga à biblioteca; insistiu em que "pegasse" uns cobres não só para deixar algum em casa, como também para o que necessitasse, antes de embarcar.

E os dois desceram pela alameda de bambus, tagarelando sobre o plano de viagem.

Mal o Gonzaga batera a portinhola do táxi, e uma *limusine* parou em frente ao portão do palacete, como que esperando lhe dessem entrada. O carro estava todo escuro; mas de repente se lhe iluminou o interior, e Eduardo deu com a figura de Gina Morinelli, esplêndida, na almofada, pedindo "licença para um", entre um sorriso brejeiro.

Passada a primeira emoção do momento, comprimiu Eduardo o botão da campainha para chamar o Nestor; mas não esperou pelo cria-

do, e foi ele mesmo que puxou o ferrolho do portão, abrindo-o de par em par à *limusine*, que entrou, silenciosa, guiada por um *chauffeur* de farda reluzente.

O velho caminhou a pé, até à escada da varanda, e ofereceu a mão à condessa, para que se apeasse da viatura.

Nestor, que aparecera quando o carro já ia a meio da alameda, voltara a avisar as senhoras, e acender as lâmpadas da entrada.

A Morinelli pedia mil perdões por importuná-los àquela hora; tinha vindo a um chá, ali pertinho, em casa do almirante Palma e, *constando-lhe* que o Dr. Marinho havia já melhorado de sua recente enfermidade não resistira ao desejo de lhe dar um boa tarde.

Estava também com muita vontade de ver a Glorinha, que sempre a encantara tanto... e à boníssima D. Sinhá, cuja afabilidade muito a cativara. Quanto ao Dr. Marinho, este lhe saíra um ingratalhão de força... Mesmo antes de adoecer se fizera menos visível que um ministro de estado...

– Oh! senhora condessa, por quem é, há de perdoar as descortesias involuntárias dum homem assoberbado pela premência de uma vida agitadíssima – fez Eduardo, mais rubro que um pimentão.

A condessa não se demoraria; tinha que jantar com a embaixatriz da Venezuela, uma encantadora senhora "que fazia sempre um forte empenho em conhecer os Marinhos".

E Gina falava, sem parar, derramava-se em amabilidades, estranhando o silêncio desconcertante daquela gente, que apenas, a espaços, gaguejava uma ou outra frase, repassada de absoluta cerimônia... Havia um manifesto constrangimento ante a surpresa daquela visita, caída como raio, inesperadamente, na sala de jantar dos Marinhos, forçando uma intimidade que a todos embaraçava.

Para Glorinha e para D. Sinhá, Gina Morinelli encarnava algo de diabólico na vida de Eduardo; elas sabiam que as últimas atribulações do velho celibatário se ligavam, de certo modo, à pessoa daquela complicada criatura.

Para Eduardo, entretanto, a presença de Gina ali, na casa dele, significava a demonstração dum grande, dum imenso afeto.

Ele a vira pela última vez no desastrado *five o'clock*, da rua das Laranjeiras; desde então, não fizera mais do que a evitar, por todas as formas, fugindo-lhe clara e ostensivamente ao convívio, chegando por vezes a ser descortês. E apesar disso ela se sentia tão irresistivelmente

compelida para ele que, não podendo mais sofrear o desejo de vê-lo, de ouvi-lo, não trepidara em servir-se de um pretexto qualquer para se por ao contato dele...

Não, não havia a menor dúvida: Gina era positivamente sublime...

E a Eduardo pareciam-lhe agora de uma grosseria imperdoável todas as evasivas, todos os truques, todos os ardis de que lançara mão para afastá-la, para esquecê-la...

Assim era patente a contrariedade do velho enamorado ante a reserva quase hostil com que a recebiam naquele momento Glorinha e D. Sinhá.

Ao modo de ver de Eduardo não existia um motivo sério que pudesse justificar a atitude pouco amável daquelas duas criaturas, às quais Gina distinguira sempre com a mais cordial amizade.

Na visita de Gina, Eduardo, perdido de paixão, descobria simplesmente o encanto dum arrebatamento romântico, a eclosão dum afeto indomável; ao passo que, ao senso de D. Sinhá e de Glorinha, tudo aquilo não passava dum inqualificável golpe de audácia, dum rasgo de incrível desfaçatez; para elas a condessa era apenas uma aventureira vulgar, uma mulher sem escrúpulos, uma indesejável, uma intrusa, que ali estava a desmanchar-se em falsidades com o fim de captar a simpatia da filha, visando tão somente o dinheiro do velho.

É possível que Glorinha não houvesse sentido pela condessa mais do que uma natural aversão, isenta de ódio pessoal; e isso se notava no sorriso incolor, mas atencioso, com que a moça correspondia à conversa da Morinelli. O mesmo, porém, não se dava com D. Sinhá, que formalmente detestava a "aventureira"; durante todo o tempo da visita raríssimos foram os monossílabos que se lhe escaparam dos lábios; D. Sinhá não podia tolerar que aquela sujeita de reputação duvidosa afrontasse assim, impunemente, a respeitabilidade de um lar honesto e digno.

E enquanto Eduardo, embora visivelmente emocionado, cumulava a condessa de especiais atenções, a mirrada senhora, cravando sobre a outra o olho enorme, horrendamente aumentado através do vidro de forte grau, só faltava rebentar de cólera, e mal podia conter a gana de sacudi-la no meio da rua.

Tal situação irritou o amor próprio de Gina, que foi logo tratando de se pôr ao fresco, roxa de raiva, mas sem perder a linha de elegância, de superioridade, procurando a todo custo não dar a perceber o desapontamento; e então redobrava de gentileza, insistindo para que eles fossem à casa dela. Recebia às quartas, mas para Glorinha não havia

disso, toda hora era hora; quando cismasse, desse um pulinho à rua das Laranjeiras, e levasse a D. Sinhá, para matarem as saudades... Que não fossem ingratas...

À varanda ainda se trocaram algumas palavras amáveis sobre a ida do velho a Vitória; Gina augurou-lhe boa viagem e pediu que se não demorasse longe dos seus, que não fosse mau...

O expressivo aperto de mão, com que ela se despediu de Eduardo, eletrizou-o; naquele instante ela o teria levado consigo, se quisesse.

Mais umas frivolidades de patamar, e a *limusine* rolou, macia, pela alameda de bambus, ganhando a rua de S. Francisco Xavier.

Gina, na almofada, apertando nervosamente a luva, ia fula. E quando aos seus ouvidos ecoou o barulho do portão que o Nestor fechara com estrondo, um despeito surdo mordeu-lhe a vaidade; e rosnou entre dentes:

– Burguesas...

X

O atropelo dos preparativos para a viagem de Eduardo não deu tempo a que se comentasse, ou se pensasse mesmo na visita da Morinelli.

No dia seguinte tudo foi vertiginoso, apressado, quer na residência, quer no escritório do Eduardo. Glorinha choramingava de vez em quando, como se o pai fosse partir para a Sibéria; D. Sinhá arregalava desmedidamente o olho enorme, através do vidro da forte grau; o Nestor, brunido de suor, afobava à toa, entre a bagagem, os recados, e mil e uma outras providências; na cozinha a Rita esmerava-se nuns bolinhos de arroz, para "seu doutô" comer na viagem, pois ouvira dizer que a boia da Leopoldina era infame; Mariana, cheia de papelotes, mais surda do que nunca, atrapalhava tudo, complicava tudo; e naquela casa só um personagem se conservava calmo, impassível – era o Florêncio, *chauffeur* da *limusine* de Eduardo, e poeta simbolista; substituíra naquele serviço o risonho Kamura, precioso japonês que não fazia versos.

Florêncio dizia-se sobrinho de Castro Alves, mas abominava o lirismo do tio; Florêncio era simbolista; e por isso, naquele dia de azáfa-

ma, acordou pelas onze; gastou mais de três horas para domar a gaforinha a poder de cosmético; e, remancha daqui, remancha dacolá, só às duas e tanto é que se plantou na almofada, à inteira disposição de Eduardo, que a estas horas já se fartara de andar de carro de praça.

A comitiva que compareceu ao bota-fora foi pouco numerosa; só os íntimos. Além dos da casa lá estavam na plataforma da estação de Maruí o gerente da Wilkerson & Sons, a Braulina estenógrafa, o Rafael Pinheiro, alguns empregados do escritório da Companhia, entre os quais o velho Cosme, sobraçando uma infinidade de jornais e revistas.

Gonzaga, metido num sobretudo cor de rapé, com a cabeça enterrada num hediondo boné de pano escocês, mal podia esconder a emoção que o dominava; aquela viagem de estreia, numa reles maxambomba de bitola estreita, parecia-lhe como um arriscado *raid* sobre o polo, a bordo dum avião ou duma jangada. Ele, que era a piada ambulante, o irrequieto espírito de *blague*, a pilhéria *à la minute*, estava murcho, calado, pedindo somente a Deus que acabasse com aquela tortura, que pusesse termo àquela empresa temerária, em que ele inadvertidamente se metera, e que o enchia de terror.

Eduardo ainda esteve a conversar com a Braulina sobre a opinião do Batista. Este aconselhara a intervenção. A moça, no entanto, parecia muito mais serena ante a iminência do canivete do que o Gonzaga ante o comboio da Leopoldina.

Talvez tivesse razão o secretário.

Houve ainda quem tentasse provocar a verve do Gonzaga; e o Gonzaga: moita, nem pio; toca a embarcar é que é.

Um silvo chocho da locomotiva, e o trem largou da estação de Maruí, rangendo barulhentamente sobre o desengonço do truque sem molas, aos solavancos, rumo ao Espírito Santo.

Um luar puríssimo caía sobre os pauis da Baixada Fluminense, prateando aqui e além a lama descoberta nalgum desvão dos brejais sem fim.

Eduardo, estirado no leito do vagão, tinha a impressão de estar sobre um colchão feito de cacos de telha; ainda leu algumas páginas do *Clément Vautel*; depois o volume lhe caiu das mãos, enquanto que toda sua alma se penetrava, se embebia da lembrança, da pessoa de Gina Morinelli; pesava-lhe mesmo não ter trazido um retrato dela, que saíra publicado, em página inteira, na *Revista da Semana*, e que ele guardara, como se faz aos dezesseis anos com as *tiples* de opereta...

Pouco, porém, durou esse enlevo; Eduardo, vencido pelo cansaço em que o deixara a agitação da véspera, conseguiu ferrar uma soneca de que só despertou quando, em Porto das Caixas, os garotos berravam: *bolinho de arroz quentinho!...*

Gonzaga, este não conseguira pregar olho; era bastante uma curva mais violenta ou um trecho de maior velocidade, e o pobre secretário via logo todo comboio a despencar morro abaixo, naquela planície mais monótona e menos acidentada que a vida dum sacristão.

Cada silvo da maxambomba penetrava-lhe até o coração como a advertência duma enorme catástrofe, como a sentença irrecorrível dum choque de locomotivas, que se iriam despedaçar, esmigalhando, num segundo, todo aquele pessoal imprudente que ousava *viajar*, inclusive ele, que morreria espatifado, como uma barata sob uma pisadela, ele, que já tinha entregue os originais do *Ministro do Supremo*, à Empresa do Trianon, e que não podia faltar ao ensaio da peça. E então lia sobre o tabique da cabine, a primeira página dos jornais, noticiando a sua morte trágica, num desastre de via férrea, com títulos e subtítulos em letras garrafais cercando um retrato seu, precisamente aquele de que mais gostava... Tudo bem servido de adjetivos, lamentando o desaparecimento do "*pranteado comediógrafo patrício, a quem tanto devera o teatro nacional*"...

E no momento em que ia, comovido, dar início à leitura do necrológio, uma voz de sono grasnou do beliche vizinho:

– Ó Gonzaga, sabes quem esteve lá em casa, logo depois que saíste? A Morinelli – ia me esquecendo de te contar...

Gonzaga, ressuscitando da hecatombe, engrolou, ainda sucumbido ao peso do necrológio:

– Sim? É... não me havias contado... Mas, ó Eduardo, tu tens mesmo confiança nesta geringonça? Parece que as linhas não estão lá muito boas...

– Isso é assim mesmo, filho; a gente quando toma uma caranguejola destas deve fazer um seguro de vida – gracejou Eduardo, com perversidade.

Aquilo foi para Gonzaga como que uma tentação do inimigo ante a aproximação da desgraça...

E naquele instante ele pensou na excelência das religiões consoladoras, que parecem inferioridades mentais quando se está na Brahma, a empinar chopes duplos, mas que são de grande valia quando se tem a desventura de viajar num vagão-leito da Leopoldina, mesmo no descampado da Baixada Fluminense.

Ao percurso da planície, vencido através das sombras da noite, substituiu a luz animadora dum esplêndido sol de verão, que teria posto termo às apreensões do insigne comediógrafo, se não fora o aparecimento dos acidentes do terreno. Havia trechos em que o trem tangenciava a encosta da montanha a pique; e então aos olhos do Gonzaga erguia-se, de um lado, o barranco de terra insegura, prestes a esboroar-se sobre o comboio, soterrando-o; do outro era o precipício, que se abria, ameaçador, e que ia terminar sabe Deus onde...

E os túneis? Que horror os túneis!...

Eduardo, percebendo o estado de espírito de Gonzaga, passou todo o resto da viagem a fazer pilhéria sobre o caso, a provocar a loquacidade do secretário.

E o secretário: moita; murcho como um figo; mudo como um tijolo.

Quando o comboio, resfolegando, esfalfado, entrou na velha *gare* da antiga *Sul do Espírito Santo*, uma alma nova se apossou daquele Gonzaga sucumbido. Ele foi o primeiro a saltar; e ao pôr o pé em terra firme, destaramelou uma enxurrada de trocadilhos tão infames, que Eduardo chegou a pensar no efeito do *choque do medo*, de que lera algo, num tratado de doenças mentais.

À estação esperavam Eduardo os velhos camaradas Mário Guimarães e João Nunes Coelho, diretores fiscal e gerente da sucursal das Indústrias Reunidas Marinho, em Vitória. Também lá estavam Jean Zinzen, Antonio Aguirre, Flávio de Jesus, Mr. Barry, um capitão magrinho, enfezadinho, que era ajudante de ordens da presidência, e o pitoresco monsenhor Pedrinha, seu condiscípulo no seminário de Olinda. Aguirre foi logo se apossando de Eduardo, rebocando-o para bordo da lanchinha Olga, de sua propriedade. E quando Eduardo quis saber qual o hotel que lhe aconselhariam, o Aguirre fechou os olhos e barrou logo de cara:

– Qual hotel nem meio hotel, homem!... Você vai é para minha casa, quer queira quer não; já está lá o quarto à sua espera...

Eduardo ainda tentou libertar-se do Aguirre alegando a companhia do Gonzaga, seu secretário particular...

– Arranja-se um cômodo para o secretário... E virando-se para o Gonzaga, que não temia o balanço da lanchinha por estar treinado com a Cantareira:

– Seu Gonzaga, você não é de luxos nem de cerimônias, não é? Tolerará bem a nossa casa, não é verdade?

Gonzaga toleraria; ele estava por tudo.

E Eduardo entregou-se, rendido, à hospitalidade absorvente do Aguirre.

Aguirre era um dos médicos mais estimados em Vitória. Quando a política lhe levou o último fio de cabelo, de cambulhada com a última ilusão, fez-se professor de humanidades, ensinando a várias gerações de *capixabas*.

A influência de um amigo senador plantara-o na saúde do porto de Vitória, função de que se desobrigava sem maiores penas, porque afinal, o porto não adoecia, e portanto não o chamava nunca. Um felizardo, o porto! Todavia lhe dava este cargo um certo destaque, fazendo-o de algum modo independente entre as tricas da politicagem do lugar; para toda aquela gente provinciana era o Aguirre uma pessoa mais ou menos federal.

Uma bondade ampla, perdoadora, constituía o traço predominante de seu caráter.

Hospedar oficialmente visitantes ilustres, fora sempre sua inocente mania; e isso lhe dava uma certa importância, que ele desfrutava com delícia. Havia mesmo em Vitória um turco, o Antonio Miguel, que vendia chita e rapadura, em mangas de camisa, e que de uma feita andou a espalhar a notícia de que um irmão seu tinha alcançado o título de bei, na Turquia; e a quem lhe perguntasse que vinha a ser um *bei*, respondia, enciclopédico, que um *bei* era, na sua terra, um homem de muita importância – um homem assim como o Doutor Aguirre...

E toda a gente ficava sabendo o que vinha a ser um *bei*.

Tal era aquele amável Aguirre, que se apossara de Eduardo, seu velho companheiro dos tempos do Ateneu. E no arrastão levara também o secretário.

Ao jantar, houve uma peixada e um *Borgonha*, que impressionaram vivamente o Gonzaga.

Nessa noite a casa do Aguirre acendeu as gambiarras, o que fez juntar numeroso *sereno*, no largo da Matriz.

Amigos velhos, amigos novos, gente do alto comércio, umas figuras desconhecidas de Eduardo, representantes do alto funcionalismo, repórteres, enchiam a sala de visitas, ostentando à janela, a intimidade, o conhecimento pessoal do Rei do Tório.

De vez em quando rebrilhava a uma ou outra sacada, à luz dos candelabros, um queijo polidíssimo, que se movia entre o formigueiro dos visitantes – era a careca do Aguirre, o anfitrião.

Eduardo, esfalfadíssimo, esbanjava elogios ao progresso que notara em Vitória, no curto trajeto das Argolas ao largo da Matriz; e sugeria mesmo a possibilidade de interessar capitais da sua empresa num plano de melhoramentos da cidade, numa ação conjunta com os poderes públicos.

E quando o último visitante, um cacetíssimo coronel Mendonça, de Guarapari, antigo camarada e cliente de Eduardo, se despediu do recém-chegado – Gonzaga segredou ao amigo:

– É este, o tal do país calmoso?

Não, o coronel Mendonça, não era o tal, o do *país calmoso e hereditário*...

Referia-se Gonzaga a certa anedota que, de uma feita, lhe contara Eduardo, sobre um deputado ao parlamento estadual.

Mais algumas sandices, mais um cigarro de palha, e lá se foi o coronel Mendonça.

Eduardo ainda rememorou um episódio cômico, passado com o velho deputado estadual, nos belos tempos de Guarapari; e o Gonzaga ia também desovar umas *blagues*; mas o Aguirre, tomando-os pelo braço levou cada um para seu quarto.

O aposento reservado a Eduardo era um espaçoso gabinete, contíguo à sala de visitas, e no qual o Aguirre costumava dar aulas de francês a alunos particulares, em geral, rapazes seus amigos; estava confortavelmente mobiliado; mesmo com algum luxo. Fechada a porta que dava para a sala de visitas, ficava em comunicação, por outra porta, com o corredor central da casa. Uma larga janela abria sobre o largo da Matriz, defrontando diretamente com a fachada da catedral do bispado.

Aguirre, dando boas noites a Eduardo, advertiu-o de que podia, se quisesse, deixar a janela aberta, que na terra não havia ladrões.

– E gatunos? – sapecou, timidamente, o Gonzaga, estreiando.

Acomodado Eduardo, e o Aguirre levou o secretário para um quarto preparado à pressa.

Que lhe desculpasse o Gonzaga, mas fora o que se havia podido arranjar...

– Meu caro Gonzaga – permita-me que o trate assim – esteja aí inteiramente à vontade; se você fosse pessoa de cerimônia, eu não teria insistido em hospedá-lo. Abolete-se, e durma bem.

E deixou o Gonzaga a despejar a maleta, enquanto um crioulo banguela, e todo rebolante, acabava de compor a cama, estirando a fronha

com muito cuidado, dando ao fofo travesseiro de paina umas pancadinhas muito delicadas, pendurando a toalha ao lavatório com a ponta dos dedos; e todo ele se movia num bamboleio tão irritante de cadeiras, que acabou por chamar a atenção do hóspede.

– Este moleque é idiota ou foi contorcionista na outra encarnação – pensou de si para si o Gonzaga, parando o que estava fazendo, para melhor observar o crioulo; este, porém havia terminado a arrumação. Ao sair, parou, por um instante, à porta do aposento, lançando ao secretário uns olhares muito esquisitos e gemelicando, numa vozinha de falsete:

– Precisa de alguma coisa, doutor?

E soltou uma risadinha histérica.

Gonzaga, cada vez mais intrigado com o crioulo, calculou que aquele oferecimento visava uma gorjeta; e, estendendo-lhe uma pratinha de dois mil réis, agradeceu:

– Obrigado, está tudo muito bem. Tome, pegue lá isso para um charuto.

O negro encolheu-se todo numa expressão de escrupulosa recusa, e declarou, mostrando a gengiva repugnante:

– Oh, doutor, eu não aceito gratificações quando faço as coisas por gosto... Se eu quisesse teria arrumado o quarto do seu companheiro; mas preferi arrumar o do senhor...

E saiu, todo requebrado, deslizando como uma sombra, pelo corredor.

Quando o Gonzaga, já em cuecas, tentou fechar a porta do quarto, deu por falta da chave, e viu que o trinco não funcionava; mas nesse momento, precisamente, surgiu o Aguirre, de pijama, sem óculos, com uma argola de chaves que tilintavam:

– Olha, Gonzaga, esqueci-me de prevenir-te de que este quarto só se fecha à chave; é uma destas; experimenta aí, que eu estou sem óculos. Isso aqui é um velho casarão dos tempos coloniais. Você vá desculpando...

O Gonzaga, sem grande custo, deu com a chave; tirou-a da argola, e agradeceu.

O Aguirre ainda lhe perguntou se o criado tinha arrumado o quarto a contento.

– Muito a contento, obrigado; e por sinal que é um camarada cheio de complicações, de amabilidades...

– Ele é sempre assim, todo cheio de mesuras; mas é um bom moleque; muito serviçal e sobretudo muito humilde, o Manoel. É conhecidíssimo aqui em Vitória; chamam-no vulgarmente Manoel Pepa...

E o Aguirre, pedindo sempre ao Gonzaga que não fizesse cerimônia, desapareceu no corredor, tilintando o molho de chaves...

Eduardo, que dormira calmamente no beliche da *Leopoldina Railway* – no macio colchão do Aguirre só pela madrugada é que conseguiu pegar no sono.

E foi um sono curto.

Pela janela, que ficara totalmente escancarada, entrava todo o sol da manhã, uma linda manhã de estio. Do nível da cama, Eduardo via apenas a torre da catedral; e por isso, nada mais havendo, além do limoso campanário, que lhe pudesse devassar o quarto, deixou-se ficar no mole, perdido na contemplação daquela nesga de céu muito azul, onde crocitavam urubus. De vez em quando, um papagaio de papel aparecia e desaparecia por trás da torre da matriz, ora numa ascensão serena, ora em guinadas doidas, de encurtamento de fio.

Eduardo teve vontade de fumar; mas uma intensa preguiça o imobilizava. Seriam talvez umas sete horas da manhã; na casa já se ouvia um começo de movimento, e Eduardo continuava no mole, "maginando", quase interessado na ascensão do papagaio, quando uma badalada do sino da matriz o fez estremecer; e viu, encarapitado numa trave do campanário, um rapaz acaboclado, que puxava e repuxava com frenesi a corda do sino, num repique de difícil execução. Desistiu então da panqueca, e tocou para o banheiro.

O Manoel, espantado de vê-lo de pé àquela hora, avisou-o de que convinha esperar um pouco, enquanto se preparava o banho... Não calculavam que o doutor acordasse tão cedo...

Eduardo, porém, preferia o chuveiro; e o moleque folgou com aquela maçada de menos.

Quanto ao Gonzaga, quase foi preciso arrombar a porta para pô-lo fora dos lençóis.

***

Às duas horas daquele mesmo dia estava Eduardo na sede da sucursal das Indústrias Reunidas Marinho, à rua 1º de Março. No mesmo edifício funcionava o consulado de Portugal. Após uma palestra com o cônsul, um alentado Sabugosa, importador de vinhos e rolhas, e que aludia muito frequentemente à sua responsabilidade de diplomata, recolheu Eduardo, ao escritório da sucursal, a tratar do assunto que o

arrastara a Vitória. Foram-lhe apresentadas as notas dos números das ações da *Monazitics Sands*, de que era portador e reclamador o tal indivíduo que dava pelo nome de Maurício Dawidson. Eduardo conferiu tudo aquilo com umas anotações que trouxera, e ficou combinado que lhe apresentariam o tal Dawidson, naquela mesma tarde.

À hora marcada, Eduardo, convenientemente munido de uma suasória *Mauser*, esperou a fera. No gabinete contíguo, o João Nunes e o Mário Guimarães, aguardavam, de sobreaviso, os acontecimentos. Eduardo não tinha certeza de que o patife conhecesse a existência da filha, que abandonara ainda no ventre da malograda Ruth; e por isso nada havia dito sobre o caso aos camaradas que o auxiliavam naquele serviço, os quais tinham apenas ciência da questão do desfalque. Se o bandido ousasse pronunciar o nome da pequena, então de qualquer forma daria conhecimento aos amigos de maior confiança, para poder atuar da melhor maneira possível, no sentido de evitar o escândalo.

Mais alguns minutos, e um tubo acústico anunciou que estava lá em baixo o Sr. Dawidson, que desejava falar ao gerente.

Fizeram-no subir.

Eduardo, quando viu entrar o sujeito, chamou de parte o João Nunes e o Mário Guimarães, para indagar se não tinha havido engano no nome ou na pessoa.

– Não senhor, é esse mesmo, – assegurou o João Nunes – é o cavalheiro que nos procurou, dizendo chamar-se Maurício Dawidson.

E fez as apresentações:

– Aqui está meu caro senhor, o nosso diretor-geral, Dr. Eduardo Marinho, a quem poderá pessoalmente dirigir a reclamação que nos vem fazendo.

O patife empalideceu. Ele sentia em tudo aquilo uma cilada.

Eduardo ficara só com o homenzinho, que era tão Dawidson quanto ele Eduardo poderia ser Ricardo Wagner ou Antonio Conselheiro.

E o diretor começou com uma cara de poucos amigos:

– A quem tenho a honra de falar?

– Maurício Dawidson, engenheiro de minas.

Um lampejo de salvação passou pelo cérebro de Eduardo; sabia que aquele tipo não era absolutamente Dawidson, nem Dawidson, era engenheiro de minas. E se aquele idiota ignorasse o caso da filha de Dawidson? Estaria tudo salvo.

– Que pretende da *Monazitics Sands*?

– O pagamento dos dividendos e mais os juros correspondentes, a que tenho direito em face das ações que trago em meu poder.

– Mostre-as, faça favor.

E o pau d'água tirou duma algibeira infecta, um maço de papéis sujíssimos que Eduardo examinou com cuidado, entregando-os depois ao patife, dizendo-lhe friamente, com voz firme:

– Sim senhor... tem razão; estas ações são verdadeiras e contam na Companhia dividendos e juros acumulados... mas para que o senhor os possa receber é necessário liquidar antes uma pequena irregularidade.

Trata-se de um desfalque de cento e oitenta contos, dado pelo senhor nos cofres da Companhia; e sobre o caso correu no foro desta cidade, um processo regular, pelo qual foi o réu condenado a uns anos de prisão, obrigando-se a indenizar a Companhia da importância do desfalque. A pena prescreveu; mas a indenização pode ser cobrada em qualquer tempo. Uma vez porém que o senhor se nos apresenta espontaneamente, estamos prontos a liquidar contas à hora que quiser.

Advirto-o de que todos os dividendos e juros acumulados destas duas ações somam um total de cinco contos, oitocentos e doze mil e duzentos réis segundo cálculo que já se fez.

O desfalque, sem contar os juros, monta a cento e oitenta contos de réis.

Convém-lhe o encontro de contas?

O infeliz tremia da cabeça aos pés; um suor imprudente alagava-o; todo ele era, naquele momento, um pedaço de ruína humana.

Ainda gaguejou uns vocábulos ininteligíveis, tentando justificar:

– Não pode ser; eu nunca dei desfalque à Companhia; aí há equívoco de nome ou de pessoa; posso provar...

E Eduardo, cortando a conversa:

– Você não pode provar cousa alguma; nem que você é Maurício Dawidson, porque você nunca foi Maurício Dawidson, o que se pode demonstrar pela fotografia e por testemunho pessoal.

Assim pode estar tranquilo quanto ao processo pelo crime de peculato. A Companhia provavelmente não lhe pagará um real sobre tais ações; ela questionará, e você poucos elementos tem para aguentar a querela.

Agora, quanto a você o caso é outro; o seu crime é de estelionato; e há provas suficientes de que você o cometeu.

A pena é curta, não vai além de quatro anos... Entretanto posso muito bem livrá-lo desta maçada, se você declarar como e onde obteve estas ações de Maurício Dawidson e qual o paradeiro daquele patife...

Ainda farei mais: facilitarei o pagamento dos títulos se você conseguir provar o que disser.

É escusado mentir ou inventar, porque enquanto nós não acharmos Maurício Dawidson você vai ficando de molho no xadrez; portanto seja bem claro e preciso na indicação.

O homenzinho não pôde mais se conter, e abriu num pranto desesperado, pedindo a Eduardo que se compadecesse da sua infinita miséria. Ele, de fato, não era Maurício Dawidson. Conhecera Maurício num hospital em Dakar, onde este falecera, na gripe; eram ambos holandeses e israelitas, fizeram de pronto amizade.

Certa vez, num jogo de dados, apostara Maurício aquelas ações, que dizia valerem dinheiro, no consulado do Brasil.

Tempos depois Maurício morria; e ele pilhando-se com alta, correra ao consulado do Brasil; lá lhe disseram que só no Brasil aquilo tinha valor. Quis rasgar os papeluchos, mas um pressentimento qualquer fê-lo guardar as ações, pelo tempo afora. Talvez fosse um dia parar no Brasil; e guardou-os.

A miséria e a bebida acossaram-no e veio dar com os costados na Bahia. Como possuísse ainda os títulos da *Monazitics Sands*, tentara aquele plano... Mas, pelo amor de Deus, não lhe fizesse mal, tivesse compaixão dele...

E entregou os títulos a Eduardo.

– Bem, não lhe farei mal; propôs o diretor – mas pode dizer-me com segurança a data do falecimento de Maurício Dawidson?

O infeliz, num gesto em que se lhe via um esforço de memória, respondeu, depois de alguns minutos:

– Não posso precisar a data; mas sei que foi em fins de setembro ou princípios de outubro de 1918, em suma: na gripe.

Eduardo tomou nota do informe e continuou, imperturbável:

– Está bem, você vai ter paciência, mas vai ficar no xadrez até que se esclareça a verdade desse óbito por telegrama. Se for mentira você ficará no xilindró até se resolver a pôr tudo em pratos limpos; se for verdade, prometo ajudá-lo, se quiser trabalhar.

Depois chamando o Nunes e o Guimarães:

– Peçam com urgência um agente de polícia; e nada de escândalo...

Minutos depois, seguido disfarçadamente pelo agente Madureira, lá se foi o pseudo Maurício Dawidson para o xadrez da estação central da polícia, à disposição do chefe.

A troca de cabogramas para verificação do óbito de Mauricio Dawidson, com os sinais físicos fornecidos à polícia por Eduardo, foi complicadíssima. O chefe, um nortista bonacheirão, agiu com uma solicitude pouco comum. Depois de quatro dias de longas *démarches*, e tentativas frustradas, veio finalmente a confirmação cabal de que um súdito holandês, com tais e tais característicos, indigente, e dizendo-se chamar Mauricio Dawidson, se internara no hospital de São Vicente, onde morrera de gripe pneumônica, a 5 de outubro de 1918, e fora sepultado na vala comum do cemitério de S. Miguel de Dakar.

Estava, pois, liquidado o caso: Maurício Dawidson já não era mais deste mundo.

***

As últimas experiências nas usinas de café em Santa Leopoldina, não haviam sido satisfatórias; uma colossal enchente do rio Santa Maria causara sérios danos às instalações sendo, por esse motivo, impossível inaugurá-las naqueles dias. Eduardo livrara-se assim desta tremenda estopada. E o resto da semana correu-lhe em paz, entre a boa gente capixaba.

XI

Gonzaga, relaxando burocraticamente os deveres de secretário particular do "Rei do Tório", desgarrara de Eduardo desde o dia seguinte ao da chegada a Vitória; fizera-se logo da terra, aderindo de corpo e alma à rodinha da *opa*, do *Globo*, abancando até altas horas ao sereno do café *Rio Branco*, e perdendo-se em peixadas homéricas, em noites de luar e de mosquito, lá para os confins da Praia Comprida, onde um Parra, um excelente Emílio Parra, se comprazia em empanturrar e emborrachar a fina flor da boemia capixaba.

E quando o Gonzaga compareceu à segunda ceiata, na Praia Comprida, já toda a turma, contagiada, não cansava de repetir que o *alvaralhão* do Parra, era, de fato, *muito bem ido*.

O líder dos *irmãos da opa* era um singular Roberto Von Krompolz, engenheiro austríaco, muito ruivo, de um ruivo cor de fogo; trazia a barba sem-

pre bem aparada, e frisava cuidadosamente o bigode, o que lhe dava à figura um ar afidalgado de príncipe banido dalgum estadete da Europa Central.

Na pacata vida noturna de Vitória introduzira ele todo um curso de boemia de espírito, em que se bacharelara quando universitário em Praga; então, nessa coisa de cerveja, era *um bicho*. Jamais o pilharam desmantelado em bebedeiras sórdidas, com vômitos e cambaleios.

As suas libações conseguiam, quando muito, quebrar duma doce sonolência os olhos claros e azuis, e avermelhar-lhe ainda mais a face já de si fortemente sanguínea.

Uma explosão de dinamite, numa pescaria desastrada, levara-lhe a mão direita; mas não lhe levara o bom humor nem o fino espírito de blague, que fazia dele um virtuose da anedota, um *causeur* de raça pura.

À *opa* pertenciam também o Aristóteles, piadista incorrigível e cronista político do *Diário da Manhã*; o Alcebíades Schneider, *Bibi*, campeão da loquacidade, (243 palavras por minuto, sem tomar fôlego); o Quintaes, o amplíssimo Quintaes, com uma cara de frade da Brahma, na qual se esboçava a penugem dum buçosinho obsceno; e, por alguns dias o Gonzaga, o Gabriel Gonzaga, em vilegiatura pela terra capixaba, como secretário particular do Rei do Tório.

O insigne comediógrafo que tanto abominava a província, onde só havia missa, a retreta e a botica; aquele mesmo Gonzaga, que à mesa de Eduardo Marinho, planejando a viagem ao Espírito Santo, receava ter que dormir ao relento por falta de hotéis – dormia agora ao relento, é verdade, não por falta de hotéis mas apenas por falta de vergonha. A farra começava pela manhã, com uma pescaria nos fundos do Vaticano, ou a bordo da *Procela*, baleeira particular de um pitoresco Andrade e Silva, matemático e coronel, que morava lá para os lados da Capixaba; terminada a pescaria, o Gonzaga, com uma enfiada de dois ou três carapaus vagabundos, galgava, desfazendo-se em suor, com o pescoço de cegonha tostado ao sol da praia, a infindável escadaria do Palácio; e, após uma especialzinha ao balcão do *Gato Preto*, para refrescar, recolhia, muito murcho, à casa do Aguirre, entregando à cozinheira o reles pescado, que – dizia-o com fé – ao molho de escabeche, seria muito bem ido. E quando ao jantar surgia à mesa um soberbo sargo de quatro quilos, todo coberto de rodelas de limão – era de ver o desapontamento com que o Gonzaga cravava no peixe graúdo o olhinho de camundongo, fuzilando de raiva e de despeito. Ele, um pescador aparelhado de boné de pano escocês, e isca de camarão, só conseguia apanhar uns carapaus plebeus,

uns vermelhos miúdos, umas caratingas ignóbeis; enquanto que sargo daquele tamanho, esplêndido, como o que ali estava, isso nunca lhe picara o anzol... E vinha-lhe como que um rancor indômito pelos sargos esquivos; e comia o sargo com um apetite vingador.

Mal engolia o café, moscava-se para a Farmácia do Silveira, onde se reunia o *Clube dos Telhas* de que era presidente um certo Aguiar-caolho. Ali, entre um glabro promotor Linhares e um Lordello rubicundo, que cuspia sem parar – desovava o Gonzaga uma larga partida de anedotas, todas autênticas, passadas com ele, e desta até Fulano tinha sido testemunha, daquela sicrano havia estado presente. Depois era o *Globo* e pela noite a fora já se sabia: sereno do *Rio Branco* ou Praia Comprida.

Certa manhã em que Eduardo deveria almoçar na ilha do Barry, Gonzaga zelou com a presença o cargo de secretário; e foi também ao Barry.

Barry era um irlandês que fazia questão fechada de duas cousas: não ser inglês, e evitar que a grande guerra o separasse do branquíssimo Nicolau Von Schilgen, alemão pacato, alto funcionário do Hard Rand e bebedor do *whisky* do Barry, aquele *whisky* onde flutuavam peles de mofo autêntico, e que o Gonzaga confessava ser muitíssimo bem ido.

Eduardo mostrava-se encantado com a ilha do Barry. O panorama que de lá se descortinava, a pureza do ar, o conforto absoluto que se notava nas mais insignificantes minúcias da vivenda; o conjunto de comodidade doméstica e de excelência climatérica, onde reinava um sossego paradisíaco – era tudo a inteligência com que o irlandês soubera adaptar o bem da civilização ao aconchego da natureza amiga.

Durante o almoço, Eduardo, falando sobre a viagem que fizera, manifestou desejo de voltar por mar, pois a Leopoldina o pusera a panos de arnica; mas preferia um paquete alemão. O Barry ofereceu-se para conseguir com o Arens, agente dos Cap, a melhor acomodação possível.

– Depois de amanhã deve passar o *Tijuca* – informou, interessado, o Von Schilgen.

Gonzaga interrompeu o pato guisado para ponderar que isso de viagem não se devia fazer com precipitação. Seria talvez melhor apanhar o paquete imediato. Qual era o outro? Quando?

-Esses alemães são quinzenais- informou o Von Schilgen.

Eduardo pediu ao Barry que aceitaria o oferecimento para o *Tijuca*, para depois de amanhã, isto é – segunda-feira.

À sobremesa, o Gonzaga elogiou com calor uns milhos verdes, de grosso grão, que o Barry servira com técnica. O milho vinha para a

mesa, cozido, dentro duma terrina de prata, inglesa – tudo do Barry era de prata inglesa. Depois o irlandês passava de leve, um ralador, para que se ferisse a pele de cada grão. Em seguida untava a espiga de manteiga e dava o exemplo da maneira de comer, tomando a peça pelas extremidades e cravando o dente de rijo na polpa macia do milho verde.

Era sublime – garantia o Gonzaga, em meio à segunda espiga.

Após o almoço, houve uma animada palestra à *terrasse*, onde foi servido o café.

Tudo ali era de uma placidez beatífica. Uma aragem amena soprava da barra, agitando mansamente a fronde das amendoeiras, num delicado sussurro de ramaria; do mar chegava apenas o murmúrio das ondas, chofrando espumas nos escolhos que rodeavam a ilha.

O Barry falou com entusiasmo dos macucos do rio Doce; os outros falaram sobre cousas várias; mas não houve ocasião de se aludir à política, a mulheres, ou ao câmbio.

Fez-se ainda um pouco de música. O branquíssimo, o suavíssimo Von Schilgen executou, ao piano, sinfonias de Beethoven e rapsódias de Liszt...

E a figura daquele excelente irlandês, coradíssimo, cheio de bonomia, transbordante de saúde, fruindo com delícia sua cachimbada de *Capstan* – fazia crer a Eduardo que a missão de viver era bem mais suave do que o supunha o Rei do Tório, mesmo quando se tivesse sessenta anos e muito dinheiro.

Eduardo, maravilhado, descobria em tudo aquilo o segredo de gozar a vida, num gozo de sadio epicurismo, sem a turbulência da Bolsa, sem o dentão mestre da Marcela, sem o chá da Morinelli, sem a Morinelli.

E quando, ao deixar a ilha do Barry, o Gonzaga, mamando um excelente *Partagas*, havana legitimo, passou a ponte levadiça que ia ter ao pé da linha do bondinho de Suá, uma confissão veio-lhe aos lábios, como um grande, um imenso desafogo:

– Isto é que é terra! O mais é história...

***

Preocupado com a falta de notícias de casa, Eduardo telegrafara, pedindo resposta urgente; mas nesse mesmo dia o gordo Molulo, o casto Molulo, despejou nas mãos do Rei do Tório, um saco de cartas e jornais. Tudo ia bem pelo Rio. Em casa saúde e paz; Braulina em estado francamente lisonjeiro; a intervenção correra bem, e a Glorinha passava grande parte do dia, à cabeceira da pequena.

– Bem – disse Eduardo com os seus botões – agora é tocar para o Rio, que, parece, já estou salvo da rajada.

E entrou a compor as malas.

Na noite de sábado para domingo, ninguém mais soube do paradeiro do Gonzaga.

Seriam precisamente dez horas da manhã, quando o secretário galgou a custo a escada da casa do Aguirre. Ao chegar ao corredor, notou que na sala havia visitas; e, ou porque desconfiasse do estado em que se achava, ou porque não estivesse para salamaleques, o fato é que resolveu encurtar o caminho, e bateu discretamente à porta do quarto do Eduardo.

O príncipe barbeava-se, em chambre de banho.

Gonzaga, com as botas e a bainha das calças completamente encharcadas, contou-lhe então a história de uma farra de despedida que lhe haviam oferecido no hotel do Baldi.

Aquilo é que fora uma grossa pândega, que gente boa, que camarões, que pinga!

– Imagina tu – narrava o secretário – que ao fundo do quintal do hotel, entre uns cajueiros, há um antigo tanque de lavar roupa, cheio duma água muito suja, estagnada ao sol, sobre um fundo lodoso e negro. Pois o Arquimimo, – conheces o Arquimimo?

Eduardo não conhecia o Arquimimo, e continuou a passar a navalha ao afiador.

– O Arquimimo, filho, o Arquimimo de Matos, diretor da Instrução Pública – esclarecia o Gonzaga, espantado com haver alguém que não conhecesse o Arquimimo – o Arquimimo, um belo, um excelente camarada, rapaz de muito talento... Havias de gostar de conhecê-lo. Ocupa um cargo de alta categoria burocrática, e não liga a mínima a esta besteira de preconceito. Simples como ele só. Mas, como ia dizendo, o Arquimimo, ao que parece, não é lá muito habituado a bebidas; pois, apenas provara umas perfumariazinhas à toa, e logo ficou gago, e cismou em que havia de pular por cima do tanque duma extensão de três ou quatro metros. Armou o pulo, e... Catrapus! Esborrachou-se na lama, correndo risco de partir um osso...

Tivemos que entrar na água, eu mais o Krompolz, para soerguer o companheiro, e salvar a dignidade da Diretoria da Instrução Pública... Belo rapaz o Arquimimo...

Eduardo repassava a navalha, escanhoando.

E o Gonzaga, deitando-se na cama de Eduardo, com os pés para fora do colchão:

– Sabes, Eduardo, vou montar aqui um jornal, com o Vieira da Cunha; nunca pensei que Vitória fosse o que é, palavra!... Que gente boa... E uma rapaziada desempenadíssima; lê-se muito, em Vitória... Um jornal de oito páginas, mesmo em máquina plana, com um feitio interessante, tem que pegar forçosamente... Já sondei o comércio; todo mundo anuncia... Tenho mesmo promessa do Antenor Guimarães, do Cruz, do Vivacqua, do João Nunes, que é teu agente... Depois, conto com anunciantes do Rio... Tem que pegar. Eu farei uma crônica sobre...

E quando o Gonzaga ia delinear o assunto da crônica, uma badalada tangeu o sino da catedral.

Lá estava, encarapitado na trave do campanário, o mesmo caboclo de todos os dias; e Eduardo comentou:

– Boa vida deve levar aquele sineiro; não teme as oscilações da Bolsa nem pretende a Morinelli...

O Gonzaga, mesmo da cama, informou;

– Aquele é o João Capuchinho, um dos tipos mais populares de Vitória...

Eduardo ainda chegou à janela que abria para o Largo da Matriz; era à hora da missa dominical. Beatas surgiam apressadas, desaparecendo como fantasmas, na penumbra da nave. À porta do templo, mendigos macilentos estendiam aos devotos a mão cínica. Sentado ao batente de uma das entradas laterais, um aleijadinho roía uma broa, com um sorriso miserável; junto dele, um sujeito muito cabeludo estirara sobre a laje a perna inchada, onde negrejava uma chaga intencional. Mais ao centro da praça um grupo de estudantes parara, a contemplar com curiosidade, a pessoa notável do Rei do Tório que, inadvertidamente aparecera à janela, com a cara coberta de sabão de barba.

E o Rei do Tório, caindo em si, recuou, encalistrado. Quando volveu ao toucador, já o seu secretário roncava esbandalhadamente o mais tranquilo dos sonos. Eduardo sacou-lhe as botas e as meias ensopadas, sem que o bicho desse por isso. Ainda pensou em acordá-lo, para irem à Penha, com os Aguirres, como haviam combinado; mas achou melhor deixá-lo dormir, que dormir era do que mais precisava o Gonzaga.

Terminado o almoço, lá se foi todo o pessoal em passeio ao convento da Penha, deixando o insigne comediógrafo entregue ao mais absoluto sossego.

Gonzaga dormiu seguramente dez horas a eito; e quando despertou do pesado sono, já o relógio de Santiago badalava arrastadamente

dez horas da noite. O secretário ergueu-se da cama, num sobressalto, e entrou a procurar o comutador. Eduardo havia fechado a janela para evitar que o sol tostasse a cara do dorminhoco; na casa estava tudo apagado; uma escuridão quase completa reinava no quarto.

Comprimido o botão da luz. e os olhos encandeados do Gonzaga esbarraram numa figura negra, plantada à cabeceira da cama, como um escravo etíope, velando o sono de seu senhor.

Era o Manoel Pepa. A servilidade estranha do crioulo irritou o Gonzaga, que teve ímpeto de o escachar, ali mesmo; todavia se conteve, e entrou a compor a toilette para cair na rua.

– Seu doutor não quis ir à Penha? – indagou o negro, num falsete melado, entre um sorriso banguela.

– Que Penha? – fez Gonzaga, distraído.

Depois, reatando ideias, e passando um pano às botas:

– Ah, é verdade, foi sempre à Penha o pessoal?

O pessoal tinha ido à Penha; e o precioso Manoel Pepa, num requebro, sugeriu ao Gonzaga umas sardinhas, ou um pouco de presunto... Era o que se podia arranjar, àquela hora, pois ainda não havia ninguém na casa.

– Obrigado, Manoel, eu vou sair – respondeu o secretário.

– Pra quê?...

O Gonzaga, abalando pelo corredor, já não ouvira a frase; mas o criado o seguiu até à porta; mesmo o viu dobrar à ladeira da Matriz. Na rua não havia viva alma; apenas, ao sobrado da esquina, o piano das Léllis chorava sentidamente uma valsa de província. Ao coração magoado do Manoel Pepa ecoavam ainda os passos do Gonzaga que fugira, pisando duro na calçada; e o negro gemeu, num desconsolo:

– Ingrato...

***

Gonzaga, vesgo de fome, ia zarro ao *Globo*; mas, passando pela rua Duque de Caxias, deu de cara com o pacatíssimo Salazar, sentado dominicalmente no tamborete de três pés, à porta da mercearia, babando a ponta apagada do cigarro de palha, a cozinhar, entre cochilos, a camoeca hebdomadária.

O Salazar, se bem que oposicionista vitalício, era ainda uma relíquia da velha guarda, e sua mercearia um reduto de respeitáveis tradições conservadoras.

Enquanto a boemia despreocupada e alegre de meia dúzia de pândegos, bebia e parolava abertamente, às públicas, ao sereno do *Rio Branco*, entre a repercussão da última do *Emílio*, e o repertório de Von Krompolz; enquanto essa gente de boa-fé gozava sem piores consequências um episódio do Manduca de Bininho, ou as façanhas munkhauseanas do Schneider – ao fundo da mercearia do Salazar, numa espécie de *reservado*, emborrachavam-se soturnamente, em grave concelho, os cidadãos conspícuos, em cuja austeridade "repousavam os alicerces do edifício social."

Era a esses ilustres varões de Plutarco, que o merceeiro servia, tabiques para dentro, discretos oceanos de vinho do Porto, silenciosos caudais de *whisky*.

A tais pifões, aderia indefectivelmente, numa solidariedade que era a sua mais alta demonstração de fé cívica, o pacatíssimo Salazar, cujas libações caíam como peso morto no balancete anual do estabelecimento.

Três vezes tivera fortuna o Salazar, e três vezes falira, por haver, ele mesmo, consumido o estoque da mercearia. O que ainda o aguentava de portas abertas, escorando-lhe as ruínas do crédito, era o balcão de comestíveis. Salazar não conseguia beber as cebolas nem os paios; e aí estava a sua salvação.

Havia longos anos, talvez desde os tempos da Capitania, vinha o Salazar mantendo com zelo a tradição conservadora de embebedar as *pessoas gradas* da terra; e ele tinha nisso uma grande honra.

Aos domingos, quando começava a cair a tarde, e feita a competente aguada, trancava a porta à chave, talvez mesmo num gesto de precaução contra a própria intemperança; e, sentado no histórico tamborete de três pés, deixava-se ficar, em frente ã mercearia até altas horas da noite, com um cigarro de palha que acendia uma só vez. Se, ainda ao meio, se lhe apagasse o cigarro, reacendê-lo era naquelas alturas tarefa tão penosa que o merceeiro preferia continuar babando a ponta apagada até quando Deus fosse servido levá-lo dali para a cama.

Foi nessa atitude que o pilhou o Gonzaga naquela tarde de domingo; e uma ideia extravagante acudiu ao insigne comediógrafo, que em vez de dar a caminhada até o largo da Alfândega, preferiu abordar o merceeiro:

– Olá, Salazar amigo, você é capaz de me arranjar umas mortadelas?

O Salazar abriu a custo o olho de bagre moído, e grelou o Gonzaga; reconheceu o *hóspede ilustre* e lançou à direita e à esquerda um olhar de receio.

O Gonzaga, compreendendo o gesto do outro, acalmou-o:

– Você está com medo dos fiscais? Deixa de ser trouxa, Salazar; pois você não vê logo que a estas horas os fiscais já estão dormindo?

O merceeiro, sem dizer palavra, tirou do bolso um molho de chaves, onde tilintavam todas as chaves de todas as fechaduras deste mundo.

Cuspilhou obliquamente sem deixar cair a ponta do cigarro. Ergueu-se trôpego, com o olho lerdo de borracho, começou a procurar a chave no molho. Foi isso uma laboriosa empreitada. Depois, para acertar com o buraco da fechadura, levou o Salazar um tempo imenso.

Gonzaga, já desesperado, estava a ponto de desistir das mortadelas.

E o merceeiro ia já resolvendo o problema, quando lhe caiu das mãos o molho, misturando-se de novo a chave às demais.

Gonzaga só faltava rebentar de impaciência. Após um tempo infinito, conseguiu o Salazar abrir a porta da mercearia.

Entraram. Salazar teve o cuidado de pôr o banquinho para dentro, e fechar cautelosamente a porta. A escuridão era completa; um cheiro ardido a charque sufocava.

Gonzaga apenas ouvia os passos do merceeiro que se arrastava, ás apalpadelas, dentro da treva; e julgou que o outro estivesse a procurar o comutador da luz elétrica. De repente um barulho medonho, estourou no armazém; fora uma pilha de latas de banha que, a um esbarro do Salazar, desmoronara. Gonzaga riscou um fósforo, e viu aberta no meio do armazém uma escada de cavalete; verificou então, aterrado, que a mercearia não tinha luz elétrica; apenas um lampião belga do tempo do onça pendia do teto carunchoso, entre pencas de garrafas de Chiante e presuntos de Lamego e réstias de cebolas e jacás de queijo de Minas. É que o Salazar, na qualidade de oposicionista vitalício, não podia aceitar a luz fornecida por uma usina do governo.

O fósforo apagou-se, e o Gonzaga riscou outro.

Salazar, só ao chegar ao topo da escada, depois de tirar a manga de vidro, é que deu pela falta dos fósforos; desceu com dificuldade, e, ao invés de pedi-los ao Gonzaga, caminhou silencioso para um escaninho da prateleira, donde apanhou uma caixa. Subiu a custo a escada e acendeu o pavio, e viu que esquecera a manga de vidro no balcão. A chama lúgubre e fumarenta do combustor a petróleo sem chaminé lançava uns clarões trágicos pela vidraça da armação.

Gonzaga, suando por todos os poros, já se havia arrependido mil vezes da ideia que tivera.

Salazar conseguiu afinal, colocar a manga de vidro e altear a chama, que derramou enfim por toda parte uma claridade mais intensa.

E o merceeiro, imperturbável, apesar da delicada contingência de bem servir o *hóspede ilustre*, não resistiu à desordem da lataria; e, pachorrentamente entrou a recompor a pilha, numa impassibilidade de desesperar. Gonzaga, alucinado, ajudou-o na tarefa, e a pilha em pouco se reconstituiu.

Então o Salazar, levantando a tampa dobradiça de um dos balcões, passa para o lado de dentro, toma o posto de merceeiro, atira à esquerda uma cusparada oblíqua, crava no Gonzaga o olho de bagre moído, respeitosamente saca da boca a ponta do cigarro, limpa os beiços com o dorso da munheca, e informa, num tom de lástima:

– Mortadela... não tem...

XII

À travessia e ao bondinho do Paul preferira Eduardo a antiga condução por mar, até Vila Velha. Ao Aguirre também lhe parecera mais agradável.

E tomaram a lanchinha do Aguirre.

Aderiram ainda à turma o Flávio de Jesus, da *Charutaria Havanesa*, e uns rapazes Cerqueira Lima, muito dos Aguirres.

A lanchinha, com a lotação completa, largou do cais do *Éden Parque* às duas horas, mais ou menos.

Uma viração nordeste caía sobre aquela tarde de sol, arrepiando de leve as águas azuis da baía.

Um transatlântico entrava no porto, vagarosamente, deixando atrás de si um friso branco de espuma.

Apenas se haviam afastado uns duzentos metros do cais, e a cidade apareceu, panoramicamente, como um presépio. Eduardo ia repassando o olhar sobre o que mais vivamente se destacava dentre a casaria ou do flanco verdoengo das colinas; e tudo lhe trazia uma visão evocativa dos seus tempos de menino.

Avistou o convento de S. Benedito do Rosário, todo branco de cal, com as portadas azuis, onde tanta vez, em companhia de seu pai, assisti-

ra emocionado, roxo de fome, roendo sequilhos, à festa do *mastro*, entre o entusiasmo da gente peroá.

À nesga de praia lamacenta que fora outrora o Porto das Lanchas, já se não viam mais as faluas de bojo reluzente de alcatrão, emborcadas para a calafetagem; agora ali era uma espécie de depósito de materiais, Meio enterrada na areia, uma caldeira velha, vermelha de zarcão e de ferrugem, rebrilhava ao sol, numa forte nitidez de arrebites.

A lanchinha passou rente ao *Penedo*; o Aguirre comentou o *Penedo*.

E a cidade ia desaparecendo por trás das colinas, como num cosmorama.

Avistaram em seguida um forte colonial, de pesadas e limosas ameias, já em ruínas. Ainda lá jaziam, estendidos a um canto de praia, os vetustos canhões de ferro fundido, dormindo secularmente ao desabrigo e ao esquecimento, como fósseis dum passado cheio de lances épicos, quando, instigados pelo morrão, atroavam, com a eficiência de suas balas esféricas...

– É o Forte de S. João, informou o Aguirre, cicerônico.

Eduardo já sabia; e lamentava que se não votasse um pouco mais de carinho àquela relíquia.

O Flávio ainda elogiou o pescado que ali havia, e o forte desapareceu, numa curva da rota.

Eduardo olhou para o outro lado. Era a *Pedra dos Ovos*; o Aguirre comentou a *Pedra dos Ovos*. Ao longe, o cabeço redondo do Monte Moreno, onde tremulavam galhardetes dum telégrafo semafórico, para avisos de navegação. Um dos rapazes Cerqueira Lima cravou o binóculo, e traduziu o sinal:

– 12 – VAPOR DO LLOYD...

A lanchinha jogava mais do que uma casca de noz, dando cada guinada de meter medo; e assim ganhou a barra, onde começaram a repontar as inúmeras ilhotas, minúsculas, orladas sempre duma franja de espuma muito branca, muito móvel. Eram quase todas rochosas; um tojo hirto, de um verde selvagem, eriçava-lhes, a espaços, o flanco escuro, como dorsos de baleias.

Por fim, branquejando ao alto dum outeiro coberto de robusta vegetação, surgiu o convento da Penha, joia preciosa e singela da tenacidade dos franciscanos e do ciclopismo colonial. Depois foi Piratininga, mais algumas praias alvacentas, e a lanchinha do Aguirre atracava ao cais de Vila Velha. Veranistas curiosos e gente praiana afluíam cerrando

os olhos à soalheira, a ver quem chegava na lancha. Ao largo da enseada, um barco de regatas parara, e de lá um remador acenava com o gorro. Era ao Flávio, que correspondeu.

Saltou primeiro um Cerqueira Lima; depois o resto do pessoal; e seguia o grupo rumo ao convento, quando o Aguirre parou a falar com um velhote de cavanhaque, sob um imenso guarda-sol cor de pinhão, sobraçando um exemplar do *Jornal do Comércio*, soltando ao vento as abas amplas do vasto *croisé*.

E o Aguirre apresentou;

– Dr. Eduardo Marinho, que nos visita; e aqui o desembargador Getúlio Serrano, da Corte de Justiça.

Já se conheciam de nome. Todavia o velhote ribombou, num vozeirão de orador do século XVIII, uma chapa solene, de cortesia:

– Muita honra, meu caro senhor doutor, muitíssima honra em...

E nisso uma rajada mais forte do nordeste arrebatou-lhe o guarda-sol, que foi parar longe.

O velhote pôs mão ao chapéu, enquanto um Cerqueira Lima corria a apanhar a barraca fugitiva...

E o desembargador ia concluir a chapa que interrompera, quando uma segunda lufada sacudiu o guarda-sol.

Então resolveu fechá-lo, mas a armação estava perra, e o homem, já roxo de raiva, rilhava os dentes fazendo força, sem o conseguir. Mesmo rosnou alguns impropérios; e foi aí que o Aguirre interveio:

– Com licença...

E fechou o guarda-sol do desembargador.

– Queiram perdoar-me – ribombou este, enxugando o suor com o lenço enorme – queiram perdoar... mas esta porcaria enerva-me... Quando o quero fechar, é um custo; quando o quero abrir, emperra. É um traste velho... Mas que quer? Pode lá um desembargador, nesta terra, comprar um guarda-chuva? Ainda por cima aposentado... se mal consegue comer...

E virando-se mais para Eduardo:

– Com que então, meu ilustre amigo, faz uma vilegiatura por estas paragens...

Não era bem vilegiatura. Falavam agora caminhando, a passo lento.

E o Getúlio, segurando o cavanhaque jurisprudente:

– É sempre consoladora uma visita ao berço, ao lugar do *naiscimento*, quando se vai já envelhecendo...

– Quando já se está velho, diga antes –emendou Eduardo sem deixar passar a gafe – Gosto muito de minha terra. Há muito que não a via e achei-a bastante mudada; em tudo se nota o progresso. Tenho para mim que o que de certo modo retarda um maior desenvolvimento desta terra é precisamente a proximidade do Rio.

– Labora em erro, meu ilustre amigo, labora em erro – ribombou o desembargador parando, solene, para dar maior majestade à replica.

Depois continuou ribombando ainda:

– Outros e mui fortes são os motivos de tão triste fenômeno.

– O desembargador quer referir-se, talvez, ao escasso povoamento... atalhou Eduardo, para entreter.

– Nada disso, meu ilustre amigo, nada disso; a *causa prima* do nosso atraso moral e material *repoisa* na pouca *várrgonha* de nossos homens de governo. Enquanto não tivermos no leme da nau do Estado um caráter rijo como os do Império, é *abéssolutamente* impossível qualquer esperança de progresso.

E o desembargador ia desencadear uma saraivada de recriminações sobre a gente do Estado, quando o grupo parou em frente ao cruzeiro que dá início à ladeira do convento. O velhote falava ainda, abundando em adjetivos.

– Vamos até à Penha? – interrompeu o Aguirre, estendendo ao orador a mão de despedida.

– Obrigado, muitíssimo obrigado. Vão com Deus. Se na volta quiserem descansar no meu casebre, ali o têm – ribombou despedindo-se, apontando vagamente uns casinhotos de porta verde, que se perdiam no areal.

Agradeceram.

E lá se foi, praia afora, o velho desembargador, que já não desembargava cousa alguma, soltando ao vento as abas da sobrecasaca, a ruminar filosofias, com o *Jornal do Comércio* e com o guarda-sol cor de pinhão.

Para Eduardo a subida foi assaz penosa.

À terceira curva, teve que se sentar a uma pedra, e ofegava.

Chegaram ao convento quase às cinco.

Eduardo, com o olhar perdido na amplitude do horizonte, pasmava, maravilhado.

Num tom lilás de tarde de estio, morria o céu, ermo de nuvens, sobre o oceano cor de turquesa, que se arqueava, como nos compêndios em que se representa a redondeza da terra. Triângulos de velas alvejavam, apenas visíveis. Uma embarcação distinguia-se ao longe deixando

um traço de fumo que logo se esbatia e apagava: era o vapor do Lloyd anunciado pelo Monte Moreno.

Eduardo, arrancado a esta contemplação pela urgência da hora, enfiou por um socavão sombrio, e, guiado pelo Aguirre, subiu à sala dos milagres, onde o grupo se deteve.

Ali sentiu ele a mais forte emoção que lhe dera sua terra; mais forte que a da visita à sepultura de sua mãe. Entre os milhares de objetos curiosíssimos: peças ceroplásticas, desenhos, madeixas, balas encastoadas, ignóbeis painéis a óleo, várias outras sortes de bugigangas – descobrira Eduardo um dos barquinhos miniaturais, de sua fabricação, nos belos tempos da rua do Rosário. Cobria-o completamente, por igual, uma camada espessa de pó. Eduardo procurou certificar-se; a claridade na sala, àquela hora, era já muito deficiente; foi necessário riscar um fósforo. Lá estava, à popa do barquinho, a marca do armador: as iniciais E. M. em monograma, num dourado denegrido, encimando a palavra VICTORIA.

Riscou ainda um outro fósforo para ler a legenda do milagre a que se prendia o barquinho; então, um abalo violento fê-lo sentar-se a uma banqueta de pedra, estarrecido, branco como a cal.

Tratava-se duma promessa feita por sua mãe, rogando à Senhora da Penha que lhe restituísse a pessoa ou ao menos o cadáver de Zé Gordo, quando este, pilotando o *Penedo*, naufragara à vista de Marataízes.

A todos impressionou aquele estranho capricho do acaso.

Houve ainda quem se oferecesse para conseguir da administração do convento a entrega da peça a Eduardo. Este, porém, respeitosamente, optou por que se conservasse ali, naquele santo lugar, a relíquia que temia expor à poeira profana da rua de S. Francisco Xavier.

***

Quando o *Tijuca* levantou ferro do ancoradouro de Vitória, Eduardo, em pé no portaló, acenando aos amigos que o foram levar a bordo, lançava sobre o enxame de embarcações que se afastavam do costado do navio, sobre o cais, sobre a cidadezinha onde nascera, sobre o Espírito Santo enfim – um olhar de sincera emoção. Pressentimentos vagos invadiram-no, com a certeza de que via tudo aquilo pela última vez.

Sua vida intensa de homem de negócios trazia-o sempre preso ao Rio; e os seus sessenta e oito anos não autorizavam maiores esperanças.

O dia amanhecera triste, nublado, numa constante ameaça de chuva; e aquele céu da véspera, tão azul, tão claro, tão transparente, fizera-se agora pardacento, opaco, duro, como uma cúpula de granito. O mesmo mar, que era, de comum, tranquilo, duma doçura amena de golfo, parecia revolto, traiçoeiro, encrespado em marolas dum brilho fosco de palhetas de aço.

Lenços agitavam-se frenéticos, de bordo para terra e de terra para bordo; cada um deles tinha um destino particular, envolvia um adeus pessoal; todos, entretanto, compunham um grande, um amplo adeus, entre a pequena cidade que ficava e a grande cidade que partia.

–- Não se esqueça de mandar o peixe frito; mande sempre que tenha portador – berrou uma voz conhecida ao lado de Eduardo, arrancando-o ao completo alheamento.

Era o Gonzaga, com a cabeça enterrada no hediondo boné de pano escocês, fazendo uma recomendação urgente a alguém que se afastava, entre os inúmeros botes que ainda rodeavam o navio.

E uma vozinha melada de falsete, respondeu:

– Sim, senhor, *seu* doutor, hei de arranjar sempre quem leve o peixe frito... Também não se esqueça do que me prometeu...

Era o Manoel Pepa, que trepado ao toldo da lanchinha do Aguirre, escorava-se ao pau da bandeira, numa atitude muito sua.

Um ronco fanhoso partiu do alto da chaminé, pulverizando o tombadilho duma garoa rala, irritante.

O Rei do Tório e o secretário particular do Rei do Tório haviam já deixado o portaló, e quedavam pensativos, debruçados à amurada de ré.

– Boa gente esta, Gonzaga...

– Muito boa gente, Eduardo... Que peixadas, que camarões! sobretudo o alvaralhão do Parra era sempre muitíssimo bem ido...

***

E os dois ficaram ali, a filosofar tristemente, cheios de recordações, como se acompanhassem ao enterro daquela semana encantadora.

Eduardo ia explicando pacientemente ao Gonzaga o convento do Rosário, o Penedo, o forte de S. João, a Pedra dos Ovos, o Monte Moreno e quando prometia a maravilhosa visão da Penha, já o secretário entrara a empalidecer, a porejar um suor frio...

Gonzaga enjoava...

Já em franca náusea, desistiu da Penha e foi logo recolhendo ao beliche, amparado pelo amigo.

Eduardo, abrindo uma valise ligeira, substituiu o chapéu por um gorro de viagem; e começou a dispor pelo camarote os pequenos objetos de toilette.

A sineta de bordo tocara para o *lunch*.

Gonzaga, emborcado na cama, não dava acordo de si.

— Queres que te mande vir uma xícara de chá? — sugeriu Eduardo, muito à vontade, metendo uns charutos na carteira.

O outro não se movia.

E quando o companheiro começou a despi-lo do pesado jaquetão, o bicho, numa sacudidela brusca, com os olhos a saltarem-lhe das órbitas, abriu um bocalhaço horrendo e despejou pelo beliche, pelo chão do camarote, os destroços da última peixada.

Daí por diante não fez outra cousa senão vomitar.

Na cama não havia posição que lhe servisse; virava ora para um lado, ora para o outro, numa angústia de fazer dó.

O ruído surdo, mas constante, do propulsor chegava-lhe aos ouvidos como o eco da própria agonia.

Gelo, amônia, casca de limão — tudo fora tentado em pura perda.

Um médico de bordo lembrara umas gotas de clorofórmio num pouco d'água; foi uma triste ideia. Gonzaga não era positivamente um bebedor intemperante; mas gostava de empinar diariamente a *sua* dose; e o clorofórmio teve um efeito desastrado; uma fase de agitação sobreveio, tão violenta, que chegou a atemorizar Eduardo. Depois caiu novamente o Gonzaga num pesado abatimento. Já se não erguia para vomitar na vasilha; e emporcalhava os lençóis com uma cola esverdinhada de bílis. Por fim, tendo conseguido uma posição mais a jeito, parecia querer adormecer, quando uma barulheira maluca o despertou, sobressaltado.

Era uma companhia de revistas que viajava da Bahia, e representava alguns números no salão do vapor. E recomeçou a mesma lida. Durante toda a noite Gonzaga não logrou pregar olho. Nos momentos de maior lucidez vinha-lhe como que um profundo arrependimento de ter aderido àquela viagem por mar... Ah! Se calculasse...

E uma golfada amarga de bílis interrompia o ato de contrição. Depois reatava: Ah se soubesse... Preferiria mil vezes a maxambomba da Leopoldina, àquele martírio inenarrável. O risco da via férrea, o medo do descarrilamento, da colisão, do despenhadeiro, nada disso era para se comparar à tortura que o aniquilava.

E então, uma ideia fixa lhe verrumava o cérebro como um parafuso sem fim: era uma ponte salvadora, uma ponte movediça, como das galeras romanas, uma ponte ideal que, articulando por uma extremidade com o bordo do seu beliche, se fosse desencaixando sobre si mesma, e caísse ao peso da outra extremidade provida de grampos tenazes sobre a areia da praia mais próxima. E ele, Gonzaga, correria célere, sobre esta pinguela providencial, para só parar quando pisasse em terra firme.

Que cousa boa a terra firme!...

E a ideia da ponte, de uma ponte cada vez mais aperfeiçoada, martelava-lhe o miolo.

Gonzaga, mesmo sem ser um técnico, traçou prodígios de engenharia; concebeu planos de um arrojo titânico.

O *Tijuca*, navio alemão de média tonelagem, jogava pouco; mas jogava o suficiente para que o Gonzaga tivesse a impressão de que vinha realizando um *raid* forçado de montanha russa na cordilheira dos Andes...

Tocara silêncio.

Eduardo, estendido ao beliche, lia um volume de Pitigrilli. Depois adormeceu, deixando rolar para o chão do camarote a *Cintura de Castitá*.

E perdeu-se a sonhar com a Morinelli.

***

Terminara o serviço de baldeação. Passageiros cruzavam-se, num perfeito à *vontade*, trocando cumprimentos, comentando a excelência da viagem.

E aos ouvidos de Gonzaga, chegavam aquelas vozes, como a fala duma gente estranha, muito feliz, duma gente que conseguia andar, falar, comer – e aí lhe veio um engulho – comer, viver em suma, dentro de um transatlântico...

E invejava, sucumbido, aquela humanidade transatlântica.

A ele, todos os sentidos enfaravam. Ao olfato era um cheiro azedo a vômito e a salsugem que nauseava; ao tato era o colchão incômodo de bordo, e os metais frios do beliche; aos ouvidos o ruído surdo da hélice; à vista era a treva, pois, os olhos estavam sempre cerrados; e quando se abriam era para ver tudo a rodar em derredor, num redemoinho de entontecer. E o paladar? Não podia pensar, sequer, em comer; descomer era o que o aliviava.

Eduardo percorria ainda com o binóculo a extensão visível da costa, quando uma voz aflautada de nortista bradou com espalhafato:

– Olá, seu Marinho! Onde é que você embarcou, que eu não o vi?

Era o senador Jesuíno Séve, de Pernambuco, muito vermelho, metido num costume de xadrezinho, com boné do mesmo pano, e que viajava do Recife.

Rapara o bigode; o cabelo rasparam-lhe o tempo e a vida que levava. Era miúdo, alegre, afável, rindo sempre com uns belos dentes postiços.

À *boutonnière*, um refolhudo cravo vermelho completava-lhe o todo petulante de velho bilontra; a pedraria que lhe faiscava no alfinete de gravata, nas abotoaduras, no medalhão pendente da algibeira, no anel, onde cintilava um diamante de grosso quilate, significava a prosperidade dalgum engenho de açúcar.

Eduardo, com o estado de Gonzaga, não havia podido arredar pé; mesmo as refeições, fizera-as no camarote.

– Enjoa, seu companheiro? – indagou, amável, o senador, soprando a opulência dum havana soberbo; e continuou, otimista:

– Isso de enjoo não passa de sugestão.

Eduardo, cosendo-se ao portal, mostrou-lhe o companheiro. Gonzaga jazia, aniquilado, de olhos fechados, numa palidez esverdeada de icterícia. Na fronha, no lençol, no peito da camisa, nódoas de bílis davam uma impressão de nojo.

–Que é isso, meu amigo? – interpelou, quase íntimo, o senador, que via o Gonzaga pela primeira vez. O infeliz abriu um olho bêbado e forçou um sorriso de agradecimento. Tornou a cerrar os olhos, completamente tonto.

Da portinhola o homenzinho do cravo vermelho insistia, cacete:

– Isso é sugestão, moço. O navio não está jogando, não. Está o quê...

Já experimentou um pouquinho de ipecacuanha da homeopatia?

– Mas isso já é de si um vomitivo, obtemperou Eduardo, num resto de saber profissional.

– Pois é isso mesmo – cantou o velhote com a voz aflautada – é isso mesmo: *similia similibus curantur*; porque não experimenta a ipeca?

– É melhor não mexer muito com ele – fez Eduardo, cético. E mudando de assunto:

– Como vão as cousas lá pela terra. Borba-se muito por lá?

As cousas iam mal; felizmente o senador Jesuíno Séve não era lá muito metido em política. Não dava para estas cousas; como senador cumpria rigorosamente o seu dever; ia ao Senado sempre que lho permitiam os seus afazeres, votava disciplinadamente os projetos que emana-

vam de autoridade constituída, não falava nunca porque não havia disso a menor necessidade, e assim procurava fazer jus ao subsídio, com a sua discrição, com o seu apoio incondicional ao governo, a quem, como cidadão, devia respeito, obediência e solidariedade. Metia-se apenas com os seus próprios interesses, com o seu engenho, com a sua safra. Saúde, esta não lhe faltava, graças a Deus; apenas um ligeiro enfraquecimentozinho, próprio da idade, o desconsolava.

E piscando a Eduardo o olho libertino:

– É a única cousa que me vem desgostando, meu caro Marinho, é essa molezinha do físico. Você sabe... A gente precisa gozar o seu pedaço... É o que se leva desta vida...

Mas vinha com muita esperança no Voronoff; viajava somente com um fim: esperar o Voronoff no Rio, para submeter-se ao processo...

– Que processo? – indagou Eduardo, varado.

– O processo de Voronoff, ora esta! Qual haveria de ser...

Animado pelo sucesso obtido na Europa, o cientista empreenderia dentro em breve uma *tournée* à América do Sul, e deveria chegar ao Rio precisamente em janeiro. Já havia mesmo tratado várias operações.

Eduardo, como um viajante que, perdido na mata, já resignado a morrer na espessura da brenha inextricável, avistasse ao longe um lume de habitação humana – precipitou, nervoso, uma série de perguntas:

– Mas que novidade é esta do Voronoff no Rio?... E como é que os jornais não deram cousa alguma a respeito? É seguro o processo?

– Apanhei-te, cavaquinho – sorriu o senador com todos os dentes postiços, e com um legitimo conforto intimo à própria vaidade, pelo que notara no outro.

Eduardo caindo em si procurou disfarçar:

– Sim, porque afinal de contas uma cousa destas vai fazer uma revolução na medicina...

E o Séve expôs tudo quanto sabia sobre o processo de rejuvenescimento, admirando-se mesmo de que Eduardo desconhecesse o caso de Voronoff. No começo os estudos eram feitos com glândula de macaco, e ainda se empregava este material; mas já tinham sido feitas várias operações com glândula humana. Houvera até um certo escândalo em Paris, em torno da legitimidade da doação do tecido humano. Voronoff começou tentando aproveitar os órgãos dos cadáveres ainda quentes; mas depois veio à baila a discussão sobre o emprego da glândula humana de vivos. Discutiu-se muito, fez-se um grande banzé, os moralistas botaram

a boca no mundo; mas pôs termo à encrenca uma lei, largamente debatida no parlamento, em virtude da qual ficara estabelecido que qualquer indivíduo de maioridade e consciente poderia, livremente, abrir mão de uma glândula, com ou sem interesse lucrativo, visto como estava demonstrado que a supressão de *um* dos elementos de determinados órgãos pares não trazia dano algum à vida ou mesmo à saúde do doador.

E aplicaram ao caso o critério que de há muito já vem presidindo à doação de sangue, para as transfusões...

Eduardo ouvira aquilo tudo, bestificado, e não se pôde conter:

– Mas qual o resultado da experiência com glândula humana?

O Séve não sabia; achava, porém, que deveria ser bom; do contrário não tinha cabimento a lei francesa. E Eduardo, curioso, quis saber como é que Voronoff iria proceder no Brasil, em face da lei...

–Aqui a lei é pros trouxas, filho – fez o Séve, simplificando – o Brasil é o país da liberdade...

E atirando uma tapinha maliciosa à barriga de Eduardo:

–Está muito interessado, hein? *Seu* maroto...

Eduardo não respondeu; estava absolutamente atordoado com tudo aquilo; parecia-lhe até uma pilhéria do Séve. O senador, entalando o polegar na cava do colete, soprou uma fumaça; e com um ar pelintra:

– É isso, meu caro Marinho, estou aqui, estou na faca. A natureza começa a querer negar fogo? – Voronoff no caso; e toca a tirar uma casquinha, que é o que se leva desta vida...

Depois, filosofando:

– É isso, meu velho; a humanidade sempre se compôs de duas metades das quais uma vive apenas para explorar a outra... Enquanto um sábio de óculos queima as pestanas na aridez dum laboratório, nós, gozadores, vamos gozando umas sobras... Quem sabe se você não está precisando, também, do Voronoff? Pois é fazer, é fazer. Se quiser pode até esperar pelo resultado do meu caso... se Voronoff estiver também disposto a esperar...

E Eduardo, recompondo-se da bestificação, e torcendo, maquinalmente, a cremalheira do binóculo:

– Qual, meu caro, eu não vou nessa cousa de operações assim sem mais nem menos... Ainda você tem razão de se meter com Voronoff, porque faz esporte do caso, é querido das pequenas, encantador... mas eu, *alquebrado ancião*, que mal se pode ter nas gambias... já não sou para estas proezas...

Um barco à vela surgira, enfunado, e o Eduardo cravou-lhe o binóculo.

Era uma escuna norueguesa; Eduardo reconhecera o pavilhão; e passou o binóculo ao Séve.

Ia reacender o charuto muito mascado, quando um ronco rebentou no camarote.

Lá estava o Gonzaga pondo os bofes pela boca, numa golfada espessa de bílis pura.

Os dois, Eduardo e Séve, correram a ampará-lo. Gonzaga não teve ânimo de agradecer sequer, e caiu derreado no colchão, gemendo, arquejando, retendo engulhos.

– Você está ruinzinho, camarada, – pilheriou o Séve, com uma intimidade muito nortista – Vamos, levante-se daí, vamos para o tombadilho; lá é muito mais fresco. Esse ar abafado de cabine é que lhe está fazendo mal... Um arzinho fresco pelas trombas é um santo remédio...

Vamos! Para quem enjoa não há como o tombadilho...

E virando-se para Eduardo:

– Você não trouxe uma cadeira de lona?

Eduardo trouxera; e a ideia do Séve não parecia má de todo. A custo consertaram a *toilette* do Gonzaga e levaram-no, aos cambaleios, pelo corredor, tendo o Séve uma certa cautela, temendo a cada passo uma golfada de bílis pelo costume de xadrezinho.

Num dado momento, o olho bêbado do Gonzaga lobrigou vagamente a faixa escura do litoral, que se perdia, à distância. E não só pensou, mas chegou mesmo a balbuciar:

– Uma ponte! Uma ponte para terra – é o que vocês precisavam arranjar...

Com a ideia da ponte veio também um engulho; Séve, lépido, fugiu com o corpo, ante a iminência da golfada, que felizmente frustrara, num simples rebate falso. E levaram o *doente*, para um ótimo lugar, onde o moço de bordo armara a cadeira de lona, sobre a qual estenderam a pessoa enjoada, desmantelada, do festejado comediógrafo Gabriel Gonzaga.

O tombadilho, ainda úmido da baldeação, deitava um cheiro a sabão, a asseio.

O movimento de passageiros, àquela hora, já era intenso.

Crianças, muito encapotadas, corriam e saltavam, rindo alto. Na cadeira vizinha, uma vastíssima senhora, um tanto enjoada, tirara o *pince-nez*, e cravava no Gonzaga o olho mole, de vaga curiosidade.

– Joga este charuto fora e fuma isto – fez o Séve, oferecendo a Eduardo a carteira recheada, e estendendo pilhericamente o gesto ao Gonzaga, que via naqueles charutos, apenas bastões de tártaro emético.

Todavia agradeceu com o olhar, enquanto Eduardo acendia um havana.

– Mas afinal onde embarcaram vocês, que eu não vi? – reatou o Séve.

Haviam embarcado em Vitória; e Eduardo ia contar Vitória, quando o estafeta de bordo surgiu, dentre os passageiros, indagando num sotaque espanholado:

– Sr. Eduardo Marinho! Quem é aqui o Sr. Eduardo Marinho? Está aqui o Sr. Eduardo Marinho?

É aqui, deixa ver – adiantou o Séve, a quem o moço, já conhecido, cumprimentou.

E Eduardo abriu o radiograma; fez-se pálido de cera: – era de Gina Morinelli; dizia laconicamente:

BOAS VINDAS. Gina.

– É uma amiguinha que se lembrou de mim, – murmurou Eduardo, passando o papel ao Séve.

E procurando justificar a visível emoção:

– Puxa! Assustou-me... Um radiograma nestas alturas...

A sineta de bordo badalava uma refeição qualquer; e os dois desceram, fumando, enquanto o Gonzaga, já melhor, de olho entreaberto, avistava ao longe a faixa escura do continente, que, ao balanço do navio, aparecia ora acima, ora abaixo do parapeito da amurada.

E a ideia da ponte verrumava-lhe o miolo, como um parafuso sem fim.

Às duas horas da tarde, Eduardo, em pé, junto à cadeira do Gonzaga, com o binóculo à cara, fixou uma saliência ainda imprecisa, no recorte esfumado da costa, sob um céu claro de alto-mar.

Era o Pão de Açúcar.

Passageiros afluíam ao tombadilho, muito íntimos do Séve, que não despegara mais de Eduardo.

Apoiada ao parapeito, de costas para ele, uma criatura esbelta, de cabelos muito louros, ideais, que esvoaçavam ao vento seco; tinha qualquer cousa de Gina. Eduardo, olhou-a longamente e ficou com as mãos frias.

Por fim ela se voltou, num movimento brusco, e aos olhos embevecidos de Eduardo apareceu o carão mais hediondo deste mundo: sobre

uma pele aça, sarapintada de sardas, abriam-se dois olhos vesgos, medonhos. E o beiço ralo, entreaberto, dava saída a um leque de dentes amarelos, cravejados de ouro e projetados para a frente, como limpa-trilhos.

A criatura horrenda, dando com o Séve, arreganhou mais a dentuça, num sorriso besta, desarticulando palavras quase ininteligíveis, em forte sotaque americano.

Mesmo sem a compreender, o Séve, também risonho, dizia, berrando, como se o estafermo fosse surdo:

– Rio!... Estamos chegando ao Rio!...

A mulher provavelmente só pescara a palavra *Rio*, porque repetia dentre o limpa-trilhos:

– Yes... we are arriving at Rio... yes...

Fez uma mesura a Eduardo e saiu, enterrando na cabeça ideal um chapéu de palha que trazia à mão.

– Donde sobrou esta abantesma? – indagou Eduardo, vendo-a sumir-se por trás dum ventilador – Isto é o que se pode chamar um breve contra a luxúria... Caramba!...

E o Séve, desapontado:

– É Miss Dora, muito interessante; feia, mas muito simpática. É americana; é do *Exército de Salvação*.

***

Ao cais de Mauá, o Nestor, todo de branco, foi a primeira cara conhecida que o Eduardo descobriu entre a multidão que aguardava a chegada do *Tijuca*. Depois avistou Glorinha e a mirradíssima D. Sinhá, com o olho enorme através do vidro de forte grau, que faiscava ao sol; também lá estava o bacharel Malheiro, de fraque negro e *plastrom* negro, numa atitude de enterro.

Pessoas do escritório, o Cosme, mais uns conhecidos e eis toda a comissão que fora receber o Rei do Tório, cujas primeiras palavras foram para saber da saúde da Braulina.

***

À noite daquele mesmo dia, Eduardo, enterrado no *maple* da sala de jantar, fazia o elogio de sua terra natal.

Glorinha, vingada, atirava remoques à pessoa muito murcha do Gonzaga, a quem a narrativa de Eduardo reduzira a uma edição modesta de D. Quixote.

O bacharel Malheiro, no episódio do convento, abundou em considerações sobre a *fatalidade das cousas eternas*:

– Já dizia o grande Camilo...

E Camilo não pôde dizer cousa alguma, porque o Nestor aparecera, afobado, com a bagagem.

Gonzaga reclamou um cesto de tangerinas e um papagaio que trouxera para D. Sinhá; mas o carregador, bronco, não deu volta ao caso.

Ao chá o Gonzaga aventurou umas piadas sobre a mortadela do Salazar, mas ainda repugnou as bolachas que lhe oferecera D. Sinhá; a boca amargava-lhe como fel.

Às dez horas despediu-se o bacharel Malheiro, augurando *uma noite de merecido repouso*, e enfiando no bolso do fraque, a estampa da Virgem da Penha de Vitória, que lhe dera Glorinha, entre o chá e o *cracknell*.

Eduardo ainda insistiu para que o Gonzaga dormisse lá mesmo. Mas o secretário preferiu abalar.

E ao primeiro balanço da barca da Cantareira, despejou o chá e as bolachas, com grande espanto dos passageiros, dentre os quais muitos o conheciam.

Mesmo ouviu qualquer cousa assim:

— Coitado! Como está ruinzinho... É isso... intelectuais...

XIII

O namoro de Glorinha com o bacharel Malheiro, ia tomando já um caráter de seminoivado; todos os de casa o sabiam e aceitavam.

Eduardo, se bem que estranhasse até certo ponto o *caimento* da pequena pelo bisonho ledor de Camilo, não via nele, entretanto, defeito ou incompatibilidade que pudesse justificar uma recusa.

Glorinha escolhera-o? Estimavam-se? Pois que se casassem... pronto!...

Malheiro era exageradamente formalista, desconfiado ao extremo, e de um temperamento sombrio, reservado; mas no fundo integralmente honesto, metódico, trabalhador.

Eduardo achava-o, é verdade, um pouco mesquinho, quase avaro; mesmo como poeta, cingia-se à exiguidade do soneto, que explorava até o acróstico, para que se lhe não desperdiçassem as iniciais.

Como advogado dos interesses da Companhia, sua atuação resultava sempre satisfatória.

As Indústrias Reunidas Marinho dispunham de um corpo de advogados, tendo à frente Pires Brandão, nome feito dum excelente boêmio que fora íntimo do Eça; agora ia levando a vida serenamente, entre uma banca rendosa e um razoável repertório de anedotas, *todas autênticas*. E o velho advogado só acudia à Empresa com o *jamegão* e com a responsabilidade; raramente com o ardil.

À sua consulta chegavam apenas os casos de subida relevância, as questões de maior complexidade. No mais, na trica de todo dia, era a turma de bacharéis que atuava, que se movia; e dentre estes ressaltava a figura soturna do Malheiro, arguto e manhoso, com toda a eficiência do *age mansinho*.

Enquanto o talento oratório de fulano e a transcendência jurídica de beltrano complicavam e perdiam em delongas forenses os casos de urgência, onerando os cofres da companhia e entravando a marcha dos empreendimentos – a casmurrice calada do Malheiro, minando surdamente o adversário num trabalho lento de toupeira, ganhava sempre por *meia cabeça*, quando já bem pouco se esperava de êxito.

Eduardo costumava dizer;

– Esse bicho, debaixo da calada, consegue furar meio mundo... Vai longe, se continuar assim. Não há fúria de credor que ele não aplaque; não há queixa de acionista que ele não anule; não há impertinência de freguês que lhe resista à solenidade calma dos argumentos; e sempre calado, persuadindo pelo silêncio, agindo pela inércia.

– Malandro não *estrila* – picava o Gonzaga, que não ia muito à missa do bacharel.

Quando a *verve* do insigne comediógrafo explodia com brilho, enchendo de risadas gostosas a sala de jantar dos Marinhos, só a pessoa do bacharel se conservava impassível, numa sisudez de jumento.

Talvez concorresse isso para que o Gonzaga lhe farejasse, sob a capa de *gentleman*, debaixo daquele burel de castidade, a manha dum acabado safardana, em cujo cérebro fermentavam ciladas tenebrosas, até incestos. Oxalá se enganasse...

– Ora, Gonzaga, esta gente do sul é sempre assim, muito retraída; – defendia Eduardo – aquilo é feitio.

E o Gonzaga, implacável:

– Pode ser, filho, pode ser; mas eu tenho uma birra solene com esses tipos impenetráveis, metidos a catões, bancando o impoluto, o puritano; são quase sempre hipócritas, perigosos. Depois, para mim, ele tem um defeito capital: – é burro como uma cenoura; e ainda por cima ledor de Camilo...

Tais apreciações moderaram cortesmente, quando o namoro do bacharel começou a tomar foros de cousa séria.

Ainda assim, lá uma vez por outra, lhe soltava o Gonzaga uma lambada mestra, caindo por uma semana a fio no desagrado da pequena.

E antevia já a sala de jantar dos Marinhos, outrora tão cheia do encanto e da graça de Glorinha – povoada, dentro em breve, duma récua de Malheirosinhos chorões, todos de fraque, (já nasciam de fraque), a pedinchar rebuçados entre citações de Camilo...

Dizia sempre essas cousas na ausência da pequena, rogando "não lhe fossem contar aquela brincadeira, pelo amor de Deus".

E assim, entre o ardor de Glorinha, o olho enorme de D. Sinhá, a aquiescência de Eduardo e a chacota do Gonzaga, ia medrando com bom viço o namoro bacharelático de Flávio José da Costa Malheiro.

Entretanto, com o correr do tempo, redobravam de rigorismo os zelos do bacharel para com a pessoa da namorada.

Ele implicava com tudo, vetava projetos de passeios, cerceava relações, censurava leituras, proibia teatros, impugnava penteados, condenava *toilettes*, reprovava atenções de mera cortesia para com amigos da casa; em suma: tornara-se um misto de Catão e Otelo, trancando a boa Glorinha num calabouço de preconceitos idiotas, tolhendo-lhe a vocação artística, criando-lhe um ambiente de antipatia, isolando-a mesmo do natural apego aos que a haviam criado.

Glorinha, resignada, submissa, ia aceitando, na cegueira do seu imenso afeto, toda aquela série de exigências ridículas, como se tais excessos de zelo fossem a demonstração do sentimento indomável em que ardia o coração do bacharel.

E o medo de desgostar com um gesto, que fosse, a pessoa do complicadíssimo namorado, trazia-a num constante sobressalto, minava-lhe a saúde, como uma doença.

Só porque houvesse dispensado um pouco de carinho à Braulina, visitando a estenógrafa ao hospital, e interessando-se pelo restabelecimento dela – muito teve que ouvir do bacharel. Aquele contato com

"gentinha de camadas inferiores, com uma reles empregada do comércio, que saía a lidar com homens" era conduta imprópria de moça de qualidade, como Glorinha. Não lhe agradavam a ele tais promiscuidades... Malheiro falava baixinho quando a repreendia; não fazia escarcéu, nem desembuchava uma reprovação franca; mas amuava, amuava à toa, e, por dá cá aquela palha, endireitava-se na cadeira, franzia o sobrolho cretino, puxava o relógio, e mudo, e calado, sempre solene, sempre Malheiro, formulava uma desculpa chocha e abalava, sem carregar no aperto de mão, sem tirar o chapéu no fim da alameda.

Glorinha compreendia toda a extensão daquela cena muda; e, de mãos geladas, recolhia ao quarto para desabafar num pranto de infinita mágoa.

Doutra vez fora por causa dum álbum.

Gonzaga, havia algum tempo, para ser agradável à Glorinha, conseguira-lhe dois autógrafos: um do Rui e outro da Maria Barrientos. O bacharel, dando com a assinatura da atriz, lançou à namorada um olhar de desprezo; nesse dia pisou e repisou o caso, em meias palavras de duplo sentido, em que havia uma repreensão mais do que severa.

E passou onze dias sem pôr o pé em casa dos Marinhos. Glorinha mortificava-se, não comia, vivia a choramingar pelo quarto, e fazia-se duma palidez de tísica.

E Eduardo começou a impressionar-se com o estado da filha.

A princípio ainda tolerou a rabugice do bacharel; tomara tudo aquilo à conta de ciumadas, e isso não chegava a ser um mal maior; seria, quando muito, uma imbecilidade. Mas agora já era demais. Aquela situação se lhe afigurava insustentável, exigindo-lhe uma providência imediata.

De uma feita, no escritório, desabafou com o Gonzaga, indignado.

– Eu não te dizia, filho? – fez o outro, triunfando – A pior cousa deste mundo é gente burra. Aquele bacharel é um caso...

Agora deves ter muito cuidado com as tuas resoluções. A pequena está inteiramente obcecada pelo patife, e qualquer precipitação de acontecimentos pode dar mau resultado.

E durante longas horas o namoro do bacharel foi o assunto da conversa, em que o pobre velho se perdia em lamentações.

Uma tarde em que Braulina indagara da saúde de Glorinha, Eduardo viu na estenógrafa uma tal expressão de sinceridade e de candura que não se pôde conter, e abriu-se com ela.

A rapariga tudo ouviu sem comentar; por fim, perguntou significativamente:

– E o doutor conhece bem a família desse moço? Sabe se ele é bom filho?

– Por quê?

Nisso, um chamado ao telefone cortou o fio da conversa; depois foi uma série de cousas várias, e não se falou mais no assunto. Todavia, a pergunta simples, mas incisiva da Braulina, na qual ele descobria uma sutil observação de caráter, ficou a martelar no cérebro de Eduardo, como uma revelação.

Para ele, tipo que fosse mau filho, teria de ser forçosamente mau tudo, na vida. E começou a detestar o bacharel.

Entretanto, se por um lado o caso de Glorinha crivava de apreensões o espírito de Eduardo, por outro, a perspectiva de Voronoff, acenando-lhe com uma nova ordem de cousas, não o preocupava menos.

Ainda que o não demonstrasse, desde que ouvira do Séve a notícia da próxima vinda do sábio ao Brasil, e da exequibilidade de seu processo de rejuvenescimento – não mais lhe saíra da cabeça a ideia de tentar aquela aventura, que lhe prometia acesso a um mundo novo, cheio de realizações formidáveis, com a reabilitação do amor próprio humilhado pela sua debilidade senil.

E a figura de Gina, avivando-lhe na alma a paixão latente, reacendera o braseiro que ardia abafado pelo respeito devido à sua dignidade, à sua situação de chefe de família.

Resumiam-se, pois, em Voronoff todas as esperanças de Eduardo, que, nesse sentido, procurara já o Angenor Porto.

O médico, inteiramente absorvido pela matéria de sua especialidade, que era clínica médica, nem sempre podia acompanhar a marcha de determinadas pesquisas. Assim lhe haviam escapado à leitura os últimos trabalhos de Voronoff, cujas recentes comunicações acabavam de provocar certo ruído na Sorbonne, e mesmo em vários centros culturais do Velho Mundo. Além disso – explicava o Angenor – quando Eduardo fora à sua casa a consultá-lo sobre os processos atuais de rejuvenescimento, pouco se sabia ainda de positivo acerca de Voronoff.

Logo depois, entretanto, rebentou até com algum escândalo o êxito obtido pelo cientista nas suas experiências, seguindo-se uma acalorada discussão em torno da legitimidade da doação de material humano para enxertos.

E o Angenor repetiu-lhe o que já havia contado o Séve, a bordo do Tijuca.

Apenas o advertia de que tais processos, não tendo ainda atingido um grau definitivo de perfeição técnica, apresentavam sério perigo ao

paciente, pois lera um livro do Dr. Voronoff, sobre o método do enxerto, e achava-o extremamente delicado, cheio de risco.

Eduardo, porém, a estas horas, já tinha devorado tudo quanto existia de acessível, a respeito de Voronoff e do processo de rejuvenescimento pelo enxerto. E estava mais do que resolvido a se deixar enxertar. Se no Rio não aparecesse algum que se prestasse a ceder uma glândula, mesmo ante régia remuneração, abalaria para a Europa, que lá doadores não faltariam, se não faltasse dinheiro gordo.

E todo ele era Voronoff.

Acontecia, porém, que tais castelos, vislumbrados à distância, como a Canaã duma felicidade nova, repousavam em bases inseguras de dados imprecisos, de informações mais ou menos incompletas. E por isso, toldando o céu de bonança antegozado por Eduardo, pairava, ameaçadora, a nuvem dum possível fracasso operatório.

Essa dúvida, roendo os nervos combalidos de Eduardo, num trabalho surdo de traça, trazia-o numa constante inquietação, a que se misturavam os receios pela saúde de Glorinha e um começo de ódio pelo bacharel Malheiro.

***

O dia dezenove de janeiro de 1924 entrara pelo quarto de Glorinha numa réstia de luz coada através da frincha do postigo, anunciando-lhe o termo da vigília.

A noite passara-a toda em claro, como, de resto, vinha acontecendo com as noites anteriores.

Malheiro descobrira já na atitude de Eduardo a patente preocupação com o namoro da filha, a menor alusão ao caso irritava o melindre do bacharel; e, se o velho, inadvertidamente, comentava, na presença dele, o estado de saúde da pequena, era isso motivo bastante para que lá não voltasse por uma semana a fio.

Fora o que sucedera, havia uns cinco dias. A zanga do Malheiro originara-se, como sempre, de uma futilidade. À hora do chá, Glorinha, muito abatida, esteve quase todo o tempo às voltas com um vidro de cristais japoneses. E Eduardo, naturalmente, quis saber a que se poderia atribuir aquela dor de cabeça.

– Ela hoje não almoçou nem jantou – disse D. Sinhá, repreensiva.

E Eduardo:

— Oh, minha filha, isso não pode continuar assim; é preciso que te alimentes... Estás tão fraquinha...

Foi a conta.

O bacharel amuou, deteve a torrada, pousou a chávena, e ninguém mais lhe conseguiu arrancar palavra.

Apenas, puxando o relógio, se lembrou, imbecilmente, dum trabalho que levara para fazer em casa... saiu, solene, numa mesura estudada, fulminando Glorinha com a frieza dum desinteressado aperto de mão.

A moça, abafando a custo o desespero, ainda o acompanhou com o olhar até o fim da alameda. E ele se foi, pisando duro, sem ao menos tocar o chapéu, e ganhou a rua de S. Francisco Xavier.

Glorinha, varada, atirou-se à cama, no mesmo pranto de todo dia, aquele imenso pranto das grandes dores imateriais que a vinham lentamente estiolando, corroendo, consumindo.

Havia, pois, quase uma semana que o bacharel não dava sinal de si.

E naquela noite o desespero de Glorinha chegou ao auge; a moça passara-a toda em claro, a chorar, a curtir a sua dolorosa amargura.

Pensamentos sinistros povoavam-lhe o cérebro, como fantasmas; a ideia da morte assaltou-a com frequência.

Por vezes, como que levada pelo instinto de conservação, tentara maquinalmente conciliar o sono; mas era impossível dormir.

Cerrava os olhos, e logo aos seus nervos vergastados pelos repetidos abalos morais, acudiam visões pavorosas, desordenadas, em que a figura dum Malheiro muito esbelto, muito másculo, deslizava pela alameda, por uma alameda compridíssima; ela corria a segurá-lo, a detê-lo; ele, porém, deslizava cada vez mais célere, mais inacessível, mais fugaz, até perder-se entre um turbilhão de mulheres seminuas, ideais, vagas, como duendes, elásticas, febris, que estendiam braços tentaculares, e envolviam, e tragavam o bacharel. E Glorinha abria os olhos num sobressalto, e caía numa grande lassidão.

A luz mortiça da lampadazinha azul da *veilleuse* esbatia-se pelo aposento, como a claridade dúbia dos sonhos de ópio, aveludando o ambiente duns semitons de irrealidade, animando de movimentos espectrais a imprecisão dos contornos; e as paredes, o teto, estiravam-se, alongavam-se em perspectivas fantásticas, vertiginosas, como um corredor interminável.

A porta larga que comunicava com o quarto de *toilette* dormira aberta; e a meia luz da *veilleuse* penetrava por ela, e ia arrancar ao bisel dos espelhos, fosforescências pálidas de fogos-fátuos.

De novo Glorinha, alucinada, cerrava os olhos; então era de novo o fraque do bacharel Malheiro, que lhe escapava, como uma sombra, pela alameda sem fim.

Uma tortura, uma horrível tortura! O ruído arrastado de algum bonde que passava, na rua, rangendo sobre o truque, trazia-lhe, de vez em quando, um sopro de alento, como o brado duma sentinela amiga; mas logo um silêncio pesado caía sobre o ambiente, aterrando-a. Por vezes lhe chegava aos ouvidos a risada sinistra de algum mocho, dentre o arvoredo do parque; e um calafrio gelava-a de maus presságios. Então, sentando-se na cama, deitava um gole d'água à garganta seca; e um raio de lucidez trazia-lhe a realidade da dor imensa que a prostrara. Perdia-se a chorar, e lá voltavam as tendências macabras, as resoluções desesperadas; de novo a ideia da morte, como uma obstinação, corvejava.

Pôr termo àquela existência de martírio em que se sentia incompreendida era, para ela, quanto lhe restava; mas o semblante bom de Eduardo, velho, doente, vivendo unicamente para ela, surgia-lhe ao clarão lúgubre da lampadazinha, com uma lágrima a rolar-lhe pela face lívida, morrendo à simples ideia de ver morrer a filha...

E um recôndito sentimento religioso exumava-a do horror de tais cogitações, inflamando-a de fé cristã.

Ela rezava, rezava muito, rezava longamente, com um fervor que, não raro, se misturava de lágrimas, e até de pranto. E isso, fosse pela exaltação do temperamento místico, fosse pelo fenômeno fisiológico do choro, o certo é que lhe dava uma doce consolação, uma vaga vontade de viver...

Então só pedia a Deus que fosse já dia claro; ansiava pela luz do sol, como quem espera a salvação.

Assim viu ela entrar-lhe pelo aposento a primeira réstia de luz natural. Ergueu-se muito cedo da cama. Ela mesma acendeu a chama do aquecedor.

E, quando se estirou ao fundo da banheira, uma nova ordem de pensamentos tomou conta do seu ser. A tepidez do banho acariciava-lhe a epiderme moça, derramando-lhe no sangue filtros sutis de estranha volúpia. Sentia-se mulher, viçosamente mulher... E deitava um olhar de curiosidade sobre a nudez da carnação virgem, que estuava.

Súbito, porém, uma onda de pudor invadiu-lhe a alma; e ela, casta, mesmo enrubescida dum pejo quase infantil, encolheu-se toda, num pudico fechamento de gestos e de formas; e terminou, às pressas, o banho, como quem foge a um lugar de tentação.

***

Às sete horas, muito fresca no vestido de linho alvíssimo, reclinada a uma cadeira de vime, na varanda, deixava-se penetrar toda da suavidade daquela manhã de estio. O sol, dourando obliquamente o cimo dos *flamboyants*, destilava um hálito morno de pujança vegetal, e não chegava ainda ao chão úmido do parque, onde mariscavam pardais.

Toda aquela harmonia de ar, de luz, de vida, em suma, lhe caía na alma como a graça duma ressurreição. E ela perdoava o bacharel, dava-lhe talvez razão, porque, no fundo, confiava nele, era dele...

Na casa começara o movimento da criadagem. Um leiteiro entrou, passou rente à varanda, e foi deixar o boião de leite ao patamar da escada que subia para a cozinha. Glorinha ouviu-lhe o bater do tamanco na calçada de cimento que circundava o palacete.

Nestor apareceu com os jornais. Ela pediu que lhe servisse o chocolate ali mesmo, na varanda. E quando o criado, decorridos alguns minutos, surgia com a salva fumegante, Glorinha estava desfalecida.

Uma palidez de morte desfigurava-a. Nestor chamou-a com insistência; não respondeu. Assustado, o preto sacudiu ligeiramente o encosto da cadeira de vime: nada.

Deu então o alarme.

Eduardo, em pijama, esguedelhado, tomara nos braços o corpo inanimado da filha, e, ajudado pelo Nestor, levou-a para o quarto dela. D. Sinhá, ao telefone, entre soluços, pedia ao Angenor que viesse com urgência.

E os momentos que se seguiram foram de completo desatino.

Glorinha, estendida na cama ainda em desalinho, continuava imóvel, desacordada. Eduardo e D. Sinhá, inteiramente fora de si, chamavam-na, abanavam-na com leques, sem conseguir a menor reação.

Friccionaram-lhe as fontes com vinagre aromático. Um forte cheiro a éter espalhou-se pelo quarto, onde toda a gente da casa se agrupara, aflita, em derredor de Glorinha, que continuava sem sentidos.

Mariana apareceu com um chá de laranja, que D. Sinhá tentou ministrar às colherinhas, mas em pura perda, porque a moça estava com os dentes rigidamente cerrados, e mesmo não deglutia. Foi um momento de pavor, em que todos choravam, sugeriam, corriam dum lado para outro, e ninguém se entendia.

Por fim, Eduardo, já alarmado, vendo que o Angenor possivelmente se demoraria, mandou que o Nestor corresse à farmácia mais próxima, e pedisse indicação urgente dum médico da redondeza. Havia o Dr. Louzada, à rua General Canabarro. Chamaram o Louzada; mas o Louzada

tardava também; Eduardo, numa angústia inenarrável, ia já tocar para a Assistência, quando um carro de praça buzinou em frente ao portão.

Era o Angenor Porto.

– Mas como foi que se passou a coisa? Já se sentia mal ontem?

– Queixava-se apenas de forte dor de cabeça –informou D. Sinhá, com a face magra úmida de choro.

Angenor tomou o pulso à pequena, auscultou-lhe o coração, entreabriu-lhe a pálpebra, sob a qual se via um olho congesto, revirado, quase estrábico; os dentes continuavam cerrados, numa contração espasmódica da maxila; o peito arfava ofegante, numa respiração curta, abafada; o semblante, a princípio muito pálido, tomara agora uns tons arroxeados de asfixia.

Angenor borrifou-lhe o rosto com água fresca; houve um reflexo de pálpebras. Deu-lhe ainda umas palmadinhas à face, chamando-a pelo nome, em voz alta, como se a quisesse despertar dum grande torpor. Fê-la respirar uma ampola que mandara vir com urgência: um hausto longo, profundo, inflou o tórax da moça, e estancou bruscamente, sem refluxo, quase a sufocá-la; mas logo rebentou num riso histérico, nervoso, desafogando depois em pranto convulso, que a sacudia sob a leveza do linho. Conseguiu então que engolisse uma mistura calmante. Ela relanceou um olhar desvairado, inexpressivo, pelos que a rodeavam, e, cerrando os olhes, inteiriçando-se toda, caiu novamente desacordada.

– Esta coisa não tem a mínima importância garantia o Angenor – apenas uma crisezinha de nervos; isso passa; deixem-na quieta, até que volte a si naturalmente; quando acordar, deem-lhe esta poção, com regularidade. E no mais... muito sossego, sobretudo muito sossego; é do que ela mais necessita; mas não há a menor gravidade, por enquanto... Com certeza coisas de moça... Esse pessoalzinho dá um trabalho louco, seu Eduardo, um trabalho louco...

E despediu-se, recomendando dessem notícias.

Glorinha, se bem que ainda desfalecida, parecia menos angustiada, respirando mesmo com bom ritmo. Seguindo as prescrições do médico, não a tentaram despertar com interpelações inúteis. E, passados aqueles instantes de horror, de reboliço, de desordem, entraram a conjecturar qual teria sido a causa imediata do ataque. Por que se erguera tão cedo? Teria falado com alguém ao telefone?

Nestor, que também madrugara, vira-a, quando ela voltava do banheiro para o quarto. Depois lhe fora levar os jornais, na varanda; e quando ia com o chocolate, encontrou-a desmaiada...

– Já estava tardando mais esta – rosnou D. Sinhá, aludindo ao namoro da pequena.

Eduardo, ainda muito branco, muito abatido, deitou à velhota um olhar significativo, e foi até à varanda, para sorver um pouco de ar puro. Lá estava a salva com o chocolate e as torradas, intacta, tal como Nestor ali a depusera.

No chão, ao lado da cadeira, um jornal aberto, caído provavelmente das mãos de Glorinha, esparramara-se no ladrilho da varanda.

Eduardo acendeu um cigarro, pediu a Nestor que lhe arranjasse um café, e apanhou o jornal, distraidamente, do chão.

Mal pousara a vista à página, e fez-se mais branco do que uma parede; mesmo deixou que lhe caísse o cigarro do lábio trêmulo, e arreou, sucumbido, na cadeira de vime.

Num relance, compreendeu toda a extensão da desgraça que acabava de desabar sobre a filha; e com o semblante visivelmente transtornado, continuava com os olhos cravados na página, lendo a custo, uma escandalosa notícia, salpicada de títulos e subtítulos.

Tratava-se dum tremendo escândalo, de que resultara a morte do bacharel Malheiro.

O puritano havia perpetrado apenas esta beleza: seduzira a cunhada, mulher do irmão mais novo, e com ela vinha vivendo, em meia concubinagem, numa sórdida avenida, lá para os lados do Andaraí Grande.

Segundo detalhava o jornal, a coisa colocava o bacharel numa situação assaz desairosa. Vindo de S. Paulo, em busca de melhoras para a saúde de sua mãe, chegara, havia meses, ao Rio, Gumercindo Malheiro, irmão do bacharel Malheiro, trazendo consigo a esposa e uma filhinha de dois anos. A custo obtivera um lugar nas oficinas da Imprensa Nacional; e, apesar da exiguidade do ganho de tipógrafo, vinha consoladamente atravessando com os seus, uma existência de invejável paz doméstica.

Para Gumercindo, homem morigerado, a família era tudo.

Fora sempre marido exemplar, pai extremoso e excelente filho, pois, com sacrifício viera tentar a vida no Rio, fazendo-o exclusivamente pela saúde de sua mãe, velhinha e doente, e de quem nunca se apartara. Um dia lembra-se o bacharel de descer de sua alta situação de homem de sociedade, para conceder àquela gente a honra duma visita. E, após deitar o olho de sátiro à cunhada, uma interessante italianita chamada Carmela, encetou, com a sua habitual tenacidade de toupeira, um manhoso trabalho de sedução, de que o marido jamais suspeitara. Carmela

costumava ir à novena, à tardinha, à igreja da Luz; e duma destas saídas, em que levara a pequena, não volveu mais ao lar.

O bacharel Malheiro continuara tranquilamente as visitas à casa do irmão, cobrindo sempre de maldições a *baixeza* da cunhada, cuja infâmia – dizia em ar de escárnio – não o surpreendera, dada a *camada inferior donde ela proviera*. Tudo isso referira Gumercindo no depoimento; e o jornal reproduzia-o com volúpia.

Desde que lhe fugira a mulher, outra coisa não fazia o marido quando despegava do emprego, senão vagar noites a eito, pelas ruas da cidade, dos arrabaldes, dos subúrbios, na esperança de encontrar Carmela, de cuja companhia deliberara arrancar a pequerrucha.

E o jornal explorava as minúcias, referidas pelo depoente, que por sua vez repisava o próprio infortúnio, no intuito provável de juntar atenuantes ao seu delito. Assim contara que, nos últimos tempos, mal repontava ao portão da avenida em que morava, em Triagem, e logo a garotada abria num berreiro, a cantarolar, entre remoques:

A baratinha, Iaiá,
A baratinha, Ioiô,
A baratinha bateu asas e voou...

Todos esses detalhes torpes mencionava a notícia, como requinte de sagaz reportagem.

Por fim, Gumercindo, depois de seis meses de amargura, já cansado, sucumbido, conseguiu lobrigar a mulher, quando esta falava ao telefone duma padaria da rua Barão de Mesquita. Seguiu-a à distância e tornou nota da morada.

Naquela noite de 18, resolvera *pôr em prática o plano que traçara*.

Dirigiu-se à casa da mulher, e exigiu dela a entrega imediata da criança. A *bicha* não podia mais esconder a gravidez que lhe adviera da mancebia, e isso redobrara a indignação de Gumercindo.

Despejando sobre ele as mais pesadas injúrias, recusou-se ela, terminantemente, a entregar a petiza.

O marido, cego de cólera, arremeteu pela casa adentro, e foi direito ao quarto onde supunha estivesse a filhinha. A porta fechada não lhe resistiu ao violento tranco de ombros; e Gumercindo estacou, estarrecido, ante o que se lhe deparara: a figura do irmão, em trajes menores, virado de catrâmbias por cima da cama, atirado ali pela abertura

brusca da porta, que escorava, do lado de dentro. Carmela, embocando pelo quarto, correra a apanhar a pequerrucha, que berrava no chão, a um canto do aposento, sobre uma esteirinha esfiapada. Saltando sobre a mulher, Gumercindo, inteiramente fora de si, tentou arrancar-lhe a pequena, estabelecendo-se então uma cena de pugilato, entre os mais ignominiosos doestos.

Do que se passou a esta altura não tinha o depoente noção precisa.

Fora um momento de horror; lembrava-se, porém, nitidamente, de ter visto o irmão, que havia desaparecido para os fundos da casa, surgir-lhe em frente, transfigurado, de machadinha em punho, e ir para cima dele como uma fera. Foi então, que, alucinado, fizera uso da arma que levava, prostrando com a primeira detonação a pessoa do bacharel.

Diante do que acabara de cometer, caíra numa completa inibição de sentidos; quando voltou a si – dizia a notícia, num rasgo de dramalhão – *as primeiras ideias que lhe vararam o cérebro foram: a desgraça de sua mãe, a desgraça de sua filha!...*

Vizinhos acudiram, invadindo a casa; houve correria e ajuntamento na avenida; e ele, sem relutância, se entregou à prisão, aniquilado.

A notícia abria com títulos e subtítulos berrantes, em letra enorme; depois se perdia numa série de considerações de criminologia de repórter, desenrolando, num português de carregação, os precedentes da vítima, em que se descobriam péssimas qualidades de filho, abomináveis taras incestuosas.

Surgiam então os parágrafos, bombasticamente epigrafados, esmiuçando a história, a perpetração e as consequências do crime; tudo isso com muita fartura de adjetivos, numa exploração ignóbil de detalhes, como requer a perfeição das reportagens sensacionais. Encravados na espessura do texto, clichês chumbadíssimos ilustravam aquela literatura de filme americano. Tangenciava-se por alto a ligação do bacharel com as Indústrias Reunidas Marinho; nenhuma alusão havia às suas relações com a família do diretor.

E somente quando o cadáver, estendido à pedra da morgue, aguardava a necrópsia médico-legal, é que Eduardo deu com a xícara de café, já arrefecido, que o Nestor havia pousado à mesinha de vime, numa salva.

Atirou ao chão o jornal; e, fincando os cotovelos nos joelhos, apoiando com as mãos a face abatida, cerrou os olhos ante a imensidade trágica do que acontecera e do mais que antevia; e deixou-se ficar, longamente, em absoluto abandono.

O sino da matriz do Engenho Velho tangia tristemente, como que para algum ofício fúnebre. Uma aragem mais forte arrastara o jornal ao ângulo da varanda; e uma réstia de sol bateu em cheio na página, sobre o carão mal impresso do bacharel...

XIV

A rajada de desgostos trazida pelo caso do bacharel Malheiro, abalando profundamente a saúde de Glorinha, deixara aquela gente aturdida, sob uma atmosfera de apreensão e de dor.

As contrariedades provocadas pelo mau gênio do bacharel levaram a pequena a um tal estado de abatimento, que ela mal conseguiu resistir à brutalidade do golpe que a prostrara.

Os dias que se seguiram à *tragédia* foram de sombria prognose para os males de Glorinha, e de sérios receios para aqueles que a rodeavam.

Mesmo o Angenor, que à primeira visita achara que nada havia de maior, teve também seus momentos de desconfiança e de desânimo.

À crise de nervos motivada pela leitura da notícia do assassinato, e que parecera ao médico mais ou menos inconsequente, seguira-se todo um cortejo de sintomas alarmantissimos, com o caráter de violenta comoção cerebral, em que a febre e o delírio sobrevinham com frequência; e a rapariga esteve a ponto de sucumbir.

Aos primeiros dias pensara Eduardo em tomar um apartamento numa casa de saúde; mas a dedicação dos boníssimos Alcântaras, padrinhos da pequena, que haviam descido de Petrópolis expressamente para tratar da afilhada, veio modificar a resolução de Eduardo.

Os Alcântaras nunca foram lá muito amigos de expansões exageradas; à festa do aniversário, por exemplo, não compareceram; limitaram-se apenas a enviar à afilhada um mimo significativo; mas nas ocasiões de aperto, lá estavam sempre os Alcântaras, firmes, dedicados, eficientes.

Faziam eles sua habitual vilegiatura em Petrópolis, quando souberam de que a pequena estava passando mal; desceram sem tardança e não despegaram da cabeceira de Glorinha enquanto não a viram convalescente. Ainda assim não tornaram a Petrópolis; preferiram ficar em

sua residência à rua General Polidoro, para que D. Ponciana pudesse passar a maior parte do dia ao lado da afilhada.

Esta, se bem que já restabelecida dos padecimentos físicos que a haviam acometido em consequência do choque, ainda estava muito longe de recuperar a natural vivacidade de espírito, o bom humor que sempre tivera.

No começo, tudo a afligia, tudo para ela era motivo de pranto.

Quando, mais calma, conversava sobre o seu caso, com a madrinha ou com D. Sinhá, dizia-se aniquilada para o resto da vida. E embora se lhe notasse um justificável desapontamento ante a burla de que fora vítima quanto à fidelidade do namorado, nunca teve para o morto uma palavra de ódio, ou de recriminação. Morrera o bacharel, e ela tudo lhe perdoara, lastimando apenas a própria infelicidade.

Quando, por determinação da polícia, foram arrombadas as gavetas de Malheiro nos escritórios da Companhia, encontraram-se respostas e cópias de cartas por onde se concluía que o bacharel visava exclusivamente a fortuna de Glorinha. Tornou-se mesmo necessária a interferência de amigos junto às delegacias e aos jornais para que nenhuma referência fosse feita a esse detalhe. Glorinha soube disso; e o pranto foi o seu único e expressivo comentário. Devia pois detestar o bacharel Malheiro; no entanto, ela o amava ainda, com a mesma paixão de sempre, aquela paixão mórbida que a vinha minando dia a dia.

Ele a ludibriara, é verdade, abusando da sua credulidade quase infantil, ferindo-a brutalmente na sua dignidade de mulher; tudo isso fizera *Flávio*, mas por tudo isso tivera a pena máxima, em situação de infinita miséria moral. E o desaparecimento dele nas condições trágicas em que se deram os fatos, atraíra sobre a sua memória a piedade e o perdão de Glorinha; por isso ela se tomara de comiseração pelo bacharel.

O que, porém, não podia continuar era o estado de superexcitabilidade em que se achava a pequena.

Naquela casa, cada objeto, cada canto, guardava uma viva recordação do morto; e isso a matava lentamente.

E entrou então em um período de absoluta indiferença por tudo e por todos.

Apesar dos esforços empregados por Eduardo, por D. Sinhá, pela madrinha, por toda a gente da casa, enfim, no sentido de a distrair daquela ideia fixa, ela não mais se interessava por cousa alguma; uma apatia integral tomara conta de seu ser. E se não a seduzia a vida, a morte muito menos. Deixava-se ser, passivamente, impessoalmente.

Angenor aconselhara uma saída do Rio, para espairecer, pelo campo.

E ficou resolvido que iriam todos para São Lourenço.

Os Alcântaras fizeram questão de acompanhar a afilhada durante a vilegiatura; e nada os demoveu desta resolução.

Eduardo convidara também o Gonzaga. E sem mais delongas foi o pessoal tratando de fazer as malas, rumo à estação de cura.

Gonzaga, durante aquele período de desgosto em casa de Eduardo, andava murcho, sumido pelos cantos, sem ânimo de dizer palavra.

Mesmo procurava discretamente não aludir ao caso; e quando Eduardo tocava no assunto, relembrava apenas:

– Eu não te dizia, meu velho; esses tipos metidos a catões, cheios de pudicícias e de preconceitos bestas – é fugir deles, meu velho, é fugir deles. De todos quantos tenho conhecido, até hoje, não se excetuou um só sequer... Todos uma récua, uma canalha...

E de novo quedava sorumbático, ainda sob os efeitos da rajada.

Quando porém, se falou em passar uma temporada em São Lourenço, já o Gonzaga entreviu uma série de farras homéricas, à maneira do que encontrara em Vitória. E todo ele se reanimou, refloriu, e destapou a válvula da piada.

Na véspera da partida para São Lourenço recebeu Glorinha a visita de algumas pessoas de suas relações.

A Morinelli, que enquanto a rapariga estivera doente se mostrara duma solicitude encantadora, já telefonando duas, três vezes ao dia para lhe saber das melhoras, já se oferecendo para o que fosse preciso, já enviando diariamente livros recreativos e guloseimas próprias de doentes – manifestara naquele dia desejo de ir ver a menina, pedindo permissão para levar a boa Marcela, que também muito se interessava pela doente.

Não houve outro remédio senão consentir e agradecer.

E a condessa avisou que estaria lá às 2 horas da tarde, levando também a velha criada.

Eduardo, a quem tão cativante atitude de certo modo tocara, sentia-se cada vez mais convencido da sinceridade de Gina; e era de ver o tom de *revanche* com que repisava ao Gonzaga:

– Eu não te dizia, filho; ela é uma criatura superior; tu, é porque não a conheces de perto... Gina é um caso, podes crer... E eu tenho fé em Deus que ainda hei de poder desforrar-me de quanto sofri, não por causa dela, mas unicamente por causa da minha precipitação. Mas Voronoff aí vem e, pelo que tenho lido acerca do seu processo de rejuve-

nescimento, estou certo de que me está ainda reservada uma lasquinha de felicidade e de sossego...

– Vais te meter em adivinhações de João Grilo, depois não te queixes da sorte – advertia o Gonzaga, irredutível. – Já conseguiste que a tua situação com a Morinelli se normalizasse mais ou menos; por enquanto não podes fazer uma grosseria; mas, quando a pequena sarar de todo, deves dar a entender à *cavalheira* que não é razoável esse contato com a tua família; e assim terás resolvido duma vez o incidente...

Agora, se depois do que tem acontecido insistires em querer bancar o galo de terreiro, sujeitando-te ao charlatanismo indecoroso do primeiro cabotino que por aí apareça, a explorar velhos beócios – então é que te queres meter em novos embrulhos. Conheces o rifão: quem semeia ventos, colhe tempestades...

Enfim, faze lá o que te aprouver, e não te molestem as minhas advertências; só te digo estas coisas porque julgo que seja isso do meu dever de velho camarada...

Mas Eduardo, apesar de combalido pela doença de Glorinha, não perdia o *béguin* pela condessa, e todas as suas ilusões eram as possibilidades do processo de Voronoff.

***

Às duas horas da tarde, a campainha do portão retiniu com insistência. Nestor havia saído a umas compras; Mariana, surda como um tijolo, nada ouvira. D. Sinhá e Eduardo, com receio de terem que aturar algum *cacete*, hesitavam em ir ver quem era; fê-lo D. Ponciana. Entreabriu a porta da varanda, deu uma olhadela ao portão e informou que lá estava uma moça acompanhada duma senhora de idade; parecia gente decente...

– Com certeza é a condessa com a Marcela – adiantou Eduardo, meio nervoso, dando uma colher de remédio a Glorinha, enquanto D. Sinhá acudia com o pires de açúcar que a pequena fazia questão de tomar, logo após o medicamento, para lhe tirar o mau gosto que deixava.

E D. Ponciana, a pedido de Eduardo, deu entrada às visitantes.

Eram D. Fortunata Cavalão Rabelo e sua filha Joanita, que vinham dar pêsames pelo "infausto passamento" do noivo de Glorinha.

Uma onda de indignação subiu à face de Eduardo, transtornando-a.

Glorinha, com o semblante ainda muito abatido, reclinada a um dos *maples* da sala de jantar, os pés pousados sobre uma pilha de almofadas,

ao ver surgirem as Cavalão Rabelo, fizera-se duma lividez de cal; e não pôde articular palavra. D. Sinhá, verde de raiva, bufava, cravando nas bruacas o olho enorme, furiosamente aumentado através do vidro de forte grau. E esteve prestes a rebentar de cólera, a despejar uma série de desaforos sobre aquela *dupla sinistra*; mas a presença de D. Ponciana e o estado de Glorinha não permitiam despautérios; e conteve-se. Apenas rosnou a meia-voz, aos ouvidos de D. Ponciana, que lhe estava no pé:

– São as tais, das intrigas torpes...

– As do peru dormido? – fez o Gonzaga, que ouvira o cochicho, e numa voz que toda a gente ouviu.

Eduardo atirou ao boêmio um olhar de repreensão. E as Cavalão Rabelo entreolharam-se, desapontadas.

O Gonzaga sumiu-se pelo corredor, seguido de D. Ponciana que não pudera conter o riso que a sufocava.

Houve um momento de desagradável silêncio, em que se notava um constrangimento geral.

Depois Eduardo, muito cortês, mas secamente, fez ver à velha:

– Minha senhora irá desculpar, mas... minha filha ainda não pode receber visitas... Fizemo-las entrar por que supúnhamos se tratasse de duas enfermeiras que estávamos esperando a esta hora... Peço desculpas, mas tenho ordens terminantes do médico para não consentir em visita de espécie alguma...

Disse isso sem pestanejar, como um porteiro que dá maquinalmente um recado.

As bichas levantaram-se muito sem jeito, procurando falar qualquer cousa a Glorinha; mas Eduardo se interpôs, já meio impertinente, entre elas e a pequena, detendo qualquer tentativa:

– Queiram desculpar, minhas senhoras, mas repito que não é possível falar à doente. Ficamos desde já penhorados pela atenção da visita...

E fez uma mesura de despedida.

A velha, bestificada, esboçou um sorriso incolor; enquanto a filha, amarrando a carinha histérica, e cravando em Eduardo uns olhinhos em que lampejavam magnetismos de víbora, rompeu, pondo-se de pé:

– Vamos, mamãe; estamos sendo importunas...

Ninguém contestou o juízo.

Eduardo impassível, os olhos baixos, mantinha uma pose incômoda de quem despacha um indesejável. D. Sinhá, pasmada do desembaraço de Eduardo, gozava o desapontamento da bruaca e a danação da cabritinha.

– Vamos, mamãe – insistia a Joanita – oh! mamãe, você parece que não compreende as coisas...A velha foi saindo de barriga, como quem leva uma rodada mestra.

Glorinha, sem dizer palavra, lançava sobre tudo aquilo um olhar vago, de compadecimento e de bondade...

Quando as tipas, numa reverência muito desconchavada, alcançavam a porta da varanda, surge na sala de jantar o Gonzaga, vindo do corredor, trazendo numa das mãos um papel em que havia alguma coisa escrita, e na outra uma pena molhada; e dirigindo-se às Cavalão, que se iam, abordou-as, todo mesuras, solicitando amável:

– Exmªs., exmªs., tenham a bondade, perdoem-me por um momentinho, mas não se vão sem assinar aqui qualquer cousa para os pobres de Glorinha. É uma lista organizada pelos amigos da casa, e Eduardo ia se esquecendo de as inscrever... É para os pobres de Glorinha... Qualquer coisa serve...

Houve na sala um olhar de espanto, de incompreensão.

A velha, que parara ante o inesperado gesto do Gonzaga, passou os olhos pela lista que este lhe apresentava; e viu que a maior quantia era de dez mil réis.

Então, antes mesmo que pudesse compreender o que tudo aquilo queria dizer, tomou a pena que o Gonzaga lhe oferecia e assinou cinco mil réis.

Ostensivamente escreveu: *uma anônima*...

E caiu logo com o dinheiro.

– Deus é que lhes há de pagar exmªs., Deus é que lhes há de pagar – repetia o Gonzaga, com um cinismo revoltante. Mesmo atirou à Joanita uma indecente piscadela de olho, a que a ferinha respondeu com um muxoxo, virando-lhe bruscamente as costas.

E as duas dispararam pela alameda, vendendo azeite às canadas.

Excetuando-se D. Ponciana, ninguém ali compreendera a extensão da pilhéria do Gonzaga, que explicava a Eduardo:

– É assim, meu velho, é assim que se dá o fora nesse pessoal. Isso de desculpar-se, mesmo estourar com inconveniências, é tudo baldado; lá um dia, sob um pretexto qualquer, as tipas voltam que é uma beleza. Agora, com o que fiz, o caso é outro; posso assegurar que nunca mais acertam com a tua casa...

– Mas que fizeste de mais? – indagou Eduardo, esperando a *blague* do outro.

– Que fiz? Pois não viste? Mordi-as; mordi-as em cinco mil réis; e é a conta; para essa gente basta uma facadinha de cinco, e disparam de

uma vez... É o que te digo, Eduardo velho; sempre que tiveres uns estafermos assim, filantes, *cacetes*, é morder, morder indecentemente em cinco mil réis... e nunca mais aparecem...

Risadas rebentaram, e até Glorinha sorriu...

Foi um sucesso o sorriso de Glorinha; isso não acontecia desde que a rapariga caíra de cama...

D. Sinhá armou o espalhafato:

– Bravo, o nosso benzinho já vive, graças a Deus! Vejam, vejam, ela sorri! Só o Sr. Gonzaga seria capaz de fazer este milagre...

E uma lágrima de contentamento umedeceu-lhe o olho enorme, delirantemente aumentado através do vidro de forte grau.

Gonzaga ainda sorria ao êxito da troça, quando o Nestor, que entrava abraçando um milhão de embrulhos, avisou que a *senhora condessa de Gina* estava no portão com uma senhora que parecia ser mãe dela...

Eduardo correu a receber a Morinelli, acompanhado pelo Gonzaga; Nestor, sem saber se tais visitas eram *recebíveis* àquela hora, mal as avistou ao canto da rua e foi logo trancando o portão, fingindo não ver quem chegava; de sorte que Eduardo e Gonzaga, sem esperar pelo Nestor, abriram eles mesmos o portão, em frente ao qual estavam a Morinelli e a criada. Haviam vindo de carro de praça, e preferiram não entrar no parque, despachando o táxi ali mesmo.

Eduardo e Gonzaga receberam-na desfazendo-se em amabilidades.

Em pé, junto ao poste fronteiro, as Cavalão Rabelo, que esperavam o bonde de Engenho de Dentro, assistiram à chegada da Morinelli e ao rapapé de Eduardo e do Gonzaga.

Joanita, que falava, irritadinha, numa gesticulação desesperada de histérica, ficara muda e imóvel, com olhinho de cobra cravado na toilette da condessa; enquanto a velha, em tom apenas perceptível pelo ouvido tísico da filha, ejaculou:

– Devassos...

***

A jornada do Rio a São Lourenço foi para o Gonzaga de menores receios que a do noturno de Vitória.

Com a cabeça enterrada no hediondo e já celebre boné de pano escocês, o Gonzaga, instalado à poltrona do *Pullman* especial que Eduardo fizera ligar ao comboio da Central do Brasil – sentia-se *largamente*

viajado, e dizia coisas; apenas quando o trem varava algum túnel, Gonzaga esfriava; e um medo surdo fazia-o empalidecer. Logo, porém, a luz do sol, o ar livre, libertando-o da treva, do abafamento do túnel, dissipavam os temores do Gonzaga. E recomeçavam as piadas.

Depois, foi o trenzinho da Rede Sul-Mineira. O Alcântara atravancava com a opulência de sua alentada pessoa a bitola estreita do vagão; e, rindo a tudo quanto dizia o Gonzaga, sacudia a pança comendatorial, onde rebrilhava o medalhão clássico, de abundante pedraria.

D. Ponciana, um pouco menos fornida de banhas, não saíra, durante toda a viagem, de junto de Glorinha, que, desanimada, indiferente, deitava um olhar remoto à paisagem sempre fugitiva, e ria vagamente, cortesmente, a uma ou outra pilhéria do Gonzaga.

D. Sinhá, emborcada para um canto do carro, enjoava; estava verde; e os olhos cerrados pela tontura, abriam-se de vez em quando ao tranco das paradas ou ao silvo da locomotiva, alarmantemente aumentados através do vidro de forte grau.

Com o habitual atraso das ferrovias nacionais, entrou o comboio na estação de São Lourenço às cinco horas da tarde, dum claro dia de sol. *Aquáticos* aguardavam, alegres, a passagem do trem.

E Eduardo lobrigou entre a gente que ali se agrupava a carinha vermelha do senador Jesuíno Séve.

Este, por sua vez, tanto que deu com Eduardo foi logo tomando posse do pessoal, rebocando-o para o *Hotel Brasil*, onde se achava hospedado.

E quando à noite, no salão do hotel, o piano movia os pares ao compasso do foxtrote, Eduardo e Séve perdiam-se em largas confidências. Gonzaga também tomou parte na palestra.

Voronoff constituía o tema principal da confabulação, com o Gonzaga firme na piada.

Séve fora aproveitar uns dias a São Lourenço, para se apresentar mais bem-disposto à atuação do Voronoff.

– E quando chega o *homem*? – indagou Eduardo.

– Pois você vem do Rio perguntar a mim quando é que chega o *homem*? Daqui a um mês, seu Marinho, daqui a um mês – informou o Séve, atirando uma palmadinha brejeira à barriga de Eduardo.

E durante toda a vilegiatura aqueles dois sexagenários não fizeram outra coisa senão falar, discutir e projetar, acerca do Voronoff.

Gonzaga, enfarado com o regime *hidromineral*, sem boemia, sem camarões, sem o Parra, sem o alvaralhão do Parra, ia achando aquilo tudo insuportável.

Dormir, e ler os jornais do Rio, era o seu único passatempo.

À Glorinha fizera-lhe um grande bem a mudança de ares. Logo ao segundo dia os Alcântaras toparam, à hora da fonte, com uma família conhecida deles, na qual havia umas meninas interessantes, com quem travou Glorinha excelente camaradagem.

O clima da serra restituíra aos poucos, a saúde física e o bom humor à rapariga.

E era sempre um dia cheio de excursões e passeios, com charretes e automóveis e montarias.

Por vezes, pasmava ver aquela criaturinha que, havia pouco tempo, não fazia senão chorar – sentada agora à charrete, empunhando as rédeas das bestas de tiro, chicoteando-as desapiedadamente, instigando-as a dispararem numa carreira vertiginosa, pela estrada de barro vermelho que margeava o rio Verde.

Eduardo e os Alcântaras entusiasmavam-se vivamente com a disposição da rapariga; apenas D. Sinhá ficava fria de medo, quando Glorinha passava como um furacão, nas apostas de corrida com outras *aquáticas*.

E os olhos da velha esgazeavam-se horrificamente, através do vidro de forte grau.

Glorinha parecia, pois, quase curada dos males que a vinham aniquilando; apenas, à hora da chegada do correio, quando as companheiras recebiam cartas dos namorados e noivos ela caía numa vaga tristeza; mas isso pouco durava; a própria figura caricata do estafeta, o pitoresco Pepino, tirava-a do abatimento que se esboçava.

Pepino, o *Breve*, era o correio de São Lourenço; baixinho, miudinho, vesgo, cavalgando sempre o *Tupi*, magro pangaré de pelo falhado – era o Pepino a pessoa mais popular de São Lourenço. Gonzaga detestava-o; achava-o confiado, metediço; todavia lhe comprava os jornais.

Certo dia em que o Gonzaga fora ao escritório do hotel deitar uma reclamação sobre um cano entupido no lavatório do quarto, deu com uma enorme estante de jacarandá, pejada de livros.

Leu-lhes a lombada.

Entre outros volumes de razoável encadernação havia lá uma *Bíblia*, um *Ovídio*, os *Varões Ilustres de Plutarco*, qualquer cousa de *Brantôme*, o *Sottisier* de Voltaire, obras de Dickens, de Rabelais, de Renan; uma variada e seleta coleção de filósofos e alguns livros de escrituração mercantil do hotel.

Gonzaga, bestificado ante tanta cultura, interpelou o hoteleiro com um olhar em que havia algo de policial, sobre a procedência daqueles livros.

– São nossos, doutor – fez o dono da casa, um árabe singularíssimo, que de dia temperava almôndegas e de noite lia Renan – são nossos, estão inteiramente às suas ordens. É apenas um arremedo de biblioteca; mas o doutor sabe, a gente, depois que se mete em negócios, pouco tempo tem para ler... Em todo caso estão aí inteiramente às suas ordens; quando quiser, ali tem a chave – disse, apontando um canto da parede, donde pendia dum prego uma chave solitária.

E despejou sobre o Gonzaga toda a imensa odisseia que o trouxera do Grande Líbano, dos bancos da Universidade de Beirute, ao hotel daquela cidade serrana.

Tudo fora a guerra; com a guerra perdera ele os parcos bens, vendo-se na contingência de emigrar. E o destino fê-lo hoteleiro, ofício este em que a fortuna parecia querer ampará-lo.

Gonzaga ouvia tudo aquilo emocionado, engendrando novos tipos de personagens para alguma peça em preparo. E desse dia em diante passou a *morar* no escritório do hotel, chegando mais tarde à conclusão de que só ao hoteleiro de São Lourenço, ficaria a dever um gordo lastro de cultura literária.

***

Ao fim de um mês Glorinha parecia outra criatura; raramente aludia ao caso do bacharel.

Como restos daquela paixão *funesta* de romance ficara-lhe apenas uma indiferença latente pelas coisas do coração, o que não impedia que se lhe gelassem as mãos e perdesse o fôlego toda vez que lhe vinha à memória algum detalhe da *tragédia*.

Em São Lourenço vários rapazes cortejavam-na, sem que ela os levasse a sério.

E o Gonzaga, de *Ovídio* em punho, comentava, quando Eduardo se referia ao estado de espírito da filha:

– Está *vacinada*, meu velho, está vacinada; mas isso passa; a vacina da *paixonite* confere imunidade muito passageira. Daqui a pouco, aparece por aí um *venturoso princês* que em três tempos dá cabo do prestigio póstumo do bacharel...

E mergulhava de novo no *Ovídio* do hoteleiro.

A volta ao Rio era dia a dia retardada pela sugestão dos Alcântaras, que punham acima de tudo a cura completa da afilhada. Eduardo, com

o mesmo interesse, ia também aderindo à protelação, mas sempre com o sentido no Voronoff...

Chegara o termo da estação considerada chique, e no hotel permaneciam os Marinhos e os Alcântaras, muito a contragosto do Gonzaga, que já havia devorado quase toda a livraria do hoteleiro.

Por uma tarde morna de abril, em que a pequena mais os Alcântaras chegavam fatigadíssimos de Silvestre Ferraz, carregando cabazes de frutas europeias, de uma celebre chácara que lá havia, – o Séve que, estendido numa cadeira de vime, lia os jornais do Rio *ao som* dum havana autêntico, saltou para o meio da sala, à procura de Eduardo, como se tivesse para o amigo novidade gorda. Glorinha foi logo ficando de mãos frias; mas a noção de que o Séve devia ignorar o caso do bacharel, lhe trouxe um vago sossego; e desinteressou-se do Séve, que fora descobrir Eduardo no pátio do hotel, fumando e parolando em companhia do Gonzaga.

– Está no Rio o nosso homem, *seu* Marinho – está na terra o homem; olhe só para isso...

E o senador mostrava a Eduardo a notícia do jornal, cheia de títulos e subtítulos, com o retrato de Voronoff.

E entalando o polegar na cava do colete, num gesto muito seu:

– Estou aqui estou no Rio... Amanhã mesmo terei de arrumar as malas... E toca a deixar São Lourenço. . . Você não vai? Olhe que o homem talvez não se demore muito na terra...

Houve a essa altura uma piada picante do Gonzaga.

E Eduardo alegou a necessidade de se demorar um pouco mais com a pequena em São Lourenço.

– Mas, seu Marinho – sugeriu o Séve, entusiasmado – sua filha poderá ficar por aqui ainda uns tempos com os padrinhos; e só assim ficará você no Rio inteiramente livre desta complicação de família, para agir com maior facilidade...

– É uma boa ideia, meu caro Séve, é uma boa ideia – aprovou Eduardo, consultando com o olhar o Gonzaga.

E o Gonzaga:

– Também acho, meu velho. Eu não concordo com essa bobagem que se te meteu na cabeça; mas, a ter de fazê-la, é melhor que aproveites a ausência oportuna da pequena. Depois, ela está muito bem entregue; estes Alcântaras são preciosíssimos, e ninguém cuidará dela melhor do que esses velhotes; nem mesmo tu...

– Mas que pretexto irei dar à pequena para me safar? Ela é muito pegada comigo...

– Negócios, *seu* Marinho, negócios... – sugeriu o Séve – Diga-lhe a ela e aos Alcântaras que uma urgente necessidade o obriga a dar um pulo até o Rio... e pronto...

E o Gonzaga ia soltar uma nova piada picante, quando Glorinha, mordida pela curiosidade, apareceu ainda no traje de montaria com que fizera o passeio a Silvestre Ferraz; amarfanhava entre as mãos nervosas a aba do imenso chapéu de palha:

– Então, que há de novo? É assunto que se possa saber? Há pouco notei que o senador Séve lera qualquer coisa nos jornais do Rio, que devia interessar ao papai, pois o procurava com tamanha insistência... Se é coisa que se possa saber... Perdoem a indiscrição...

– Nós não temos segredos, Mlle. – afirmou o Séve, sorridente – isso é para as moças, que estão na idade dos segredos...

E Eduardo, aproveitando a deixa:

– É que, parece, tenho de ir urgentemente ao Rio, minha filha...

Gonzaga passou o jornal ao Eduardo, apontando disfarçadamente um artigo espalhafatoso em que se atacava com veemência umas concessões siderúrgicas feitas pelo Estado.

Fora uma feliz coincidência, e uma genial ideia do Gonzaga.

Eduardo, tomando uns ares de séria preocupação, apresentou à filha o jornal:

– Vês? É isto, filhinha; tenho que dar uns passos no sentido de pôr cobro a esta infâmia... Isto não passa de obra de algum despeitado que não conseguiu obter a concessão.

– Mas papai está ligado a esta coisa?

– Ligadíssimo, filha, ligadíssimo. Trata-se dum negócio integralmente lícito e limpo, e que é preciso defender da ação dos caluniadores... É uma questão de cair com um bolo, e tudo cessará imediatamente... É mais fácil tapar-lhes a boca alarve com umas pelegas do que argumentar em qualquer tribunal. Mas para o fazer com eficiência, e sem escândalo, só mesmo eu, que os conheço a todos.

– É uma canalha – reverberou o Séve – é uma canalha; quando não apanha um bom negócio, passa para o terreno do insulto, a taxar de ladrão a quem o realizou com maior habilidade...

Gonzaga também ajudou com jeito:

– Não vá nisso, Glorinha, não vá nisso; o que o Séve leu foi um anúncio da Esperanza Íris; e aquelas coristas são um caso...

– É melhor que te dês ao respeito Gonzaga, do que estares para aí a dizer tolices. Eu e o Séve já não estamos em idade de coristas...

Gonzaga quase deixa escapulir uma resposta adequadíssima, porém absolutamente inoportuna.

Glorinha, calada, numa atitude de contrariedade, entalara o chapéu debaixo do braço, e deitava um olhar vago sobre o artigo do jornal, enquanto Eduardo tentava persuadi-la:

– É uma questão de dias apenas, minha filha; bem sabes que eu seria incapaz de te largar aqui, se não confiasse, como confio, no critério de teus padrinhos; a minha ida ao Rio, deixando-te entregue a eles, é de certo modo uma prova de confiança que os lisonjeará; e tu nem deves demonstrar a menor contrariedade nisso, porque eles fatalmente se melindrarão... Eles, que têm sido como verdadeiros pais... Também não quero que fiques apreensiva com a minha viagem; isso me encheria de cuidados, e tu por tua vez não hás de querer...

– Que tempo espera ficar lá o papai?

– Dias, apenas dias, filhinha; o necessário para resolver este caso. Vou em boa companhia. Olha, vão comigo o Gonzaga e o Séve; na volta, fica lá o Séve, mas vem o Gonzaga. Já vês que não viajarei só...

O Séve estava de acordo; o Gonzaga também...

E Glorinha não teve outro remédio senão se submeter, comprometendo-se a não patentear aos Alcântaras o menor desgosto com o fato.

E, resignada, abanando a esmo com o imenso chapéu de palha, subiu ao quarto, a fazer a *toilette* para o jantar.

***

No pátio confabulavam, entre risadas, os três alegres e acidentais *aquáticos*.

Gonzaga desembuchou, com algum atraso de oportunidade, a piada picante que engasgara à chegada de Glorinha. E os três riram gostosamente, libertinamente.

– Essa da concessão siderúrgica veio a tempo – fez o Séve – só mesmo do nosso Gonzaga.

– Teatro, meu caro Séve, teatro – picou Eduardo – nessa coisa de teatro o meu secretário é um bicho...

E o Gonzaga, lisonjeado:

– Deixa lá que tu também, como ator, não vais mal de todo; olha que aquela de te defenderes da pecha de ladrão é de polpa... tu, negociante e milionário...

– Honrado homem de negócios e acreditado banqueiro, se me faz favor – emendou, amável e brincalhão, o Séve.

Gonzaga, todavia, continuava a achar de bom tamanho a pilhéria sobre a defesa contra o epíteto de ladrão; e já bancando o cético:

– Nesta terra, meus caros, *ladrão* já não chega a ser um insulto, será quando muito uma desamabilidade, uma franqueza rude; e se a ladroeira é polpuda, e de preferência em cima do governo – então o termo passa a ser uma lisonja. Agora mesmo tivemos a prova disso. Eduardo, como toda a gente, está farto de saber que a tal concessão siderúrgica não passa dum *panamá* muito indecente; entretanto, o *honrado homem de negócios*, com o fim único de intrujar a pequena para se poder safar, não trepidou em se dizer conivente na negociata... Como veem, quem não é ladrão profissional, é ladrão amador.

E assegurava, verboso:

– Olhem, podem estar certos de que se nesta terra se fizesse uma cadeia para prender somente os ladrões, esta se fecharia por dentro, por não haver quem ficasse do lado de fora...

O Séve, politiqueiro, senador, sentindo-se mais tocado da pilhéria, defendeu:

– Mas, meu Gonzaga, isso de avançar nos cobres do governo, não chega a ser um roubo... Nesse ponto sou da teoria do coronel Góes, velho camarada que sucedeu a meu mano Lula, Luiz Séve, no governo de Pernambuco. Era esplendido o Góes; já morreu, coitado; era um amigão... um amigalhão...

– Mas afinal – apressou o Gonzaga – qual era a teoria do Góes?

– O Góes achava que os dinheiros públicos eram uma espécie de cédula que a gente encontra na calçada. Se houvesse a certeza de que todo mundo que por ela passasse, descobrindo-a, a deixaria estar à espera de quem a houvesse perdido, se somente o dono da pelega se julgasse no direito de apanhá-la – certo ninguém a tocaria.

Mas, infelizmente, não é o que acontece. Se um de nós achar uma cédula, e cair na patetice de deixá-la à espera do dono, passará apenas por lorpa, porque o primeiro que a avistar empalma-a serenamente.

Ora, como é quase certo que a pelega não torne ao bolso de quem a perdeu, se há de ir parar em outra algibeira, que venha para a nossa. E uma questão de sorte, de acaso, como na loteria...

– E por causa disso se encheu o Góes – fez Eduardo, gozando a pilhéria.

– Qual se encheu, qual nada, seu Marinho; morreu pobre como Jó; as filhas foram professoras para ganhar a vida.

***

E o Gonzaga, irreverente:
– É que o "mano Lula" tinha a mesma teoria que o Góes...

***

A sineta do hotel tocava para o jantar.

***

A *tournée* de Voronoff à América do Sul, alcançou, em sucesso, as proporções dum grande acontecimento.

A mentalidade do vulgo, desconhecendo o caráter e a finalidade da obra de Voronoff, tendo apenas uma vaga ideia de seus detalhes materiais – criara em torno do sábio uma série de lendas, cada qual mais monstruosa, cada qual mais ridícula.

Ao senso de quase toda a gente Voronoff surgia como uma entidade estranha, misto de Mefistófeles e de charlata que, por meio de inoculações de *soro de macaco*, derramava no sangue dos velhos libertinos – filtros mágicos de juventude, podendo assim transformar um inválido ancião em um mancebo de rija feitura, estuante de virilidade, capaz de todas as proezas e alvoroços dos vinte anos.

Mesmo ao critério de uma boa parte das elites, também mais ou menos ignorante do objetivo de Voronoff, a personalidade do sábio aparecia envolta em um véu dúbio de imoralidade e de cabotinismo, visando apenas, como qualquer caixeiro-viajante, o *mercado* da América do Sul.

Em verdade, o processo de rejuvenescimento instituído e praticado por Voronoff, apresentando certa crueza de detalhes anatômicos, fugia à possibilidade de mais ampla divulgação pelos moldes normais da imprensa diária; de sorte que somente aos técnicos, aos ledores de revistas especializadas, e aos curiosos estudadores de coisas de biologia, era dado conhecer na íntegra o trabalho de Voronoff, quer do ponto de vista meramente científico, quer sob o aspecto de fenômeno de alta significação social. Havia ainda a classe dos velhos frascários, que, na ânsia

de se inteirar das vantagens do processo, devorava, não raro sem digerir, tudo quanto se ligava às experiências de Voronoff.

Espalhou-se mesmo o boato de que alguém propusera a inauguração do retrato do sábio no saguão do *Clube de Engenharia*, considerado "estado-maior de Voronoff", e onde se reunia, em animada tertúlia, a velhice amparada do Rio de Janeiro. Protestos rebentaram pela imprensa contra a irreverência da pilhéria, mas tudo acabou em paz.

De todos estes fatos resultara a lenda formada sobre a personalidade de Voronoff, e as consequentes agitações em torno de sua obra. Tido e havido entre a maioria da opinião como um inoculador de luxúria, como um restaurador indecente de Faustos em decadência, como descobridor da panaceia caricata que era o *soro de macaco* – Voronoff atraíra sobre si a repulsa da moral conservadora, e até o anátema das instituições religiosas.

Os humoristas exploraram largamente o assunto; no cartaz do teatro de revista o nome de Voronoff aparecia com todas as letras, como eficiente chamariz da curiosidade pública.

DOUTOR VORONOFF – era a legenda do dia; foram lançados com a marca *Doutor Voronoff* uns cigarros de luxo, a que se atribuíam virtudes estimulantes. Mesmo no seio das academias, onde a obra de Voronoff se conhecia de sobejo, surgiram elementos dissidentes da legitimidade do processo de rejuvenescimento, julgado por eles atentatório ao pudor e condenável ao senso da moral conservadora.

Foi nesta ambiência de curiosidade, de repulsa e de chacota que, de bordo do *Massilia*, desembarcou no Rio de Janeiro o apóstolo da ciência experimental, o responsável imediato por uma das maiores tragédias que até hoje têm convulsionado a vida da humanidade.

Sérgio Voronoff era, com efeito, o tipo do homem de inteligência, com a audácia do gênio, e a tenacidade dos ratos de laboratório.

Toda sua obra se originara duma sugestão nascida no Egito.

Clinicava ele no Cairo, em 1898, quando teve ocasião de observar e estudar os eunucos. Resíduos da luxúria oriental, sofriam estas pobres criaturas, entre os cinco e os sete anos, ablações tendentes a anular-lhes o desenvolvimento da virilidade, mesmo antes que o instinto sexual começasse a repontar. E o físico dos eunucos chamou vivamente a atenção de Voronoff. Eles apresentavam uma estranha conformação anatômica: pernas muito longas, crânio de proporções assaz reduzidas, carnes flácidas, semblante glabro e voz afalsetada. Sobretudo causou espanto ao médico a precocidade do envelhecimento destes infelizes.

Aos vinte e poucos anos já os eunucos caminhavam a passo trôpego, com dificuldade; traziam a cabeça completamente encanecida, o olhar turvado pela opalização das idades avançadas, em suma: senectude integral. E se tal se lhes notava no físico, outro tanto se observava a respeito de suas faculdades morais e intelectuais: entendimento retardado, memória quase abolida, não raro decrepitude e marasmo senil. Daí só se podia concluir que a privação de determinados órgãos prejudicava não somente as funções procriativas em particular, mas também a vitalidade em geral. E a sugestão do inverso deste fenômeno foi o ponto de partida do trabalho de Voronoff.

Encetando nesse sentido seus estudos na Europa, aliou-se o honesto pesquisador ao histólogo Retterer, da Faculdade de Medicina de Paris, e depois a outros elementos de valor, nos meios científicos de França.

A esse tempo era já conhecida de longa data, e mesmo constituía noção corrente, a doutrina segundo a qual os órgãos encarregados de perpetuar a espécie tinham, além dessa função particular, um importante papel no equilíbrio geral dos fenômenos vitais. Sabia-se que esses órgãos *secretavam internamente*, isto é, *derramavam no sangue* substancias especiais, princípios ativos denominados tecnicamente *hormônios*, que tomavam parte direta na manutenção da vida animal, guardando a integridade do indivíduo, e estimulando energias capazes de garantir a conservação da espécie.

Tais glândulas, portanto, além de elementos sexuais, eram também consideradas como fontes de vitalidade.

E Voronoff entrou a praticar o enxerto desses tecidos, tirados de animais novos, em organismos de indivíduos senilizados.

Resolvidos os primeiros problemas de técnica operatória, começaram a surgir os casos de bom êxito. Entre a observação em animais e a tentativa em pacientes humanos pouco tempo mediou. Aplicando seu processo ao homem, alcançou Voronoff, em quarenta e três operações desse gênero, os mais animadores resultados, com o enxerto de tecidos vivos retirados de símios antropoides, e mesmo de outras espécies de macacos.

Obtido esse brilhante êxito, e logo acudiu a Voronoff a ideia de empregar na sua prática material de procedência humana. Foi nesta altura que estalou a celeuma, em Paris, em torno de Voronoff e de seu método de rejuvenescimento.

E o sábio, com a serenidade das cerebrações superiores, cm a coragem surda que anima a grandeza dos verdadeiros apostolados, a tudo superou, tudo venceu, de tudo se ilibou.

Apoiado por Dartigues, Retterer e outros luminares da ciência contemporânea, defendeu Voronoff, cheio de uma sagrada convicção, os altos desígnios de sua tentativa, alegando:

1º Que o escopo fundamental do seu processo de rejuvenescimento pelo enxerto de tecido humano ou simiesco era a solução ao problema da longevidade e não o interesse da libertinagem bastarda.

2º Que a ablação de um dos elementos de determinados órgãos pares não prejudicava a função alguma em particular, nem ameaçava a segurança da vida do paciente.

3º Que a doação de tecido vivo de procedência humana, para enxertos, vinha sendo feita havia muito, não só com o sangue, nas transfusões, mas também com vários outros tecidos empregados na cirurgia ortoplástica.

E os centros culturais do Velho Mundo, compreendendo o alcance da obra de Voronoff junto aos destinos da humanidade, outorgaram ao sábio títulos de justa benemerência, e homologaram a legitimidade da doação do tecido humano para enxerto.

Fundou-se mesmo em Paris o *Instituto Dartigues*, destinado à clínica de Voronoff, e no qual se classificavam *doadores*, após rigorosa inspeção de saúde.

***

Quando Eduardo e o Séve regressaram de São Lourenço, já tudo no Rio era Voronoff.

Um dos motivos da vinda do remoçador à América do Sul, fora a incumbência que lhe dera o governo argentino de organizar no Prata um posto zootécnico de genética experimental, tarefa que, provavelmente, levaria ao sábio largos meses de fatigante trabalho.

Figurava também no programa de Voronoff, além da realização de conferências, um interessante plano de demonstrações práticas do processo de rejuvenescimento, não só em espécies pecuárias, mas também em pacientes humanos.

Esperando encontrar na América do Sul possíveis dificuldades na consecução de material para enxerto, e mesmo sabendo da inexistência de leis sobre o assunto – houvera o sábio por bem fazer-se acompanhar duma farta provisão de símios e dum contingente de doadores humanos – uns robustos latagões de soberba aparência, classificados pelo *Instituto*

Dartigues, de Paris, e orçando todos eles pelos vinte anos, mais ou menos. Havia-os de vária nacionalidade: alguns húngaros, cinco franceses, quatro belgas e um negro norte-americano.

E foi sob os melhores auspícios que o cientista deu início aos seus trabalhos, em instalações previamente adaptadas à Casa de Saúde Castro Araújo, antigo Hospital Evangélico.

Anexo à clínica hospitalar de Voronoff organizara-se um serviço ambulante, a domicílio, sob uma certa feição de sigilo, conforme requeria, em alguns casos, a natureza da intervenção. Dispondo de um adestrado corpo de auxiliares, e munido de instrumental portátil, estava Voronoff habilitado a executar a aplicação de seu processo na residência do paciente, onde se improvisava uma ambiência da mais rigorosa assepsia, como convinha ao bom êxito das operações.

Os primeiros sucessos obtidos correspondiam aos enxertos em que se utilizara material fornecido pelos símios. Um desses casos foi o do conspícuo desembargador Pádua, pessoa de elevada distinção social, e que, oito dias após a alta hospitalar, contratou casamento com uma interessante rapariguita, que fazia equitação no *Circo Spinelli*.

Voronoff tentara já três ou quatro enxertos de tecido humano, os quais haviam fracassado completamente, embora sem prejuízo maior para a saúde do operado. De resto, na estatística do emprego de glândula humana, os resultados vinham sendo inteiramente negativos, desde a Europa. Em França, onde Voronoff obtivera já cerca de quatro ou cinco dezenas de casos felizes, com o enxerto de tecido de macaco – o material de procedência humana falhara em absoluto; até então o experimentador ainda não havia conseguido fazer *pegar* um só enxerto, sequer, de glândula humana. Por mais rigorosa que fosse a observância da técnica cirúrgica; por mais promissoras que parecessem as condições físicas do paciente; por mais normal que decorresse o ato operatório – havia sempre um detalhe, um motivo imprevisto, que fazia abortar a marcha da coaptação cicatricial; e o enxerto *não pegava*.

No Rio a estatística seguia na mesma ordem: quase todas as aplicações do processo, nas quais Voronoff utilizara glândula de símio, atingiam o fim visado; com o emprego de tecido humano: – falência integral.

Um desses fracassos coube ao Séve, ao pobre do Séve.

Declinando das precauções de sigilo que lhe oferecera o sábio, com o serviço de cirurgia a domicílio, entrara o velho senador para a clínica hospitalar de Voronoff, nas instalações do antigo Hospital Evangélico,

onde as operações se revestiam de um caráter mais ou menos didático, quase público, procedidas de preleções teóricas de anfiteatro.

Fora seu doador um rapazelho nortista, tipo atarracado, de cabeça chata e olhos vivacíssimos, estatura abaixo da normal, mas duma saúde de ferro. Devia ter talvez menos de vinte anos, e foi o primeiro brasileiro que se fez *doador*, ao serviço de Voronoff.

Eduardo assistira à operação do Séve.

Tudo correra animadoramente; a marcha da intervenção – normalíssima; as condições do operado – excelentes.

Séve fizera questão da anestesia local, tendo sido esta praticada com tanta perícia que o paciente nada sofreu, nem durante nem mesmo várias horas após a operação.

Tudo, pois, prometia um êxito favorável.

Entretanto, o fracasso sobreveio, desolador. Ao invés da cicatrização foi o esfacelamento, a supuração, impondo-se, com urgência, o levantamento do enxerto, para evitar piores consequências.

Séve gastara em tudo isso uma cobreira louca; e comprara bem caro a ruína de sua última ilusão de sexagenário. Considerava-se morto para o mundo; e ele, que tantas esperanças depositava no processo de Voronoff – voltava à província sucumbido, triste, resignado a findar os seus dias lá para os confins do sertão, entre a sinceridade rude dos boiadeiros e a espessura dos canaviais sem fim; entre o seu engenho e a sua safra; longe da ciência, longe das tentações...

E quando Eduardo o foi levar a bordo, achou-o abatidíssimo, até mais envelhecido.

Séve murchara; não soprava mais a opulência dos charutos de preço; mesmo o diamante do anel perdera algo do brilho antigo; à *boutonnière* erma, já se não via a petulância do refolhudo cravo vermelho, que lhe era como um grito de mocidade, na figura de velho bilontra.

Eduardo consolava-o:

– Ora, meu caro Séve, isso não te vem trazer transtorno algum; vais repousado, já não tens nada que te apoquente, e o que deves fazer agora é descansar, descansar muito, e engordar, sobretudo engordar, para te recobrares do abalo. Isso não é nada. Já gozaste muito a vida; foste sempre um *farrista* de marca... É justo e preciso que te conformes com a *compulsória*, por antiguidade... Estás forte, bem se vê; mas olha que já não é sem tempo...

– E que dinheirão, Marinho, que dinheirão se me foi nesta brincadeira...

– Que é feito do doador? – perguntou Eduardo, curioso – Tiveste alguma notícia de como passou após a operação?

– Tive-a, Marinho velho, tive-a. Passou otimamente, e até casou; casou, e pretende abrir uma agência de doadores, para um serviço que o Castro Araújo vai criar lá mesmo, nas instalações de Voronoff, quando este partir.

E, porém, o aconselhei a que abrisse antes uma casa de jogo de bicho...

O navio dava o sinal de partida.

E lá se foi o Séve, abatido, sem cravo, sem havana, perdido na folga do terno de xadrezinho, com a cabeça enterrada no boné do mesmo pano.

***

A falência do caso do Séve pouco influíra no espírito de Eduardo, relativamente ao propósito em que estava de recorrer aos serviços de Voronoff.

Metera-se-lhe na cabeça que o fracasso do Séve correra por conta da anestesia local.

Na verdade, até àquela data, os pacientes em que Voronoff enxertara material humano, haviam feito questão fechada da anestesia local. Sendo quase todos eles indivíduos mais ou menos idosos, tinham um sério medo ao clorofórmio e aos outros anestésicos gerais.

Tal coincidência, se bem que verificada em casos pouco numerosos, como eram os do emprego de material humano, vinha militar em favor do raciocínio de Eduardo, ao qual, de resto, o próprio Voronoff dava inteiro apoio.

Ao modo de ver de Eduardo, a anestesia local, amortecendo a sensibilidade da região operada, deveria diminuir, de algum modo, a vitalidade da mesma, prejudicando assim a tendência à cicatrização. Aqueles tecidos, infiltrados de anestésico, tinham fatalmente que sofrer os efeitos do tóxico, não só na sua trama nervosa, mas também na sua capacidade de restauração.

Eduardo acreditava em que, se Voronoff empregasse uma anestesia geral e rápida, mesmo com um pouco de dor para o paciente o enxerto humano pegaria, com certeza, e com muito maior razão do que o do macaco, dadas a perfeita analogia anatômica e a afinidade específica existentes entre doador e donatário.

Assim, autorizado o emprego do clorofórmio pelo Angenor Porto, ficou assentado que Eduardo se submeteria à intervenção de Voronoff, com anestesia geral.

Eduardo, diferindo do Séve, guardava sobre o seu caso o mais completo sigilo; a operação far-se-ia em sua residência, à rua de São Francisco Xavier, de onde previamente se removeram a indiscrição e a bisbilhotice da criadagem.

Rita, a cozinheira, licenciara-se até segundo aviso, com todos os vencimentos; ao *chauffeur* simbolista foi concedido também um mês de folga, para pintura do carro. Assim, despachando para São Lourenço o Nestor e a Mariana, ficara Eduardo absolutamente só no casarão, onde o pessoal do Voronoff entrou, sem tardança, a improvisar a sala de operações, enviando durante a noite, para lá, todo um arsenal de autoclaves, gazes, panos esterilizados, instrumentos cirúrgicos, mesas articuladas, aventais, balões de oxigênio, luvas, medicamentos, tudo isso tresandando a fenol e a éter, o que fazia um grande mal à pessoa alarmadíssima do Gonzaga.

Gonzaga não se tinha em conta dum fracalhão impressionável; ao contrário, fora sempre de muita calma, de muitíssima coragem para qualquer emergência aflitiva da vida; mas, o brilho cortante daqueles metais, a brancura glacial daqueles esmaltes, o intenso e sugestivo cheiro a desinfetante, e sobretudo o aparato de que se revestiam tais preparativos – faziam-lhe um grande, um infinito mal. Gonzaga sentia-se cortado, pinçado, costurado, e empalidecia, e suava, e tinha engulhos.

A véspera do dia da operação passara-a Eduardo em repouso, já sob os cuidados que precedem às intervenções cirúrgicas.

Gonzaga, apesar do indomável tremor que a cada instante lhe sacudia as pernas magras, não despregara mais da cabeceira do amigo.

E era de ver com que desajeito o insigne comediógrafo, apavorado, metido num avental imenso que lhe dava pelos tornozelos, se movia, como um fantasma, levando ao doente ora um copo d'água, ora um livro, ora uma dose de medicamento, numa solicitude e numa dedicação de comover.

A um canto do quarto plantara-se um latagão russo, com um capote de linho que lhe caía como uma luva; ostentava ao peito e ao gorro as iniciais I. D., encimando uma cruz vermelha. Era um enfermeiro *brevetado* do Instituto Dartigues, de Paris, que acompanhara Voronoff na *tournée*, e tinha a seu cargo o serviço de enfermarias improvisadas a domicílio.

Esse homem inspirava ao Gonzaga uma espécie de vago receio; Gonzaga descobria-lhe algo de magarefe.

À noite, Voronoff, em companhia do Angenor Porto, apareceu em visita a Eduardo.

Falaram demoradamente acerca do doador.

Voronoff escolhera para Eduardo um esplêndido moço belga, campeão de bicicleta em Anvers, e que parecia, sem dúvida, o mais desempenado e inteligente dentre os doadores trazidos pelo sábio, do Instituto Dartigues, de Paris.

Todavia, Eduardo, delicadamente, obtemperara sobre a diferença de raça, aventando a ideia de se procurar antes um doador brasileiro.

Voronoff não opôs objeção à vontade de Eduardo, e ambos discutiram ainda como e onde se poderia encontrar um rapaz brasileiro, que se quisesse desfazer do material a enxertar.

Angenor, pilhericamente, sugeriu o Gonzaga; e Voronoff, na sua ingenuidade de sábio, sem perceber a pilhéria, lançou ao Gonzaga um olhar avaliador; depois, temendo afetar melindres, dirigiu-se polidamente ao insigne comediógrafo, indagando-lhe da idade exata.

O enfermeiro russo (brevetado pelo Instituto Dartigues, de Paris) acudiu logo com um auscultador e um estilete, para o exame clínico que antevia.

A esse tempo o Gonzaga, tomado já dum medo quase infantil, deu um pulo para trás, como quem evita uma chifrada, e protestou, varado, cor de cera, num gesto de defesa, espalmando no ar a mão frugal:

– Não, doutor, eu não; tenha paciência, doutor, mas eu não... Não... Não quero... Eu já não tenho idade para isso...

Voronoff, desapontado, compreendendo a extensão da gafe, engrolou uma desculpa qualquer.

Eduardo e Angenor riam do quiproquó, enquanto o Gonzaga, cravando na pessoa do enfermeiro um olhar de terror, procurava recompor-se do que fizera; mas repetia ainda, sem se conter:

– Espera aí, filho; pra cima de mim é que não; não vou nisso... Era só o que faltava ...

E o enfermeiro, que se conservara imóvel, provavelmente habituado a tais cenas de protesto, só a um gesto do Voronoff é que rodou marcialmente sobre os calcanhares, foi depor os instrumentos no sítio de onde os tirara, e voltou, marcialmente, a plantar-se no canto do quarto, teso, espigado, ostentando ao peito, bordadas em vermelho, as insígnias de enfermeiro brevetado do Instituto Dartigues, de Paris.

Gonzaga, ainda cosido ao ângulo da parede, tentava disfarçar o pavor que o arrebatara, e ensaiava uma piada a esmo; mas o olho terrificado não o tirava ele do enfermeiro, em quem descobria, agora, mais do que nunca, algo de magarefe.

Após várias considerações sobre o problema do doador, ficou resolvido que seria utilizado o que Voronoff escolhera. E não se falou mais sobre o assunto.

Houve ainda uma troca de ideias acerca da anestesia, combinando-se que seria empregado o clorofórmio, na menor quantidade possível.

Mais algumas recomendações ao enfermeiro russo, e foi marcada a operação para o dia seguinte, às 8 horas da manhã. Voronoff despediu-se, sempre acompanhado pelo Angenor, indo o Gonzaga leva-los até à varanda.

Ao portão, o Cosme, a quem Eduardo confiara à segurança da casa, cientificando-o do que se ia passar, substituía o Nestor, muito compenetrado do seu múltiplo encargo de mordomo, porteiro, criado, copeiro e vários outros misteres.

Cosme acumulava.

Depois da saída de Voronoff e do Angenor, Eduardo fez ver ao enfermeiro que se podia ir deitar; caso houvesse qualquer necessidade durante a noite, chamá-lo-ia.

E o russo, numa curvatura de pajem, rodou nos tacões, e desapareceu no corredor.

Gonzaga respirou.

Aquele homem o enchia de uma estranha inquietação... Ele não sabia bem explicar o que era... Mas o certo é que o enfermeiro lhe parecia uma pessoa cortante, contundente, anestesiante...

E a impressão do magarefe não lhe saiu do espírito.

Eduardo ainda comentou:

– Mas, Gonzaga, tu pareces uma criança... pois foste levar a sério a troça do Angenor? Onde é que estavas com a cabeça?

– Troça é um modo de dizer... Troça, troça... mas o brutamontes do enfermeiro foi logo trazendo a ferramenta... Não, filho, não vou nisso... Está claro que não me passou pela mente que me fosses escolher para doador ... nem sou assim tão imbecil. Mas, tu sabes, para Voronoff, isso de fornecer material para enxerto é uma coisa banalíssima, talvez mesmo nobilitante... E se lhe desse na telha, seria capaz de querer no menos examinar-me... Ora, eu, até enfermeiro, ainda procuro dar um jeitinho; mas para cobaia – tem paciência, filho, nem brincando... Sei que fiz um papel de lorpa, recusando-me daquela maneira, em suma: levando a sério a pilhéria do Angenor... Mas, que queres? Estou nervoso, filho, estou muito nervoso... Estas coisas todas, estes preparativos, estas conversas, este enfermeiro, tudo isso me faz um grande mal aos nervos...

E o olho do Gonzaga grelava de esguelha a porta do corredor, como que temendo o reaparecimento do brutamontes.

Depois, conversaram durante longo tempo sobre a operação, sobre o êxito possível, sobre o rejuvenescimento, sobre a Morinelli.

Eduardo, querendo demonstrar ao Gonzaga quanto era inteligente aquela mulher, aludia ao *discreto afastamento* que notara em Gina, desde quando ele voltara de São Lourenço... E argumentava:

– Vês, Gonzaga? Ela compreendeu que eu provavelmente iria entrar no Voronoff; e, numa delicada reserva, não tenta muito amiúde saber de meus passos neste momento; mas espera, em silêncio, que isso se resolva. Ela está certa de que, se as coisas me correrem bem, eu a procurarei imediatamente; se tal não acontecer, se o trunfo me sair às avessas, então ela é que virá a meu encontro, tendo o cuidado de nada deixar transparecer acerca de tudo quanto se venha a saber ou calcular... É admirável aquela criatura...

Gonzaga ia soltando uma outra explicação para o *discreto afastamento* da condessa; mas a noção de que poderia com isso comprometer o bom humor do doente – fê-lo engolir a piada.

Eduardo continuava no elogio da Morinelli; e, antevendo o bom êxito do caso, graças à supressão da anestesia local, perdia-se em projetos repassados de otimismo, ante a iminência do próximo rejuvenescimento.

No programa de regozijo havia uma viagem à Europa, levando o Gonzaga como secretário... Gonzaga precisava de ir a Paris; era útil, mesmo imprescindível ao seu teatro...

E os olhinhos pretos do insigne comediógrafo vislumbravam já umas pernas muito bem idas, às Folies Bergère, quando Eduardo caiu subitamente numa atitude de alheamento. Depois, entrou a lastimar-se:

– Infelizmente, há em tudo isso um obstáculo que me tolhe, que me impossibilita de umas tantas coisas...

– Glorinha – fez o Gonzaga, compreendendo.

– Nem mais nem menos, Gonzaga. Viajando em companhia da Gina, é claro que eu não poderia levar comigo a pequena; e confesso que me custa muito separar-me de minha filha... Ainda hoje tive cartas de São Lourenço. Vão todos bem; Glorinha já ganhou cinco quilos, e parece cada vez mais bem-disposta, segundo afirma o Alcântara... E vês? Eu sei que ela está a dois passos do Rio; entretanto estou morto por tornar a tê-la ao pé de mim. Imagina agora uma viagem à Europa...

E o olhinho preto do Gonzaga despregou-se das pernas muito bem idas, das Folies Bergère, e caiu na realidade das coisas, a qual, para Eduardo, era Glorinha, e para ele era a porta do corredor, onde, de um mo-

mento para outro, poderia assomar a figura antipática do brutamontes (brevetado pelo Instituto Dartigues, de Paris).

Eduardo, após alguns instantes de silêncio, entrou em uma nova ordem de considerações, formulando não só a hipótese de um fracasso do processo de Voronoff, mas ainda a de um acidente operatório, mesmo na anestesia. Ele sabia que o clorofórmio dava, às vezes, suas surpresas...

E, conjecturando a possibilidade de vir a morrer na mesa de operação, pedia ao Gonzaga que lhe olhasse pela pequena, que rogasse aos Alcântaras terem-na sempre na companhia deles, mais a D. Sinhá. Elas não seriam parasitas de ninguém, porque o que lhes cabia em testamento bastava para lhes prover todas as necessidades...

Pedia também que, no caso dum desastre, fizesse saber a Gina que ele morrera pensando nela, desejando a felicidade dela...

Gonzaga, compungidíssimo com os maus presságios de Eduardo, sentia um nó na garganta a sufocá-lo de indignação; e vinha-lhe como que uma vontade surda de esganar Voronoff...

E abominava Voronoff.

Mas, agora... o que urgia era levantar o ânimo de Eduardo; e Gonzaga fazia-o como quem cumpre um dever, um doloroso dever:

– Deixa disso, camarada... Desta forma, tu é que pareces uma criança... Vê lá se me achas com cara de tabelião, para estares aí a deitar testamento...

– Há de ser o que Deus quiser, meu caro Gonzaga. Olha, vai tu também para a cama... Eu quero ver se consigo dormir um pouco; e tu deves fazer o mesmo... Não queres assistir à intervenção?

Gonzaga não queria; ao Gonzaga faziam-lhe muito mal essas coisas de operações, de curativos, de sangue à mostra... Ficaria no quarto até que terminasse a encrenca. Essa coisa de sangueiras o punha muito nervoso. Que havia de fazer? Não estava nele...

Bem, mas vai ver se dormes um pouco, filho; se eu precisar de alguma coisa tocarei a campainha, podes estar descansado insistia Eduardo.

Gonzaga ainda tentou uma relutância amável; mas acabou consentindo em ir repousar um pouco; e, apesar de se lhe haver preparado o quarto dos hóspedes, preferiu recostar-se a um dos *maples* da sala de jantar, fazendo antes uma escalazinha pela copa, onde descobriu uns salames e uma cerveja esquecida ao fundo da geladeira. Intrigado com umas poucas de garrafas vazias espalhadas pela mesinha da copa, indagou do Cosme:

– Quem é que andou aqui bebendo tudo isto?

– Foi o enfermeiro, doutor, foi o enfermeiro... Aquilo chupa que nem uma esponja... Só depois do jantar virou quatro delas, de um gole...

Gonzaga enxugou a garrafa que restava; e o sono dos moradores afogou em silêncio o casarão da rua de São Francisco Xavier.

***

Pelas duas horas, mais ou menos, Eduardo, que, na sua intensa excitação, mal conseguira dormir alguns minutos, para logo cair numa insônia extenuante, ouviu nitidamente uns gemidos vindo da sala de jantar.

Comprimiu o botão da campainha, com insistência. Ao chamado apenas o Cosme acudira, pisando com pés de pilão. O criado esquadrinhou toda a casa, sem que nada encontrasse de anormal; súbito, porém, ecoaram novamente pelo casarão os gemidos estranhos.

Cosme correu à sala de jantar, e topou com o Gonzaga emborcado na poltrona, ganindo desesperadamente, numa voz abafada, de manifesta angústia:

– Não! Não quero, já disse! Larguem-me, larguem-me! Sai, sai daí... Não quero... Não quero! Larguem-me...

Cosme sacudiu-o violentamente para arrancá-lo ao tremendo pesadelo.

O bicho abriu um olho vago, balbuciou umas coisas sem nexo, e pegou logo no sono, emborcando de novo na cadeira.

Eduardo, sobressaltado, pulara da cama, infringindo a prescrição médica, a ver o que se passava na sala de jantar.

Quando voltava para o quarto, notou, pela porta entreaberta, que havia luz na biblioteca; e espreitou: – estendido no sofá, roncando animalmente o mais regalado dos sonos, jazia o enfermeiro, o brutamontes, que tantos receios inspirara ao Gonzaga.

Ao lado, aberto cuidadosamente sobre o espaldar de um dos *maples*, alvejava o capote de linho, ostentando à meia luz da biblioteca as insígnias do Instituto Dartigues, de Paris...

***

Seriam aproximadamente cinco horas da manhã, e já no casarão da rua de S. Francisco Xavier reinava o mais vivo rebuliço. Ainda muito cedo embocara pelo palacete um magote de sujeitos muito grandes,

muito louros, que desembaraçadamente se foram pondo à vontade, envergando capotões de linho branco, onde realçava, bordado em rubro, o emblema do Instituto Dartigues, de Paris.

Com essa turma de enfermeiros viera também o doador, um guapo rapagão de ótima aparência, e a cuja pele corada aflorava toda a pujança de uma robustez animal.

Parecia integralmente compenetrado do seu papel de cobaia; e, tanto que o conduziram ao cômodo que lhe havia sido destinado, foi logo trocando a felpuda roupa de sarja por um amplo camisolão, que tresandava a fenol; e estirou-se em seguida, passivamente, à cama, para que se lhe fizesse a *toilette* competente.

Gonzaga assistia a tudo aquilo assombradíssimo.

Logo que viu chegar o doador, deitou ao moço belga um olhar de infinita comiseração, como se estivesse em presença dum condenado à morte; e teve ímpeto de correr a Eduardo, e demovê-lo de tamanha crueldade; mesmo lhe passou pela cabeça tomar, em meio àquela barafunda, uma atitude enérgica, afim de impedir, por uma forma qualquer, até pela violência, a consumação de tão disparatada insânia. Mas quando, cheio de pasmo, notou a serenidade com que o doador se entregara à sanha operatória daquele bando de magarefes, mostrando-se perfeitamente disposto a se deixar cortar, abrindo mão de uma fatia da própria carne, com o maior sangue frio, – então o Gonzaga se sentiu um ser inferior, tomando-se dum respeito profundo pelo campeão de bicicleta; e, sacudido pela sugestão de tanta coragem, correu a levar a Eduardo o contágio daquela salutar energia...

Neste mesmo instante, porém, o Cosme, emocionado, lívido, surgia na sala de jantar, anunciando a chegada de Voronoff; e o Gonzaga, sem mais demora, enfiou para a biblioteca, trancando a porta à chave.

O brutamontes, percebendo a manobra do Gonzaga, sorriu mordazmente, trocando com os demais enfermeiros uns sons guturalíssimos, em que se traduzia uma ferina expressão de remoque.

Todo o tempo que durou a operação passou-o o Gonzaga sob uma angústia de fazer dó. Mesmo se atirou ao sofá, enterrando a cabeça nas almofadas, como que tentando fugir à realidade daquelas coisas pavorosas.

Uma mesa que se arrastasse lá fora, um barulho de metais que tilintassem na bandeja, a voz áspera do brutamontes comandando a *quadrilha* de magarefes – tudo lhe chegava aos ouvidos como um eco macabro da chacina.

E o cheiro... Aquele insuportável cheiro a clorofórmio, a éter, a fenóis, invadira já a biblioteca, e entrava pelas ventas do Gonzaga, dando-lhe volta ao estomago, fazendo-o engulhar...

Súbito, um grito estridente reboou pelo casarão, gelando o sangue nas veias do Gonzaga. E todo ele se encolheu, num arrepio de autêntico terror pânico...

Outros gritos lancinantes, alternados com urros medonhos se repetiram como o clamor dum supliciado, entre os horrores da tortura. Gonzaga, inteiramente transtornado, teve ímpeto de rebentar na sala de operações, revólver em punho, e sustar o prosseguimento daquela tragédia; mas, para isso, lhe faltavam duas coisas importantes: o revólver e a coragem.

E se chamasse a polícia? Sim, porque aquilo era positivamente um caso de polícia...

Entretanto, lá fora, os gritos iam morrendo, em gemidos abafados, como se o *mártir* já houvesse entrado em agonia...

Agora o Gonzaga ouvia apenas a voz clara de Eduardo, contando pausadamente, arrastadamente, sinistramente:

– Um... dois... três... quatro...

Depois, quase imperceptível, desordenara:

– Quarenta e oito... dezenove... dezenove... dezeno...

E extinguiu-se de todo.

No silêncio que ali reinava, ouvia-se nitidamente o resfolegar estertoroso dos dois homens, sob a ação narcótica do clorofórmio, e o tilintar dos instrumentos cirúrgicos...

Gonzaga, que ensopara de suor uma esplêndida almofada cor de carne, sentou-se à borda do sofá, enfiando os dedos magros pela guedelha, deixando-se ficar aniquilado, numa postura de desolado *penseur*, meditando na extensão das grandes desgraças, que, de uns tempos àquela data, vinham infelicitando a boa gente de Eduardo Marinho.

E ia perder-se em reflexões de subida transcendência filosófica sobre a fragilidade da natureza humana, sobre a existência do clorofórmio, sobre a fúria operatória dos magarefes, sobre os perigos e provações a que está exposto um homem civilizado – quando alguém bateu com força à porta.

Gonzaga, arrancado bruscamente à profundeza de suas cogitações, berrou num incontido gesto de defesa, saído do instinto de conservação:

– Quem é? Que é que quer?

Mas logo, caindo em si, acudiu a ver quem batia.

Era o Cosme; vinha anunciar que *estava tudo pronto*.

Gonzaga, ainda um tanto aturdido, indagou, dum jato, se Eduardo já havia acordado, se tinha sofrido muito, se a operação havia corrido bem...

O Cosme nada sabia informar; e o Gonzaga, aflito, ansioso por saber como ia passando Eduardo, encaminhou-se para a sala em que estavam os operados; mas, no corredor, esbarrou com um enfermeiro que carregava uma bandeja atulhada de gazes embebidas de sangue; no avental do enfermeiro havia também manchas de sangue; e o Gonzaga retrocedeu, horrorizado, e enfiou novamente para a biblioteca, resolvido a não sair dali enquanto não houvesse terminado a sangueira...

E assim foi.

***

A operação correra para Eduardo em o menor acidente, tendo sido insignificante a quantidade de clorofórmio empregada na anestesia; e as condições pós-operatórias nada deixavam a desejar: pulso normal, respiração serena, mentalidade perfeita; apenas um ligeiro atordoamento em consequência do anestésico. Excelente, pois, o estado de Eduardo.

Já o mesmo não sucedera ao campeão de bicicleta.

O pobre moço, que parecia tão bem-disposto até momentos antes da operação, mostrou-se rebelde ao jugo do clorofórmio; fez-se necessária uma forte dose de anestésico para o narcotizar. Depois da intervenção, levou mais de meia hora desacordado; e quando despertou da narcose, foi entre horríveis ânsias de vômito, que o torturaram pelo dia fora.

Gonzaga, já sem avental, sentado ao pé da cama de Eduardo, ouvia, com infinita pena, os gemidos que vinham do quarto do doador.

À noite estiveram lá Voronoff e Angenor Porto; Eduardo continuava em ótimas condições; enquanto que o doador se debatia ainda entre dores agudíssimas e incoercíveis ânsias de vômito. Voronoff prescreveu-lhe uma picada de morfina, e despediu-se, em companhia de Angenor deixando ordens ao brutamontes no sentido de não se afastar, por motivo algum, da cabeceira do campeão de bicicleta.

Pelas onze horas, mais ou menos, deu entrada no parque, segundo instruções do Voronoff, um automóvel de praça, com as cortinas inteiramente fechadas. Dois enfermeiros assaz desembaraçados recolheram ao bojo da viatura todo o material cirúrgico do serviço ambulante de Voronoff.

E foi com um suspiro de consolado alívio que o Gonzaga viu rolar pela alameda de bambus, caminho da rua, aquele antipático arsenal de instrumentos de suplício.

O Gonzaga teria mesmo sentido um alívio integral, se não fora a presença do brutamontes, que lá permanecera, plantado como um espectro à cabeceira do doador, ostentando ao peito, bordadas em vermelho, as insígnias do Instituto Dartigues, de Paris.

***

A papeleta do dia seguinte ao da intervenção era excelente; mesmo o doador, livre do clorofórmio, entrara a passar perfeitamente bem, o que levou Voronoff a removê-lo para o hospital, apesar dos reiterados oferecimentos de Eduardo, que pretendia hospedar o campeão de bicicleta até o completo restabelecimento deste.

À noite, como nada mais houvesse de anormal, resolveu Voronoff substituir o brutamontes brevetado por um delicioso Meneleu sem brevê, quintanista de medicina, cearense habilíssimo, interno do Hospital Castro Araújo, e que em poucos dias se impusera à confiança do removçador, de cujo serviço se fez indispensável auxiliar.

Meneleu era extremamente comunicativo, e foi logo travando com o Gonzaga uma espontânea camaradagem; e o Gonzaga sentiu-se deveras aliviado quando o estudante, muito à vontade, abotoou negligentemente o capotão de morim lavado, a cujo peito, um M. despretensioso parecia bem menos ameaçador do que o irritante emblema do Instituto Dartigues, de Paris.

No Meneleu, mesmo de capote branco, nada havia de magarefe; e até no espírito de Eduardo começou a atuar beneficamente o bom-humor do cearense, em cuja cara chata sorria sempre uma ampla expressão de inteligência, de cordura, de carinho.

O inesgotável repertório de anedotas do Meneleu, ditas com um chiste singular, misturado à ironia do Gonzaga, constituía a ambiência ideal para um convalescente nas condições de Eduardo.

Com vinte e quatro horas de convívio, já o Meneleu se fizera o homem da casa: Meneleu recitava versos de Emílio, Meneleu dizia coisas, Meneleu cantava modinhas do Catulo a um violão que lhe arranjara o Cosme, e ao qual faltavam apenas duas cordas; até na cozinha se metera o Meneleu, arregaçando as mangas do capotão, para confeccionar, com altos conhecimentos de culinária, uma transcendente omelete de salsa.

À mesa, o Gonzaga, detendo a garfada, concordou em que a omelete do Meneleu era de fato muitíssimo bem ida.

XVI

E assim se passaram quatro dias, através dos quais o estado de Eduardo ia se apresentando cada vez mais animador.

Ao quinto dia, Voronoff, levantando o curativo, certificava-se de que o enxerto *pegara* integralmente; e o sábio tomou-se dum entusiasmo quase delirante. Adiando a viagem já anunciada para Buenos Aires, resolveu deter-se mais alguns dias no Rio de Janeiro, a fim de melhor poder observar os resultados do interessante caso em que, pela primeira vez, conseguira fazer *pegar* um enxerto de glândula humana.

E foi sob o domínio do mais legitimo orgulho que ele deixou, naquela manhã, o casarão da rua de São Francisco Xavier.

Todo o resto do dia correu cheio de contentamento para Eduardo e para os que o rodeavam.

Meneleu, em regozijo, abundando na cerveja, abundou também numa infinita série de anedotas, engendrando antecipações sobre as prováveis *aventuras* de Eduardo; e teria continuado a divertir os companheiros, se a cerveja lhe não houvesse subido à cabeça, obrigando-o a atirar-se, chumbadíssimo, ao tapete da biblioteca, onde roncou até à noite o mais pesado dos sonos.

Gonzaga, fiel ao lema de Emílio de Menezes, provou, mais uma vez, que sabia beber; e comediu-se na cerveja. Assim, enquanto o Meneleu, estendido ao chão na biblioteca, dormia, *cozinhando* a bebedeira – ele, ao pé de Eduardo, passou a tarde a tomar apontamentos para uma peça, a que ainda não havia dado nome.

Eduardo sugerira *Os Magarefes da Ciência*, título que o Gonzaga não aprovou por achar um tanto ou quanto forte, muito embora o tema da peça fosse vazado na atual mania do enxerto de tecido humano e na crueza sanguinária dos cirurgiões, qual ele observara durante os duros dias de Voronoff.

Lembraram-se mais alguns títulos, sem que nenhum deles agradasse ao Gonzaga, que resolveu deixar para outra oportunidade o nome da

peça. Gonzaga, segundo, em linhas gerais, expunha a Eduardo, imaginara uma comédia em três atos, descambando um pouco para o *vaudeville*, e cuja ação giraria em torno de uma série de operações de enxerto.

Tratava-se dum médico-operador, cuja mulher, ciumenta e neurastênica, falava pelas tripas de Judas. O médico não podia estudar, não conseguia ler mais detidamente coisa alguma, sem que a esposa lhe surgisse no gabinete, destaramelando numa tagarelice insuportável... A certa altura (isto ainda no primeiro ato) o médico descobre umas aftas na língua da mulher; e concebe, num relâmpago, uma ideia sinistra: assegurar que a mulher tem um cancro incipiente na língua, e convencê-la de que se deve operar quanto antes.

Quando, porém, o marido antegozava já as excelências de uma esposa muda, eis que lhe estoura pela casa a sogra, acompanhada dum cirurgião especialista em enxertos. A velha, sabedora do que ia suceder à filha, resolvera desfazer-se da própria língua, que deveria ser enxertada na moça. E para simplificar as coisas, trouxera ela mesma um operador.

Mas, depois de feito o enxerto da língua da sogra na mulher do colega, verificou o enxertador que, na língua tida como cancerosa, não havia o menor sinal de câncer. Supondo tratar-se dum erro clínico, ficou o cirurgião hesitante sobre como deveria agir: se pusesse tudo em pratos limpos, deixaria mal ao colega; se calasse, seria conivente num crime; porque, afinal, se a esposa do colega ficava provida de língua, o mesmo não sucederia à sogra, que abnegadamente se desfizera da sua em favor da filha.

E ao enxertador pesava-lhe imenso ter concorrido para aquele aleijão.

Foi quando uma ideia feliz o veio tirar da tremenda entaladela: *forjaria* a existência de um processo de cura do câncer pela transplantação, e enxertaria na boca da velha a língua ainda quente da filha.

E assim fez.

De todo esse *imbróglio* resultou apenas isto: – uma esposa com a virulência de uma sogra, e uma sogra com vigor lingual rejuvenescido.

A cena de operação deveria encher todo o segundo ato. No terceiro ato o marido, com a mulher e a sogra a matracarem-lhe nos ouvidos, toma-se dum violento acesso de nervos; e, não podendo dar jeito à tagarelice das duas criaturas, acaba por meter uma verruma nos próprios ouvidos, ficando completamente surdo.

Julgava-se desta forma o pobre marido e genro ao abrigo das duas loquazes mulheres, quando um americano de má morte se lembrou de

inventar um aparelho irradiador que impressionaria os centros auditivos dos surdos independentemente da vontade deles.

E o herói do Gonzaga, na iminência de recuperar a audição, seria acometido de um ataque de loucura furiosa, fazendo-se mister recolhê-lo ao manicômio. O pano cairia sobre a cena da camisa de força.

Eduardo achara interessante o *vaudeville*, e o Gonzaga ia expor o partido cômico que pretendia tirar da cena da loucura; mas o Cosme, pisando com pés de pilão, entrava, neste momento, trazendo a correspondência postal, e cortando a inspiração do Gonzaga.

Eduardo examinou a papelada a ver se havia alguma carta de São Lourenço.

Não havia nada de São Lourenço.

Chamou-lhe, entretanto, a atenção uma sobrecarta lilás, com um timbre em alto relevo. Ele reconheceu o monograma da Morinelli, e abriu sofregamente o envelope. Um penetrante cheiro a *héliotrope* espalhou-se pelo aposento.

Eduardo fez-se duma lividez de cal, o que levou o Gonzaga a arrebatar-lhe das mãos o papel lilás.

Era de Gina, participando o seu contrato de casamento com um cidadão Inocêncio Côvelo...

Gonzaga chegou um copo de água aos lábios do amigo que, após um momento de completa inibição, desatou num pranto surdo, convulso, repassado de grande dor.

E durante largo tempo chorou, abafando a custo os soluços que o sacudiam, incoercíveis.

Gonzaga, embora conhecesse o *béguin* de Eduardo pela Morinelli, nunca supôs que se tratasse dum afeto tão radicado. Mesmo quando meditava na recente operação a que se sujeitara o amigo, atribuía-a menos ao caso de Gina do que à natural ambição de Eduardo.

Gonzaga deixou-o fartar-se de chorar; e só quando o viu mais calmo é que entrou a considerar sobre o fato, fazendo ver que esta coisa de mulheres dava sempre em sérios aborrecimentos; e assegurava, experiente:

– Todas elas são mais ou menos da mesma têmpera, meu caro Eduardo – todas elas. Eu não te dizia sempre? Tu achavas que era pessimismo meu... De resto, filho, ainda andaste com muita sorte... Eu só lastimo o pobre do Inocêncio Côvelo... Também, para casar com uma criatura daquele quilate, só mesmo um Inocêncio...

Eduardo não respondia. Ele compreendia a boa intenção do Gonzaga, mas aquelas palavras lhe caíam na alma como punhaladas.

Eduardo gostava sinceramente de Gina, e todo o sacrifício daquela operação o fizera ele para melhor poder disputá-la dentre o cortejo dos que a desejavam e queriam.

Tornar-se moço, bem-apessoado, cheio de rija saúde e de virilidade, tudo isso para merecer o afeto de Gina – eis quanto o levara àquela arriscada aventura.

Entretanto, precisamente quando tudo lhe prometia uma vida melhor; quando, cheio de esperança, ansiava por alcançar um pouco de felicidade – agora é que tudo se desmoronava, ante a decepção do inqualificável procedimento de Gina.

Gonzaga desfez-se em razões de ordem vária para arrancar o amigo ao estado de abatimento moral em que este se encontrava, sem todavia lhe conseguir levantar o ânimo.

À noite veio Voronoff, e Eduardo esforçou-se por dissimular o horror que lhe ia na alma; ao sábio, porém, não passou desapercebida a grande tristeza do doente.

Houve nesse sentido um discreto entendimento entre o Gonzaga e Voronoff, que assegurou terem tais emoções um caráter meramente passageiro, pois logo que começassem a repontar os sintomas de rejuvenescimento, operar-se-ia no temperamento de Eduardo uma modificação de tal modo salutar que, de certo, se lhe dissipariam todos os desgostos que presentemente o acabrunhavam.

– E para quando se podem esperar os efeitos do enxerto? – perguntou o Gonzaga, interessado.

Voronoff, conquanto não pudesse precisar um prazo, acreditava que tais sintomas não deveriam tardar muito... Seria talvez uma questão de horas, apenas.

E quando Voronoff se preparava já para sair, surge no aposento a figura esguedelhada, esgrouvinhada, do Meneleu, muito desapontado, e deitando um olhar ferocíssimo ao "bandido" do Cosme, que o fora despertar da deliciosa soneca. Meneleu vinha saber se o *mestre* precisava de alguma coisa.

Não; Voronoff não precisava de coisa alguma; e despedindo-se, recomendou ao estudante não deixasse de fazer uma picada de cânfora, lá para às dez horas.

E a picada foi feita, entre uma anedota do Meneleu e uma careta do Gonzaga, que ficava todo arrepiado, quando via espetar-se na carne de alguém uma agulha de injeção... Que quer? Não estava nele...

Naquela noite não foi preciso que o Cosme, como de costume, cumprindo as ordens de Voronoff, impusesse silêncio ao pessoal, para repouso do doente.

Gonzaga, feita a escalazinha pela copa, onde o precioso Cosme tinha sempre o cuidado de esquecer uma Antártica a jeito, recolheu, disciplinado, ao quarto dos hospedes; enquanto que o Meneleu, ainda debaixo de uma tremendíssima *ressaca*, estendeu-se ao sofá da biblioteca, e emendou o sono interrompido pelo "bandido" do Cosme...

Já passava das três horas quando Eduardo, após fatigante vigília, em que a figura de Gina lhe errava, como um fantasma, pela imaginação excitada, conseguiu conciliar o sono; curto, porém, foi o repouso. Às cinco horas da manhã acordou Eduardo sob a pressão dum indescritível mal-estar; sentia-se como que sufocado; o coração parecia querer saltar-lhe fora do peito.

Teve ímpeto de pular da cama e escancarar uma janela, para respirar a plenos pulmões o ar livre da rua; receando, entretanto, comprometer a cicatriz recente da operação, conteve-se, e chamou pelo Meneleu; mas o estudante, sob a ação da *ressaca*, já havia rolado do sofá para o tapete, e dormia a bom dormir, roncando de assobio, indecentemente.

Eduardo ainda chamou o Cosme e o Gonzaga; mas a sua voz abafada se perdeu, sem resposta, pelo silêncio do casarão. Aflitíssimo, sentindo a garganta muito seca, estendeu ele o braço a ver se apanhava a bilha d'água de sobre a mesinha de cabeceira; e como custasse a encontrar a bilha, comprimiu o interruptor da lâmpada de coluna que havia ao pé da cama. Teve que cerrar bruscamente as pálpebras ao primeiro jorro de luz; uma dor intensa ferira-lhe o fundo do olho como se lhe houvessem tocado com um ferro em brasa.

Depois, mais aliviado, deitando um olhar em derredor, notou que tudo se envolvia em uma densa névoa.

Com um gesto quase reflexo, esfregou os olhos, tentando desanuviá-los; e todavia a névoa não se dissipava, parecia mesmo acentuar-se, embaciando as imagens, esfumando a nitidez dos contornos, inundando tudo numa vaga cerração, em que a lampadazinha de coluna mal se destacava, cercada dum halo estranho, como o clarão dum farol dentre a espessura do nevoeiro.

E um terror súbito apoderou-se de Eduardo, ante a iminência duma cegueira; então, quase fora de si, desandou ele a gritar pelo Meneleu, pelo Gonzaga, pelo Cosme, despertando, num sobressalto, todo

o pessoal da casa; e não cessava de esfregar desesperadamente os olhos, na ânsia de dissolver a névoa que os ensombrava.

O primeiro a acudir foi o Cosme, pisando pelo corredor com pés de pilão. Cosme acendeu a lâmpada grande, do centro do aposento; e aí mais se avivou a angústia de Eduardo.

Ele notara apenas o aumento de claridade; tudo, porém, continuava embaciado, turvo, com a mesma imprecisão de contornos; a lâmpada grande estava também, como a outra, imersa num halo dúbio; e parecia um clarão lúgubre, derramando no ambiente tons baços duma fosforescência macabra. Um pavor indomável, apoderou-se dos nervos combalidos de Eduardo.

Atrás do Cosme, surgiu o Gonzaga, em chinelas, estremunhado, perdido num imenso roupão de banho, à guisa de chambre, que lhe arranjara o criado. Gonzaga tremia como uma rã de laboratório; e nos seus olhinhos pretos de camundongo brilhava a expressão dum medo que não era bem deste mundo. Meneleu, este só acordou aos berros do Cosme, e apareceu esguedelhado, bocejando, perguntando, tonto de sono, se o *mestre* desejava alguma cousa... Houve um momento de indignação geral contra o disparate do Meneleu; mas o estudante, saindo do atordoamento da *ressaca*, acercou-se logo de Eduardo, tomando-lhe o pulso, desfazendo-se em cuidados.

Eduardo, numa agitação de fazer dó, pedia que lhe chamassem a toda a pressa o Voronoff e o Angenor... Cosme, pisando pelo corredor com pés de pilão, correra ao telefone; enquanto Meneleu, sem saber o que havia de fazer, pregou ao doente uma injeção de cânfora. Entretanto, Eduardo suplicava sem cessar que lhe chamassem o Voronoff e o Angenor Porto. Os outros o procuravam acalmar; o Cosme já havia telefonado ao Voronoff e ao Angenor, e ambos tinham prometido vir sem tardança.

De fato, pouco tempo depois chegava Voronoff, afobadíssimo, visivelmente desapontado com o imprevisto acontecimento, entrando sem perda de tempo a examinar detidamente o operado; estranhou o mau estado do pulso, que parecia rebentar de hipertensão. Sugeriu uma sangria imediata; mas, informado de que o Angenor não deveria tardar, preferiu esperá-lo para lhe ouvir a opinião sobre o caso.

Eduardo continuava nervosíssimo; aquela deficiência visual, enchendo-o de pressentimentos maus, torturava-o horrivelmente.

Fizera-se já dia claro.

E quando o Cosme, por ordem do Voronoff, abriu a primeira janela, Eduardo cerrou os olhos, num movimento de defesa contra a invasão da claridade brusca, deixando ao mesmo tempo escapar um grito de dor aguda.

Gonzaga ficou branco como a cal. Voronoff, examinando atentamente o globo ocular do doente, notou que, apesar da irritação produzida pela luz forte sobre a retina, o que motivara o grito, as pupilas se mantinham dilatadíssimas, como se aqueles olhos estivessem abertos na treva.

Eduardo queixava-se agora duma forte dor de cabeça.

A essa altura chegou o Angenor, a quem aquele sintoma inesperado alarmara seriamente. Falou-se sobre a indicação da sangria, que obteve pronta aprovação do Angenor.

Gonzaga, na voz de sangria, zás – biblioteca.

E toca a trancar a porta à chave; isto de sangueiras lhe fazia um grande mal aos nervos... Que quer? Não estava nele...

E o Meneleu sangrou o doente, com desembaraço.

Eduardo experimentou ligeira melhora quanto às palpitações e à dor de cabeça; mas a turvação da vista continuava cada vez mais acentuada.

Cosme aparecera com o café.

Derreado à borda da cama de Eduardo, Meneleu, longe de atinar com a razão de ser de tão estranho fenômeno, mexia distraidamente a sua xícara; o olhar remoto do cearense errava em derredor, e ia perder-se na penumbra do corredor, quando deu com uma carinha amarelinha, que, surgindo a medo pela porta entreaberta da biblioteca, espreitava. Era o Gonzaga, querendo ver se havia terminado a sangueira.

A sangueira já havia terminado; e o Gonzaga penetrou, cravando o olhinho de camundongo à atadura que ligava o braço de Eduardo, e na qual havia uma larga mancha de sangue, o que levou o insigne comediógrafo a indagar, entre uma careta:

– Então, este sangue não para mais de sair?

– Ó rapazinho, deixa de ser frouxo! – fez o Meneleu, já irritado com o nervosismo do Gonzaga.

E o Gonzaga, sem ouvir a resposta do estudante:

– Mas afinal, teve algum resultado prático a sangria?

Eduardo estava na mesma; a sangria apenas o aliviara da dor de cabeça e das palpitações. Da vista – cada vez pior...

Logo às primeiras horas da manhã foram chamados, em conferência, vários especialistas de olhos, todos de vasta nomeada; e hipóteses as

mais absurdas aventaram-se acerca do esquisito fenômeno. Uns pretendiam que se tratava dum processo de esclerose, inteiramente desligado da operação; outros lembravam a possibilidade dum diabete antigo, até então ignorado em virtude da ausência de determinados sintomas.

Surgira lá, sem ninguém saber como, um doutorzinho espigadinho, fininho, miudinho, que falava sem parar, numa vozinha afalsetada, gesticulando sempre; e todo ele tinha algo de pernilongo, mas de um pernilongo trêfego, histérico, nervoso. Esse mocinho parecia inteligente, mesmo invulgarmente culto; mas o espevitamento com que expunha suas ideias, a abundância dos termos técnicos que lhe eriçavam a frase atraíam sobre ele um quer que fosse de antipatia, dentre os colegas. Ele acreditava que a perturbação visual de Eduardo corresse por conta de alguma tara recentemente adquirida pelo doador; e puxando cada um dos colegas, disfarçadamente, a um canto da sala, ia, por entre cochichos, metendo a ronca no Voronoff, que a seu ver não passava dum ignorantíssimo charlata.

Durante toda a conferência o pernilongo não descansou um só instante, com as perninhas fininhas, muito ágeis, pousa aqui, pousa ali, pousa acolá, dizendo talvez algo de acertado, mas intrigando todos, complicando tudo, sem resolver eficientemente coisa alguma.

Foi no meio deste fervilhar de conjecturas, qual delas a mais engenhosa, qual delas a mais imbecil, que, num lampejo de genialidade, acudiu a Voronoff a verdadeira causa daquele fenômeno, em que se esboçava a maior das decepções que o destino poderia ter reservado ao arrojo da ciência experimental. E o sábio deixou-se cair esbarrondado no *maple* da sala de jantar, como que fulminado ao choque daquele doloroso fracasso.

Voronoff compreendera nitidamente toda a extensão do desastre que desabava sobre a sua obra, como a fatalidade dum castigo da Providência à ousadia das gentes e das coisas terrenas. Ele, que era um cético, um frio observador de laboratório, sentiu-se desarvorado no seio de seus conhecimentos positivos; e uma timidez súbita, própria dos temperamentos místicos, encheu-o de maus presságios.

A perturbação visual de Eduardo assumia, no espírito de Voronoff, o caráter quase sobrenatural de uma revelação; é que o sábio antevia naquele sintoma aparentemente isolado, o início de uma série de desordens, cada qual mais grave, cada qual mais surpreendente.

Após um momento de profunda abstração, ergueu-se bruscamente do *maple*, muito pálido, mal podendo dissimular a contrariedade que o desconcertava; e, chamando à parte o Angenor, sugeriu:

– Creio que vamos ser obrigados a fazer quanto antes o levantamento do enxerto...

– Mas desconfia o mestre de que possa haver qualquer ligação entre o enxerto e este caso da vista?

Voronoff não desconfiava; tinha certeza. E em poucas palavras pôs o colega ao corrente do que se passava.

A coisa cifrava-se apenas na flagrante desproporção entre determinadas condições anatômicas preexistentes ao enxerto e as novas aptidões fisiológicas que este conferira ao paciente.

Sob a ação das secreções internas da glândula enxertada, operara-se o rejuvenescimento quase integral de um certo número de tecidos, permanecendo, entretanto, outros no estado de senilidade; os tecidos mais ricamente vascularizados e de constituição facilmente regenerável, haviam readquirido toda ou quase toda a pujança vital que o envelhecimento lhes tirara; enquanto que os elementos senilizados por sedimentações de natureza mineral, não sentiram os efeitos do enxerto, conservando-se, portanto, envelhecidos; daí o desequilíbrio inevitável, de que a presente perturbação era o primeiro sintoma.

Antes do rejuvenescimento, aquele órgão visual se achava inteiramente envelhecido pelo decurso de quase setenta anos. O cristalino, o humor aquoso, o corpo vítreo, em suma: todos os elementos *transparentes* do globo ocular, já se haviam turvado sob a ação da idade e assim diminuíam, prejudicavam a intensidade do raio luminoso que os atravessava; como, porém, a sensibilidade da retina estava igualmente atenuada pela mesma idade – então resultava a harmonia, a coerência entre as diversas fases do fenômeno ótico; e o indivíduo envelhecido via, embora com menor acuidade, mas via, *enxergava*.

Agora, aos efeitos da secreção da glândula enxertada, a retina, sendo, como é, constituída por um tecido de vascularização abundantíssima – remoçara, recuperara a sensibilidade e a avidez de luz de uma retina jovem; enquanto que os corpos transparentes do globo ocular, envelhecidos por um processo de sedimentação mineral, se mantinham indiferentes à ação do enxerto, conservando-se, portanto, opalizados, turvos.

A luz coada através dum cristalino de setenta anos era insuficiente para satisfazer à avidez luminosa duma retina jovem; daí aquela impressão de névoa ambiente, de que se queixava o operado. Ele queria luz; abria desmesuradamente os olhos, as pupilas dilatavam-se-lhe largamente; mas o cristalino turvo obstava-lhe a luz, interpondo-se entre a retina e a imagem como uma vidraça fosca, despolida, quase opaca...

Angenor ouvia tudo isso maravilhado, ante a lógica irrefutável daquele raciocínio; enquanto Voronoff, agitadíssimo, passeava de um lado para outro, como quem tem diante de si um problema de urgente solução.

Pela sala de jantar, pelo corredor, por toda a parte, os oculistas perdiam-se ainda em discussões vagamente teóricas e absolutamente estéreis, acerca da possível etiologia do interessante caso.

Angenor, chamando-os discretamente, reuniu-os na sala de jantar, onde Voronoff expôs o que pensava do caso.

O sábio temia ainda uma série de contratempos que por certo viriam, dentro de poucas horas, agravar o estado do paciente. Era a primeira vez que aquilo acontecia; nos enxertos em que se empregara glândula de macaco, e que haviam *pegado*, não se tinham verificado tais perturbações, porque, com o tecido dos símios, dada a diferença de espécie animal entre *doador* e *donatário*, o rejuvenescimento operara-se sempre de um modo parcial, em grau mais moderado de revitalização; e assim não chegava a chocar as condições anatômicas do paciente; conseguia apenas exaltar-lhe as funções peculiares à glândula enxertada.

Agora, porém, com a utilização do material humano, se realizara, em virtude de *afinidade específica* entre *doador* e *donatário*, um rejuvenescimento quase integral em determinados tecidos; daí a flagrante disparidade entre as aptidões novas das partes remoçadas e a incapacidade dos órgãos que permaneceram em estado senil.

Houve a esta altura uma interpelação extemporânea do *pernilongo*.

Voronoff, visivelmente constrangido, justificava-se, com a sua boa-fé:

– Perdão, mas eu não poderia prever tais consequências. São surpresas da ciência; quem labuta numa certa ordem de pesquisas tem que topar, a cada passo, com imprevistos de toda natureza; de resto, como disse, é a primeira vez que se consegue fazer *pegar* um enxerto de glândula humana...

E o *pernilongo*, impertinente, falsetava, num francês de *Carète Economique*:

– E o mestre tem a certeza de que é a primeira vez que isso acontece? Olhe que por várias vezes já se tem utilizado material humano, obtendo-se em alguns casos perfeita adesão... Entre os trabalhos de que tenho notícia posso citar o de Stanley, no presídio de São Quintino, na Califórnia; este médico praticou enxertos com material extraído a condenados à morte, e não consta que em nenhum desses casos se tivessem observado as complicações que acometeram o nosso paciente...

O *pernilongo* estava teso, e desovou ainda, na sua vozinha de falsete, uma série de nomes arrevesados, citando os trabalhos de Fulano na Sibéria, os de Sicrano em tal parte...

Voronoff, com uma paciência de sábio, fez ver ao implicante doutorzinho que, até àquela data, todas as tentativas feitas com material humano haviam falhado; umas supuravam, outras se esfacelavam, impondo-se o levantamento imediato da glândula enxertada.

Raríssimos foram os enxertos que aderiram, sendo, porém, totalmente reabsorvidos. Tratava-se, nesses casos, de uma simples *inclusão* de substância glandular; como tais *inclusões* satisfizessem às exigências da assepsia, o campo operatório cicatrizara, encerrando o material enxertado, que todavia não chegava a travar conexão anatômica perfeita com os tecidos adjacentes, atuando assim no paciente apenas como um vago estimulante, de atividade quase nula e de curta duração.

No caso presente a coisa era outra; a glândula enxertada aderira *anatomicamente*, entrara a participar da *vida* do donatário, reassumindo no organismo deste todas as funções secretórias de que se incumbia no organismo do doador...

Era, portanto, um caso inteiramente novo.

Tudo isso dizia Voronoff, com uma segurança e uma serenidade que encantavam.

Mas o *pernilongo* não ficou por aí: trepado na ponta dos botins, ia ele dar ainda uma ferretoada, quando um sujeito gordo, imenso, que lá estava, também oculista, espalmando a mão abacial contra a pessoa do homúnculo, afastou-o da roda, como quem afasta um petiz de uma mesa de doces, e trovejou, fulminante:

– Cala a boca, filho; você não entende disso...

E o *pernilongo* saiu resmungando, pelo corredor, citando desesperadamente uma récua de nomes estrambóticos, desancando a "bestice deste país de lorpas"; e quando chegou ao fim do corredor, já "o Brasil era um país perdido"...

Na sala de jantar, o sujeito gordo, imenso, estendendo ao sábio a mão eficiente, atroava, amplo:

– Toque, mestre, estou maravilhado com o seu raciocínio; é destas surpresas, embora desagradáveis, que se tiram as altas conclusões da ciência experimental... Agora, é seguir a norma do outro: "cuidar dos vivos e enterrar os mortos"; aqui felizmente não há mortos a enterrar... Ainda bem; o que nos incumbe, pois, é cuidar do nosso homem; e cá

estamos todos às ordens do mestre, para o ouvir e auxiliar no que lhe pudermos ser úteis...

E largou a mão do sábio.

Todos os colegas apoiaram o sujeito gordo.

Voronoff lembrou-lhe polidamente o caráter de sigilo de que se revestia o caso, com relação à pessoa de Eduardo. Os médicos protestaram a máxima reserva; e o sujeito gordo, imenso, espalmou sobre o peito a mão abacial afirmando, comovido:

– Cá por mim, sou um poço...

Alguém pôs dúvida sobre a discrição do *pernilongo*, mas o Angenor incumbiu-se dele. O Angenor tinha, por motivos difíceis de explicar, uma certa força moral sobre ele. Sabia-se vagamente que, antes de se fazer oculista, tentara o pernilongo uma clinicazinha de bairro, e durante esse tempo era do Angenor que ele se valia, chamando-o frequentemente em conferência, nos seus casos "ingratos"...

***

Entretanto, Voronoff continuava manifestamente apreensivo com o estado de Eduardo, indicando o imediato levantamento do enxerto, como único meio de remover, de uma vez, todas as complicações presentes e futuras, cuja extensão e consequências ninguém poderia prever.

Angenor pensava do mesmo modo, bem como os demais colegas, à exceção do *pernilongo*, que, no aposento de Eduardo, se empenhara já em uma viva discussão com o Meneleu, sobre as desvantagens do 914 na sífilis. E esgoelava-se, na sua vozinha de menino de cego, gesticulando, sapateando, como um faquir atacado do mal de S. Guido.

Gonzaga, de parte, gozava o *pernilongo* e encaixava, a espaços, uma piadinha má.

Eduardo, de dentro de seu sofrimento ouvia calado, sorrindo de vez em quando, à custa do Gonzaga.

O homúnculo achava que isso de 914 era uma velharia abominável da ciência alemã; só os *fósseis* e os medíocres adotavam ainda os arseno-benzóis. Para ele não havia como o bismuto... Tudo mais não passava de panaceia, não ia além do charlatanismo vulgar...

O Meneleu ainda arriscou, assombrado:

– Mas os maiores mestres europeus aconselham o específico, meu caro doutor; mesmo entre nós... O doutor não pode negar a autoridade de...

– Medalhões, coleguinha, medalhões – atalhou o *pernilongo*, implacável.

E a reputação de Miguel Couto ia já sofrer um sério rombo, quando entraram no aposento Voronoff, Angenor, e os oculistas.

Mais uma vez o sujeito gordo, imenso, espalmando a mão eficiente contra a pessoa do tagarela, afastou-o para fora do quarto, liquidando:

– Cala a boca, filho, você não entende disso...

E salvou-se a reputação de Miguel Couto.

Gonzaga, egoísta, não largou o *pernilongo*, que, banido da roda pela segunda vez, saíra, do aposento de Eduardo, comentando o *gênio alegre* do sujeito gordo:

– É um brincalhão esse Medrado... Não se pode tratar de cousa alguma diante dele; não leva nada a sério... Viu o amigo o que ele acabou de fazer?

Gonzaga tinha visto.

E o *pernilongo*, sem perder o fôlego:

– Pois é sempre assim. Então comigo tomou uma tal confiança... Não me pode ver discutir que não venha logo: "você não entende disso"... O que vale é que eu sei que não faz isso por me querer desconsiderar; faz por *blague*, pura *blague*... Eu lhe devo uma grande fineza. Operou minha mãe, com ótimo resultado. Ele é hábil; mas um tanto pesadão... Como todos, aliás... São uns pesadões. Eu tenho seis anos de escola francesa...

– E o doutor já esteve em França? – indagou o Gonzaga, querendo completar o personagem que vinha engendrando.

Não. O *pernilongo* não havia estado propriamente na França; mas lia os tratadistas, sobretudo as revistas da especialidade. Lia muito. Para ele, medicina moderna era a revista médica francesa... Quanto à prática, esta não passava duma questão toda material. Conhecia colegas quase analfabetos, meros tarimbeiros da oftalmologia, que, com um pouco de habilidade manual, se arvoravam em oculistas e tinham clínica. Mas isso só acontecia neste país, onde qualquer charlatão fazia o que lhe aprouvesse... Não era preciso ir muito longe; bastava citar...

E já ia no arrastão mais uma sumidade brasileira, quando o Angenor, interrompendo o discurso do *pernilongo*, o chamou de parte, e avisou:

– Você deve ter compreendido que isto aqui é um caso de muita responsabilidade, sobre o qual se quer absoluta reserva; você tenha cuidado, não dê com a língua nos dentes, que pode provocar grandes dissabores...

E o *pernilongo*, assanhado:

– É isso, se fosse um médico brasileiro, todo o mundo lhe cairia em cima; mas é estrangeiro e portanto toca a matar e a esfolar que ninguém o molesta... É segredo profissional...

O Angenor não discutiu com o homúnculo e após lhe haver reiterado a recomendação de sigilo, deixou-o ao Gonzaga, tornando aos colegas, que *já* se despediam de Eduardo. Foi lembrada uma injeção de morfina, para atenuar os padecimentos do operado, enquanto se não procedesse ao levantamento do enxerto. E os médicos saíram, combinando a melhor maneira de levar ao conhecimento de Eduardo, sem o chocar, a necessidade da segunda intervenção.

O *pernilongo*, histérico, falante, gesticulante, sapateante, aderiu ao grupo, na saída; mesmo derrocou duas ou três reputações pela alameda de bambus; mas quando chegou ao portão da rua, já os companheiros tinham tomado os respectivos automóveis.

E o *pernilongo*, despedindo-se do Gonzaga que o levara até à rua, abalou a pé, pelo asfalto; e pendurou-se ao primeiro bonde que subia.

Gonzaga, detido no portão a grelar umas pequenas que haviam tomado o mesmo bonde, ainda leu a tabuleta: *Engenho de Dentro*.

***

Alguns minutos apenas se passaram, e o adormecente conseguira sopitar a excitação de Eduardo, que, aos poucos, foi caindo numa repousante modorra.

Eduardo era de uma grande docilidade aos opiáceos; e só pelas quatro horas da tarde é que veio a despertar.

Parecia bem mais calmo; mas a turvação da vista persistia. Gonzaga, estirado ao sofá que o Cosme trouxera da biblioteca para o aposento de Eduardo, não arredara pé de junto do amigo; e quando este acordou, lá estava ele, atracado a um volume de Pitigrilli.

Eduardo, apesar dos padecimentos que o afligiam, mostrava-se ainda profundamente impressionado com a resolução da Morinelli; agora, nas palavras dele, repontava, a cada passo, um ódio surdo, em que não raro luziam centelhas de uma vingança atrocíssima...

Gonzaga esforçava-se por distraí-lo, persuadindo-o de que, acima de represálias às traficâncias de uma aventureira vulgar, estavam o sossego e a reputação de Glorinha, que fatalmente teria de sofrer as consequências

de qualquer gesto impensado do pai, visando a personalidade escandalosa da Morinelli. A Glorinha, exclusivamente a Glorinha, deveriam pertencer, de então em diante, os cuidados dele, como, de resto, fora sempre.

E o Gonzaga, notando que acertara era um ponto vulnerável da sensibilidade do amigo, atirou para um canto do sofá o volume de Pitigrilli, e entrou a explorar o filão:

– É isto, meu velho; como estás a ver, a coisa só pode ser assim mesmo; não há fugir... Porque, afinal, tu foste sempre o tipo do homem equilibrado; tiveste sempre em Glorinha o objeto de tuas maiores preocupações. Um dia, entrou-te pela vida, como um furacão, uma criatura complicadíssima, que te enfeitiçou; teus amigos, avisadamente, te procuraram abrir os olhos; tu, porém, a estas alturas, já não vias senão a *cavalheira*. Na ânsia de conquistá-la, não trepidaste ante as maiores loucuras, inclusive a de te sujeitares a uma operação arriscada. E, esquecido do respeito que deves ao teu nome e ao nome de tua filha, entregaste-te de todo à aventura; não contavas, entretanto, com a tua boa estrela; e esta, que nunca te abandona, interveio, benfazeja, atirando com a Morinelli para o lombo de um Inocêncio incauto, livrando-te assim de, sabe Deus, que trabalhos... Que queres mais? Tens lá razão de queixa? Bem compreendes que em toda essa embrulhada poderias, de certo modo, ter comprometido a situação de tua filha, se te houvesses ligado abertamente à Morinelli... E olha que eu vi as coisas pretas... Estiveste madurinho para fazer uma asneira definitiva... Isso é que era um tombo de difícil soerguimento... Felizmente apareceu à última hora um Inocêncio providencial, que se propôs a bancar o trouxa em teu lugar...

Eduardo ouvia tudo aquilo como quem ouve a fala de um gênio amigo; aquele boêmio, impenitente forjador de *blagues*, soubera tocar-lhe a sensibilidade... De fato, na vida de Eduardo, Glorinha era ainda um forte argumento... Mas, no fundo da alma, sentia Eduardo ferver-lhe, como em um vulcão latente, a lava dum ódio surdo, assaz difícil de conter...

E o Gonzaga, já sentado à borda da cama do amigo, ia prosseguir, escachoante, quando apareceram o Cosme e o Meneleu, que estrompados, tinham ido tirar uma soneca, enquanto Eduardo repousava sob a ação do adormecente.

Meneleu sugeriu a ideia de um café geral acompanhado, ideia que o Gonzaga confessou ser deveras muito bem ida; e o Cosme foi resolver o café.

Eduardo de vez em quando ainda esfregava os olhos como que tentando limpá-los da névoa que os toldava; ele queria por força saber do

Meneleu e do Gonzaga qual fora a opinião de Voronoff e do Angenor sobre aquela história da vista.

Meneleu, ciente da resolução do Voronoff e do Angenor, aproveitou a deixa, ensaiando, a jeito:

– Eles creem que isso passe, que seja apenas uma ligeira reação do enxerto, sem pior consequência... Eu, porém, se estivesse no seu caso, doutor, faria levantar este enxerto quanto antes; não é que desconfie da segurança do professor Voronoff; mas... estes processos estão ainda muito embrionários e imperfeitos... Podem eles dizer o que bem lhes aprouver; o certo, entretanto, é que antes da operação o doutor se sentia tão animado... Só depois do enxerto é que surgiu esta encrenca toda... Para mim, a coisa está intimamente ligada à ação do enxerto; e, digo com a máxima franqueza: se o negócio fosse comigo, eu mandaria imediatamente fazer ablação da glândula enxertada, custasse o que custasse...

– Ah, lá isso é que não, filho, – fez Eduardo, sentando-se na cama com uma agilidade que a todos causou espanto.

Mesmo a Eduardo surpreendeu a facilidade com que executara o movimento. Eduardo sentia-se como que mais lépido, menos peiado; e isto o animava, trazendo-lhe um apreciável influxo de coragem; pouco, porém, duraram esses curtos instantes de esperanças e de contentamento; aquela maçada de não poder enxergar direito transtornava-o completamente.

Não tardaram muito a surgir, um a um, todos os fenômenos que previra Voronoff, e mais alguns que o sábio não previra. E Eduardo não teve mais descanso. Primeiro foi uma tremenda urticária, rebentando-lhe furiosamente a pele, sarapintando-lhe a cara, empipocando-lhe o pescoço, entabuando-lhe as orelhas, provocando um prurido irritante, que o impacientava.

Eduardo coçava-se desesperadamente, até fazer sangue.

Gonzaga ainda pilheriou:

– Ó Eduardo, estou a ver mais é que te enxertaram glândula de macaco, e da boa... Isso de *campeão de bicicleta* está me cheirando a *blague*... Sou capaz de jurar que o tal de Voronoff nem se deu ao trabalho de enxertar cousa alguma... Para mim ele arranjou aquela camuflagem do belga só pra tapear, e pregou-te serenamente no pelo uma injeção de soro de macaco... Olha que esta coceira não quer dizer outra coisa...

Meneleu ia rebater a piada na altura, quando Eduardo, esfregando os dedos, notou um espessamento estranho, como se a polpa digital estivesse insensível, dormente, quase córnea. Assustado, procurou tatear

vários objetos, e o tato como que se lhe embotara, dando-lhe a impressão de haver calçado luvas de couro de jacaré.

Chamou para o caso a atenção dos companheiros, que também alarmados não podiam atinar com a causa de tão esquisito fenômeno.

Eduardo, nervoso, friccionava a polpa digital de encontro ao lençol, como para escová-la; mas o espessamento, a sensação de crosta, na superfície táctil, deixava-o cada vez mais apreensivo. Veio-lhe logo à mente a possibilidade de uma perturbação do aparelho circulatório, enchendo-se-lhe a cabeça de sérios receios.

Entretanto, o novo fenômeno nada mais era do que uma das várias complicações previstas por Voronoff; e prendia-se diretamente às consequências do enxerto, obedecendo à mesma lógica da perturbação visual. A extremidade do filete nervoso táctil, os corpúsculos do tato, haviam rejuvenescido sob a ação vitalizante da secreção do enxerto, retomando o grau de excitabilidade dos vinte anos; enquanto que a pele da ponta dos dedos, tornada áspera pelo envelhecimento, calejada pela idade, não se reabilitara depois do enxerto, e permanecera diminuída na sua sensibilidade, e contrastava agora com a parte nervosa do mecanismo táctil, passando a ser uma espécie de corpo estranho entalado entre o sentido do tato e objeto tateado; em suma: sempre o mesmo desconcerto fisiológico – uma parte dos tecidos, mormente os da trama nervosa, rejuvenescera, revitalizara, ao passo que outra, geralmente naquela em que mais se acentuara a ação da idade, e na qual se haviam obrado modificações da constituição anatômica – esta se conservara em estado senil; e daí o desequilíbrio. E Eduardo ia sofrendo todas essas torturas, na ilusão de que elas eram apenas uma reação imediata do enxerto e desapareceriam com o tempo.

Às cinco horas da tarde, Voronoff, como havia prometido, apareceu no *palacete*, acompanhado do professor Miguel Couto e do Angenor Porto.

O caso da sensação de espessamento da polpa digital veio confirmar o raciocínio do sábio sobre o embaraço da visão.

Angenor e o professor Couto estavam igualmente de acordo com a explicação dada por Voronoff àquela estranha ordem de sintomas. Todos aconselhavam o levantamento imediato do enxerto, ao que Eduardo se opunha terminantemente, pedindo que ao menos esperassem mais alguns dias, a ver se aquele estado se modificava.

Entretanto, os dias se passavam sem que melhora alguma se observasse na vida do sexagenário. A cada momento era um sofrimento novo que surgia, agravando sempre o quadro patológico do caso.

Por sugestão de um dos oculistas que o socorreram, foi feita a extirpação do cristalino, como nas cataratas, a fim de diminuir o número de obstáculos à penetração da luz. Isso trouxe um certo benefício ao paciente, que passou a ver com maior nitidez, mormente após o uso da umas lentes aconselhadas pelo especialista; ainda assim não conseguiu recuperar a vista que possuía antes da intervenção.

O tato continuou perturbado, apesar de toda a série de massagens manuais e elétricas, e até escarificações praticadas com o fim do reavivar a sensibilidade da polpa digital.

E alterações de natureza idêntica verificaram-se nos demais órgãos dos sentidos, e em quase todo o organismo. A calcificação dos ossos do ouvido, e a mesma dureza senil da membrana do tímpano, davam lugar a um zumbido permanente, irritante, impressionando a sensibilidade rejuvenescida dos centros auditivos e das terminações nervosas do aparelho acústico.

A língua, tinha-a ele como que coberta de um grosso saburro, que o impossibilitava de sentir o verdadeiro sabor dos alimentos. Se tomava uma bebida quente, só depois de um certo tempo de contato com a mucosa da língua é que lhe chegava aos corpúsculos paladares a sensação de calor, que então parecia violentíssima, à sensibilidade rejuvenescida des nervos gustativos.

Só um sentido se manteve mais ou menos harmônico –foi o olfato, apesar do acre cheiro a tabaco e a carvão, devido à forte dose de nicotina e de fuligem, de que, havia longos anos, se vinha impregnando a pituitária; e agora, com o rejuvenescimento dos nervos olfativos, tal impregnação se tornava irritante, produzindo mesmo o enjoo ao tabaco, a fobia do fumo. Eduardo deixara assim de fumar, e não podia tolerar que alguém lhe fumasse ao pé. Conseguia às vezes suavizar esta sensação com pulverizações frequentes de estovaína.

O esqueleto sofreu também abalos formidáveis. Logo que lhe foi permitido deixar o leito, muito padeceu Eduardo nos primeiros movimentos que fez, sobretudo na locomoção.

Os músculos, bem como os nervos motores, haviam rejuvenescido, haviam readquirido a vitalidade e o vigor dos órgãos jovens, entrando a atuar com o tônus de vinte anos; enquanto que o esqueleto, envelhecido pela sedimentação de natureza mineral, não se havia modificado ao efeito da glândula vitalizante, e permanecera velho, calcificado, muito mais pesado e muito menos elástico, e portanto facilmente frangível, rangendo numa articulação perra, mal lubrificada. Antes do enxerto esse esqueleto era acionado pela capacidade motora de músculos igual-

mente envelhecidos, de tônus atenuado, como que respeitando a friabilidade do osso idoso; e daí o equilíbrio, a harmonia e naturalidade na realização dos movimentos, que eram sempre comedidos, compassados, sem violências e sem choque.

Agora, sobre esse esqueleto sexagenário entrara a atuar o tônus vigoroso dum músculo de vinte anos – e as consequências foram deploráveis.

Eduardo sentia a cada passo dores agudas nos ossos e nas articulações. Muita vez, inadvertidamente, começava a galgar uma escada com o ímpeto muscular de um campeão de bicicleta aos vinte anos – e o fêmur senil parecia que se lhe partia; e ele se via obrigado a moderar a arrancada, passando a subir degrau por degrau, lentamente, pausadamente, como o fazia antes do rejuvenescimento. Com o resto do esqueleto eram constantes os acidentes. Tentando erguer nos braços pesos perfeitamente ao alcance dos seus bíceps de jovem – tinha de arriar a carga sob a dor intensa que lhe ameaçava fraturar os ossos de ancião.

Fez-se preciso um cuidado permanente com a realização de qualquer movimento; e só após um treino penosíssimo é que Eduardo logrou melhorar tão desagradável situação.

Outros e muitos outros foram os resultados desastrosos acarretados pela aplicação do processo de Voronoff àquele desventurado sexagenário. As funções de nutrição sofreram também abalos sensíveis, que mal se conseguiam combater com um complexo conjugado de medicações opoterápicas, dirigidas por Voronoff. Acontecia, porém, que, ao lado de todos estes graves contratempos, se operaram em Eduardo lisonjeiras modificações da vitalidade geral. Ele readquirira toda a jovialidade dos vinte anos; a fisionomia remoçara; a pele tornara-se-lhe mais lisa, e os olhos cor de semente de maracujá, aos quais o cristalino opalizado emprestava uma expressão senil – pareciam agora menos amortecidos, mais claros, através do *pince-nez* petulante que lhe repousava sobre o nariz, quase tangencialmente. Mesmo na mentalidade eram patentes, e até certo ponto alarmantes, os sintomas de rejuvenescimento.

Eduardo procurava por todos os meios possíveis e imagináveis corrigir o desequilíbrio resultante do enxerto; e, aos poucos ia conseguindo, de fato, atenuar a intensidade de alguns sintomas.

Assim, apesar das perturbações físicas que ainda o afligiam, sentia-se perfeitamente à vontade naquela existência nova, em que tudo lhe parecia novo; nada, portanto, o faria lembrar-se da velhice extinta, se não fora a insistência com que Voronoff e os demais assistentes, temen-

do o prosseguimento de uma tragédia de cuja extensão ninguém poderia ter ideia – lhe aconselhavam, constantemente, uma segunda operação, para levantamento do enxerto.

De nada, porém, serviu a opinião avisada dos médicos; Eduardo, cada vez mais identificado com aquela nova ordem de coisas, recusava-se formalmente a qualquer tentativa de intervenção. Sentia-se jovem, embora um tanto doente, mas jovem, com a sua virilidade restaurada, com suas aptidões físicas exaltadas mesmo... e era quanto lhe convinha.

E foi sob a pressão de verdadeiro remorso que Voronoff, perdidas as esperanças de reoperar Eduardo, seguiu tristemente rumo a Buenos Aires, cumprindo o programa de sua "tournée" à América do Sul, levando consigo, de cambulhada com os seus macacos, uma experiência de mais e uma ilusão de menos. Ainda deixou que o acompanhassem os doadores, guardando, porém, o firme propósito de utilizá-los exclusivamente nos casos de incapacidade física precoce, em indivíduos jovens ou de meia-idade, nos quais, em virtude de algum processo mórbido, se verificassem sintomas de debilidade, considerados irremovíveis pelos meios ordinários de terapêutica. Em carcaça de velho – só glândula de macaco...

E quando Eduardo se certificou de que Voronoff havia transposto a barra do Rio de Janeiro, em busca de outras gentes e de outras plagas – uma agradável sensação de alívio inundou-lhe a alma, abrindo-lhe definitivamente as portas de uma existência nova.

Eduardo estava livre!

E estirando-se regaladamente na poltrona da sala de jantar, explodiu, num desafogo:

– Safa! Olha que já não é sem tempo, meu caro Gonzaga... Este Voronoff é positivamente idiota... Pois o homem teve uma bruta sorte na minha operação, viu realizados os seus planos científicos, e depois disso tudo, unicamente por causa duns contratempos insignificantes, desanda a querer desmanchar todo o trabalho... É maluco, não há dúvida... Agora uma coisa te posso garantir: se ele teimasse em tentar uma segunda intervenção, quem acabaria perdendo a paciência era eu... Ora, para que lhe havia de dar a cisma!...

Gonzaga, soprando para o lado a baforada de fumo, que incomodava a Eduardo, parecia alheado a quanto lhe dizia o amigo; e apenas articulou:

– Deixa-o, coitado; já se foi...

Gonzaga andava visivelmente abatido. Toda aquela complicada ordem de fatos o enchera de sérias apreensões. A impressionante mudança

que se operara na mentalidade de Eduardo, inspirara-lhe um vago medo de como iria terminar tudo aquilo. Sobretudo os manifestos receios de Voronoff, os constantes cuidados do sábio – traziam-lhe a certeza de que, sob a benignidade aparente do caso, fermentava algo de grave, de muito grave. Essas coisas o mantinham em uma insuportável excitação de nervos, povoando-lhe a imaginação de pressentimentos sinistros.

Além disso, por toda a convalescença de Eduardo, durante aqueles horríveis dias de surpresas más, umas atrás das outras – tivera o Gonzaga uma trabalheira louca para evitar que chegasse ao conhecimento de Glorinha, em São Lourenço, a repercussão daquele horror.

Escrevera já várias vezes ao Alcântara, dizendo veladamente na carta que de modo algum consentisse no regresso de Glorinha. Era necessário retê-la em São Lourenço, até que se houvesse resolvido uma certa situação de Eduardo, no Rio.

Que o Alcântara esperasse, que detivesse Glorinha até segundo aviso. Era uma coisa passageira; oportunamente daria sobre o caso notícias mais detalhadas. Pedia-lhe, sobretudo, que nada deixasse transparecer à pequena. Dissesse-lhe que o pai a iria buscar.

Estas cartas punham o Alcântara aflitíssimo; sem saber o que havia de supor. Desconfiava de alguma complicação de mulher, mas, ao mesmo tempo, vinha-lhe à mente o caso das concessões siderúrgicas, de que Glorinha falava a toda hora, estranhando que o pai ainda não houvesse conseguido pôr termo à campanha dos jornais, que se ia tornando cada vez mais intensa.

Em todo caso arranjou lá uma patranha com que intrujou a pequena, sempre sob o medo de cair nalguma contradição.

E para o Alcântara foi um sobressalto aquele resto de vilegiatura.

Gonzaga, em meio aos horríveis padecimentos de Eduardo, via-se obrigado a pedir-lhe que escrevesse cartas fantásticas, dizendo-se muito preso ao Rio, mas prometendo ir buscar a filha dentro de poucos dias.

E tudo isso dava ao Gonzaga um trabalho louco, uma preocupação constante. Gonzaga já não dormia, pensando naquelas coisas.

E agora, que o caso serenara, ele só pensava no que iria acontecer quando Glorinha, de volta de São Lourenço, viesse encontrar o pai naquele belo estado. Que se lhe poderia dizer para lhe ocultar ao espírito de moça toda a crueza do que sucedera a Eduardo? Esse problema não saía da cabeça do Gonzaga, martelando sem cessar.

Tal era o motivo do alheamento em que se achava o insigne comediógrafo, quando Eduardo, estirando-se regaladamente no *maple* da

sala de jantar, comentava, aliviado, a partida do Voronoff, e dispensa dos serviços do Meneleu.

***

A transformação que se operara na mentalidade de Eduardo era deveras impressionante; o Cosme descobria-lhe mesmo algo de diabólico.

Se o físico rejuvenescera de um modo desigual entre os diversos elementos do organismo – o mesmo não sucedera à mentalidade, que remoçara quase integralmente, guardando a mais completa harmonia entre as várias manifestações da razão e do sentimento.

Daquele Eduardo prudente, ponderado, senhor de um largo e sólido prestigio pessoal, amadurecido à custa de meio século de luta pela vida; daquele Eduardo provecto, perdoador, curtido à sombra da própria experiência, e calejado de desilusões e de triunfos – surgira um outro Eduardo, um Eduardo sôfrego, impaciente, um tanto ou quanto ingênuo, pensando e agindo da mesma forma por que se age e pensa aos vinte anos de idade.

Eduardo mantivera intacta a lembrança de tudo quanto na sua vida se passara antes do rejuvenescimento; mas a experiência que lhe conferira este precioso arquivo mental desaparecera completamente. Se rebuscasse fatos ocorridos ainda na sua infância, conseguia, sem o menor esforço, reconstituí-los com a mesma nitidez com que o faria antes do enxerto; em suma: solicitada, a memória reagia; automaticamente, porém, ela deixara de socorrer, como dantes, ao instinto de conservação.

Aos sessenta e oito anos, antes do rejuvenescimento, era com o subsídio da *experiência* que ele contava para se defender contra as agressões do meio, na trepidação da vida tumultuária; e esta *experiência* lhe proviera precisamente das observações colhidas pela razão no labor diário, e retidas pela próvida memória. A um momento dado, deparava-se a Eduardo uma tentação, uma falsa perspectiva, uma cilada; e neste momento, a próvida memória acudia automaticamente em seu auxílio, recordando-lhe um fracasso anterior, e advertindo-o do perigo das tentações, das falsas perspectivas, das ciladas. E ele, avisado por este conselho do subconsciente, refletia e agia à altura da situação. Ora, a esse relevante serviço da memória, prestado oportunamente à razão, é que se chama *experiência*; repetido do tempo e no espaço, ele firma o equilíbrio das cerebrações amadurecidas, e estabelece o senso dos homens prudentes.

Com a mentalidade remoçada, ficara Eduardo privado dessa faculdade de dedução automática; e em todas as suas deliberações, gestos ou atitudes, repontavam a imprevidência, o arrebatamento, a irreflexão, próprios de um rapaz de vinte anos.

O que, entretanto, mais vivamente impressionava o Gonzaga era a mudança que se operara no espírito de Eduardo, relativamente a Glorinha; nos primeiros dias que se seguiram ao da operação Eduardo ainda falava frequentemente na filha; mas, tanto que se acentuaram os fenômenos do rejuvenescimento, ele, insensivelmente, entrou a desinteressar-se dela; já lhe não lia as cartas, e lhe escrevia ainda menos. E quando o Gonzaga se referia à pequena, Eduardo dizia apenas, rematando o assunto:

– Ora... deixemo-la estar mais uns tempos lá por São Lourenço... Os Alcântaras tratam-na muito bem...

Um outro aspecto da nova mentalidade de Eduardo, e que intrigava seriamente o Gonzaga, era a raridade com que o amigo aludia à Morinelli; e quando o fazia, já não era com o ar de apaixonado de outrora; tinha mesmo, ao falar na condessa, um fundo grosseiro de animalidade, patenteado no cunho picante que imprimia à frase. Gonzaga, estupefato com tão brusca mudança de modo de pensar e do sentir, tentou certa vez experimentar o amigo, e indagou, entre curioso e timorato:

– Então, Eduardo velho, em que ficou o casamento da *criatura superior*?

– Ora vai te catar e mais a condessa – fez Eduardo, distraído, compondo o laço da gravata. Eu até nem sei onde tinha o miolo quando me deixei enfeitiçar por aquela *cavalheira*... Porque, afinal, ela não chegava a ser de todo desinteressante como mulher... Mas, sempre um tanto usada... E isso de mulheres, querem-se novas, novíssimas... Depois, filho, aquele feitio, que tu mesmo lhe notavas – *bas-bleu*, puro *bas-bleu*...

Eduardo dizia estas coisas muito entretido com o laço da gravata, que desfizera por lhe não parecer bem, para de novo recomeçá-lo, sempre muito atento nele, falando já de assuntos inteiramente desligados da Morinelli:

Sabes, Gonzaga velho, telefonou-me esta manhã um sujeito da Companhia Radiofônica; o diretor daquela gaita, o Sobral, que é também acionista lá da Empresa, cismou em que havia de instalar um aparelho alto-falante cá em casa... Imagina tu... Era só o que faltava... Eu, que abomino tudo quanto é gramofone e vitrola – ter que aturar uma destas máquinas infernais, a azucrinar-me aí o dia inteiro... Ah, fui logo dando o fora solene no camarada... Que vá fazer barulho para o raio que o parta...

Gonzaga ouvia tudo aquilo alarmado.

Em seu cérebro só martelava uma ideia: que iria acontecer, quando Glorinha, de volta de São Lourenço, viesse dar com o pai naquele estado? E que iria pensar a mirradíssima D. Sinhá? E o Nestor, e os Alcântaras, e os da Empresa, e toda a gente, em suma?

Esses receios mortificavam o Gonzaga, trazendo-o em um constante sobressalto, tirando-lhe até o apetite. Gonzaga andava macambúzio, curto de piadas. Gonzaga não fazia senão fumar... Mesmo a cervejinha do Cosme já lhe não parecia lá muito bem ida.

***

Quando Eduardo apareceu no escritório, certo de que toda aquela gente ignorava a natureza do mal que o prendera à cama durante tantos dias – já nas Indústrias Reunidas Marinho não se falava noutra coisa senão na aventura voronoffiana do diretor.

Todos os olhavam com visível curiosidade; mesmo a Braulina, que tantas vezes telefonara pedindo notícias – sentia agora, na presença dele, um certo embaraço em lhe perguntar pela saúde.

Eduardo pouco se demorou no escritório; achara-se ligeiramente indisposto, após o almoço, queixando-se duma forte dor de cabeça; e voltou imediatamente à casa, de táxi. Mal acabava de saltar do auto, ao portão do palacete, quando deu com o carteiro que ia deitar à caixa a correspondência.

Eduardo pediu-lh'a, e seguiu devagar, pela alameda, repassando o maço de cartas e de jornais. De São Lourenço não havia coisa alguma. Dentre os envelopes abertos chamou-lhe a atenção um de grande formato, em papel rosa-pálido, com um timbre em alto relevo.

Eduardo reconheceu o monograma da Morinelli. Abriu com sofreguidão a sobrecarta; e um ativo cheiro a *héliotrope* desprendeu-se da folha rosa-pálido, em que Gina participava o seu casamento com o tal Inocêncio Côvelo. Era datada de 28 de maio, com o endereço de uma fazenda Santa Efigênia, de Ribeirão Preto.

Poucas semanas antes esta mensagem teria fulminado Eduardo; agora, porém, conseguiu apenas arrancar-lhe uma frase displicente, monologada a esmo:

– Sim, filha; mas Ribeirão Preto é muito longe. Passo...

E entrou a examinar o resto da correspondência.

Gonzaga, na sala de jantar, enterrado a um dos *maples*, fumava, visivelmente preocupado, quando Eduardo lhe chegou ao nariz o papel rosa-pálido, donde se desprendia um vago cheiro a *héliotrope*.

– Que é isso? – fez o Gonzaga, tomando-lhe das mãos a carta perfumada – Ah, casou sempre a condessa... E ela não relaxa o heliotrópio... É completa, não há dúvida... E tu como te foste do passeio?

Eduardo fora bem; apenas um ligeiro princípio de enxaqueca... mas coisa sem importância...

Ainda assim, ele voltara logo para casa, a ver se repousava um pouco; mesmo queria tomar uma dose de sal de frutas.

E ia já chamar o Cosme, quando o criado surgiu, com o espanador debaixo do braço, informando que "estava tudo pronto".

Cosme, por ordem do Gonzaga, acabava de dar um jeito à arrumação da casa, pois, mais dia menos dia, Glorinha estaria por lá, e convinha que encontrasse tudo nos seus lugares...

Eduardo, torcendo uma careta de enjoo ao último gole de sal de frutas, pediu ao Cosme que lhe arranjasse um chá verde, bem quente; e deteve-se a conversar com o Gonzaga sobre as providências a tomar para o regresso de Glorinha. Quando o Cosme entrou com o chá fumegando na salva, já os amigos estavam perfeitamente de acordo em que se deveria mandar vir a pequena quanto antes.

Gonzaga, embora sem enxaqueca, aderira ao chá. Eduardo sugeriu uma pinguinha de rum da Jamaica, ideia que o outro aceitou, assegurando ser de fato muito bem ida...

Estiveram um momento calados, remexendo distraidamente o açúcar no fundo da chávena.

E Eduardo, muito fora de propósito:

– Ó Gonzaga, aqui pra nós, aquela Braulina é bem interessantezinha, não achas?

Gonzaga, cravando no amigo o olhinho preto de camundongo, fez, num ar de profundo espanto:

– Mas será possível? Santo Deus! Pra cima da Braulina? Oh, filho, tem paciência, mas isto assim vai mal... Olha que se te pões com essa mania de "D. Juan para todos" acabas arranjando aí uma complicação ainda maior que a da condessa...

Não era nada do que Gonzaga pensava – redarguia Eduardo – Então havia alguma coisa demais em que se achasse interessante a uma pequena? Hom'essa...

E o Gonzaga, repetindo a dose de rum, na chávena já vazia de chá:

– Não, não há nada de extraordinário em que a Braulina seja uma pequena interessante; o que há é que só agora, depois do rejuvenescimento, conseguiste descobrir, num rápido instante, encantos que te passaram despercebidos durante longos anos de convívio...

E sorveu o resto do rum.

Eduardo ia replicar sobre a pureza de sentimento com que se referira à Braulina, quando a campainha do telefone retiniu, atraindo o Cosme, que passava para a copa, com as chávenas.

Era o Meneleu, a indagar da saúde de Eduardo, se lhe podia fazer uma visita.

Gonzaga foi ao aparelho; e Eduardo mandou dizer ao estudante que viesse jantar com eles; que era às oito horas o *grude*.

***

Meneleu não se fez esperar muito; Eduardo, já sem a dor de cabeça, sentia-se bem-disposto; o próprio Gonzaga, contagiado pelo bom humor do cearense, parecia menos macambúzio; mesmo repetiu, entre um elogio, a dose de rum da Jamaica; e a discussão sobre Voronoff animou o aperitivo daquela tarde, estendendo-se até à hora do jantar.

O Cosme anunciou que a mesa estava posta.

Eduardo defendia em toda a linha o processo de rejuvenescimento.

Ninguém melhor do que ele – dizia-o cheio de manifesto orgulho – poderia julgar das excelências do método. Aqueles estranhos fenômenos que o haviam acometido, eram apenas as rebarbas próprias de uma estreia, facilmente removíveis pelo aperfeiçoamento do processo. Isso de Voronoff concluir serem contraindicados os enxertos de material humano em organismos senis, não passava de uma impressão de momento, atuando sobre a timidez natural de seu temperamento de sábio.

Eduardo discorria com um certo calor, diferindo já de sua habitual calma de outrora.

Ele acreditava em que o enxerto simultâneo de várias glândulas conjugadas, bem como uma larga transfusão de sangue do doador no momento da operação, viesse talvez resolver a última etapa da obra do Voronoff.

Meneleu elogiou com religião o creme de espargos, e discordou das ideias de Eduardo. Meneleu via no trabalho dos remoçadores um arrojo cirúrgico incompatível com o bom-senso. Para ele, a obra de Voronoff,

se bem que sincera e mesmo grandiosa do ponto de vista científico, era ainda uma transgressão às leis naturais, e como tal estava condenada a falhar na prática.

Gonzaga, muito ocupado em tirar uns fragmentos de rolha que lhe haviam caído no Médoc, ouvia, calado, o que diziam os companheiros; enquanto o estudante, barrando de manteiga uma côdea de pão de centeio, continuava, pontificando:

– Teorias, Dr. Marinho, teorias... Eu, desde que me enfronhei nas ideias do Voronoff, formei logo, a respeito do sábio, o mais elevado dos conceitos; depois, quando o vi trabalhar, fiquei encantado com a sua técnica e com a sua destreza. Voronoff chega a ser de uma elegância encantadora na maneira do operar; entretanto, creio que os resultados do processo estão ainda muito longe de alcançar o fim visado pelo autor. Aquele quadro trágico de sofrimento que tivemos ocasião de observar aqui mesmo, nesta casa, chamou-me à realidade dos fatos, rudemente; e hoje estou certo de que a obra de Voronoff é um sonho, uma quimera, com alguma genialidade, é certo, mas absolutamente inexequível no terreno das realizações práticas.

Gonzaga, lançando uma olhadela ao copo enxuto do Meneleu, ia soltar uma piada à eloquência do estudante; este, porém, não lhe deu tempo, falando sem cessar, numa verbosidade escachoante, em que se notava uma dose moderada de erudição e de álcool. Meneleu era de fato muito sensível à bebida; e, com a testa reluzente, oito sustentava, atacando o arroz do forno, que a humanidade não podia prescindir do senso senil.

– Este senso, – explicava ele – representa um valor no equilíbrio das coletividades. Enquanto a gente moça se debate, ao fragor das paixões, é mister que a serenidade dos velhos esteja presente para contrabalançar os impulsos da juventude.

Gonzaga, espetando o garfo nuns picles esquivos que se perdiam ao fundo do frasco, quis sabor que é que entendia o estudante por *senso senil*...

Meneleu enxugou o terceiro copo do Médoc; ele entendia por senso senil esse conjunto de experiência, de amadurecimento do espírito, que, na vida, contrabalança os arroubos, as paixões, dos caráteres ainda em evolução.

E exemplificava:

– Quando um jovem, tendo perdido a noite na dissipação do cabaré, entra em casa emborrachado, aos cambaleios – o pai, homem ma-

duro, que já se não emborracha nem cambaleia, mas que voltou também do cabaré, recebe o fedelho entre reprimendas de áspera expressão, ameaçando-o de lhe cortar a mesada. Tais corretivos, afrontando os brios do rapaz, são bem menos eficientes do que o conselho do avô, homem velho, que já se não emborracha, e que já não vai nem vem do cabaré; mas persuade o neto com a sedução da bondade perdoadora, com a evidência do reumatismo gotoso. Vês aí, meu caro Gonzaga, o que entendo eu por senso senil.

Cosme servira o assado.

Gonzaga assegurava que o Meneleu havia errado na escolha de profissão; Meneleu devera ter estudado Direito, e daria um advogado e tanto... Pelo menos um perigoso chicanista... Sim, porque para o Gonzaga, entre o pessimismo do Meneleu e o otimismo de Eduardo, havia por certo um termo médio, um senso normal, capaz de aguardar, numa expectância neutra, os progressos da ciência, sem descrer sistematicamente das possibilidades desta, e sem lhe servir de cobaia...

À sobremesa, Eduardo, entusiasmando-se na discussão, deu desastradamente com o braço no copo de Meneleu, entornando-lhe o Médoc pela toalha.

Cosme acudiu com o guardanapo, assegurando a excelência daquele presságio. Derramar-se vinho tinto na mesa, era sinal de felicidade, de boa nova... O patrão que esperasse... Havia de ter muito breve uma surpresa agradável...

Falava como um oráculo.

E a conversa da mesa resvalou para as coisas da superstição. Meneleu e o Gonzaga faziam blague sobre o assunto, enquanto Eduardo defendia a existência de uma certa ordem de fatos, a respeito dos quais cumpria apenas meditar.

Ele, por exemplo, se considerava um supersticioso; entretanto, não descobria sobrenaturalidade em coisa alguma; para ele, essa questão de forças ocultas, nada mais era do que a manifestação de energias naturais ainda desconhecidas, como o fora, até bem pouco tempo, a eletricidade...

– E o doutor acredita na existência de forças ocultas? – interrogou o Meneleu, repetindo o doce de coco.

– Ora, acreditar em forças ocultas não é ser supersticioso – fez o Gonzaga, *blagueur* – Que é a polícia secreta senão uma força oculta?

E Eduardo, meio desconcertado:

– Lá vens tu com as tuas piadas; já estava tardando. Podes dizer para aí o que bem quiseres; mas o fato é que ainda se não sabe como e

por que um pequenino cristal do galena consegue captar uma onda sonora... Ninguém o explica. Já se fazem na Europa e nos Estados Unidos experiências bem interessantes sobre o caso, mas tudo empiricamente; e eu estou certo de que haveremos de ter, dentro de pouco tempo, a telefonia sem fio aperfeiçoada, sem que se esclareça esse mistério da física... E as antitoxinas? Antigamente as pessoas supersticiosas, costumavam, na mordedura de cobra, esmagar a cabeça do bicho, e fazer com ela um emplastro, que aplicavam ao sítio da dentada; e isso não passava duma abusão grosseira; entretanto, o Vital Brasil funda o Instituto de Butantã para fazer mais ou menos a mesma coisa, acrescentando apenas ao processo algum asseio e muita reclame...

– E o Vital Brasil consegue até a imunização contra mordedura, por meio de injeções – aparteou o Meneleu, sabedor – ele injeta no camarada substâncias tiradas às próprias serpentes...

– Vou amanhã mesmo a Butantã – fez o Gonzaga – E quero ver se levo o Braguinha da *Gazeta*. O Vital Brasil tem que arrancar ao Braguinha uma substância qualquer que valha contra mordeduras...

Eduardo continuou, sem prestar atenção ao Gonzaga:

– A ciência já constatou que um cristal de galena tem a propriedade de captar uma onda sonora, assim como já é do rol das coisas banais a atuação do para-raios no curso das faíscas elétricas. E quem nos dirá a nós que o trevo de quatro folhas, por exemplo, não tenha uma influência particular, eletroativa ou radioativa, sobre os centros nervosos da nossa vontade, conferindo-nos uma capacidade maior de sugestão e, portanto, facilitando o êxito de nossas empresas? Amanhã, se a ciência experimental se detiver sobre o caso, o trevo de quatro folhas será repelido para o domínio das superstições grosseiras; mas a esta hora, já os psicofisiologistas lhe terão extraído a *trifolina*, alcaloide ultra potente, de que se farão injetar os jornalistas prontos, quando quiserem propor a fundação de um jornal ao homem do dinheiro...

E o Gonzaga, servindo-se de mais uma fatia de gorgonzola, ia rebater o argumento de Eduardo, quando uma vozinha de timbre conhecido, vinda da porta da varanda, interrompeu:

– Dão licença?

Era Glorinha.

***

E foi um vivo rebuliço, naquela noite, a chegada do pessoal de São Lourenço. Os Alcântaras, incomodadíssimos, desfaziam-se em desculpas por terem consentido em voltar para o Rio, sem aviso prévio a Eduardo; mas Glorinha assim o quisera. Apreensiva com a falta de cartas do pai, a pequena resolvera despencar de São Lourenço e abalar para o Rio, pregando assim uma surpresa ao velho. E não houve quem a contivesse. Alcântara ainda tentou um telegrama às escondidas; mas a rapariga, desconfiadíssima, esteve sempre alerta, e frustrou o plano do padrinho. Metera-se-lhe em cabeça que havia de ver o pai no dia seguinte, e eles não tiveram outro remédio – toca a arrumar as malas.

Vinham quase todos com ótima aparência física; mesmo Glorinha, apesar das preocupações que a torturavam, ante o estranho silêncio de Eduardo, parecia bem disposta, com umas cores magníficas. O Alcântara, este estufara, arredondara, fizera-se hediondo de gordo.

D. Ponciana aumentara consideravelmente de volume. Mariana, bem mais cheinha de corpo, trazia a pele tostada do sol. Até o Nestor lucrara, viera mais lustroso, brunido. Só à mirradíssima D. Sinhá de nada tinham valido as águas de São Lourenço, o ar da montanha; e quando ela deu entrada na sala de jantar, logo atrás de Glorinha, parecia cor de cera, e o olho enorme esgazeava-se-lhe, medonho, através do vidro de forte grau.

O que, porém, mais vivamente se comentava em meio do alvoroço daquele momento, era a súbita transformação de Eduardo. Glorinha, D. Sinhá e os Alcântaras, mesmo o fiel Nestor, pasmavam, estupefatos, ante a mudança que se operara no semblante, no jeitão, no todo do sexagenário.

Glorinha, sobretudo, achava-o esplêndido, e queria por força que lhe explicassem a ela onde e como arranjara o pai aquele belo aspecto. Eduardo estava mais novo, mais desempenado, francamente rapaz. E a moça perguntava a um, indagava de outro, a querer que lhe dissessem como tudo aquilo fora...

Justamente dizer-lhe – aí é que estava o nó...

O Alcântara atirou discretamente ao Gonzaga uma inteligente piscadela de olho, como quem, num relance, houvesse compreendido tudo.

Meneleu, apresentado ao pessoal na qualidade de êmulo do Gonzaga no campeonato do bom dito, ainda entreteve uma palestra com o Alcântara, acerca do abandono das nossas estâncias hidrominerais, enquanto as três mulheres despejavam atropeladamente sobre Eduardo e sobre o Gonzaga, em relatório completo, as últimas novidades de São Lourenço, a morte súbita de um veranista na fonte magnesiana, a erisipela do Pepino, a excelência do Hotel Brasil, a enchente do rio Verde.

D. Ponciana queixava-se amargamente da falta de comodidade e da deficiência dos carros-restaurantes da Mogiana; e a Central? Que horror, Santo Deus!... O trem de S. Paulo, com um atraso monstro, só às duas horas passara em Cruzeiro; e ela contou Cruzeiro.

D. Sinhá, ainda muito abatida do enjoo que desde Itanhandu a vinha consumindo, era das três a que menos falava, cravando constantemente no Meneleu o olho enorme, sinistramente aumentado através do vidro de forte grau. Glorinha, esta destaramelava numa tagarelice gárrula, que encantava. Quis saber da Morinelli e encheu-se de espanto ante a displicência com que o pai se referiu ao casamento da condessa; ainda pilheriou sobre o caso. E quando notou que o pai havia deixado da fumar, fez um enorme espalhafato; e exclamou, num visível contentamento:

– Quem sabe se era o fumo que fazia mal ao papai? O fato é que ele deixou de fumar, e é isso que aí está...

E era de ver a curiosidade alegre com que examinava a figura de Eduardo; não tirava os olhos dele, embevecida, pasmada de tão brusca e radical transformação; contente de vê-lo assim, robusto, bem-disposto. Apenas implicava com o pince-nez, que lhe parecia um tanto petulante...

Eduardo, chocado pelo súbito aparecimento da filha, pouco falava; enquanto a pequena andava lá por São Lourenço ele quase se não lembrava dela; a presença da filha, porém, confundia-o. Ele sentia como que uma onda de vago pudor a sufocá-lo... E temia que a filha viesse a saber de toda a história, assaz escabrosa para o espírito de uma moça. Ao mesmo tempo a estupefação de Glorinha evidenciara de certo modo o rejuvenescimento dele; e então, envaidecido, tinha ímpetos de chamar a filha à parte e contar-lhe tudo, dizer-lhe que remoçara, que estava novo...

Como, entretanto, fosse isso assunto de muita crueza de detalhes, Eduardo corava de vergonha de si mesmo, na presença da filha, e por isso calava, bestificado, inibido. E ela, transbordando de júbilo, beijava-o, acarinhava-o, enfiava-lhe os dedos pelas madeixas grisalhas, como sempre o fizera a seu querido papai...

Ele, sem saber por que, enrubescia daquela intimidade, perturbava-se a tais explosões de afeto, e tolhendo-lhe delicadamente o gesto, desviando sempre a conversa de si próprio para outro qualquer objeto...

Nestor e o Cosme recompunham a mesa para o pessoal recém-chegado.

Meneleu, apanhando o chapéu, pediu licença para zarpar.

– Quem chega de viagem quer repouso; portanto, vão desculpar... É verdade que não vieram a pé, das Alterosas; mas vieram de trem, o que ainda é pior – disse, despedindo-se, entre um sorriso amplo. Gonzaga acompanhou-o, apesar da reiterada insistência do Eduardo para que o boêmio pernoitasse no palacete.

Eduardo ia levá-los até à porta; mas os dois o detiveram, e deixaram-no à varanda.

Pela alameda de bambus, o Meneleu não se pôde conter, e confessou ao Gonzaga:

– Mas, seu mano, a filha do homem é um caso sério... Que pedaço de pequena!... Palavra de honra...

E o Gonzaga, freando:

– Ah, a Glorinha foi sempre uma rapariga muito interessante; depois seriazinha, inteligente... Moça criada sem mãe, mas muito recatada.

Um bonde, vindo de cima, passava em frente ao portão; os dois ainda correram a ver se o apanhavam: mas o carro não parara no poste, desaparecendo, veloz, na curva de Mariz e Barros,

E eles abalaram a pé, rua abaixo, pela calçada, à espera de outro bonde, a comentar a boa gente e a boa casa dos Marinhos. Falaram muito do jantar. Meneleu aludiu, com religião, ao creme de espargos, que o Gonzaga achara de fato muitíssimo bem ido...

XVII

Passava já de meia-noite quando Eduardo recolheu ao quarto, sob a sensação duma profunda fadiga.

A repentina chegada da filha, o escândalo provocado pela patente transformação que se operara nele, o inexplicável constrangimento dele ante a presença da rapariga, e sobretudo o estranho escrúpulo com que procurara conter o arrebatamento dela, em si tão natural, tão casto, tão próprio do temperamento duma filha extremosa, como era Glorinha – tudo isso chocara violentamente o espírito de Eduardo, enchendo-o de vagos temores, povoando-lhe o cérebro de ideias as mais desencontradas.

E quando ela apareceu no aposento para lhe dizer boa noite, uma onda de pejo afogueou a face do sexagenário; e todo ele se encolheu dentro dos lençóis, como que num incontido movimento de pudor ante a figura daquela mulher moça e formosa, que lhe entrava pelo aposento, surpreendendo-o na sua intimidade de solteirão. Ela mesmo lhe notara o embaraço e perguntou, pilheriando:

– Que é isso, papai? Você está com frio? Querem ver que o papai ainda não tinha terminado a *toilette*? E eu fui entrando sem pedir licença... também há tanto tempo que não tomo a bênção ao papai... Se quer, eu saio...

E parou, indecisa, no meio do quarto; depois, resolvendo:

– Não, mas eu só vim dar boa noite ao papai...

E beijou com ternura a face do pai, beijou-lhe a mão com ternura.

Ele, balbuciando uma benção, pousou um beijo tímido à testa da moça, um beijo contrafeito, bem diverso dos de outrora, nos quais havia sempre a expressão de um amplo amor paternal.

Ela, todavia, não dera por isso; e da porta ainda prometeu trazer-lhe o chocolate, pela manhã.

Cosme veio saber se o patrão queria mais alguma coisa; Eduardo pediu-lhe que retomasse, no dia seguinte, suas obrigações no serviço do escritório.

Com palavras repassadas de sinceridade, agradeceu ao empregado todo o interesse e o carinho demonstrados durante aqueles dias de aflição; recomendou-lhe ainda uma vez a máxima reserva sobre o caso; e prometeu gratificá-lo com umas pelegas e um razoável aumento de ordenado.

– Oh! seu doutor, Deus é que lhe há de pagar tanta bondade; mas eu não vim cá pra esta casa com interesse em coisa alguma; vim porque o *seu* doutor assim o quis; e peço desculpa se não servi melhor... Muito obrigado a *seu* doutor. Deus é que há de pagar...

E lá se foi o Cosme, pisando pelo corredor com pés do pilão.

***

O Westminster da sala de jantar batia quatro horas da madrugada, e Eduardo não havia conseguido conciliar o sono. Durante toda a noite ele não fizera mais do que rolar na cama de um lado para outro, com uma ideia fixa a verrumar-lhe o cérebro cansado. Em meio ao turbilhão

de conjecturas em que se debatia, varado de angústia, uma interrogação capital martelava-o sem cessar: porque se sentira ele tomado dum escrúpulo sem razão de ser, ante a natural intimidade com que o tratara sua filha? É verdade que Glorinha não era propriamente sua filha, mas era como se fosse... Onde, portanto, o motivo, a causa do tão estranho retraimento da parte dele para com aquela criaturinha que sempre lhe fora na vida o objeto de maior afeição, o alvo de maior carinho, o ser mais caro a seu coração de celibatário?

E então lhe vinha à mente toda a meninice de Glorinha, os seus primeiros passos, o seu primeiro brinquedo, a sua primeira travessura, as doenças, o sarampo, as noites em claro – tudo enfim, lhe acudia à memória com uma nitidez estereoscópica, recompondo-lhe o antigo senso de paternidade, com que lhe acompanhara, dia a dia, o berço daquela criança; o desenvolvimento daquela menina, a formação daquela rapariga... Ele a vira nascer; ele lhe dera a primeira e a última boneca; ele lhe amparara o primeiro namoro... Tendo conhecido Glorinha ainda ao peito da ama, depois entretida com as bonecas, e por fim sob o jugo de uma paixão, ele a sentira sob estes três aspectos: recém-nascida, menina, rapariga... Logo, se a conhecia assim, porque então estranhá-la agora, quando em nada se lhes modificara a situação recíproca, o afeto recíproco, a confiança recíproca?

E nessas elucubrações passara Eduardo uma boa parte da noite, esquadrinhando os escaninhos da razão e do sentimento, sem todavia conseguir atinar com a origem daquela súbita mudança na maneira de olhar a filha, de senti-la, de compreendê-la.

Entretanto, o esquisito fenômeno era apenas mais uma consequência do rejuvenescimento.

O berço, a boneca, o namoro, isto é, o bebê, a menina, a moça – eis as três únicas etapas da vida de uma criaturinha em face do senso paterno... Em qualquer destas fases a filha é sempre aos olhos do pai o mesmo ser infantil, indefeso, casto, cheio daquele ar de espiritualidade que Eduardo sentia outrora no semblante, na pessoa, no todo da filha, quando muita vez se detinha a contemplá-la, quer à hora da palestra vivaz, quer nos momentos de meditação, quer ainda quando ela dormia o seu sono de moça, povoado de esperanças, de ilusões e de fé.

Então, toda ela lhe parecia um ser angelical, que Deus lhe confiara na face da terra; na alvura lirial dos seus braços, ele via a candura alada das coisas imateriais; no veludo negro de seus olhos, na maciez sedosa

de seus cabelos – ele revia a casta imagem de Ruth, morrendo apenas ela nascera...

Ela era, pois, a sua filha, a eterna criança. E de fato, se ele se lhe afizera desde o dia em que ela nascera, tendo a esse tempo trinta e oito anos de idade; se ela crescera, se tornara menina, e chegara a moça, enquanto ele envelhecia – então ele teria sido sempre o pai, e ela a filha; ele o quarentão, e ela a menina; ele o velho, e ela a moça, mas a filha moça, sempre a filha, sempre a criança. E assim é que fora, realmente, até quando a vira pela última vez, antes do rejuvenescimento.

Mas, depois, veio Voronoff; e Eduardo remoçara.

Ao *senso senil* que o paternizava diante da filha, substituíra um senso varonil; e ele, com este senso, com a mentalidade, com o temperamento, com a crase sanguínea de um jovem de vinte anos, – não poderia, de forma alguma, sentir-se pai de uma rapariga de vinte e dois...

Antes do rejuvenescimento Eduardo se habituara a ver naquela criança, primeiro um bebê, depois uma menina, mais tarde uma filha moça; agora, com o senso varonil, ele descobrira em Glorinha apenas – uma mulher!

E eis aí o motivo fundamental de toda aquela transformação na sua atitude perante a filha. Apagara-se nele o velho pai de Glorinha, e surgira um Eduardo jovem, descobrindo na brancura dos braços dela o alabastro das formas venusianas; nos seus olhos negros de azeviche, o ardor de um temperamento inflamável; na noite de seus sedosos cabelos, a tinta forte dos grandes romances de amor.

E notava-lhe agora a desenvoltura da plástica, o bem lançado da figura, a arrogância do busto, a graça do movimento, a elegância das atitudes, a sedução do sorriso – em suma: via-a mulher, esplendidamente mulher...

E tê-la-ia ele cobiçado?

Se tal pergunta houvesse sido feita a Eduardo, ter-se-ia obtido talvez uma resposta dúbia, imprecisa, quase horrorosa. Ele, por certo, procuraria ilibar-se de todo e qualquer pensamento incestuoso: não, não a havia cobiçado jamais; ela era uma criança, era sua filha...

Mas logo o acusaria a certeza de haver pousado um olhar culposo sobre o combro do seio deia, quando, à mesa, num movimento rápido, a moça se inclinara, para apanhar o guardanapo que lhe caíra do colo...

E a visão, embora fugaz, daquela nesga de carnação virgem, deleitara a Eduardo, fustigara-lhe a concupiscência.

E os beijos que ela lhe dera? Não os sentira bem mais úmidos e sápidos que os de outrora? Sim, decerto que sentira; e aquela boquinha impessoal de criança abria-se-lhe agora, nuns lábios ardentemente femininos...

Em outros tempos, quando Glorinha o acariciava, ele a envolvia num amplo afago paternal, cheio de proteção e de ternura; quando ela lhe pousava a cabecinha estouvada contra o peito sexagenário, era como uma avezinha medrosa, que, fugindo à fúria dos vendavais, se abrigasse ao recôncavo dum tronco secular...

Agora, o mais leve contato do corpo dela com o seu, era como uma gota de óleo na chama, como um morrão num rastilho. Ele lhe sentia todo o calor do sangue, e um frêmito de luxúria arrepiava-lhe a sensualidade rejuvenescida... E então um remorso atrocíssimo derramava-lhe na alma a vergonha, o asco de si mesmo.

Um inferno, um verdadeiro inferno, aquela situação.

Durante toda a noite o cérebro de Eduardo ardeu em alucinações as mais bizarras.

Pela madrugada conseguiu dormir um pouco; mas foi um horror de pesadelos, de sonhos agitados, que lhe sacudiam os nervos combalidos, acordando-o a cada instante em sobressalto.

E nesses sonhos, ora erravam vagamente, em bando angelical, várias Glorinhas muito castas, muito meninas, muito inteiriças, com asas de querubim, passando, como nas procissões, diante do Eduardo antigo; ora surgia, numa sarabanda vertiginosa, toda uma turba de Glorinhas mulheres, exuberantes de formas, elásticas, lascivas, que se enroscavam e desenroscavam em lúbricos coleios, serpeando, espiralando num círculo de mórbidos desejos, o qual se alargava e se estreitava em torno do Eduardo novo, sufocando-o, sorvendo-o para um abismo sem fim...

E Eduardo acordava em suores, com a boca seca, pedindo a Deus que amanhecesse. Na meia-luz da madrugada ele, sem pince-nez, mal divisava o vulto branco de Glorinha, no dia da primeira comunhão, naquele retrato que ele guardara sempre com devoção, diante do leito, como uma imagem sagrada...

E quando o primeiro raio de sol lhe entrou pelo aposento, arrancando à moldura do retrato de Glorinha tonalidades foscas de ouro velho – uma forte resolução reanimou o espírito lasso de Eduardo: varrer da mente todas as insânias e aberrações que lhe vinham embrutecendo a razão e envenenando o sentimento; e retomar, perante Glorinha, a sua antiga atitude de pai.

E na firmeza deste propósito, deixou-se Eduardo ficar molemente, contemplativamente, a rever o retrato de Glorinha, naquela hedionda ampliação a crayon – toda a grandeza da missão em que o investira a Providência quando confiara à proteção dele a criaturinha que ali estava, coroada de flores de laranjeira, a empunhar uma vela de libra...

Quanto ao resto? – Excitações, e digestões malfeitas; um pouco do Médoc do jantar, talvez mesmo a mistura de vinhos com licores – e nada mais.

Portanto, o que urgia era não pensar cm cousas tristes.

Voltar a ser o pai, o velho pai de Glorinha, sem malícia, sem escrúpulos mal entendidos, sem segundas intenções – eis a sua deliberação formal, o seu protesto de honra.

Mas quando, pela manhã, Glorinha apareceu, muito fresca num quimono de seda azul claro, que lhe caía com leveza sobre a perfeição das formas de mulher – todo o projeto de Eduardo desabou como um castelo de cartas; e foi-lhe assaz penoso o trabalho de dissimular, da melhor maneira, a emoção que visivelmente o conturbava, agora mais do que nunca, à presença da rapariga.

E ele atirava olhares de esguelha ao retrato dela, como pedindo àquele anjo que o livrasse das tentações, como a educar a própria visão na imagem daquela criança, para depois transportar esta cândida visão à pessoa de Glorinha.

Mas qual... Tudo era baldado, nesse sentido. Em Glorinha ele só conseguia ver a mulher, a esplêndida mulher que, com a maior naturalidade, se punha ao contato dele, sentada ao lado dele, a beijá-lo, a abraçá-lo, a acarinhá-lo, entre a intimidade quase escabrosa daquele quarto de homem só.

E lá voltavam o embaraço, a encabulação, o constrangimento, os escrúpulos, que desde a véspera, vinham atormentando a pessoa singular daquele Eduardo novo, voronoffiano. E esta desagradável ordem de fatos, longe de se resolver com o decurso do tempo, ia se acentuando progressivamente, de um modo assustador.

A situação de Eduardo quer no lar, quer na ambiência da sua vida especulativa, quer ainda na sociedade, agravava-se de dia para dia, tornando-se cada vez mais insustentável.

No lar, a sua estranha atitude para com a filha adotiva, dava constantemente lugar a sérios dissabores.

Na luta que se travara em seu espírito militavam: de um lado, a noção das responsabilidades assumidas; do outro, a influência que no

seu temperamento rejuvenescido exerciam a formosura e os encantos pessoais de Glorinha.

Quando ele velava na solidão, através de longas noites de insônia ou nos retiros que frequentemente procurava para melhor meditar sobre o seu caso – só uma ideia o dominava: era a delicadeza da sua posição em face da filha.

Do senso senil ficara-lhe a memória do que havia sido sua vida com relação a Glorinha, desde o dia do nascimento dela.

Era esse resto de senso senil que ainda o chamava ao terreno da dedicação paternal, ao caminho dos sentimentos castos, à evidência do compromisso moral que o ligava a Glorinha, perante a sociedade, perante si mesmo.

E quase sempre, ao fim das penosas vigílias que o mortificavam, todo ele parecia reencarnar o Eduardo antigo, reintegrando-se de corpo e alma no papel de pai extremoso, de desvelado protetor.

Pouco, porém, duravam tais protestos. À presença da rapariga, toda a solidez do seu raciocínio se esboroava, se desfazia, e Eduardo resvalava insensivelmente para a tenebrosa palude da sensualidade, onde, a seus olhos cheios de pecado, esplendia, como uma vitória-régia, a carnação palpitante de uma mulher nova e virgem...

Então, era a pujança varonil de sua mentalidade rejuvenescida que triunfava dos escrúpulos de uma paternidade convencional; era o vigor do instinto remoçado que tripudiava sobre os últimos resquícios do senso senil.

Desgraçadamente esta mentalidade nova, ébria de vida animal, empolgara completamente Eduardo, envolvendo-o em uma trama inextricável de complicações passionais, desequilibrando-lhe o temperamento, roubando-lhe a integridade do lar.

Enquanto isso acontecia na sua vida íntima, uma outra série paralela de descalabros minava-lhe a reputação de homem de negócios.

Ele, que durante quase meio século de trabalho tenaz e inteligente, conseguira realizar uma obra formidável de organização econômica, assistia agora à ruína da própria grandeza, que ele mesmo ia demolindo, por suas mãos. Efetivamente, as coisas das "Indústrias Reunidas Marinho" começavam a correr mal. Eduardo, sob o influxo da mentalidade nova, desandara a praticar toda a sorte de desatinos, efetuando transações desastrosíssimas, procedendo com uma precipitação incrível, comprometendo assim os altos interesses da Empresa, e abalando a solidez do crédito individual.

Cumulado de responsabilidades pelas suas funções de diretor de inúmeras corporações e sindicatos industriais, bancários e fabris, dos quais se

fizera acatado mentor, graças à sagacidade especulativa e à largueza de vistas que sempre o caracterizaram – Eduardo tornara-se agora um elemento perigoso, nocivo mesmo à estabilidade e ao progresso das Empresas. Sentado à presidência das "Indústrias Reunidas Marinho", posto em que se mantinha como eixo principal de uma das mais complexas engrenagens financeiras do seu tempo, ele, após o rejuvenescimento, entrara a agir com o prestígio pessoal de um banqueiro sexagenário e o senso de um jovem de vinte anos!

Negócios vultuosos eram por ele aceitos sem o mais ligeiro exame, sem a mínima ponderação.

Tornara-se irrequieto, visionário, cabotino.

A tantos e tão sensíveis fracassos não podia deixar de corresponder uma lamentável falência moral.

A situação de Indústrias Reunidas Marinho ia se tornando cada vez mais precária: a hostilidade dos rivais recrudescera; a atitudes até então neutra dos concorrentes pacíficos tomara um caráter francamente agressivo. Tudo na ambiência da vida especulativa se voltava contra Eduardo, contra a gente dele, contra as suas empresas.

Mesmo nas organizações econômico-financeiras a que se ligava o nome de Eduardo, gerava-se já uma atmosfera de descontentamento e de recriminação, ante a iminência da desmoralização e do descalabro; e a insinuação da comandita não se fez esperar.

Evidenciada a incompatibilidade de Eduardo com a gestão de todo e qualquer negócio, demonstrada a sua incapacidade na resolução dos problemas de maior relevância, resolveram os sindicatos, de cuja diretoria ele fazia parte, comanditá-lo, tolhendo-lhe assim a interferência direta nas questões de ordem administrativa.

Isso lhe feria o amor-próprio dando lugar a cenas desagradabilíssimas.

Alijado das posições que durante tantos anos soubera honrar com a probidade da conduta, com o brilho da inteligência; despojado do cetro que conquistara à custa do seu valor individual, e que zelava como o seu mais grato padrão de orgulho – era de supor que Eduardo não pudesse resistir ao horror da própria decadência.

A cada momento, a cada deliberação aviltante que lhe chegava ao conhecimento, vinda das assembleias dos sindicatos e publicada com escândalo pela imprensa diária, temia-se que Eduardo, desesperado, tentasse recorrer a uma medida extrema, para pôr termo a tantos e tão profundos desgostos; as pessoas mais íntimas vigiavam-lhe os passos, receosas de um desfecho trágico.

A ele, entretanto, pouco se lhe dava daquelas humilhações. Uma ou outra vez ainda rosnava, entre dentes:

– Canalhas...

E disso não passava o seu protesto. Na vida só uma cousa o interessava, absorvendo-o: a tormenta que se lhe desencadeara no lar.

No seio das elites sociais também não fora menor o esfacelamento de sua reputação.

Era o sangue do campeão de bicicleta deturpando o caráter de um gentleman. Dos amigos de outrora só lhe ficara o Gonzaga, que nunca o abandonou, sempre com uma dedicação de comover. Todos os demais se retraíram, foram aos poucos se tornando arredios, esquivos, e por fim já fingiam não o conhecer.

Em poucos meses, do Rei do Tório, daquele magnata do milhão, daquele extraordinário titã, que durante tantos anos enfeixara nas mãos o controle das Indústrias Reunidas Marinho – restava apenas uma ruína, um bagaço, um joio reles, perdido no atascal de uma paixão doentia, arrastado num roldão de sentimentos grosseiros, quase incestuosos.

A esse estado de infinita miséria moral sobrevieram, sem tardança, os mais dolorosos padecimentos físicos.

Fosse pelo abuso do álcool a que se vinha dando de uns tempos àquela data; fosse pela contínua excitação nervosa em que o trazia a violência daquela paixão – o certo é que se lhe agravaram os males antigos, latentes, que surdamente lhe minavam o organismo.

E o seu sofrimento era atroz. Na vida especulativa – a falência; na sociedade – o ridículo; no lar – o tormento de um afeto sem reciprocidade!

Um inferno, em suma; um verdadeiro inferno!

XVIII

A permanência dos padrinhos de Glorinha em casa da afilhada, após a vinda de S. Lourenço, fora de poucos dias.

O Alcântara, inteirado pelo Gonzaga de tudo quanto se havia passado naqueles últimos tempos, tomou-se dum certo interesse pelo processo de Voronoff; ele estava deslumbrado com o rejuvenescimento e a mudança de Eduardo; lamentava apenas os incômodos físicos de que ainda se queixava o compadre...

Em todo caso, – achava ele – se os resultados *principais* fossem positivos, valia bem a pena sujeitar-se uma pessoa aos cirurgiões... Lá isso valia...

E quando D. Ponciana, à véspera da subida para Petrópolis, alarmada com umas coisas esquisitas que lhe havia contado a pequena, chamou a atenção do marido para a imprudência de zarparem deixando Glorinha em companhia daquele Eduardo novo, "que lhe não parecia lá muito certo da bola" – o Alcântara, desapertando a funda que o afligia, respondeu, entre um sorriso malicioso:

– Cisma tua, mulher, cisma tua... Então a pequena sabe lá o que está pra aí a dizer?... A diferença que ela nota no pai é naturalíssima; o homem remoçou... e, tu compreendes, essa coisa é assim um tanto ou quanto obscena... daí o encalistramento do compadre diante da filha... Mas isso não tem a mínima importância... Passa com o tempo... Eduardo nunca esteve com o juízo tão perfeito... Ficou *novo* o maganão... forte e rijo, o felizardo...

E depois de um momento de reflexão, dobrando as calças pelo vinco:

– Palavra de honra mulher, que se não fosse ter a gente que sofrer tanto, e o risco da operação, que sempre o há... Assim mesmo não sei, se Voronoff fizer uma escalazinha pelo Rio, no retorno do Prata, estou a ver que lhe vou cair nas mãos...

– Ai, credo, que disparate! – fez Dona Ponciana, benzendo-se – Não faltava mais nada: depois de velho, dares para bilontrices...

– Deixa disso, mulher... Tu dizes isso agora; mas quando eu aparecesse empinadinho, espertinho, então aí é que eu te queria ouvir falar...

– Olha, Manoel, – tornou a boa senhora, aliviando um flato – tu estás a fazer chalaça ao caso; mas eu estou vendo as cousas muito mal paradas para o lado do compadre... Pelo que me esteve a dizer a pequena, creio que o homem depois dessa coisa anda com uma aduela de menos... E não te parece a ti que seja um tanto perigoso deixarmo-la aqui, às voltas com ele?

E o Alcântara, deitando meticulosamente ao copo a dose de sais laxativos:

– Oh, mulher, para que te havia de dar a mania?... A coisa é como te disse eu há bocado: ele está novo; a pequena o nota, e quer saber onde e como arranjou o pai aquele aspecto; ele não lhe pode explicar e atrapalha-se todo... Ora aí está...

E no dia seguinte, lá se foram os Alcântaras, serra acima, rumo de Petrópolis.

***

Entretanto a transformação que se operara na pessoa, no temperamento, no modo de ser de Eduardo, e que a princípio conseguira apenas espicaçar a curiosidade de Glorinha, não tardou muito a tomar, no espírito da moça, as proporções de uma grande desgraça.

E ela, que, logo após à chegada de S. Lourenço, manifestara um vivo desejo de conhecer a origem, a causa de tão súbita mudança, fizera-se depois reservada, fechando-se num mutismo impenetrável, no qual já devia haver algo de vaga suspeita, acerca da natureza daqueles estranhos acontecimentos.

Pelo noticiário dos jornais, pelas alusões e caricaturas dos semanários humorísticos, ela ia pescando alguma coisa a respeito de Voronoff, da teoria do rejuvenescimento, da passagem do remoçador pelo Rio de Janeiro. E quando isso não bastasse para lhe abrir os olhos ao naturalismo cru de uma certa ordem de fatos – não faltariam por certo as telefonadas anônimas, que eram frequentes e repassadas de maldade, visando precisamente o escândalo doméstico, na casa dos Marinhos.

Mais de uma vez ela, com jeito, recorreu às luzes de D. Sinhá, sobre o caso do pai; pedia à velha que explicasse todo aquele mistério; porque, afinal, ela já não era uma criança, e esses escrúpulos exagerados para com uma moça da sua idade nada adiantavam; só lhe podiam envenenar cada vez mais o espírito. Ela sentia que o pai, de dia para dia vinha se tornando mais esquisito, com uns olhares que lhe causavam estranheza... com uns modos desusados, que a constrangiam... Enfim, por que tanto segredo para com ela? Por que lhe não diziam tudo, por quê? Então era ela ainda uma criança?

A velha, porém, desconversava, mesmo repreendia:

– Oh minha filha, que queres tu dizer com isso? Deixa o homem em paz... Ninguém está com mistério; o que há é que teu pai fez com certeza algum tratamento...

– Sabe que mais, mamãe? Você não me quer ser franca, e eu irei hoje mesmo ao Angenor Porto; ninguém melhor do que ele me explicará tudo... Mas vamos, mamãe, tenha paciência, não me deixe ir perguntar a um estranho o que você mesma me poderia responder... Vamos, eu já não sou uma criança...

E a velha – moita.

Assim se passaram os primeiros dias após a chegada de São Lourenço; mas, bem cedo começou a precipitação dos fatos; Eduardo, de queda em queda, rolava insensivelmente para a ruína, para o aniquilamento moral, apegando-se desesperadamente, aos restos de uma saúde precária, estimulada apenas pelo ardor de uma paixão que o empolgava e abatia.

E Glorinha, colhida pela fatalidade daqueles acontecimentos, não fazia mais do que chorar, chorar muito, sob a enormidade da dor que a matava; e a sua vida tornou-se um verdadeiro tormento.

Os Alcântaras, sabedores das aflições da afilhada deram-se pressa em descer de Petrópolis, adiando ainda uma vez a projetada viagem à Europa.

Eduardo, sob o jugo da mentalidade nova, e escorado aos destroços de um arcabouço minado pela enfermidade, já havia vencido os últimos protestos do senso senil, acerca da sua paixão por Glorinha.

E ele argumentava, de si para si, com a inexistência de qualquer incompatibilidade civil ou consanguínea entre os dois. É verdade que ele a criara como se fora sua filha... Mas que significaria isto ante a realidade da situação? Nada, absolutamente nada.

Quantos casos conhecera ele de ligações entre padrasto e enteada, entre tutores e pupilas? Ainda se se tratasse de uma união ilícita, vá lá que se temessem consequências...

Mas o que ele queria oferecer àquela rapariga, em troca do seu afeto, era apenas uma posição definida, clara, legal, quer em face da lei quer perante os princípios religiosos; logo, que mal havia em que ele a amasse, a desejasse, e não se pudesse mais libertar daquele sentimento indomável e portanto sincero, puro?...

E Eduardo, estribado nessa ordem de raciocínios, sancionou a ideia fixa que o dominava; então já não guardava, a rigor, as conveniências. Entrara a contemplar Glorinha com uma aberta expressão de embevecimento pela beleza da rapariga; quando a abraçava, quando a beijava, fazia-o de um modo tal que a moça, chocada no seu pudor pela animalidade do gesto, o repelia com violência.

Ele quedava, estático, fulminado pela repulsa; olhava-a com infinita ternura, e os olhos se lhe faziam rasos d'água...

Ela, cheia de arrependimento pela brutalidade com que o tratara, abraçava-o, beijava-o, transbordante de amor filial:

– Papai, eu estou muito nervosa... Mas eu quero muito ao papai...

Eduardo, ainda sob a emoção do tranco, abandonava-se, passivo, às carícias da filha, perdido na imensidade de sua paixão, recebendo impessoalmente aqueles castos afagos, que lhe caiam na alma como o gelo do desengano.

Cenas como esta passaram a ser frequentes.

A princípio Glorinha, apavorada com o estado do pai, procurava não sair de ao pé das senhoras, e a cada investida ou excesso de Eduar-

do, era delas que a moça se valia, contando-lhes tudo, pedindo-lhes que a aconselhassem sobre o que deveria fazer para pôr um termo àquela horrível situação.

E D. Sinhá – moita, cravando na pequena o olho enorme, através do vidro de forte grau; ao passo que D. Ponciana, menos cativa de rigorismos, procurava, discretamente, instruir a pequena sobre a conduta a seguir perante o pai, pondo-a mesmo ao corrente de uma determinada ordem de fatos.

Glorinha já não era criança – dizia a madrinha, justificando-se – e portanto não se lhe deviam ocultar certas coisas.

Entretanto. a atitude de Eduardo ia se tornando já inconveniente e até perigosa, dentro daquela casa.

O Angenor, a cujos cuidados estava entregue o doente, mal podia dissimular a apreensão que tudo aquilo lhe trazia; e não poupava esforços para conjurar tão graves acontecimentos.

Falou-se, por mais de uma vez, na ablação da glândula enxertada; mas a Eduardo, quando se lhe tocava no assumpto, sobrevinha um tal acesso de cólera, que por fim, já ninguém mais pensava nesse recurso.

Certa manhã, como Eduardo tardasse em pôr-se a pé, o Alcântara, alarmado, tentou acordá-lo, batendo com força à porta do quarto.

Eduardo não respondia.

Alcântara bateu com mais violência – nada.

E o alarido rebentou, entre o pranto das mulheres e a afobação do Alcântara que, trêmulo, nervoso, foi logo metendo o ombro à porta, arrombando-a.

No leito, Eduardo, respirando a custo, jazia desacordado. O semblante congesto, as cordoveias entumecidas, o batimento visível das artérias, como a querer saltarem das fontes, a boca entreaberta num ríctus de angústia, as pálpebras caídas pesadamente sobre os olhos injetadíssimos – tudo denunciava a natureza do mal que acometera o desventurado sexagenário.

Angenor, chamado com urgência, firmou o diagnóstico de congestão cerebral.

Eduardo não respondia às solicitações; a pesquisa dos reflexos evidenciara a crise apoplética; e uma abundante sangria foi praticada sem maior delonga.

Meneleu, a convite do Angenor, encarregou-se do enfermo, com sua habitual dedicação.

Glorinha, desatendendo a tudo quanto foi advertência do pessoal, plantara-se à cabeceira do pai, e de lá só despregava quando algum detalhe mais cru do tratamento levava o Meneleu a pedir-lhe que "perdoasse por um momentinho só"...

Eduardo, logo após à sangria, entreabriu um olho torporoso, congesto, como uma posta de sangue, passeando-o vagamente em derredor, sem tomar conhecimento de coisa alguma. A filha ainda o chamou com insistência, sem contudo obter a mínima resposta... E a moça tomou-lhe a mão roxeada, de unhas roxeadas, cobrindo-a de beijos, mal podendo conter o pranto surdo que a sacudia, em soluços.

Entretanto à noite, quando veio o Gonzaga, já Eduardo parecia bem melhor: respondia às solicitações, reconhecia as pessoas que o rodeavam; a língua, ainda muito trôpega, prejudicava-lhe um pouco a dicção, que todavia se lhe não tornara de todo imperceptível.

Pelas nove horas, mais ou menos, apareceu lá o Angenor indicando uma segunda sangria.

E o Gonzaga, ao ouvir falar em sangria, foi logo procurando um sítio a jeito, ao fundo da varanda, para não ver aquelas coisas pavorosas. Houve, a propósito, uma piada do Meneleu, ao que o Gonzaga retrucou, desculpando-se:

– Tem paciência filho, não tenho culpa de ser como sou; não posso ver sangue; faz-me um grande mal aos nervos. Que quer? Não está em mim...

O Alcântara tinha um irmão que também não podia ver sangue; desmaiava pela certa. E todos deram razão ao Gonzaga. Que se havia de fazer? Não estava nele...

No dia seguinte pela manhã, Eduardo, que passara a noite relativamente calmo, já conversava com algum desembaraço; à mão direita sentia uma espécie de adormecimento, mexendo-a com dificuldade; também a perna do mesmo lado tinha qualquer coisa de anormal, que lhe tolhia o movimento. Ainda assim não era de todo desanimador o seu estado. Havia mesmo, entre o pessoal, uma grande esperança no restabelecimento do doente.

Glorinha, muito abatida pela vigília, recusava-se terminantemente a ir repousar um pouco, para não se afastar, um momento que fosse, da cabeceira do pai. D. Ponciana e D. Sinhá procuravam convencê-la, de que, apesar das visíveis melhoras de Eduardo, convinha prestar-lhe socorros espirituais. O Gonzaga, que pernoitara no palacete, ponderou sobre o choque moral que isso poderia determinar no espírito do amigo;

Glorinha hesitou; mas as duas senhoras estiveram irredutíveis no seu piedoso propósito, e ficou resolvido que se mandaria vir quanto antes um padre. E quem iria chamar o padre? Nestor estava para a cidade, com o Meneleu, à compra de umas coisas que o Angenor pedira. Mariana havia torcido um pé, e amanhecera em dores, sem poder caminhar, deixando-se reter na cama, gemendo, aplicando fomentações ao inchaço, a que de nada valera a benzedura da Rita. A Rita cozinheira, tinha ido à quitanda, ao açougue, ao inferno. Não havia, pois, em casa, um criado sequer, naquele momento; e a D. Ponciana ia já despertar o marido que roncava, esparramado num dos maples da sala de jantar; mas o Gonzaga não o consentiu; e foi ele mesmo buscar o padre.

Eduardo recebeu com serenidade os sacramentos, mostrando-se mesmo como que confortado à presença do sacerdote, o boníssimo cônego Rezende, que havia acabado de celebrar na matriz de Engenho Velho, quando o Gonzaga, lhe foi pedir que viesse.

Após o piedoso ato de religião, houve na sala de jantar um café profano, em que o cônego e o Gonzaga, se empenharam em animada discussão acerca do celibato do clero. Gonzaga, vendo escassearem-se-lhe os argumentos de sua minguada cultura religiosa, descambava já, em evasivas constantes, para o terreno da piada; o cônego discorria com brilho, e ia dar o xeque-mate ao comediógrafo, quando a chegada do Angenor interrompeu a polêmica. Gonzaga ainda rematou uma *blague*, e foi levar o cônego ao automóvel que estacionava, à espera, em frente ao portão. Pela alameda de bambus houve ainda uma troca de ideias sobre a influência do espírito cristão no teatro.

Gonzaga, como comediógrafo, era cristão; e pôs o carro ao inteiro dispor do reverendo.

Mal o auto rolara pela rua de São Francisco Xavier quando, de um bonde, saltou o vultinho bamboleante de alguém que o Gonzaga conhecia, mas não se lembrava de onde. Logo porém o reconheceu: era o Manoel Pepa.

E o Gonzaga, fingindo não o ter visto, bateu o portão, abalando pela alameda, fulo de raiva. O Alcântara prestou-se a despachar o Manoel, que todavia prometeu voltar...

– Reparou se ele trazia alguma coisa, algum embrulho? – indagou o Gonzaga.

Não, o preto não trouxera coisa alguma.

E ao insigne comediógrafo veio-lhe uma infinita saudade do peixe frito, dos camarões, do alvaralhão do Parra...

XIX

As melhoras no estado de saúde de Eduardo acentuavam-se de um modo assaz animador; e ao cabo de três semanas, repoltreado em um dos *maples* da sala de jantar, contava ele ao Cosme o caso da congestão cerebral como se se tratasse dum episódio remoto.

Em verdade, da crise apoplética pouco lhe restara: apenas sentia na mão direita uma ligeira dormenciazinha, que nem lhe chegava a tolher a motilidade.

Entretanto, o ardor da sua mórbida paixão em nada se lhe havia modificado. Mal recuperara ele a lucidez mental que a congestão passageiramente enublara, e as manifestações do sentimento indomável que o obcecava não tardaram em reaparecer. Agora, já não eram mais as expansões e os despropósitos de antes da doença; substituíra-os uma reserva e um comedimento suspeitíssimos, em que havia algo de sombria maquinação.

Tornara-se, pois, mais delicada do que nunca, a situação daquela pobre gente; e a vigilância sobre Glorinha redobrara.

Certa madrugada, por volta de duas horas, Glorinha, que ainda não havia conseguido adormecer, tal o estado de nervos em que a traziam esses acontecimentos, sentiu que alguém batia à porta do quarto. Com a respiração quase suspensa, apurou o ouvido para certificar-se; e novamente ouviu as mesmas pancadas, leves, porém nítidas, secas, como que de nós de dedos.

Glorinha, petrificada, tomou-se de um terror indescritível. Àquela hora o pessoal devia estar dormindo; se alguma coisa de grave houvesse acontecido a Eduardo, certo as mulheres tê-la-iam chamado, mas não por essa forma cheia de mistério...

E as pancadas secas, nítidas, vibradas por nós de dedos, eram agora mais fortes.

A luz mortiça da *veilleuse* parecia aumentar a excitação de Glorinha; ela comprimiu o comutador do abajur. Varada de medo, caminhou pé ante pé, até à porta do quarto; e arriscou, baixinho:

– Mamãe! Madrinha...

Houve um instante de silêncio.

Depois foi a voz de Eduardo que respondeu, num tom apenas perceptível:

– Abre, Glorinha, sou eu... não tenhas medo... É que estou passando um pouquinho mal... Abre, sou eu...

A moça, num gesto quase reflexo, pôs a mão ao trinco; mas se deteve, horrorizada, ante a imprudência que ia cometer. Eduardo, àquela hora... Que pretenderia ele?... Mas, se de fato estivesse passando mal? Que fazer, Santo Deus! Uma dúvida atroz imobilizava-a, gelando-a.

E a voz cava do velho, repetia, lá fora:

– Abre, Glorinha, pelo amor de Deus, eu estou passando mal...

Ela não vacilou mais; e a figura de Eduardo, duma lividez de cal, surgiu, como um fantasma, na claridade do aposento; e todo ele tremia como que sacudido por violenta comoção; trazia em uma das mãos um pacote de papel pardo.

Glorinha, instintivamente, procurou ampará-lo, e levou-o até a otomana, recostou-o às almofadas; e perguntava-lhe, aflita:

– Papai, que é que você está sentindo?... É melhor chamar mamãe...

Eduardo não podia quase falar; e balbuciou, dentre o lábio trêmulo:

– Não, Glorinha... não chames ninguém... ouve... eu...

E o seu olhar, animado de um brilho estranho, pousava no colo da rapariga, que arfava sob a leveza da camisa de dormir; e só então reparou ela na *toilette* ultraligeira em que estava; e, num relâmpago, correu a enfiar o quimono.

Eduardo chamara-a para junto de si; e por vezes tentou tomar-lhe a mão, que ela maquinalmente recusava, indagando, atordoada com tudo aquilo:

– Mas, papai, é melhor que você vá para seu quarto, vamos, papai, eu ajudo... Eu vou pedir à mamãe...

– Não, Glorinha, ouve... eu vim aqui a estas horas porque sei que não encontrarei outro meio de te falar a sós.. . Sei que estamos sendo rigorosamente vigiados... E em tudo isso há uma lamentável mentira, que é o que eu quero desfazer...

– Mas, papai...

– Ouve, minha filha, escuta: deves ter notado que, de uns tempos a esta parte, não te venho tratando como te tratei durante vinte anos; e eu te quero ser franco... Vais perdoar, não é, Glorinha?

– Papai, você está muito nervoso, é melhor chamar mamãe...

Ele, num gesto expressivo, impunha silêncio:

– Escuta... Vais perdoar; mas a verdade é que já não posso mais suportar a continuação desta maldita mentira... Olha, Glorinha, eu... Eu não sou teu pai... Criei-te desde a hora do teu nascimento, mas não sou teu pai...

Glorinha estarrecida, na certeza de que o pobre homem enlouquecera, teve ímpetos de gritar, de dar o alarme; mas faltaram-lhe as forças, e deixou-se ficar, como que paralisada, diante do velho, que agora falava com uma clareza e uma serenidade impressionantes.

Em palavras repassadas de ternura ele lhe revelou o episódio de Ruth; falou de Maurício Dawidson; em suma: contou tudo. Depois, entrou a justificar a pureza de sentimentos que o compeliam a Glorinha. Apesar de saber que não era seu pai, ele se esforçara, a princípio, por apagar do coração o afeto que nascia; nada porém conseguira. Glorinha inspirara-lhe uma paixão irreprimível, que ele jamais poderia sufocar – dizia, com os olhos arrasados d'água.

E, desatando com os dedos muito trêmulos o cordel do invólucro de papel pardo, deixou cair pela otomana, pelo tapete, um sem número de papéis, fotografias e impressos.

Depois, entrou a desdobrá-los, pacientemente, um a um, apresentando-os todos à pequena, procurando desta forma comprovar a veracidade de quanto acabava de afirmar. E sob os olhos de Glorinha passaram, sucessivamente, a sua certidão de batismo, a nota do registro civil, vários outros documentos, tudo friamente concatenado, com uma evidência e uma irrefutabilidade de pasmar.

Glorinha já não raciocinava mais; o crânio parecia-lhe vazio... Um nó na garganta abafava-lhe a respiração...

Eduardo passava agora às fotografias; mostrou à rapariga o retrato de Ruth, dedicado a ele, "respeitosamente ao meu bom amigo e médico, sua cliente"... Glorinha reconheceu-se naquele retrato. Havia também um grupo em que estavam, numa espécie de piquenique, Ruth, Maurício, e Eduardo; e o olhar da rapariga se deteve na figura de Dawidson.

Súbito, Glorinha, inteiramente transtornada, apoiara a cabeça ao bordo da otomana, como num desmaio.

Eduardo chamou-a, assustado; ela, voltando a si, recompôs ainda o quimono que se entreabrira; e deixou-se ficar, imóvel, derreada ao pé da otomana, numa atitude impessoal, quase inconsciente.

Ele recolheu os papéis que se espalhavam a esmo; sempre muito trêmulo, ergueu-se com dificuldade, e rematou:

– Ouve, Glorinha: bem sabes quanto me tem perseguido o infortúnio; meus amigos, meus companheiros de luta, conjurados na consumação de minha derrota, simularam a incompreensão de meus atos, deturparam as minhas ideias e prepararam a minha ruína; e eu não me pude defender, porque me achava esmagado ao peso de uma enorme tragédia intima; e eu quero, eu preciso reagir... Tu compreendes Glorinha... Como acabaste de ver, nada me impede de te oferecer uma união lícita, dentro da lei, dentro do sentimento religioso...

Digo-te ainda: é razoável, mais do que razoável, a tua repulsa pelo que te peço, dado o efeito que tal resolução possa causar na sociedade; mas, que poderá dizer a sociedade quando vier a conhecer a nossa verdadeira situação recíproca?... Perdoa, Glorinha, eu te quero muito... Pensa, resolve, sê boa para comigo; esquece quanto tenho feito por ti, e obedece unicamente a teu sentimento... Sei que te custa falar desse assunto comigo; mas, ouve, se o não quiseres fazer pessoalmente, dizê-lo por escrito... Só te peço é que sejas sincera... Olha, não retardes a resposta, pelo amor de Deus. É bastante a palavra Sim, num pedaço de papel, que porás, antes das oito horas da manhã, dentro do volume da Imitação, que encontrarás sobre o meu bureau, na biblioteca; se até esta hora não tiveres respondido, eu compreenderei a tua recusa, e, – podes estar tranquila – nada farei que te venha comprometer... Amargarei, em silêncio, a minha dor...

Glorinha continuava imóvel, ouvindo maquinalmente todas aquelas coisas incríveis... Ela não podia nem chorar.

Eduardo tomou-lhe a mão que ela lhe abandonou indiferente; beijou-a; e caminhou, trôpego, para a porta; daí ainda lhe suplicou, baixinho:

– Responde quanto antes, Glorinha, não me deixes sofrer muito...

E desapareceu, como um fantasma, pela escuridão do corredor.

***

Glorinha parecia inanimada.

Aquela revelação lhe caíra na alma com a brutalidade fulminante de um raio; ela se sentiu perdida... A ideia de não ser filha de Eduardo, destruindo-lhe no espírito uma noção que lhe era quase inata – arrasara-a. Uma opressão de agonia secava-lhe a garganta, tolhia-lhe a respiração, aniquilava-a.

E o que em seu cérebro se passou foi a luta mais violenta de que seja capaz o espírito humano.

Perdida num labirinto de desgraças, de surpresas, de desenganos, de perspectivas trágicas, ela errava de horror em horror, à procura dum respiradouro; mas em pura perda, porque todos os caminhos daquele dédalo medonho iam dar a uma saída única – o desespero!

Tudo ela supôs, tudo ela imaginou, tudo ela criou, para dissolver a densidade asfixiante do inferno em que se debatia; e todas as suas conjecturas se anulavam à evidência de uma realidade atroz.

Ele não era seu pai!... E Ruth, sua mãe, era mulher de Maurício...

Eduardo não era seu pai!... Mas, Santo Deus! Seria isso possível?

Por um instante lhe passou pela mente que tudo aquilo fosse um truque de Eduardo, para conseguir o objetivo de sua paixão vesânica... Mas, não... Não podia ser; ela vira os documentos; ela vira o retrato de sua mãe...

Sua mãe! Seria sua mãe, aquela mulher?

Era. Glorinha o sentia; Ruth era o retrato dela.

E, sob a emoção que lhe dera a imagem de sua mãe, deixou-se ficar absorta, como que embebida ainda naquela imprevista visão da sua gente, da gente de seu sangue...

A fatalidade que coatrai os filhos de Israel, dispersos pela face da terra, teria por certo atuado em Glorinha, porque ela acreditara em que os dois judeus que ali estavam, naquela fotografia desbotada, é que eram seus pais... E o outro? O outro era Eduardo.

E de novo o caso de Eduardo invadiu-lhe o espírito, banindo-lhe todas as subtilezas evocativas em que se perdera por alguns instantes... A ideia de Eduardo enchia-lhe agora o pensamento, esmagando-a sob o peso de uma cruel revelação.

Ela já não via, já não raciocinava, já não ligava ideias; o abalo fora violentíssimo, e uma sensação de gelo, na cabeça, perturbava-lhe até o equilíbrio.

A pêndula da sala de jantar batia arrastadamente três horas. Glorinha ergueu-se, como um autômato; como um autômato deu volta ao trinco; e foi atirar-se pesadamente à cama, desmaiada; quando lhe voltou a percepção das coisas, um pranto imenso, que lhe transbordava do fundo da alma, irrompeu no silêncio do aposento, sem que ela o pudesse conter.

E chorou perdidamente.

Fez-lhe bem chorar; o pranto fora como um largo, um amplo desabafo. E sua inteligência, entorpecida ao choque de tantos e tão seguidos desgostos, parecia, agora mais desanuviada, mais lúcida.

Glorinha pensou intensamente na resposta que lhe cabia dar a Eduardo.

A recusa formal, reflexo do seu temperamento, de seu sentir, de seu coração – eis o que lhe acudia em primeiro plano. Poderia ela conceber a possibilidade de uma união conjugal com o homem que (desgraçadamente ela já o sabia) embora não sendo seu pai, era todavia como se o fora?

E Glorinha procurava decompor, escalpelar, dissecar a estrutura desse dilema terrível: de um lado, o horror de uma ligação amorosa com um homem que lhe não inspirava mais do que uma afeição filial, respeitosa, castíssima; do outro, a deplorável situação de um velho, que, nos últimos dias de vida, arruinado na fortuna, sacrificado na saúde física e transtornado na mentalidade, se sentia tomado de mórbida paixão por ela, e, estribando-se na legitimidade das próprias pretensões, pleiteava, já à beira do túmulo, a ilusão de uma felicidade fugacíssima...

Glorinha bem compreendia o sofrimento dele; ela guardava ainda a cicatriz que lhe deixara na alma a paixão pelo bacharel Malheiro. Essa lembrança a enchia de piedade para com Eduardo; e vinha-lhe um desejo sincero de minorar-lhe a dor surda que o minava. Todavia, anuir-lhe ao desejo seria trair o próprio sentimento, afrontar a dignidade, deitar fogo ao rastilho de um tremendo escândalo social... E se recusasse? Mas a recusa equivaleria a decretar a morte de uma criatura a quem ela devia tudo, na vida... E uma perplexidade dolorosa torturava-a.

Entretanto, amanhecia; a urgência de uma resolução impunha-se sem tardança.

E Glorinha procurava acelerar o curso do raciocínio: escândalo social? Pouco lhe importava isso, ante a paz de espírito que lhe cabia assegurar a Eduardo. Incompatibilidade civil ou religiosa? – não as havia. E o seu coração de mulher? Que de tormentos o iriam afligir quando ela houvesse tomado um alvitre que não correspondesse à sua inclinação?

Disso, porém, pouco se lhe dava.

Com o Malheiro, desaparecera de seu ser todo interesse pelas cousas do coração; era, portanto, nulo este argumento. Certo, não poderia corresponder à paixão de Eduardo, mas retribuiria com o próprio sacrifício todo o bem que lhe devia na vida...

E depois, com que grandeza de alma lhe ocultara Eduardo, durante tantos anos, a verdade de sua origem, dizendo-se seu pai, fazendo-se seu pai, sendo seu pai! Fora isso uma mentira, como mentira fora tudo quanto lhe afirmava, quando falava sobre Ruth. E sempre que ela lhe pedia um retrato, uma lembrança qualquer de Ruth, era com evasivas que ele respondia. Costumava mesmo dizer, referindo-se a Glorinha: – De Ruth ficou-me a mais viva das recordações, a mais preciosa relíquia...

Convicta de que era sua filha, abusava dele como se ele fora seu pai. E Eduardo nunca se conduziu de maneira a desmenti-lo.

Não, só havia um caminho a seguir – o sacrifício.

Aceitaria a proposta de Eduardo, custasse o que custasse; romperia preconceitos, enfrentaria o escândalo, faria tudo – mas os últimos dias daquele santo homem, ela se sentia no dever de suavizar, enchendo-os de ventura e de consolação. E não quis mais pensar; de resto, ela não podia pensar mais.

Era já dia claro; na casa começara o movimento da criadagem.

Glorinha compôs apressadamente a *toilette*; escreveu num retalho de papel a palavra *sim* – e abriu cautelosamente a porta do quarto. No corredor não havia ninguém; tanto melhor. Ela correu à biblioteca, e foi direita ao bureau.

O volume da *Imitação* não estava lá.

Um súbito temor assaltou-a; ficou um momento indecisa; depois dirigiu-se ao quarto do pai.

Eduardo, estendido no leito, parecia dormitar; Glorinha teve pena de despertá-lo; ao lado dele, o volume da *Imitação* jazia aberto.

Ela o chamou, baixinho:

– Papai...

O velho, como quem desperta dum profundo torpor, abriu vagamente os olhos, pousando-os na rapariga.

Ela acudiu, aflita:

– Papai, eu farei o que você quiser, tudo, tudo que você quiser, papai!

Eduardo, num esforço supremo, ainda tentou erguer-se para a abraçar; fê-lo a custo, balbuciando entre um sorriso bom:

– Glorinha. .. sou muito feliz... eu precisava mesmo ser feliz... Tu me fizeste feliz... Deus te...

A língua trôpega cortava-lhe a nitidez dos últimos vocábulos; e não falou mais.

A boca se lhe contraiu num ríctus estranho; ainda tentou apoiar-se ao travesseiro, mas as forças lhe fugiam; e tombou, arquejante, sobre o leito.

Glorinha sacudia-o, desesperadamente, chamava-o, gritava por ele, como louca:

– Papai!... Papai!... Papai está passando mal?

Ele não respondia.

E Glorinha deu o alarme, pondo tudo em tremendo alvoroço.

O Alcântara, muito branco, em mangas de camisa e suspensórios arreados, chegava éter ao nariz do compadre; D. Sinhá, pendurada ao telefone, reclamava o Angenor, com impaciência; D. Ponciana, retardatária, embrulhada num roupão de banho, não fazia senão chorar, derreada ao pé do leito.

Eduardo cobria-se de uma palidez de cera; na testa, um suor fino, porejava.

Glorinha não quis aceitar a evidência daquele desenlace; e sacudia os ombros do velho, gritando, alucinada:

– Papai! Papai!.. .

Eduardo estava morto.

***

Oito dias após o falecimento de Eduardo, subiam para Petrópolis os padrinhos de Glorinha, levando consigo a afilhada, e mais a mirradíssima D. Sinhá; combinara-se que até segunda resolução ficariam as duas em companhia deles.

Os Alcântaras pensavam em realizar a sua projetada viagem à Europa, já por duas vezes protelada. Em março retivera-os a doença de Glorinha; depois foi o caso de Eduardo. Assim, antes que outro impedimento viesse retardar ainda uma vez a viagem, resolveram os Alcântaras zarpar pelo primeiro vapor.

Glorinha acompanhá-los-ia, para espairecer; e uma vez lá, tal fosse a sua disposição de espírito, trataria de retomar e mesmo aperfeiçoar os estudos de violino, há tanto interrompidos pela série de contratempos, que, de uns meses àquela data, vinham infelicitando a sua gente. D. Sinhá resolvera a princípio ficar em Petrópolis, tomando conta à casa dos Alcântaras; e somente poucos dias antes da partida é que cismou em que havia de ir também; era-lhe impossível separar-se de Glorinha; que tivessem paciência, e lhe desculpassem a rabugice, aturassem-na um pouco mais junto a eles; ela apenas fazia questão de custear as próprias despesas de viagem...

Enquanto se não deslindasse o inventário de Eduardo, que no testamento lhe legara um quinhão, podia ainda contar com uns cobrinhos, na Caixa Econômica.

Aos escrúpulos da velhota, bem como ao seu apego à Glorinha, achavam os Alcântaras uma infinita graça; mas o arranjo da passagem,

à última da hora, é que foi uma complicação tremenda; felizmente, porém, a desistência de um passageiro veio resolver o problema, que tantas inquietações trouxera à mirradíssima D. Sinhá.

Seguiriam no *Tubantia*.

Ao embarque compareceu o Gonzaga, que, mesmo após a morte de Eduardo, não perdera de vista o pessoal, visitando-o com frequência, em Petrópolis.

No cais, a alguns passos deles, destacando-se dentre a multidão que ali se movia, grulhava, em animada pagodeira, um magote de rapazes e raparigas em torno de uma figura de mulher assaz interessante. Era a atriz Lucinda Braga, que embarcava com a sua companhia. Repórteres assanhados procuravam organizar o grupo, na cavação do instantâneo.

Gonzaga desgarrando, por um momento, dos Alcântaras, fora dar um adeus à artista; e quando voltava para junto dos amigos, viu-se abordado por uma velhota gordanchuda que montava guarda, afobada, às inúmeras *corbeilles* da atriz.

E o Gonzaga olhou-a com espanto, procurando lembrar-se de onde conhecia aquela cara. Logo, porém, o dentão mestre da Marcela o fez reconhecer a antiga criada de Gina Morinelli.

– Oh, senhor doutor! – bradou a velhota, derretendo-se em mesuras – Com que então lá se foi o outro senhor doutor... Coitado...

– É mesmo – fez o Gonzaga, tentando safar-se; mas a mulher o detinha, segurando-o, quase, pela aba do paletó:

– Eu agora, como vê, estou com a Sra. D. Lucinda Braga, sim, senhor... E o senhor doutor soube do que aconteceu à senhora condessa? Ai, Jesus! Até mete dó... Pois casou, senhor doutor; casou, coitadita... Parece mentira, mas é o que lhe estou a dizer... Casou a pobre senhora; e o pior é que casou apaixonada pelo gajo... Quem o havia de supor... Ela parecia uma pessoa tão distinta... Enfim, coisas da vida, senhor doutor, coisas da vida...

E o Gonzaga despediu-se da Marcela, que lhe sorria, afável, com o dentão mestre, solitário, plantado, como uma ruína, na calvície da gengiva obscena.

Glorinha e os Alcântaras, já debruçados ao parapeito da amurada, assistiam ao embarque dos passageiros retardatários, quando viram chegar uns cavalheiros, que, apressados, se dirigiam para bordo. Deles só dois subiram para o navio, que estava prestes a largar. Um deles era o Angenor, que viajava também no *Tubantia*; o outro era um tipo de aparência

distinta, a quem os companheiros, do cais, tiravam o chapéu com visível reverência; mesmo o Angenor cercava o figurão de especiais atenções, o que fazia crer que se tratasse de uma personalidade de destaque.

Já havia andado o *Tubantia* um bom pedaço. O Angenor, descobrindo Glorinha, desculpou-se por um momento com o companheiro, e correu a falar à pequena e aos Alcântaras. Glorinha, a custo, conseguiu conter a curiosidade; mas D. Sinhá, *gaffeuse*, quis saber do Angenor quem era aquele figurão que viajava com ele.

O figurão não viajava propriamente com ele – informou o Angenor, embaraçado – mas vinha de Buenos Aires, de retorno à Europa; era o doutor Voronoff...

E a mirrada senhora cravou no remoçador o olho enorme, pavorosamente aumentado através do vidro de forte grau.

Mais algumas frivolidades de palestra, e o Angenor foi juntar-se ao companheiro, que fumava, pensativo, ao pé da amurada.

Passavam, naquele momento, em frente ao Pão de Açúcar.

FIM

Setembro de 1923 – Maio de 1924

Nota da Revisão: Procurou-se manter o estilo do autor, sua pontuação e linguagem da 1ª edição. No entanto, foi feita nova ordenação dos capítulos, visto que inexiste, no texto, um capítulo VI, saltando do V para o VII.

COLEÇÃO JOSÉ COSTA

1 - OS DIAS ANTIGOS / *RENATO PACHECO*
2 - INSURREIÇÃO DO QUEIMADO / *AFONSO CLÁUDIO*
3 - LOGRADOUROS ANTIGOS DE VITÓRIA / *ELMO ELTON*
4 - A MULHER NA HISTÓRIA DO ESPÍRITO SANTO / *MARIA STELLA DE NOVAES*
5 - ROMANCEIRO CAPIXABA / *GUILHERME SANTOS NEVES*
6 - A ILHA DE VITÓRIA QUE CONHECI E CONVIVI / *DÉLIO GRIJÓ*
7 - FAFI - ESCOLA, ESCOLA DE ARTE / *ADILSON VILAÇA*
8 - VIAGEM À PROVÍNCIA DO E. SANTO / *AUGUSTE F. BIARD*
9 - VIAGEM AO E. SANTO E RIO DOCE / *AUGUSTE SAINT-HILAIRE*
10 - A VITÓRIA DO MEU TEMPO / *AREOBALDO LELLIS HORTA*
11 - VITÓRIA, CIDADE PORTUÁRIA / *FRANCISCO AURELIO RIBEIRO*
12 - UM POUCO DE TUDO. CRÔNICAS / *WALDEMAR MENDES DE ANDRADE*
13 - PATRULHA DA MADRUGADA / *ÁLVARO JOSÉ SILVA*
14 - O INCALISTRADO. TOPÔNIMOS CAPIXABAS DE ORIGEM TUPI / *SAMUEL MACHADO DUARTE*
15 - NOVA ESCOLA PARA APRENDER A LER, ESCREVER E CONTAR / *MANUEL DE ANDRADE DE FIGUEIREDO*
16 - JARDIM POÉTICO / *JOSÉ MARCELINO PEREIRA DE VASCONCELLOS*
17 - POEMA MARIANO SOBRE A PENHA DO ESPÍRITO SANTO / *DOMINGOS CALDAS*
18 - TROVAS E CANTARES CAPIXABAS / *AFONSO CLÁUDIO DE FREITAS ROSA*
19 - A ESCRAVIDÃO E A ABOLIÇÃO NO ESPÍRITO SANTO / *MARIA STELLA DE NOVAES*
20 - DICIONÁRIO DE POETAS CAPIXABAS / THELMA MARIA AZEVEDO
21- INDÚSTRIA - A MODERNIZAÇÃO DO ESPÍRITO SANTO / GABRIEL BITTENCOURT
22 - AS MARAVILHAS DA PENHA / *JOAQUIM JOSÉ GOMES DA SILVA NETO*
23 - VELHOS TEMPLOS E TIPOS POPULARES DE VITÓRIA / *ELMO ELTON*
24 - NEGROS, ÍNDIOS E MESTIÇOS / *AFONSO CLÁUDIO DE FREITAS ROSA*
25 - LENDAS CAPIXABAS / *MARIA STELLA DE NOVAES*
26 - DR. VORONOFF / *MENDES FRADIQUE*

PREFEITURA DE VITÓRIA

ACADEMIA ESPÍRITO SANTENSE DE LETRAS

FORMAR EDITORA
editoraformar.com.br

9 788595 860384